

Pandemias e Utopias: agendas políticas e possibilidades emergentes

Livio Sansone, Jamile Borges da Silva,
Felipe Bruno Martins Fernandes,
Fábio Baqueiro Figueiredo
e Pedro Paulo Fonseca dos Santos
Organizadores

Usuário:

Fábrica de Ideias

Senha:

@escoladoutoral

Entrar

COLEÇÃO AFROFUTURAS
ESTUDOS ÉTNICOS,
ESTUDOS AFRICANOS
& DIVERSIDADE

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Centro de Estudos Afro-Orientais
Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar
em Estudos Étnicos e Africanos

© 2021, Autorxs

 Este livro é distribuído sob uma licença
Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP).

P189 Pandemias e Utopias: agendas políticas e possibilidades emergentes
/ Livio Sansone, Jamile Borges da Silva, Felipe Bruno Martins
Fernandes, Fábio Baqueiro Figueiredo e Pedro Paulo Fonseca dos Santos
(organizadores). – Salvador: Cogito Editora, 2021.
382 p.: il. color. – (Coleção Afrofuturas – Estudos Étnicos, Africanos &
diversidade).

Vários autores.

Índice remissivo.

Inclui catálogo de atividades online do Pós-Afro durante a pandemia.

ISBN 978-65-87932-51-4

1. Negros - condições sociais. 2. Pandemia - aspectos político-sociais. 3.
Pandemia - Brasil. 4. Pandemia - África. 5. COVID-19. 6. Racismo. I. Sansone,
Livio (org.). II. Silva, Jamile Borges da (org.). III. Fernandes, Felipe Bruno
Martins (org.). IV. Figueiredo, Fábio Baqueiro (org.). V. Santos, Pedro Paulo
Fonseca dos (org.). VI. Série.

CDD: 305.896081

COLEÇÃO AFROFUTURAS – ESTUDOS ÉTNICOS, ESTUDOS AFRICANOS & DIVERSIDADE

A Coleção Afrofuturas - Estudos Étnicos, Estudos Africanos & Diversidade visa reunir publicações que tratam de questões associadas ao passado e presente das relações e hierarquias interétnicas, do racismo, de temas que dizem respeito ao continente Africano, e às diásporas, bem como ao debate em torno da diversidade, da intolerância e do multiculturalismo.

Coordenação Editorial

Livio Sansone

Jamile Borges da Silva

Conselho Editorial

Abdulai Sila

Guiné-Bissau

Annalisa Frisina

Università di Padova, Itália

Antonio Sergio Guimarães

USP, Brasil

Claudio Furtado

UNICV, Cabo Verde

Eberhard Rothfuss

Universidade de Bayreuth, Alemanha

Elísio Macamo

Universidade de Basileia, Suíça

Antonio Evaldo de Barros

UFMA, Brasil

Felipe Bruno Martins Fernandes

UFBA, Brasil

Jeferson Bacelar

UFBA, Brasil

Jocélio Telles

UFBA, Brasil

John Collins

CUNY, Estados Unidos

Maria Alice Rezende

UERJ, Brasil

Miriam Pillar Grossi

UFSC, Brasil

Omar Ribeiro Thomaz

UNICAMP, Brasil

Patricia Matos

Universidade de Lisboa, Portugal

Teresa Cruz e Silva

UEM, Moçambique

Ute Fendler

Universidade de Bayreuth, Alemanha

PANDEMIAS E UTOPIAS: AGENDAS POLÍTICAS E POSSIBILIDADES EMERGENTES

Org. Livio Sansone, Jamile Borges da Silva,
Felipe Bruno Martins Fernandes,
Pedro Paulo Fonseca dos Santos
e Fábio Baqueiro Figueiredo

Capa

Talita Menezes

Projeto gráfico e diagramação

Daylane Rosário

Consultoria de marca e conteúdo

Agência Ags9

Jornalista Responsável

Romero Mateus DRT/Ba 2956

Produção

Shirlei Silva e Kamila Silva

ORGANIZADORES

Livio Sansone



Doutorado pela Universidade de Amsterdã em 1992. Mora no Brasil desde 1992, onde é professor titular de Antropologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). É coordenador do Programa Fábrica de Ideias – curso internacional avançado em estudos étnicos e africanos – e coordena o **Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira**. Ele tem publicado extensivamente sobre cultura juvenil, etnicidade, desigualdades, trânsito internacional de ideias de raça e antirracismo, antropologia e colonialismo e globalização, com pesquisa baseada no Reino Unido, Holanda, Suriname, Brasil, Itália e, recentemente, Cabo Verde, Senegal, Moçambique e Guiné Bissau. Seu livro mais conhecido em inglês é *Blackness without ethnicity: constructing race in Brazil* (Nova York: Palgrave, 2003). Outros artigos mais recentes em inglês estão disponíveis na revista *Vibrant*, e no **repositório institucional da UFBA**.

E-mail: <sansone@ufba.br>.

ORGANIZADORES

Jamile Borges da Silva



Antropóloga, Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora da Faculdade de Educação e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. Atual Coordenadora do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA para o biênio 2019-2021. É coordenadora do **Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira**, e uma das editoras da **Afro-Ásia**.

E-mail: <jamile.ufba@gmail.com>.

ORGANIZADORES

Felipe Bruno Martins Fernandes



Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (2007), e doutor em Ciências Humanas, área de Estudos de Gênero, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011), com estágio doutoral na City University of New York). Possui pós-doutorado em Estudos de Gênero (UFSC), em Anthropologie Sociale (École des Hautes Études en Sciences Sociales – Toulouse) e em Antropologia da Educação (UFSC). É professor da Universidade Federal da Bahia, no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade. Em 2019, foi professor visitante júnior com bolsa CAPES na Chaire de Recherche sur l’Homophobie da Université du Québec à Montréal. Seus interesses de pesquisa são as políticas públicas de gênero e sexualidades, bem como práticas de associativismo em movimentos LGBTTT e feministas. Suas áreas principais de interesse são Ensino de Gênero, Sexualidades e Antropologia. É coordenador do Gir@ – Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação, e Coordenador-Adjunto do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail: <ppfonseca@outlook.com.br>.

ORGANIZADORES

Pedro Paulo Fonseca dos Santos



Graduado em História – Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Católica do Salvador, e em Ciências Sociais – Licenciatura, pela Universidade do Estado da Bahia, cursa atualmente o Mestrado no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. É membro do Grupo de Pesquisa sobre Gênero, Raça, Cultura & Sociedade – CANDACES (UNEB), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Lemos Pacheco, e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Internacionalização e Interculturalidade (GEEPII / UNEB), coordenado pela Prof.^a Jardelina Bispo do Nascimento. Seus interesses de pesquisa passam pela História Social, História Cultural, Políticas Públicas de Segurança, Gênero, Memória Afro-Baiana, Raça, Etnia, Docência, Pesquisa, Internacionalização, Gestão e Difusão do Conhecimento.

E-mail: <ppfonseca@outlook.com.br>.

ORGANIZADORES

Fábio Baqueiro Figueiredo



Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2012), com estágio doutoral na Universidade de Lisboa, é professor de História da África na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e também professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é research fellow da Academia de Estudos Africanos Avançados da Universidade de Bayreuth, Alemanha, e um dos editores da *Afro-Ásia*. É um dos diretores da Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica). Suas pesquisas têm girado em torno da relação entre política, cultura e produção intelectual, especialmente em Angola, nos anos em torno da independência.

E-mail: <fabiofaq@unilab.edu.br>.

O Ciclo de *Lives* que deu origem a este *e-book* não é apenas uma forma de comemorar os 21 anos da Fábrica de Ideias e os 15 anos do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mas também uma forma de diálogo e leitura cruzada sobre as agendas sociais e políticas em torno da pandemia do novo coronavírus no ano de 2020. Nesse sentido, esta proposta multimídia também é uma forma de proporcionar às leitoras e leitores jornadas experienciais e intelectuais e novos métodos de ensino e aprendizagem, pois desde o início das políticas de isolamento social como medida de prevenção à COVID-19, entramos em um processo virtual de vivência não apenas intelectual, mas emocional e afetiva. Em todos estes anos, são estes laços afetivos que têm mantido as redes de conhecimento, vitais para o grande empreendimento intelectual, transnacional e transatlântico que é a Fábrica de Ideias e o Pós-Afro. Por isso, esperamos com este *e-book* demonstrar como nossas iniciativas no campo dos Estudos Étnicos e Africanos são experiências inovadoras e ferramentas analíticas e metodológicas que contribuem com as populações afro-brasileiras a contar suas histórias e reinventar futuros possíveis.



2021

1º CICLO DE LIVES FÁBRICA DE IDEIAS PANDEMIAS E UTOPIAS



*Prof.ª Dr.ª
Patricia Godinho
UFBA*



*Prof. Dr.
Fabio Baqueiro
UNILAB*



*Prof. Dr.
Omar Thomaz
UNICAMP*



*Prof. Dr.
Valdemir Zamparoni
UFBA*



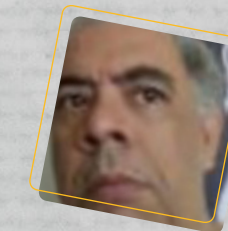
*Prof.ª Dr.ª
Jamile Borges
UFBA*



*Prof. Dr.
Antonio Evaldo
UFMA / UEMA*



*Prof. Dr.
Livio Sansone
UFBA*



*Prof. Dr.
Jesiel Oliveira
UFBA*



*Prof.ª Dr.ª
Claudilene
Maria da Silva
UNILAB*



*Prof.ª Dr.ª
Cristiane
Santos Souza
UNILAB*



*Prof. Dr.
Felipe Fernandes
UFBA*



*Prof. Dr.
Rafael Díaz
Pontificia Universidad
Javeriana (Colômbia)*



*Igor Leornado
UFRN*



*Prof. Pedro Paulo
Fonseca dos Santos
UFBA*



Essa Fábrica não é uma Fábrica de Ideias,
o nome pode ser esse, mas é uma
Fábrica de Emoções e Experiências.

Antonio Evaldo de Barros

SUMÁRIO

Apresentação

Livio Sansone



- Capítulo 1:** > 21 anos de investigação e formação em Estudos Étnicos e Africanos - pág. 19
Jamile Borges, Antonio Evaldo de Barros e Livio Sansone
- Capítulo 2:** A pandemia e a linguagem do mundo bolsonarista - pág. 46
Omar Ribeiro Thomaz
- Capítulo 3:** < Epidemias & pandemias: passado e presente – alguns casos africanos - pág. 72
Valdemir Zamparoni
- Capítulo 4:** Doenças e desvios na independência angolana: higienismo, liamba, kaporroto e kazukuta - pág. 97
Fábio Baqueiro Figueiredo
- Capítulo 5:** > Pandemia, racismo, xenofobia e migrações: uma perspectiva africana a partir da cidade de Cagliari, Sardenha - pág. 129
Patricia Godinho Gomes
- Capítulo 6:** O futuro do digital: racismo, negritude e “datacracia” - pág. 151
Jamile Borges
- Capítulo 7:** < Pandemia e cultura da violência no Brasil - pág. 172
Jesiel Oliveira

Catálogo de Atividades On-line do Pós-Afro durante a pandemia

Felipe Bruno Martins Fernandes, Tatiana Bonfim Sousa

Índice Remissivo Geral

Tatiana Bonfim Sousa

Sobre os Autores

APRESENTAÇÃO

Livio Sansone

Este *e-book* não é um livro qualquer, mas o resultado, quase instantâneo, de uma tentativa da Fábrica de Ideias, uma escola doutoral internacional que existe desde 1998, sobreviver à Pandemia da COVID-19. Sobreviver a uma pandemia como essa é se adaptar, experimentar, mudar as técnicas, tentar aprender a surfar as ondas digitais de forma criativa e, ao mesmo tempo, inventar novos jeitos e maneiras para não perder a ternura e o calor humano que desde o começo tem caracterizado o contato face a face de nossa intensiva e sempre emocionante escola doutoral. Tão emocionante que as centenas de ex-alunos e ex-alunas se chamam entre si de “fabricantes”.

A vigésima segunda edição da Fábrica de Ideias realizada em 2020 com o tema “**Pandemias e Utopias: agendas políticas e possibilidades emergentes**”, funcionou por meio de um ciclo de *lives*, sempre seguidas por um intenso debate, transmitidas em nosso canal da rede social YouTube. Este *e-book* é uma versão editada da transcrição destas *lives* e do debate, com intenso trabalho criativo da equipe de editores, focada na construção de um *e-book* multimídia. Nossas *lives* refletiram nossas inquietações e a crise política e existencial que tem atravessado as ciências humanas, em todas as suas vertentes e disciplinas, quando, de repente, e por um motivo justo, a partir de meados de



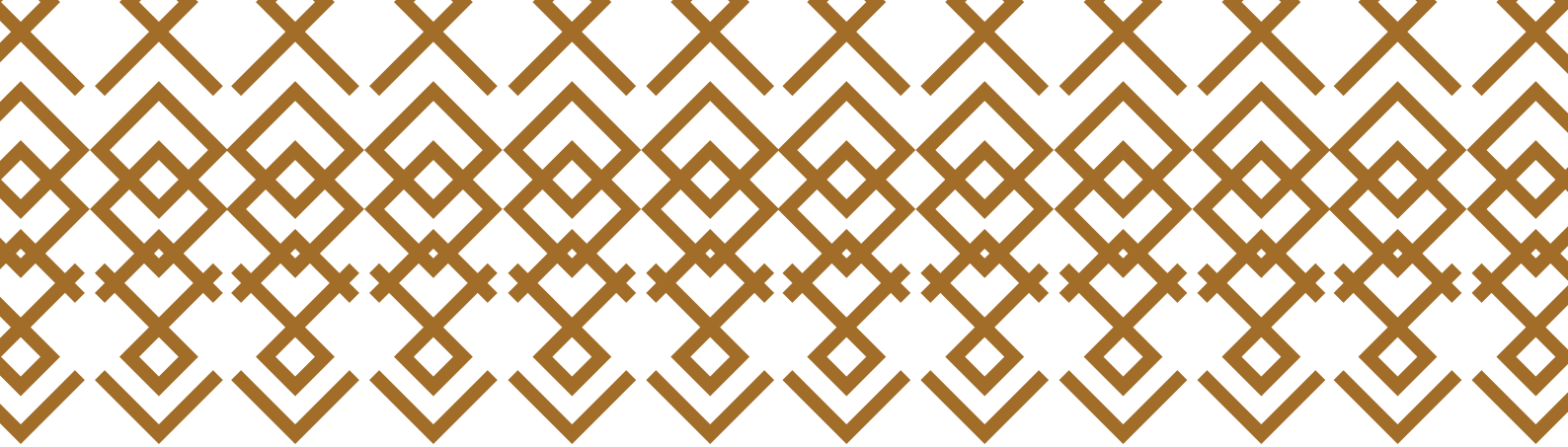


março de 2020, desapareceu a *communitas*, o convívio, obviamente, presencial que desde o surgimento da noção de ágora sempre caracterizou a universidade, e que certamente caracteriza as universidades públicas no Brasil. De fato, a ágora, além da indispensável pólis, também precisam da *communitas*, do convívio cotidiano.

A Fábrica de Ideias é uma escola avançada em Estudos Étnicos e Africanos. Tanto as desigualdades raciais na pandemia, que parecem estar fortalecendo as fortes divisões sócio-raciais, quanto a longa história das endemias e pandemias no continente africano e a mais recente história do higienismo com relação ao consumo de culturas no período após as independências tiveram destaque em nossa programação. O racismo contra os imigrantes na Europa, identificados ademais como portadores do perigoso vírus, mas também a relação entre racismo, nacionalismo, xenofobia e LGBTfobia, foram o tema de duas *lives* sobre a utopia bolsonarista. Por fim, o futuro do digital, com a forte possibilidade de termos uma internet com sistemas de busca mais discriminatórios do que muitos pensam ou esperam, foi o tema de mais um de nossos encontros virtuais.

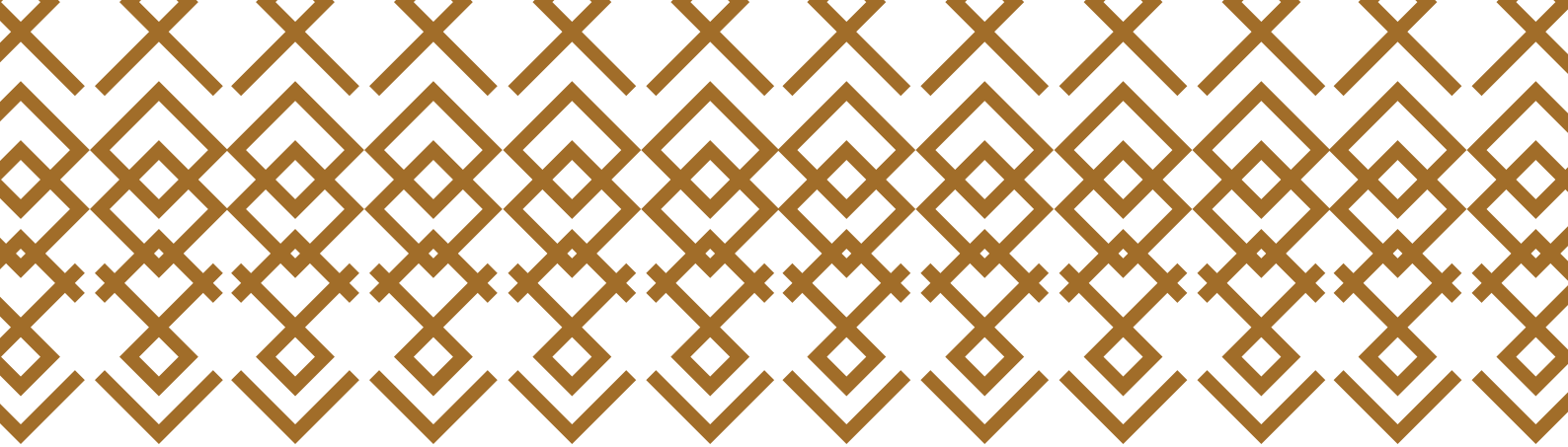
O pano de fundo de tudo isso é a grande pergunta: **o que a pandemia da COVID-19 tem mudado e ainda mudará em nossas vidas?** A mudança se dá em vários níveis e por diversos registros e tem afetado a nossa vida pessoal e comunitária. Há também fortes desdobramentos para as nossas atividades de ensino e pesquisa nacionais e internacionais. Em 2019 viajei para o exterior para participar de eventos cinco vezes. Em 2020 nenhuma vez. Fomos confrontados com uma nova dureza, como certamente foi o meu caso, junto com inúmeros outros, quando em novembro não consegui viajar para a Itália, meu país natal, para me despedir de meu pai cuja longa vida a COVID-19 rapidamente ceifou. Ora, a pandemia e seu **novo normal** chegaram para ficar e a nossa forma de sermos cientistas ou ativistas nunca mais será a mesma.

Pode-se dizer que a pandemia estabeleceu, de fato, um estado de exceção dentro do qual os exageros do bolsonarismo parecem adquirir um tom de normalidade. É como



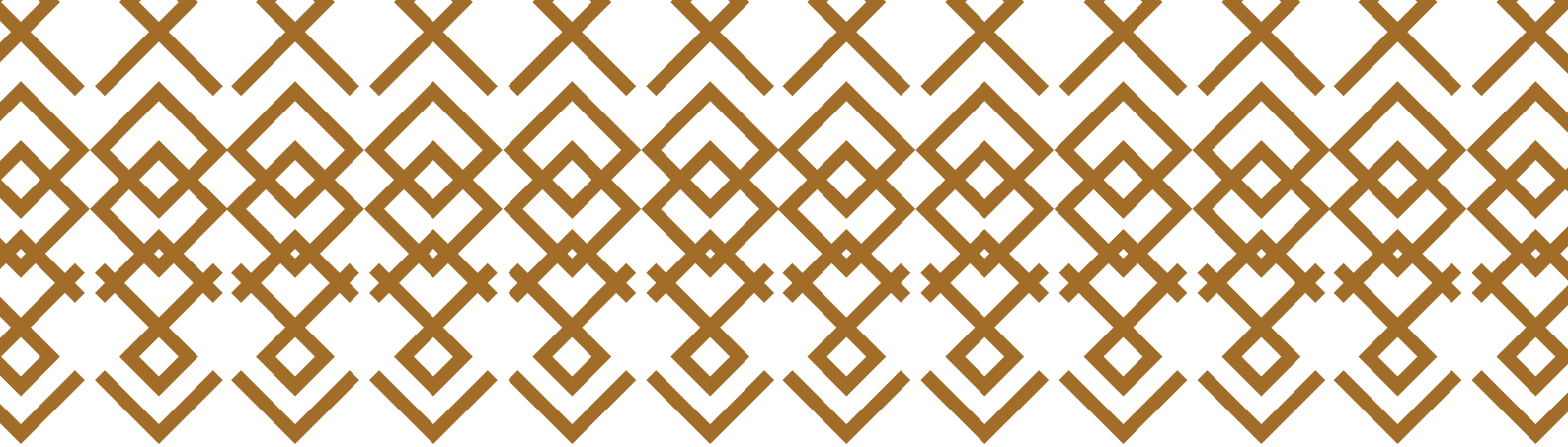
se a alteração do estado de espírito que o lidar com a pandemia significou, tanto em relação à dor da perda e da morte como à dificuldade de se adaptar à necessidade do distanciamento social, nos tornasse imunes frente ao exagero da política. Afinal, estamos percebendo que o Brasil, onde a vida vale relativamente pouco dados os altos índices de violência com os quais já convivemos há décadas, já se encontrasse em um estado de exceção. Com a pandemia tivemos mais uma grande camada de mortos, acima das tantas mortes injustas que a violência proporciona – inclusive aquelas no trânsito. Por isso que a pandemia no Brasil adquire conotações próprias. Aliás, para a Pandemia de COVID-19, pode se utilizar a mesma expressão que sempre usam os teóricos da globalização: que é um **fenômeno planetário**, mas com significados e sentidos nacionais e até locais. Por exemplo, as consequências da COVID-19 em Manaus não são exatamente as mesmas que no Rio de Janeiro, embora esta segunda cidade tenha tido mais que o dobro das mortes de São Paulo ou Salvador, em termos relativos. A mesma coisa deve se constatar a respeito da relação entre os políticos e a luta contra a pandemia. O que é evidente, como os políticos inteligentes sabem, é que a forma de lidar com a pandemia determinará o futuro da política: isso vale tanto para os políticos negacionistas como para aqueles que vêm defendendo o distanciamento social e a importância da vacinação em massa.

No Brasil a pandemia surgiu e cresceu em um momento caracterizado por uma nova onda conservadora. O que há de efetivamente novo? Não é o uso consagrado da mentira e sua ampla divulgação no campo político. O uso do termo inglês *fake news*, rapidamente absorvido no cotidiano da língua portuguesa, sugere uma ruptura com o passado que não existe (D'ERAMO, 2020): o que existe é a quantidade e a rapidez do fluxo da mentira na mídia social pela rede. A novidade se dá muito mais nos pontos de inflexão criados pelo governo Bolsonaro, uma série estudada de rupturas epistêmicas e comportamentais. Deixem aqui eu mencionar alguns exemplos: uma



revisão para baixo da contagem do número de indígenas e quilombolas, a destruição do galeria das personagens ilustres da negritude pelo novo presidente da Fundação Palmares, a insistência no uso de termos inspirados no brutal do universalismo – a absoluta negação das diferenças culturais dentro daquele que seria o povo brasileiro. A transição do *slogan* dos governos do PT, **Brasil um País de Todas e Todos**, para aquele do governo Bolsonaro, **Pátria Amada Brasil**, fala por si só. Seriam as ONGs – sempre perfidamente apoiadas por forças e interesses estrangeiros – que insistem em defender uma diferença cultural para os indígenas, que, na realidade, queriam ser como qualquer outro brasileiro e sair da “idade da pedra”; os quilombolas seriam, pelo mesmo raciocínio, comunidades de (negros) preguiçosos que se recusam a lidar com o mundo rural (do agronegócio) e preferem viver às custas de subsídios do Estado – em um de seus inúmeros disparates, Bolsonaro chegou a declarar que em um quilombo que visitou ele não enxergou nenhum homem magro, mas muitos homens bem gordos e pesados, tanto quanto um bovino... Indígenas e quilombolas, pois, não teriam direitos atávico ou natural às suas terras, que deveriam estar abertas à exploração e à modernidade, das quais indígenas e quilombolas se beneficiariam financeiramente – o desmonte da política indigenista anda junto com aquela da política ambiental, sobretudo no Amazonas, com cortes no financiamento aos órgãos de tutela dos indígenas e do meio ambiente (FUNAI, ICM-Bio e IBAMA).

Outra frente de ataque ao multiculturalismo no Brasil é a Educação, particularmente a escola e a universidade. A escola deveria servir para ensinar disciplinas “duras”, úteis ao mercado de trabalho e não para perder tempo com educação sexual ou ensino antirracista – algo que, eventualmente, caberia aos pais e responsáveis dos estudantes. As universidades, identificadas, como era de esperar, como antros do progressismo dos costumes, veem sua autonomia progressivamente reduzida, por exemplo, fugindo da tradição que era de escolher como reitor o candidato mais



votado. Além disso, a parte mais ideológica e extrema das propostas de Bolsonaro preveem medidas para facilitar o acesso às armas e para eximir as forças armadas e as polícias de responsabilização quando matam em ação (execuções sumárias). Essas são medidas que atingiriam de forma desproporcional os não-brancos, que são super representados entre as vítimas da violência, tanto aquela comum como nos casos de crimes de ódio e também na violência de Estado. O Bolsonarismo pode, pois, ser interpretado como um processo identitário, que se move entre defesa do “homem comum”, nacionalismo, etnicidade, racismo, xenofobia, misoginia, LGBTfobia, capacitismo, classismo e pensamento autoritário.

Nesta conjuntura é imperativo defender o pensamento crítico assim como criar espaços para a prática da teoria e da reflexão críticas. Tenho a certeza que este *e-book* é uma importante contribuição para que o espírito da Fábrica de Ideias continue vivo e sempre fabricando.

Referência:

D'ERAMO, Marco. The Short Life of Fakes News, Sidecar, 22 dez. 2020. <https://newleftreview.org/sidecar/posts/the-short-life-of-fake-news>.



CAPÍTULO 1:

21 ANOS DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

Jamile Borges, Antonio Evaldo de Barros e Livio Sansone

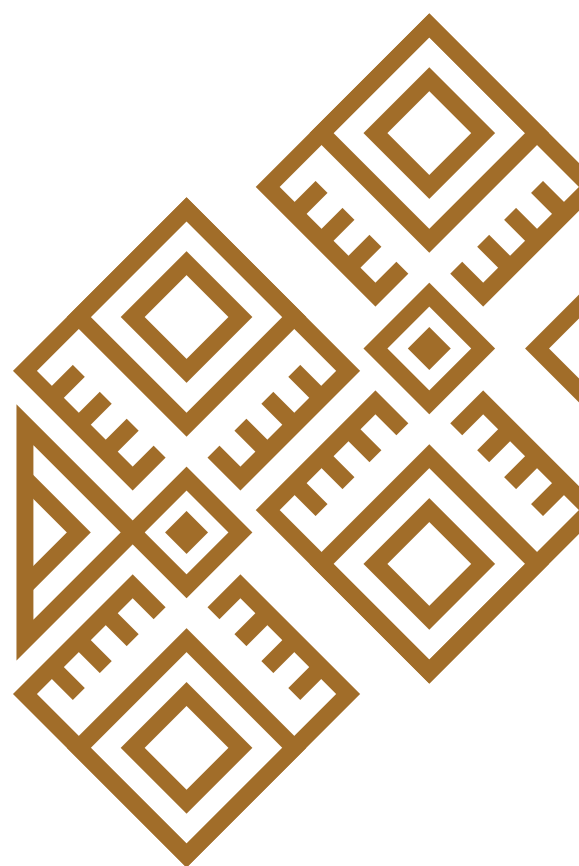
CAPÍTULO 1: 21 ANOS DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

Jamile Borges, Antonio Evaldo de Barros e Livio Sansone

Resumo: Nesta primeira conferência, o novo formato virtual da Fábrica de Ideias foi apresentado por Jamile Borges (UFBA), Antonio Evaldo de Barros (UFMA) e Livio Sansone (UFBA). Isso foi feito discutindo o desafio que um curso digital avançado representa para a nossa já tradicionalmente presencial e bastante intensiva comunidade da Fábrica de Ideias. Depois de revisar, resumidamente, nossos 21 anos de experiência, os desafios e os possíveis problemas apresentados para nosso curso avançado nesta fase que muitos chamam de “novo normal”, foram destacados. Em seguida também foram apontadas as novas oportunidades oferecidas pelo ensino à distância e por seminários em formatos digital e webinários. O futuro, a esse respeito, pode ser menos sombrio do que frequentemente nós, cientistas sociais, pensamos.

Palavras-Chave: Fábrica de Ideias, Pandemia, Autoritarismo

Jamile Borges: Olá, eu falo hoje para vocês de um lugar duplo, que é o lugar de estar atualmente como coordenadora do Programa de Pós-Graduação



**PÓS-
AFRO**



O Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (mais conhecido como Pós-Afro), se apresenta como um programa de decolonialidade racial e epistêmica do saber, instigando e provocando a emergência de categorias analíticas como raça, etnicidade, racismos, afro pertencimentos, colonialidade e decolonialidade entre outros. As teses e dissertações defendidas em nosso programa têm nos ajudado a refazer percursos analíticos, didáticos e curriculares no Brasil e em perspectiva transatlântica, analisando os substratos, os textos e os silêncios onde se torna possível revelar novos horizontes epistêmicos e decoloniais.



Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), programa que já tem 15 anos de existência; mas também como egressa, que durante esses 21 anos da existência da Fábrica de Ideias, eu estou há basicamente uma década participando dessa elaboração, da preparação desse projeto pioneiro, o qual falaremos extensamente na atividade de hoje.

Este ciclo de *lives*, a gente denominou de um ciclo Pós-Afro/Fábrica, e esta abertura de hoje é exatamente para falar sobre esses anos de parceria, para falar sobre essa interface e a colaboração entre um programa de pós-graduação, pioneiro no Brasil no campo dos Estudos Étnicos e Africanos, e uma Escola de Altos Estudos, que também funciona como uma experiência pioneira. Eu não tenho registro da existência de outro curso no Brasil com a metodologia, a abordagem, com o potencial e o alto nível de internacionalização e de formação que a Fábrica de Ideias contempla, que a Fábrica de Ideias tem. Então, eu quero falar um pouco sobre a existência desses dois projetos, falar sobre o Pós-Afro e a Fábrica de Ideias. Falar sobre como esse programa de pós-graduação acolhe e abarca a Fábrica de Ideias. Sobre como esse programa trabalha diretamente com ela, porque muitos professores da Fábrica de Ideias são também professores do Pós-Afro.

Vou falar sobre essa experiência do Pós-Afro ao longo desses 15 anos. O Pós-Afro foi criado em 2005, com a perspectiva de acolher um conjunto de pesquisas e qualificar essas pesquisas com um aprofundamento de temas, de problemas, de metodologias e de abordagens, ligadas às questões



A Escola Doutoral Fábrica de Ideias, em ação há vinte anos no Brasil, hoje na Universidade Federal da Bahia, representa um exercício ético, epistêmico, metodológico e político de pensar-fazer ciência, ancorada no compromisso com a reflexão sobre as tensas e porosas relações entre Brasil, África e o mundo que convencionamos chamar de Sul global. A Fábrica de ideias tem oferecido por múltiplas e potentes lentes, dispositivos e conceitos para o estabelecimento de um diálogo profícuo com intelectuais do continente africano e do Sul global, especialmente mulheres, escritoras e intelectuais negras e diaspóricas que têm denunciado os padrões eurocêntricos e patriarcais com que se reproduz nas academias os discursos e as práticas socio-históricas que nos conduziram aos dias atuais.

Em 21 edições tratamos de temas como negritude, patrimônio, desigualdades, gênero, abolicionismo penal, colonialidade/decolonialidade, memória e diáspora, entre outros igualmente importantes para compreensão e formulação de um campo analítico sobre a história das populações historicamente vulneráveis e subalternizadas.



A Escola de Altos Estudos é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para fomentar a cooperação acadêmica e o intercâmbio internacional em cursos e programas de pós-graduação *stricto sensu* de mestrado, dou-

das relações raciais em perspectiva, em contexto transnacional, às questões das ações afirmativas. O programa surge com a promulgação da Lei 10.639, em 2003, e depois com a Lei 11.645, em 2008. Então, o Pós-Afro nasce no meio de uma efervescência política, social, intelectual, que começa a demandar das instituições, e sobretudo das universidades, o desenvolvimento de novas matrizes curriculares para tratar do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, de modo que as discussões sobre diversidade e desigualdade, especialmente étnico-raciais, passassem a transversalizar esses processos formativos, estruturando-se, de fato, como um princípio pedagógico, não mais como um apêndice curricular do modo como historicamente foram tratadas. Então, o Pós-Afro tem buscado construir, reforçar e produzir uma narrativa através da mobilização de recursos materiais, mas também recursos intelectuais e analíticos, tentando refazer ou produzir uma fortuna crítica no campo das Ciências Humanas e Sociais sobre as questões étnico-raciais, sobre os pertencimentos étnico-raciais, sobre os sentidos críticos e histórico-culturais em torno do continente africano, em torno das populações afro-diaspóricas e em torno das questões identitárias.

No Brasil, mais uma vez nós estamos vivendo o que eu tenho chamado de uma profunda densidade teórica em torno das questões identitárias. Então, o Pós-Afro tem acolhido uma quantidade imensa de estudantes, sobretudo indígenas e quilombolas, cujos números vêm crescendo na mesma medida em que cresce a ação e a atuação dos movimentos sociais, dos movimentos quilombolas, dos movimentos indígenas e dos movimentos em torno das ações afirmativas.

torado e pós-doutorado. Seu objetivo é trazer professores e pesquisadores estrangeiros de elevado conceito internacional para a realização de cursos intensivos a fim de fortalecer, ampliar e qualificar os programas de pós-graduação de instituições brasileiras.



"Os educadores e as educadoras brasileiros não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores/as o necessário preparo para lidar com o desafio da problemática da convivência com a diversidade. Os resultados e as manifestações de discriminação resultantes dessa situação colocam o nosso discurso em prol de uma escola democrática quotidianamente em xeque e indagam a nossa postura profissional."

(MUNANGA apud GOMES; OLIVEIRA; SOUZA, 2010. p. 54).



Embora a UFBA tenha demorado a acolher uma política de ações afirmativas na sua pós-graduação, no Pós-Afro já o fazíamos pioneiramente. Então, entre 2005, quando da sua criação a 2010, quando começamos a ter, por exemplo, um grande fluxo e refluxo de pesquisadores em torno do Atlântico, em torno dos programas do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) que oferecem oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais, sobretudo com países da chamada lusografia ou lusofonia, em que o Pós-Afro teve um papel importantíssimo, participando tanto de projetos de transferência de tecnologia, mas, também, com projetos de pesquisadores visitantes, formação de pesquisadores para atuar com temas extremamente diversos como conservação e preservação digital de acervos históricos, museus digitais, história da saúde, antropologia médica, gênero, literatura africana... Então, nosso programa tem promovido um grande diálogo interdisciplinar e não é por acaso que nós estamos na área Interdisciplinar (Sociais & Humanidades) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Além disso, o programa tem dialogado não apenas com outros programas de pós-graduação no Brasil, mas também com muitas universidades estrangeiras, inclusive da África e América Latina. A discussão sobre povos afrodescendentes na América Latina tem sido muito intensa. A Fábrica de Ideias tem recebido sistematicamente estudantes oriundos de diversos países da América Central, América do Norte e América do Sul. Nesse sentido, o Pós-Afro tem, de



LUSOFONIA

Lilia Moritz Schwarcz e Omar Ribeiro Thomaz (2014, p.15-16) sublinham que lusofonia no contexto português constitui um projeto de natureza claramente neocolonial com relação aos PALOPs e ao Timor, que ancora na defesa da língua interesses de natureza econômica e política e, evidentemente, um marco ideológico associado à realidade portuguesa periférica na Europa atual. (...) É nesse sentido, que o espaço da lusofonia somente pode ser utilizado de forma crítica, e não naturalizado ou transformado em dado essencial. Por outro lado, estamos atentos e cientes, também, para o fato de que a lusofonia permite e facilita a internacionalização e a comparação internacional, privilegiando um eixo de análise Sul-Sul, ainda pouco explorado.



fato, se firmado como um programa que tem colaborado para expandir o campo dos Estudos Étnicos e Estudos Africanos no Brasil, mas igualmente fora do Brasil.


Nós participamos da editoria da revista *Afro-Ásia*, também uma das revistas mais importantes em termos de difusão e circulação do conhecimento produzido no campo da historiografia e da antropologia dos Estudos Africanos. Quero também destacar a importância do Pós-Afro dentro de uma pesquisa que acaba de ser publicada em artigo sobre a produção das Ciências Sociais no campo das relações raciais (BARRETO et al., 2021). Nesse balanço bibliográfico feito sobre o campo das relações raciais é interessantíssimo perceber como o campo tem ganhando novos contornos com novas abordagens, com a presença de mais mulheres, intelectuais negras, que têm redesenhado esse campo. O Pós-Afro é um exemplo disso, nós temos tido cada vez mais candidatas negras, quilombolas, nos processos seletivos de nosso programa.

É importante destacar também a presença de estudantes trans e da comunidade LGBTQIA+ nesse campo. O Pós-Afro é, de fato, um programa de pós-graduação que tem se dedicado de modo muito sensível a esses temas, especialmente no combate às desigualdades sociais extremas e duráveis, tema de nossa meta no projeto CAPES-Print da UFBA. E o que a gente vai perceber nessa pesquisa a que me referi é que enquanto nos anos 1980 e 1990 os estudos nesse campo estavam mais direcionados para pensar as questões das desigualdades duráveis, para pensar as questões da estratificação social, da raça e da classe, em pesquisas mais atuais podemos perceber como as categorias de análise e os objetos de investigação no campo vão se modificando e respondendo a esse tempo histórico. Ou seja, há um movimento no campo dos Estudos Étnicos e Africanos que vem causando uma espécie de deslocamento dessa tensão entre raça, classe e gênero, cuja reflexão – no caso brasileiro – vai se dar também a partir da tradução de autoras africanas e afro-americanas com suas categorias e seu aparato metodológico. Então, não é por acaso que a gente vai perceber o movimento que se organiza para a criação de uma associação de tradutoras negras (ver, por exemplo, o Coletivo Traduzindo no Atlântico Negro), que tem sistematicamente traduzido trabalhos de bell hooks, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Kimberley Crenshaw, Audre Lorde, entre tantas outras. Então, o que a gente percebe é que o Pós-Afro está atento e muito perceptivo com as transformações sócio-históricas que o campo das relações raciais e das relações étnicas e africanas no Brasil vem sofrendo.


Desta maneira, a parceria com a Fábrica de Ideias tem sido um *plus*. Esse elo do programa com jovens pesquisadores e pesquisadoras de diferentes partes do mundo

interessados e interessadas nas questões mais prementes, que afetam as populações afro-diaspóricas no mundo, para nós tem sido um ganho significativo. Adiante o professor Livio Sansone vai falar um pouco mais disso. A Fábrica de Ideias passa a integrar o *cluster* de excelência em Estudos Africanos *Africa Multiple* na Universidade de Bayreuth, Alemanha, e o Pós-Afro muito tem se beneficiado dessa parceria. Para finalizar, quero dizer que o Pós-Afro, de fato, tem se convertido também numa espécie de laboratório de pesquisa, porque a gente tem a possibilidade de unir pesquisadores sêniores, com vasta experiência no continente africano, como o próprio professor Valdemir Zamparoni, autor nessa obra e fundador do programa, como o professor Livio Sansone. O programa, assim, oferece essa possibilidade de juntar jovens pesquisadores que estão se iniciando nesse campo analítico e intelectual com pesquisadores/as sêniores que têm apontado novos caminhos, novas metodologias, para ler e tornar inteligível uma variedade de temas e problemas que, inclusive, também a pandemia do novo coronavírus tem colocado. Nesse sentido, a Fábrica de Ideias é um espaço fundamental para possibilitar a emergência de novas e sofisticadas abordagens teórico-metodológicas, sobretudo num ano que, afetados pela pandemia, sabemos que as populações mais pobres, as populações mais vulneráveis, as populações pretas, têm sido alvo do descaso institucional e do acirramento, do aprofundamento da pobreza e das desigualdades. Me despeço aqui para que possamos seguir com a intervenção do professor Antonio Evaldo.

Antonio Evaldo: Em primeiro lugar agradeço a



Capítulo 03: Epidemias & pandemias: passado e presente – alguns casos africanos



Jamile Borges, Livio Sansone e Valdemir Zamparoni. Sou professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) desde 2010 e fiz o mestrado e o doutorado na Bahia. Entrei em 2005 e cursei a Fábrica de Ideias, fui fabricante, durante o mestrado ainda, em 2006, há 14 anos. Eu estava me lembrando disso e refletindo sobre o que significou a Fábrica de Ideias para a minha carreira, para a minha vida não apenas profissional, mas política e pessoal. O significado daquilo que vivi na Fábrica de Ideias! Eu me sinto há 14 anos um fabricante: de início como estudante, agora, como professor. Nós organizamos uma edição da Fábrica de Ideias em São Luís do Maranhão em 2017, com o tema "Patrimônio, desigualdades e políticas culturais". Eu lembro que, em 2006, nessa primeira Fábrica de que eu participei o Paul Gilroy estava lá presencialmente, imaginem vocês! E, também, outros pesquisadores falando sobre o pensamento decolonial, sobre uma série de questões que são absolutamente fundamentais para as nossas reflexões.

Essa Fábrica não é uma Fábrica **de Ideias**, o nome pode ser esse, mas é uma Fábrica **de Experiências**. É algo profundamente acadêmico, internacionalizado, uma série de compromissos com os programas de pós-graduação que participam, mas nossa Fábrica é uma experiência que produz um efeito extraordinário em quem dela participa. Concordo com Jamile Borges, não tenho conhecimento de um curso ou algo em nosso país, no nosso campo de Estudos Étnicos e Estudos Africanos, em que nós tenhamos uma tal experiência, uma tal oportunidade de vivenciar algo assim. Eu desconheço uma escola de altos estudos que oportuniza e vem oportunizando o que a Fábrica tem feito.



The poster is for the XVIII edition of 'Fábrica de Ideias', a free and public course. It is organized by NEAFRICA and takes place in São Luís, MA, Brazil, at the Auditorio do Curso de Arquitetura e Urbanismo (FAU UEMA), Centro Histórico. The course runs from March 20 to 31, 2017, from 18:30h onwards. The poster lists the following professors and their dates:

PROFESSORES MINISTRANTES:		
20 de março Dr. Ibrahim Thaw University of Cape Town	23 de março Dr. Valdemir Zamparoni Federal University of Bahia	29 de março Dr. Livio Sansone Federal University of Bahia
21 de março Dra. Lia Calabre Faculdade de Ciências Sociais Dr. Antonio Motta Federal University of Pernambuco	27 de março Dr. Dimitri Van Den Bersselaar University of Leipzig	30 de março Dra. Jamile Borges Federal University of Bahia
22 de março Dr. Oscar Thompson State University of Carolina	28 de março Dr. Sérgio Ferretti Federal University of Maranhão Dr. Carlos Benício Badioglio Federal University of Maranhão	31 de março Dr. Stephen Small University of Berkeley

Eu não consigo dissociar a Fábrica do Pós-Afro, mesmo sabendo que a Fábrica veio antes. Vejo uma conexão de alma, uma vinculação fantástica, entre essas duas iniciativas. A casa da Fábrica é o Pós-Afro. Fico muito feliz que hoje o estado do Maranhão faça parte dessa casa também. Estamos institucionalizando a Fábrica de Ideias na UFMA e na UEMA, isso é muito importante. A casa da Fábrica é o Pós-Afro, um programa muito rico e vivaz. Nele passei sete anos como estudante, onde tínhamos professores africanos e africanistas, como o professor Valdemir Zamparoni.

Na verdade, eu acho que a experiência nos primeiros cinco anos do Pós-Afro era como se vivenciássemos uma grande Fábrica de Ideias ininterrupta, algo absolutamente maravilhoso! A Fábrica, além de ter a sua própria história, se tornou um grande corolário de projetos e programas. Do ponto de vista institucional, é algo fantástico o que oferece, porque não há experiência nesses termos. Quando digo que a Fábrica não é de Ideias, mas de Experiências, o faço no sentido de Thompson (1981). Para esse autor, a Experiência só pode ser entendida na concretude da existência. Etodos aqueles que vivenciaram a Fábrica sabem que essa iniciativa tem um alto potencial de transformação pessoal e de autotransformação profissional. E, também me parece muito relevante mencionar que essas transformações se produzem a partir do Sul do mundo, e acho que essa dimensão política da Fábrica é fantástica. Não é um curso e tampouco é apenas um evento científico. A Fábrica de Ideias é um encontro de alto nível acadêmico, extremamente politizado do ponto de vista social, cultural e acadêmico.

A Fábrica de Ideias politiza a própria ciência, a sua maneira de pensar as relações raciais, de pensar os Estudos Africanos. Quando você pensa naqueles três grandes lugares da verdade – a ciência, a filosofia e a teologia –, a Fábrica de Ideias os coloca em questão, particularmente no campo dos Estudos Étnicos e Africanos. Essa é a beleza da Fábrica. Pois essa iniciativa fala sobre o "humano". O experimento da Fábrica, ao discutir questões étnico-raciais e Estudos Africanos, certamente nos remete a todo momento a pensar o humano e a questioná-lo. Isso é discutir e pensar a ciência, como ela se produz, seus limites...

Então a Fábrica de Ideias é um curso epistemológico, uma experiência em todas essas dimensões da ciência e da humanidade. Já afirmei o quão internacionalizada é a Fábrica de Ideias, mas ela também é profundamente nacionalizada e regionalizada e essa dimensão é absolutamente fundamental. Quem já participou da Fábrica sabe:

you não encontra só brancos, você não encontra só sulistas... Você encontra sulistas, brancos, mas você encontra, principalmente, negros, nordestinos, você encontra paraenses, amazonenses! O Brasil está ali, a nossa diversidade, o que nós somos como povo. Está todo mundo ali de alguma maneira representado. Eu não sei de outro evento que tenha essa preocupação. Então, você tem uma internacionalização e uma nacionalização política, cultural, identitária, extremamente respeitosa.

Outro eixo importante da Fábrica de Ideias, que passou a ter centralidade na edição que organizamos no Maranhão é aquele sobre patrimônio cultural em diálogo com o debate sobre desigualdades. Essa para mim é a chave de leitura para entendermos a Fábrica de Ideias: pensar as desigualdades. E pensar as desigualdades envolve pensar a diversidade e as identidades, para não se desconectar do grande debate sobre a desigualdade social e sobre o nosso lugar no mundo enquanto sujeitos sociais. Nós somos sujeitos culturais, mas, também, sujeitos econômicos. E acho que a Fábrica de Ideias oportuniza e continua oportunizando esse tipo de diálogo numa perspectiva local e ao mesmo tempo global, como afirmo acima.

E caminhando para a conclusão, lembro quando estava escrevendo a minha tese de doutorado e estudei o pensamento de John Dube (BARROS, 2016), fundador do Congresso Nacional Africano na África do Sul em 1912. Ele escreveu livros, o primeiro romance em zulu, fundou o primeiro jornal de zulu, no começo do século XX. E ao mesmo tempo ele fundou uma escola, era membro de um partido político, ou seja, ele era um sujeito de ação e reflexão. Então, para mim, a Fábrica de Ideias, de alguma maneira, tem muito a ver com isso também. É uma experiência de ação e de reflexão, **é refletir e agir**.

Eu não consigo ver a Fábrica de outra maneira. Cabe mencionar ainda o respeito que nós estudantes recebemos ao participarmos da Fábrica de Ideias. Nossos projetos são discutidos, somos ouvidos assim como as pessoas que vêm de fora. Aqui no Maranhão, nós tivemos uma série de palestras que foram ofertadas para professores da rede pública, todas com o auditório lotado, durante duas semanas inteiras!

E tem também o deslocamento de organizar o evento, como fiz na edição de 2017. Porque eu acho que a própria logística do evento diz muito da Fábrica de Ideias e do que se pretende com o curso. Se você faz em Salvador, na Bahia, sempre se prevê uma saída de campo de dois dias para o município histórico de Cachoeira. Na edição que organizamos em São Luís do Maranhão atravessamos o mar e fomos para Alcântara,

aqui pertinho. Isso diz muito do que significa o programa desse curso e sua pretensão de inserção comunitária e diálogo com as comunidades do entorno da universidade em que é organizada.

Acho que a minha experiência na Fábrica de Ideias – primeiro como estudante e hoje como professor – me fez mudar através da construção de muitos laços. Ao participar da Fábrica de Ideias você se torna convicto de algo, você amadurece academicamente, politicamente, como sujeito e como pessoa.

A Fábrica de Ideias é um espaço de reflexão, mas também de luta por igualdade. Eu não vejo outra bandeira mais importante que esta: a luta por igualdade. A gente pode contribuir com essa luta na reflexão acadêmica, mas também em vários níveis de combate às desigualdades. Eu vejo a Fábrica assim, como um espaço de reflexão acadêmica profundo que não tem se omitido da crítica política. Eu acho que a Fábrica de Ideias é como a universidade deveria ser. Se a universidade brasileira fosse uma Fábrica de Ideias permanente, nós estaríamos hoje em outro lugar. **É uma Fábrica de Ideias, mas principalmente uma fábrica de emoções e de experiências. Muito obrigado.**

Livio Sansone: Bom estar aqui para celebrar os 21 anos da Fábrica de Ideias. A Fábrica tem sido fonte de muito trabalho, mas também de muito prazer e muitos contatos. Comecei com a Fábrica de Ideias quando tinha 43 anos, com um filho pequeno no colo. Agora tenho 64 anos e dois filhos que cresceram comigo e com a Fábrica. Parte da minha vida está na Fábrica, mas aqui temos poucos minutos e precisarei resumir essa longa história.

O Ciclo de *Lives* que gerou este *e-book* teve como objetivo estimular e induzir a curiosidade das novas gerações interessadas nos Estudos Étnicos e Estudos Africanos para que se tenha mais interesse ainda na Fábrica de Ideias, que, pela primeira vez, depois de muitos anos realizada de forma presencial, em maio de 2021 será virtual, dedicada ao tema "Pandemias e Utopias". Mas antes de falar desses 21 anos, gostaria de pontuar o que se entende por Estudos Étnicos e Africanos, já que o público aqui é amplo.

Quando nós criamos o Pós-Afro, pensamos em chamá-lo de Programa de Estudos Afro-brasileiros, mas afro-brasileiro teria excluído nosso interesse com o resto do mundo afro-latino e teríamos excluído as questões indígenas, tão relevantes e historicamente marcantes, e tampouco teríamos determinando a subalternidade e a marginalização de grande parte da população latino-americana, que é a população negra.

Queríamos introduzir os Estudos Africanos e por isso optamos pelo título de Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Como afirmou Jamile Borges acima, o Pós-Afro começou a funcionar na esteira da Lei 10.639/2003. Havia e há uma demanda grande de saber e conhecimento em torno da África, histórica e contemporânea, e por isso o programa se chamou Estudos Étnicos e Africanos. Na realidade, era isso o que a Fábrica fazia desde quando foi criada em 1996, na Faculdade Cândido Mendes, dentro do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, do qual eu era diretor científico.

Nós começamos com a Fábrica de Ideias a partir da demanda de muitos alunos, em sua grande maioria negros, em busca de orientação. A partir da sensação de que precisávamos oxigenar e informar melhor o debate no Brasil em torno da questão étnica, negra e racial. Começamos a pensar na necessidade de alguma política de ação afirmativa na pós-graduação. Cabe lembrar que naqueles anos ainda não se falava de **ação afirmativa**, menos ainda de **cotas**, e não se usava o termo **inclusão**.

Desta forma, a Fábrica de Ideias foi pioneira ao pensar nesses três elementos que podiam e deveriam ser combinados: a ação afirmativa, as cotas e a inclusão. Já sabíamos naquela época que um elemento não excluía o outro, como tradicionalmente a burguesia nos ensinava na Academia. Defendíamos que inclusão, excelência e internacionalização deviam caminhar juntas; que a verdadeira internacionalização não é aquela feita pelos filhos da elite nacional, que já vêm prontinhos, que já vêm falando inglês ou outras línguas. A internacionalização que defendíamos se originava no debate com os estudantes de camadas populares, inclusive com as universidades periféricas (nacionais e internacionais), principalmente do Sul Global.

Nesse sentido, a Fábrica de Ideias sempre promoveu ações afirmativas em várias direções, privilegiando os estudantes negros em condição de vulnerabilidade e

estudantes de universidades periféricas, menos expostas à internacionalização. Fizemos, nesse sentido, uma ação afirmativa regional com estudantes das regiões Norte e Nordeste do Brasil, oriundos de universidades menores, convencidos de que poderíamos construir um curso intensivo, um intensivão duro, uma escola de altos estudos, com esse público. Os estudantes por vezes se queixavam das muitas horas e da intensidade da Fábrica de Ideias. Vale lembrar que a Fábrica já chegou a durar quatro semanas! Depois de muitos ajustes chegamos a esse formato de duas semanas, que corresponde a 68 horas/aula, que equivale a uma disciplina de pós-graduação. Ora, não tem como o curso não ser intensivo, porque é caro manter os alunos juntos e o modelo de escola doutoral não pode deixar de ser intensivo. Então, nós começamos a pensar em tecnologias sociais que depois viraram cânones, como a necessidade de pensar inclusão junto com internacionalização.

Em 2005, como dito acima tanto por Jamile Borges como por Antonio Evaldo, surge o Pós-Afro como um desdobramento da mudança da Fábrica de Ideias para o **Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO)** em 2002. Em 2001 fui aprovado em um concurso público para docente aqui na UFBA, porque o projeto na minha cabeça era ir para uma instituição pública federal, se possível na Bahia, para criar um núcleo, um projeto ou alguma iniciativa na direção do programa que acabou se tornando o Pós-Afro. Inicialmente, pensava em um curso de especialização em Estudos Étnicos e Africanos. No Brasil, não havia nada disso.

Pensando o Brasil demograficamente, era estranho para mim não haver nada do tipo, uma vez que há centenas desses programas nos Estados Unidos, mas nenhum no Brasil. Alguma coisa precisava ser feita e essa situação precisava ser revertida. Então, o sucesso da Fábrica de Ideias, aqui em Salvador, se deveu à relativa facilidade que tivemos de atrair pessoas da envergadura de Paul Gilroy, Achille Mbembe, Walter Dignolo, Ramón Grosfoguel e Angela Davis entre tantos outros grandes nomes. Efetivamente, era fácil atrair pessoas para a Bahia. Nós nos beneficiamos daquilo que eu chamo de “capital tropical” de Salvador, que não é uma capital intelectual do Atlântico Negro, mas é uma cidade com aura, com poder, com uma cultura popular muito forte, e isso atrai as pessoas. Então tem sido fácil convidar as pessoas e oferecer esse banho de internacionalização aos **fabricantes**.

Mas nosso viés de internacionalização não beneficia somente a Fábrica de Ideias. O Pós-Afro e seus grupos de pesquisa associados têm trazido muitos

pesquisadores internacionais em eventos abertos. Lembro-me de grandes conferências como a de Walter D. Mignolo, Paul Gilroy, no Teatro Gregório de Matos, com a presença de centenas de pessoas extremamente interessadas. Inclusive a Fábrica mostrou, em suas atividades mais abertas, que há em Salvador um público cativo, como vimos no Pós-Afro, de pessoas interessadas em atividades à noite, nos finais de semana, em nível de pós-graduação. Há um público, há um mercado, digamos assim, que, nesse sentido, não somente se encontra em São Paulo ou no Rio de Janeiro, mas também existe aqui na Bahia um público potencial sub-aproveitado pela UFBA e nós vemos isso no CEAO como muito importante.

Em 21 anos, a Fábrica de Ideias fez tantas coisas! Ainda temos que fazer uma autobiografia da Fábrica de Ideias. Quem sabe a gente já faça isso a partir desse Ciclo de *Lives* e desse *e-book*, o que me parece algo importante, porque, inclusive, a Fábrica funciona como modelo de escola doutoral intensiva para o [Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais \(CLACSO\)](#), para vários outros eventos aqui na América Latina; para o [Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África \(CODESRIA\)](#). Um modelo que já se exportou, por assim dizer. Disso, nós somos felizes.

Já os temas tratados nas diferentes edições da Fábrica de Ideias nos últimos anos variaram muito, sempre com base na questão étnica e racial no Brasil e em outros países da diáspora. Lembro do curso da grande Giralda Seifert do Museu Nacional que aconteceu em todas as edições da Fábrica de Ideias de 1998 a 2003. A professora Giralda, que foi



durante vários anos generosíssima conosco, recém-falecida, nos brindava com um curso excelente, um update dos Estudos Étnicos no mundo. Era um curso bastante necessário que a gente chamava, em tom de brincadeira, o Giralhão. Nós também nos abrimos para a questão de gênero, para a questão da sexualidade e sempre estivemos preocupados com as desigualdades extremas e duráveis que caracterizam nossas relações raciais. Passamos depois, sobretudo aqui em Salvador, a nos abrir para o pensamento abrir para o pensamento pós-colonial e decolonial. Lembro-me do grande Nelson Maldonado-Torres, que fez, aproveitando a Fábrica, a fala inaugural do Pós-Afro no ano de 2005, publicada em 2006 na revista Afro-Ásia. Abrimos para essa questão, tivemos grande interesse pelas contribuições generosas da Angela Davis, falamos de tecnologia e patrimônio, tecnologia da comunicação, várias Fábricas dedicadas à questão do patrimônio, patrimônio imaterial, patrimônio intangível, dos museus digitais. O projeto do **Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira**, também do CEAO e do Pós-Afro, que dispõe de coleções e exposições sobre a memória africana e afro-brasileira, desenvolveu uma rede nacional e internacional muito interconectada à Fábrica de Ideias.

Finalmente, em 2019 a edição da Fábrica de Ideias verteu sobre um tema, infelizmente, ainda muito atual, "A nova era dos extremos", um gentil e cortês plágio do livro já clássico de Eric Hobsbawm, "A era dos extremos". Para este ano, 2021, já a partir do Ciclo de *Lives* e deste *e-book*, o tema é "Pandemia e Utopias". Esta pandemia do novo coronavírus, que é uma das tantas pandemias que



caracterizam a nossa espécie humana, e outras pandemias virão. Como todas as pandemias, ela nos ensina que algumas coisas terão que mudar e tem acentuado toda a questão dos extremos, do populismo, das *fake news*, do aproveitamento da mídia, da mentira como parte integrante da prática política, da negação como parte integrante de um discurso anticientífico. Então, curiosamente, nós que sempre fomos iconoclastas, críticos, porque a Fábrica é um momento de pensamento crítico, nós estamos agora nos transformando em defensores do pensamento científico. Somos quase neopositivistas nesta sociedade atacada pelo novo populismo, terraplanismo, negacionismo... Nós, críticos do pensamento científico, sempre ocupados em desconstruir a verdade e autoridade acadêmicas, estamos hoje todos juntos na defesa da verdade científica, quando esta encontra resistência. Como o mundo dá voltas, quem teria pensado nisso!

Nós continuamos a insistir numa Fábrica que expõe nosso público, em boa parte negro, de universidades menores, com pouca experiência de internacionalização. Essa mesma internacionalização que, por outro lado, no processo inverso, divulga nossas joias e produção científica para os estrangeiros. Muitos dos pesquisadores estrangeiros que vêm para a Bahia, para a Fábrica de Ideias em seus vários lugares de realização, como Maranhão, Amapá e Lisboa, dão-se conta de que nós também temos muita coisa para oferecer. Não há um professor convidado que depois não deseje manter contato conosco. E a Fábrica tem sido importante, inclusive, como fonte para oferecer aos nossos alunos, egressos da Fábrica, a possibilidade de uma rede de contatos internacionais, muitas vezes aproveitados para a realização da bolsa sanduíche ou para experiências estrangeiras. Muitos alunos, em particular os alunos negros e de universidades periféricas, têm dificuldades de conseguir um convite de peso em uma universidade de qualidade. A Fábrica tem conseguido fazer com que muitos de nossos alunos fossem até Yale, Berkeley e outras universidades. Até nesse sentido, nós funcionamos como trampolim, como instrumento para abrir a caixa preta da internacionalização.

Eu queria aqui concluir dizendo que muitas das disciplinas são oferecidas em línguas estrangeiras, como o espanhol e o inglês. Nós sabemos que hoje a internacionalização se mede também a partir de se processar a língua inglesa, e isso é inevitável, porque a língua inglesa é o esperanto do meio acadêmico, então é importante que todo mundo a conheça. Mas nós sabemos o quanto o inglês tem a ver com as desigualdades, a divisão de classe. É claro que nossos

alunos, muitas vezes, aprendem inglês durante a Fábrica de Ideias, porque se expõem e escutam: esse banho de língua estrangeira também faz parte de nossa estratégia. O Brasil vive uma condição insular, não é um esplêndido isolamento como os britânicos fizeram no século XIX, mas nós somos um país que precisa de mais conexão com nossa região, precisamos integrar política, cultural e academicamente com o resto América Latina. Nós trabalhamos também nesse sentido. E precisamos, obviamente, continuar sendo um instrumento de indução dos Estudos Africanos assim como, mais amplamente, de uma perspectiva Sul-Sul. Uma das preocupações, e aqui concluo, da Fábrica de Ideias, é contribuir com essa luta titânica, mas absolutamente imperativa, para que cresça a curiosidade horizontal por nossos pares na América Latina, na África e na Ásia. E temos nos aberto mais e mais para colegas asiáticos. Ano passado tivemos como docentes visitantes a Subhadra Mitra Channa, da Universidade de Deli e Aries Arugay da Universidade das Filipinas.

Ademais, os extremos, os novos extremos, os novos populismos, encontram-se em vários países. Então, essa curiosidade horizontal é uma forma de colocar em prática a teoria decolonial e sair dessa intoxicação vertical que nós temos com o Norte, o Norte com o qual, de toda forma, nós interagimos bastante. Por exemplo, perdi muitas noites acompanhando as últimas eleições estadunidenses. Já conheço a geografia dos Estados Unidos melhor que a do Brasil ou da Itália, onde nasci. Estamos linkados, plugados, ao que acontece no Norte global e é importante que assim seja, mas fica o anseio de conhecer melhor nossos irmãos e nossos colegas no Sul Global, um Sul que é uma fonte de inspiração imensa. Uma mina ainda pouco explorada.

Obviamente que a Fábrica de Ideias é um projeto estreitamente associado ao Pós-Afro, como bem disse Jamile Borges. Este Ciclo de *Lives* e o *e-book* procedem do Pós-Afro, mas nós temos também uma relação já forte com ao menos duas instituições brasileiras, que são a UFMA e a Universidade de Campinas (UNICAMP) e temos várias parcerias internacionais com instituições estrangeiras. A Fábrica de Ideias "Pandemias e Utopias" terá uma parceria com a Universidade de Cabo Verde, com a colaboração de Cláudio Furtado, particularmente com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais desta universidade, com o Instituto de Estudos da América Latina (IHEAL), da Sorbonne, em Paris e, de forma ainda mais forte, com Africa Multiple, o núcleo de excelência em Estudos Africanos da Universidade

de Bayreuth, Alemanha. Esse cluster nos propôs transformar em maio a Fábrica de Ideias em um curso inteiramente planetário, o que nos coloca problemas de fuso-horário, porque dar um curso online em que há colegas da Ásia com 12h de diferença entre nós, da Coreia, da China, coloca problemas metodológicos - e de sono, como nos jogos olímpicos. Mas quem quer conhecer o mundo e ser planetário terá que encarar esse mundo dos fusos-horários com mais coragem. Estamos aqui para aprender, a Fábrica é um curso experimental! "Pandemias e Utopias" será o tema de nossa edição em maio de 2021 e espero que muitos de vocês se candidatem. Muito obrigado por tudo e obrigado a todas e todos por me darem a chance de refletir sobre esse projeto pelo qual tenho tanto carinho, quase amor.



Pós-Afro – UFBA



Traduzindo no Atlântico
Negro – UFBA



DEBATE

Jamile Borges: Bom, a gente já tem algumas questões que foram colocadas por colegas no chat. Foi bom Livio ter feito menção ao nosso colega, nosso amigo, professor Omar Thomaz. O professor Omar Thomaz é um parceiro nosso e, também, grande incentivador da Fábrica de Ideias, mas também do Pós-Afro. Ele tem participado sempre de nossas bancas de mestrado e doutorado. Eu quero lembrar ao público que parte dos nossos egressos estão nas Universidades do Maranhão, na UEMA, UFMA, nos institutos federais, como o IFMA lá no Maranhão. Agora o Prof. Livio irá responder a uma pergunta que foi feita pela nossa colega Patricia Godinho, sobre os impactos da mudança da Fábrica do Rio de Janeiro para Salvador.

Livio Sansone: No Rio, nós funcionávamos naquela que se apresentava como, e talvez seja, a melhor universidade privada do Brasil, a Universidade Cândido Mendes, uma filantrópica. É evidente que tínhamos muito mais facilidade para ter acesso, como sempre, para quem está no Sul Maravilha, a certas fontes de financiamento, sobretudo a Fundação Ford e as fundações

MacArthur e Mellon. Por outro lado, era claramente importante que o futuro programa, ainda não se tinha clareza nesse sentido, em Estudos Étnicos e Africanos tivesse que funcionar numa universidade pública. Primeiro, porque as privadas são frequentemente omisas frente ao Governo Federal, então não tinham acesso a certos tipos de apoios. Segundo, porque, no Nordeste, a Bahia tem tido uma importância determinante como *field station*, como estação para trabalho de campo na formação da Antropologia. Ora, me parecia importante colocar em prática alguma coisa do pensamento pós-colonial que, depois, viria a se chamar decolonial, que era agir em lócus, no sul do Sul Global, montar um centro aqui na Bahia. E eu pensava, talvez nisso me iludisse, que Salvador, por composição demográfica, onde nós brancos somos uma pequena minoria, tivesse uma intelectualidade, uma intelligentsia local mais aberta à sua cultura popular. Isso talvez seja uma coisa que eu não tinha calculado. O finado Ubiratan Castro me alertou quando eu falava do ambiente intelectual baiano: “o ambiente intelectual baiano quem o faz é

o CEAO, porque, em si, não existe”. Eu pensava que haveria um maior apoio da elite política e acadêmica baiana a esse evento. Nós tivemos, em Salvador, curiosamente, muito mais apoio fora de Salvador, fora da Bahia, do que dentro da Bahia. Só depois que, na UFBA, conseguimos aos pouquinhos angariar apoio e hoje em dia podemos dizer que, sim, a UFBA nos apoia. E o CEAO tem sido redescoberto pela UFBA como lugar de importância. Mas era evidente que Salvador poderia, ainda pode e deve, transformar-se em uma capital intelectual do Atlântico Negro. E sabemos que o Atlântico Negro é um espaço onde há desigualdade, há lugar de produção de fortes emoções tropicais e há lugar onde se guardam materiais e documentos nos museus arquivos e se escrevem livros. Ninguém vem para Salvador para escrever um livro, a pessoa vem para Salvador fazer pesquisa, cair em transe, emocionar-se, suar. Calor, amor, Salvador, essas coisas. Então, eu queria mostrar que Salvador não precisava ser constantemente tropicalizada, infantilizada, mas que podia se fazer algo sério, divertido, como a Fábrica, que é um momento sério e divertido. As duas coisas não precisam estar em conflito uma com a outra. Por isso, Salvador. E deu certo. O número de candidatos aumentou desde que a gente se mudou para Salvador, a infraestrutura piorou,

porque a UFBA tem uma infraestrutura pobre. Mas o número de candidatos melhorou, aumentou.

Jamile Borges: Eu vou responder à pergunta da professora Patrícia Godinho sobre o futuro desse diálogo entre Estudos Étnicos e Africanos no Pós-Afro, tendo em conta os novos e velhos desafios. E eu vou responder isso já pensando em termos dos deslocamentos que a Fábrica de ideias sofreu em seu processo de itinerância. Nós fizemos, e eu acho que essa foi uma decisão acertadíssima que nós tomamos enquanto coordenação da Fábrica, que foi, a partir de 2015, quando nós realizamos em Lisboa, pela primeira vez, fazer acontecer a Fábrica fora do país. Em verdade, naquele ano, a Fábrica foi realizada em Lisboa por ocasião do XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, cujo tema era “Imaginar e Repensar o Social: Desafios às Ciências Sociais e Humanas nos Espaços de Língua Portuguesa, 25 anos depois”. Mas, na verdade, a partir dali a gente entendeu que era preciso, de fato, ir ao Sul, não apenas produzir um deslocamento teórico, de ir ao Sul da teoria, mas, de fato, ir até onde as pessoas tinham dificuldades de se deslocar, para os grandes centros. A Fábrica historicamente se realizou no Rio de Janeiro, depois muitos anos em Salvador. Mas a verdade é que, com todas as tentati-

vas e possibilidades que a gente oportunizou tentando custear a vinda de estudantes mais pobres, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, para participar das atividades da Fábrica, durante muitos anos isso foi possível de ser feito, de todo modo a gente percebia que grandes estratos da população que tinham interesse no tema, que já estavam estudando ou ao menos tangenciando essa discussão em outras universidades não conseguiam se deslocar, fosse para o Rio de Janeiro, fosse para Salvador. A experiência do Amapá em 2018 foi uma experiência absolutamente extraordinária que nós tivemos. Já tínhamos realizado, então, depois dessa experiência de Lisboa em 2015, no Maranhão em 2017 e em Macapá em 2018. Depois voltamos novamente aqui para Salvador. E é muito interessante perceber que essa experiência que o Amapá vive agora com o apagão e com todas as dificuldades decorrentes desse problema, o absoluto desconhecimento da população, mas também o absoluto desconhecimento do jornalismo, da mídia impressa, da mídia on-line, com relação a essa situação. Tanto um desconhecimento geográfico, geopolítico, mas um total descaso com o Norte do país, o extremo Norte do país. Então, foi muito interessante, porque a gente percebeu naquele momento como era importante assumir aquele desafio,

não foi um desafio fácil, e aqui já estou de algum modo tentando responder essa pergunta da professora Patrícia. O desafio que nós enfrentamos foi mais que um desafio logístico para realizar a Fábrica em Macapá, foi um desafio que está posto neste país, que nós estamos enfrentando, que é um país, hoje, do negacionismo, que tem desqualificado a ciência e as instituições acadêmicas, as instituições de pesquisa, a Fiocruz, o Instituto Butantan, a Fundação Carlos Chagas, as universidades públicas estão sendo absolutamente violentadas em sua autonomia. Então, imaginemos que cursos como esse, cursos que trabalham com temas sensíveis, como é o nosso caso, precisamos reforçar essa frente de batalha. Trabalhos como esses que nós estamos fazendo aqui, assumindo esse Ciclo de *Lives* com todas as dificuldades que estão postas, é também uma estratégia de resistência, é também assumir esse espaço como uma possibilidade de luta, como uma possibilidade de disputa de uma narrativa sobre nosso direito de existir individualmente e coletivamente, o nosso direito de existir enquanto universidade pública, enquanto intelectuais comprometidos com essa causa e comprometidos com as universidades. Então, eu entendo que parte desses desafios que estão postos para os Estudos Étnicos e Africanos neste momento tem a ver não

só com o diálogo entre intelectuais, não apenas com o diálogo entre instituições, mas, sobretudo, como entendimento do que significa sobreviver neste Brasil de hoje, em que nosso ofício está sendo profundamente violentado. Então, agora eu vou voltar à pergunta que foi feita para o professor Antonio Evaldo sobre o desafio nosso em fazer a Fábrica de Ideias no Maranhão. Evaldo, o público gostaria que você falasse dessa experiência do Maranhão, dessa experiência de parceria institucional, mas também dessa experiência formativa, formando uma geração de jovens intelectuais negros e negras que estão aí assumindo esse protagonismo no nosso Maranhão.

Antonio Evaldo: Existe aqui entre nós um antes e depois da Fábrica de Ideias. A Fábrica do Maranhão foi absolutamente maravilhosa, foi uma Fábrica desafiante para a gente. Fizemos como neófitos, porque era a primeira vez no Maranhão. Vamos ter outra Fábrica no Maranhão, se Deus quiser vai dar certo outra Fábrica em nosso estado. Mas foi realmente uma experiência única, na qual a gente conseguiu conectar a Fábrica a uma série de outros projetos que a gente vinha trabalhando. Mas a execução em si, aqui nunca tinha havido no estado uma ação nesses termos, uma intervenção de evento dessa forma. E isso gerou algo que é uma novidade para vocês. Eu tinha falado para

Livio, um ano antes da pandemia, mas está se concretizando, vou dar certeza aqui, mas acho que o pessoal está querendo que o Pós-Afro ofereça um Mestrado ou um Doutorado Interinstitucional aqui no Maranhão. Então, eu tenho a impressão de que no próximo ano nós vamos convidar colegas do Pós-Afro aqui no Maranhão para nos ajudar montar um programa de mestrado ou de doutorado, como reverberação, inclusive, da Fábrica. Um Minter ou um Dinter em Estudos Étnicos e Africanos aqui em nosso estado seria pelas universidades federal e estadual ou, mais provavelmente, pelo IFBA. Então a Fábrica no Maranhão foi uma experiência absolutamente fantástica durante a qual nós conseguimos envolver os professores que estavam aqui, os professores e colegas nossos aqui de vários programas. Aqui no Maranhão, a gente tem uma grande intervenção no programa de políticas públicas da federal do Maranhão e nos programas de pós-graduação em História da UFMA e da estadual. Além disso, a gente vinha realizando cursos de formação de professores e cursos de aperfeiçoamento em relação ao Estudos Étnicos e Africanos, aos Estudos Africanos e Afro-brasileiros. E foi muito interessante, porque nós – acho que você falou, Jamile, e o Livio também – transformamos, tentamos transformar a Fábrica no grand finale, esse é o momento em

que as pessoas precisam acompanhar. E foi muito bom receber a Fábrica em termos de palestras, falas abertas, para o público mais geral. Eu acho que é uma experiência que eu vivenciei em 2006, em Cachoeira, em alguns momentos também na Bahia. Porque a Fábrica também é um colóquio de pesquisa sistematizado. Mas quando ela se abre para o público em geral, ela se torna algo ainda mais interessante ou mais interessante ainda do que já é. Então, acho que o Maranhão teve essa questão, esse desejo de levar um pouco para o público-alvo, e, hoje, nós tivemos a partir da Fábrica, da experiência com os recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) daqui do Maranhão – nós temos uma fundação muito generosa conosco. A partir da Fábrica, alguns dos nossos estudantes – aquilo que o Livio colocava de fazer contatos, a Fábrica é um trampolim para internacionalização – saíram, foram para outros países e já voltaram etc. Algo absolutamente único. Eu acho que alguém perguntou da experiência aqui também. Vou falar um pouco. Aqui nós temos a licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, que é a única licenciatura no país, foi aprovada há cinco anos e a primeira turma saiu ano passado. Para se ter uma ideia, é um curso de licenciatura que forma graduados em Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros. Ademais, aqui o Governo

do Estado tem uma política de todo ano mandar a última turma, no último semestre, os alunos, para um país na África. Foram para Cabo Verde no ano passado, iriam este ano para Moçambique. Mas a pandemia parou, irão próximo ano. Mas a Fábrica trouxe isso para a gente.

Jamile Borges: Nós temos aqui mais duas perguntas que se articulam. Eu vou fazer essa questão para Livio. A questão é sobre essa possibilidade de realização da Fábrica em outros países do continente africano. Há uma pergunta aqui sobre Moçambique, sobre Cabo Verde, há uma outra pergunta sobre a criação de outros centros de Estudos Étnicos e Africanos no país, como se daria essa possibilidade de criação e proliferação de outros centros como o CEAO ou talvez centros que possam incorporar também a questão não apenas da pesquisa, mas do ensino, graduação ou pós-graduação na área dos Estudos Étnicos e Africanos. Então, eu queria, Livio, que você falasse um pouco dessa possibilidade, que já é uma possibilidade quase real da realização da Fábrica ou em Moçambique ou Cabo Verde. Mas também falasse um pouco sobre os nossos últimos anos de experiência e parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) de Guiné-Bissau.

Livio Sansone: Nós temos esse sonho de realização de uma Fábrica em solo

africano, porque os Estudos Africanos são uma parte importante da Fábrica. Há projetos concretos, seja a organização da Fábrica, e o tema está até preparado: "Biografias e libertação", em Moçambique, no aniversário de Eduardo Mondlane, provavelmente em meados de 2022. Neste ano eu estarei por lá, meu sabático. Já estamos angariando os recursos. Neste momento, há um pedido sendo apresentado ao núcleo de excelência Africa Multiple da Universidade de Bayreuth, na Alemanha, então tenho condição de antecipar que a coisa está sendo construída. E há várias possibilidades – Jamile sabe – no INEP, na Guiné Bissau. Nós temos falado o quanto seria interessante organizar uma atividade dessa, mesmo que limitada à África Ocidental, por causa de recursos limitados, e com alguns poucos alunos brasileiros presentes. A mesma coisa com relação a Cabo Verde, algo que quero falar com nosso colega Crisanto Barros, que é o coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de Cabo Verde. Planos não faltam, nem contatos nesses três países. Acabei de receber ontem uma comunicação do nosso colega Muyiwa Falaiye da Universidade de Lagos, propondo-nos um diálogo para construirmos algo como uma Fábrica de Ideias em Lagos, Nigéria. São quatro países já, não é pouco. O problema é que neste

momento as relações Sul-Sul estão sujeitas a um ataque. As relações Sul-Sul, o grande problema é torná-las sustentáveis, e, neste momento, o Sul-Sul está sob ataque. O Governo Bolsonaro, um governo troglodita, na melhor das hipóteses, é um governo que nem sabe o que significa Sul-Sul. Duvido que nosso presidente entenda, deve pensar que é um tipo de sabonete, não sei. E outros países também estão ensimesmados como a Índia e a própria África do Sul. São países hoje sujeitos a grandes limitações, mas nós não vamos desistir, estamos no meio da luta, e essa proposta de Maputo é já algo concreto, esperamos conseguir. Para finalizar, neste momento de pandemia e de um novo normal que se antecipa, anunciando-se como algo que veio para ficar, ainda não sabemos bem o formato da próxima Fábrica de Ideias que será virtual. Estamos elaborando e pensando em como criar um protótipo de um curso avançado à distância em nível de pós-graduação, um curso intensivo. É um grande desafio também ter a presença de colegas asiáticos. Neste momento, o avião talvez não seja o mais importante aliado da perspectiva Sul-Sul. Vamos ver se virtualmente conseguimos resistir neste momento difícil. Respondendo à pergunta que vi no chat: nós formamos muitos alunos, são centenas. Contamos com uma faixa de mil alunos que

participaram da Fábrica até então. E no campo dos Estudos Étnicos e Africanos, a grande maioria dos professores entre 40 e 55 anos já foram alunos da Fábrica no Brasil. E no continente africano, especialmente nos países lusófonos, nós tivemos em Moçambique importantes nomes, Patrício Langa, Sandra Manuel, Carlos Fernandes, vários colegas homens e mulheres que agora já são professores bastante consolidados. Entre eles temos quadros da ARPAC – Instituto de Investigação Sócio-Cultural, que é o Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (IPHAN), por assim dizer, de Moçambique e do Arquivo Histórico de Moçambique. Nós temos uma rede. Eu sei que quando eu vou para Moçambique, há vários ex-alunos que vêm me buscar no aeroporto e me levam para tomar cerveja e conversar sobre projetos. Essa rede nós temos.

Jamile Borges: A gente já está quase caminhando para encerrar essas partes das questões, a gente tem ainda um pequeno vídeo que gostaríamos de exibir para vocês. Mas, antes de passar a exibição do vídeo, eu queria falar um pouco sobre essa experiência da criação de outros centros. Obviamente quem acompanha a lista tanto do site da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras quanto do conjunto de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros, que são os NEAB no Brasil

inteiro, a gente vê que há uma proliferação, um grande aumento de centros e investigadores tratando desse tema. Muitos deles e delas seguramente foram ou são estudantes do Pós-Afro e, também, passaram pela Fábrica de Ideias. Eu lembro aqui rapidamente de pelo menos três ou quatro pessoas que ocuparam ou ocupam ainda hoje espaços de gestão municipal, estadual, gerindo centros de cultura, gerindo institutos de patrimônio, espaços de fundação cultural. Portanto, esse é o desafio que tem se colocado para o Pós-Afro, como um programa pioneiro no Brasil, tanto quanto para Fábrica de Ideias, essa escola de altos estudos, absolutamente, inovadora. Então, eu já quero de antemão agradecer, mas peço a vocês que acompanhem o pequeno vídeo que vamos apresentar agora. Uma espécie de panorama do que tem sido esses anos da Fábrica de Ideias e do Pós-Afro. E depois passaremos para as considerações finais.

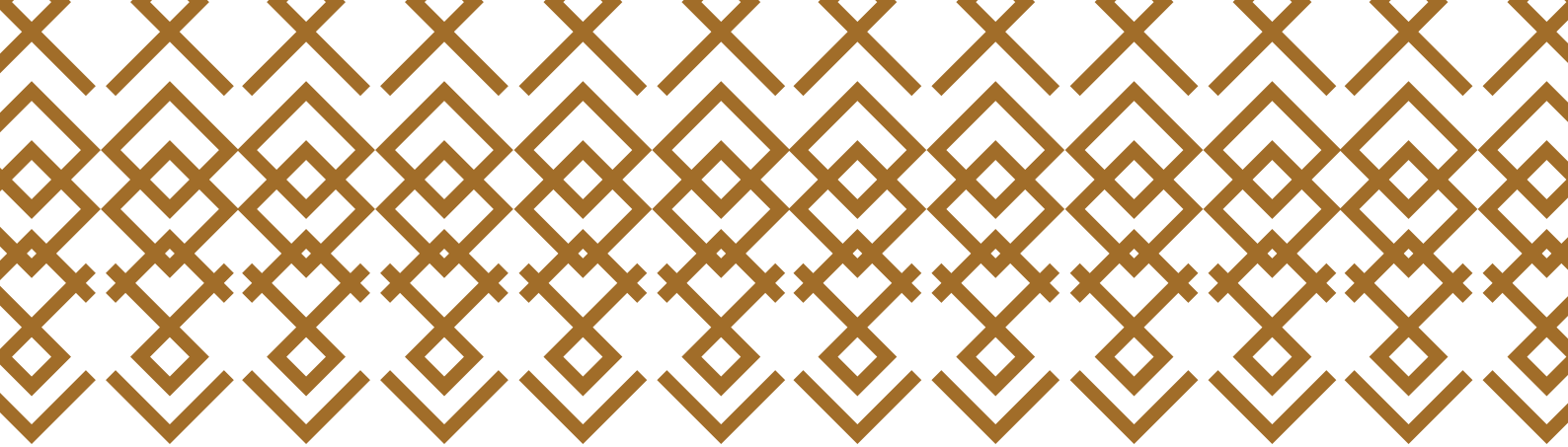
Antonio Evaldo: Livio, Jamile, obrigado pela mediação. Experiência maravilhosa estar aqui com vocês. Sempre bom demais estar com os amigos baianos, aqui do Maranhão. Agora, pela primeira vez, vai ter um voo São Luís - Salvador. Não existia, nunca existiu. Na verdade, não tem nem linha de ônibus São Luís - Salvador, por motivos que nós podemos até

entender. Tem linhas de ônibus para todo lugar das capitais do Nordeste. As únicas capitais que não são interligadas são São Luís e Salvador. Mas agora vai ter um voo. Isso diz alguma coisa para a gente, acho que vocês conseguem entender isso, as duas capitais mais negras do Brasil. Acho que a Fábrica é isso o que a gente falou, e estamos aqui para contribuir, para colaborar. Estamos, na verdade, dando uma continuidade. Eu só tenho a agradecer. Muito obrigado a todos.

Jamile Borges: Eu também quero agradecer a essa audiência, a possibilidade de reencontrar com os amigos. Meu colega, meu amigo Evaldo, ainda que à distância. Nossos colegas, nossos amigos, professor Cláudio Furtado, Renato Lemos, de Recife, Pernambuco, onde também temos vários parceiros, o professor Antônio Motta, nosso colega Charles Martins. Então, quero agradecer a essa audiência, ao professor Felipe Fernandes,

meu vice coordenador do Pós-Afro, aos professores e estudantes que estiveram presentes e dizer que fiquem atentos e atentas às próximas *lives*, porque, sem dúvida, vai ser um momento de grande aprendizado e é um momento para reafirmar a importância desse programa e a importância da Fábrica de Ideias. Um abraço e até breve.

Livio Sansone: Eu só quero mandar um abraço para todos vocês, um abraço forte, dizer que é muito bonito estarmos juntos e estou esperançoso que essa Fábrica virtual, que estamos querendo realizar em maio, seja tão legal como experiência humana, além de acadêmica, como as outras. E este tira-gosto, apresentado neste Ciclo de *Lives*, já se antecipa bem e estaremos todos juntos na próxima live com o professor Omar Thomaz, em seguida com o professor Zamparoni, e por aí vai. Estamos juntos e a luta continua. Muito obrigado.



Referências

BARRETO, Paula Cristina da Silva; RIOS, Flávia; NEVES, Paulo Sérgio da Costa; SANTOS, Dyane Brito Reis. A produção das ciências sociais sobre as relações raciais no Brasil entre 2012 e 2019. **BIB**, n. 94, p. 1 35, 2021. http://anpocs.com/images/BIB/n94/Bib94_Paula1.pdf.

BARROS, Antonio Evaldo A. **As faces de John Dube: memória, história e nação na África do Sul**. Curitiba: CRV, 2016.

GOMES, Nilma Lino; OLIVEIRA, Fernanda Silva; SOUZA, Kelly Cristina Cândida. Diversidade étnico-racial e trajetórias docentes: um estudo etnográfico em escolas públicas. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; THOMAZ, Omar Ribeiro. Prefácio: por um dicionário reflexivo e em constante construção. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Claudio Alves (orgs.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: Edufba, 2014, p. 7 23.


THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.



CAPÍTULO 2:

**A PANDEMIA E A LÍNGUA DO MUNDO
BOLSONARISTA**

Omar Ribeiro Thomaz



CAPÍTULO 2: A PANDEMIA E A LINGUAGEM DO MUNDO BOLSONARISTA

Omar Ribeiro Thomaz

Ontem, quando inaugurou o Salão do Automóvel em Berlim e discursou a respeito do crescimento econômico e dos “erros e crimes” do governo anterior, ficou claro para mim o princípio básico de toda a linguagem do Terceiro Reich, seu tom temerário: defender-se, vangloriar-se, acusar. Nunca um momento de depoimento sereno.

Victor Klemperer, 19 de fevereiro de 1938

I

Uma das marcas do atual governo de Jair Messias Bolsonaro é o tom do próprio presidente. Entre termos e palavras que se repetem desde o início do seu mandato (alguns dos quais enfrentaremos neste texto), um mesmo tom, que alguns comentaristas definem como sendo o de uma campanha eleitoral, se impõe. Mas Bolsonaro não fala como se estivesse em campanha eleitoral. Na verdade, durante a corrida presidencial, Bolsonaro fez valer o mesmo tom e a mesma linguagem que o acompanham há décadas: um tom bélico e ameaçador, uma linguagem grosseira, chula e, francamente, miserável.

Este texto é o resultado preliminar de uma pesquisa em andamento. A impossibilidade de apresentar algo mais sistemático ou

conclusivo diz respeito à dinâmica do universo que pretende enfrentar: o “mundo bolsonarista”¹ diante da pandemia a partir de sua linguagem.² A forma como venho pensando a linguagem mobilizada por Bolsonaro e seu “mundo” em meio à pandemia é resultado do grande desalento que se abateu sobre mim e sobre boa parte do meu universo de relações quando da eleição de Bolsonaro em 2018.³ Naquela altura, não víamos na sua eleição e posse nada que se aproximasse a uma alternância no poder, pois era evidente que o presidente eleito e seu mundo rompiam explicitamente com compromissos e valores democráticos expressos na constituição de 1988.

Antes do desalento, veio o susto. Estudos sobre o que seria uma “nova direita” no Brasil não são novidade e remontam ao período da democratização – lembremos o texto clássico de Antônio Flávio Pierucci (1987) –, mas a capacidade de mobilização de um eleitorado significativo por parte de um sujeito francamente medíocre como Bolsonaro havia escapado à previsão dos *experts*.⁴ Antropólogas como Rosana Pinheiro-Machado e Isabela Kalil haviam chamado a atenção para uma movimentação nova que ganhava corpo em grupos significativos de pessoas que passaram a gritar “mito, mito, mito” diante da passagem de Bolsonaro nos anos que antecederam as eleições,⁵ da mesma forma que Rolando de Almeida há tempos apontava para a dinâmica e para o potencial de um eleitorado evangélico e francamente conservador.⁶ Julho de 2013 passa a ser lido como uma clivagem que favoreceu a crescente apropriação da rua por



Destaco aqui que “mundo bolsonarista” não corresponde aos eleitores de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Não cabe neste texto explorar os seus contornos, necessariamente cambiantes, mas explicitar que se trata de um mundo de sentido que incorpora os que se definem como “bolsonaristas raiz” espalhados por todo o espectro social, entre empresários do agronegócio e do setor varejista, jornalistas e influenciadores com certa visibilidade no mundo virtual e, certamente, formado por grupos armados, entre militares, policiais civis e militares, profissionais da segurança privada e milícias. Se alguns políticos profissionais compartilham deste mesmo mundo de sentido, outros são claramente oportunistas tendo se incorporado ao que podemos chamar de “onda bolsonarista”. Um número restrito de intelectuais geralmente associado ao campo “conservador” e que na última década se encantou com a figura circense de Olavo de Carvalho aderiu a este “mundo de sentido” que passou a tentar explicar e defender.



Neste texto, e consciente de que se trata de uma lacuna, não enfrento a linguagem bíblica mobilizada constantemente por Bolsonaro e seu mundo.



Entre o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Roussef em 2016 e as eleições presidenciais de 2018, uma clivagem dramática e inédita afetou grupos de amigos e famílias no Brasil, opondo os que estariam de um lado ou outro da contenda. No meu caso não foi diferente, mas devo reconhecer que meu universo afetivo se mostrou bastante homogêneo em termos políticos e, com algumas raras exceções, boa parte de amigos e familiares manifestou horror ao processo eleitoral que culminou na vitória de Jair Bolsonaro.



parte de movimentos associados a uma agenda hiperconservadora nos costumes e superliberal na economia.⁷ Por fim, a agitação na caserna não passa inadvertida pelo menos desde que a alta cúpula militar manifesta seu repúdio aos trabalhos da Comissão de Verdade impulsionados pelo governo Dilma.⁸ Trata-se da mesma elite militar que apelava com frequência para o estado de exceção como estratégia de combate ao crime organizado no Rio de Janeiro e que celebrou a atuação desastrosa e criminosa do exército brasileiro no Haiti.⁹

O grosso dos cientistas sociais olhava com desdém para Bolsonaro, figura que corria por fora dos grandes partidos políticos (mas era parte integrante do sistema partidário), durante três décadas manteve uma pauta corporativa e, nos últimos anos, animava um certo público e jornalistas com seu deboche violento das conquistas democráticas. Diante da crescente afirmação de Bolsonaro na extrema-direita, de sua aproximação aos militares e à figura de Paulo Guedes e de sua evidente agenda conservadora (homófoba, machista e violenta) e anticonstitucional (anti-indígena, antiquilombola e racista), um mantra se impôs: as instituições estariam em pleno funcionamento.¹⁰ A eleição de Bolsonaro em 2018, em meio a ameaças de todo o tipo, a uma clara simbologia bélica e armamentista e a incorporação do paladino da lava-a-jato, o ex-juiz Sérgio Moro, revelou que há muito as instituições pareciam ter desmoronado. O voto em Bolsonaro, longe de ser fruto de um claro eleitorado bolsonarista, foi consequência



Boa parte dos especialistas em eleições, entre cientistas políticos, sociólogos e historiadores, insistiram, mesmo diante do evidente crescimento de intenção de voto em Jair Bolsonaro, na possibilidade improvável do político “nanico” superar o primeiro turno das eleições. Esta leitura, que se mostrou equivocada, tinha como base ora sofisticadas análises do “sistema político brasileiro”, ora um profundo conhecimento da história da formação deste mesmo sistema. Com relação à primeira leitura, podemos dizer que Bolsonaro, “nanico” ou não, fazia parte do sistema; com relação à segunda, as saídas têm sido pensar a eleição de Bolsonaro como uma ruptura em meio sua inserção numa virada autoritária vista em países tão distantes como Hungria, Polônia, Turquia, Rússia, Índia e Filipinas (me parece a mais adequada); ou conecta-la com uma espécie de eterno retorno a-histórico a nossas “raízes” conservadoras, e aqui não faltam textos que conectam as eleições de 2018 com a ditadura militar, o integralismo e mesmo com o escravismo. O desafio talvez seja o de construir uma leitura que incorpore todos estes movimentos.



Rosana-Pinheiro Machado tem um extenso trabalho que combina pesquisa acadêmica e intervenção pública com rara maestria. Destaque-se o fato de acompanhar etnograficamente ao longo de anos jovens de uma comunidade em Porto Alegre, o que lhe permitiu perceber suas mudanças no que se refere à participação política e a tudo aquilo que diz respeito ao poder e aos poderosos. Cf. Pinheiro-Machado e Scalco (2020); Pinheiro-Machado e Freixo (2019); Pinheiro-Machado (2017); Kalil (2018); Kalil et al. (2018).



Fazendo uma rara combinação entre métodos quantitativos e qualitativos, Ronaldo Almeida vem acompanhado há anos anos

de uma aliança que podemos denominar de ralé e responsável pela visibilização de um “mundo bolsonarista”, um mundo que produz sentido e que inventa uma língua miserável.¹¹

II

Termos e expressões próprios do “mundo bolsonarista” foram particularmente mobilizados no período eleitoral. Nas crises sucederam a posse de Bolsonaro, entre aquelas diretamente produzidas pelo chefe de Estado ou consequência do projeto que representa, como as queimadas na Amazônia e no Pantanal, termos e expressões deste mundo ganham especial intensidade. Nos discursos do presidente, nas redes sociais e na voz de um exército de jornalistas que dizem representar uma alternativa ao que chamam de “mídia hegemônica”, a lógica do inimigo impera. Ao contrário do que esperavam alguns – uma espécie de “Bolsonaro paz e amor”, exigência do próprio exercício do poder – o tom bélico de Bolsonaro se exacerba após a posse, e o presidente deixa claro, em seus próprios termos, seu propósito destruidor.

No início da pandemia, não foi particularmente diferente. Da mesma forma que durante a crise ambiental de 2019, o primeiro movimento é o de negação que se combina rapidamente com a desqualificação de qualquer tipo de diagnóstico, de indicador, de dado ou qualquer alerta profissional. Mas a pandemia revelou, mais do que nunca, uma das características do governo Bolsonaro e de parte do mundo que o cerca: uma certa excitação diante da

a dinâmica do famoso “voto evangélico” (Cito aqui apenas alguns textos decisivos que interpelam diretamente a eleição de Bolsonaro em 2018: ALMEIDA, 2020; 2019).



Para além dos textos já citados de Isabela Kalil, remeto ao artigo da socióloga Angela Alonso (2017).



Mais uma vez, é antropologia que se destaca no acompanhamento da movimentação na caserna nos últimos. Com uma obra extensa sobre os militares, remeto ao recente artigo de Piero Lairner (2020).



A lambança violenta que caracterizou a desastrosa e em grande medida desconhecida (não pelos haitianos) intervenção brasileira no Haiti é objeto de um trabalho em andamento, cuja primeira versão foi discutida em 2020 junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e ao Departamento de Antropologia da Universidade de Barcelona, com o título provisório de “O terremoto do Haiti, dez anos depois (a partir do Brasil): do governo do desastre ao desastre como governo”.



Bolsonaro se aproxima ainda da exigua e francamente circense militância monárquica, e Luiz Philippe Maria José Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, alias, Dom Luiz, deputado federal e sobrinho de um dos pretendentes ao trono brasileiro, pertencente a ala ultraconservadora católica da família imperial (sic), foi cogitado para ser seu vice.



Não cabe aqui uma discussão detida do sentido do termo “ralé” para a pensadora Hannah Arendt. Parece-me, contudo, instigante esta formulação para pensar a aliança (nefasta) entre extratos de todas as classes sociais no voto a uma figura medíocre como

destruição. A pandemia não atemorizou este mundo, muito pelo contrário, a pandemia o estimulou. Como percebemos este estímulo? Fundamentalmente na linguagem, escancarada pela própria pandemia: um universo de sentido brutalizado e medíocre, que se expressa nas falas cotidianas de Bolsonaro e nos discursos daqueles que se aproximam da figura do presidente da república.

Seu caráter francamente autoritário e sua dinâmica agressiva cotidiana ficam evidentes quando pensamos em clássicos que destacaram o lugar da linguagem na própria construção do regime totalitário. A obra que nos estimula aqui é a do filólogo judeu-alemão Victor Klemperer (2009 [1947]), pioneiro nas reflexões sobre as relações entre linguagem e os processos que presidem a formação e manutenção de regimes autoritários, ao lado de autores como Hannah Arendt¹², Primo Levi¹³ e George Orwell¹⁴, para referir-me apenas a alguns. Filho de um rabino liberal, Victor Klemperer nasceu no ano de 1881 em Landsberg, sudoeste da Baviera, num meio de notáveis intelectuais judeus.¹⁵ Ainda criança, sua família se estabelece em Berlim, onde se dá sua primeira formação. Em 1903, se converte ao luteranismo como parte de um processo que associa a sua plena incorporação à Alemanha. Estudioso de filologia latina e germânica, casa-se em 1906 com a pianista alemã Eva Schlemmer. Estes três elementos biográficos são cruciais para a compreensão da obra e do destino de Victor Klemperer: sua relação com a Alemanha (e com a língua alemã), sua formação em literatura latina (converte-se numa referência fundamental para a história da literatura francesa)

Bolsonaro em meio a uma clara percepção de colapso dos sistema partidário (e não só). Jovens fartos da violência na zona oeste do Rio de Janeiro, evangélicos e carolas convencidos da existência da “mamadeira de piroca”, a fina flor da alta burguesia paulistana frequentadora da Praça Vilaboin em São Paulo, ultraconservadores católicos e monarquistas, empresários representados em associações patronais, representantes do agronegócio e, por fim, todos aqueles que afirmavam que a única urgência era a derrota do Partido dos Trabalhadores: todos se uniram no voto a Bolsonaro, dando corporalidade à ralé nas eleições de 2018 (cf. ARENDT, 1990 [1951], p. 376ss).



São muitos os trechos de *As origens do totalitarismo* que Hannah Arendt dedica à linguagem como parte central do arcabouço totalitário, particularmente quando enfrenta a propaganda, os slogans, os apelos conspiracionistas e a mentira (ARENDT, 1990, p. 390ss).



O trabalho de Primo Levi é incontornável quando enfrentamos o processo de brutalização da língua alemã que implicou o nazismo, particularmente sua simplificação e sonorização nos campos de concentração. Para além de seu clássico *É isso um homem* (1988 [1947]), destaco as reflexões sobre a linguagem em *Os afogados e os sobreviventes*, quando inclusive comenta a obra de Victor Klemperer sobre a linguagem do terceiro reich (cf. LEVI, 1990 [1986], p. 78-79).



O sucesso do romance de George Orwell 1984 com sua “novilíngua” fizeram com que muitos enfatizassem seu caráter precursor nas análises das linguagens autoritárias. Ora, Victor Klem-

e seu casamento com uma mulher que, ao contrário dele, é definida como “ariana” a partir da ascensão de Hitler ao poder. Se sua relação com a Alemanha e com a língua alemã explicam suas sucessivas decisões de permanecer no país mesmo com a progressiva apropriação do nazismo de todas as esferas institucionais, legais e sociais do país (até o momento em que ele já não tem a possibilidade de fuga), é o casamento com Eva que garante sua sobrevivência. Victor Klemperer fez parte daquele pequeno grupo de homens judeus alemães que não foram abandonados por suas mulheres arianas e, assim, sobreviveram à deportação e ao extermínio – mas sofreram o dia a dia de ser judeu na Alemanha nazista.¹⁶

Impedido em 1935 de seguir com a docência na Universidade Técnica de Dresden, onde era professor-titular desde 1920, e sem a possibilidade de ter acesso às bibliotecas como consequência da legislação antissemita, Victor Klemperer dedica ao seu diário boa parte da sua energia. Destaque-se que Victor Klemperer era um escritor de diários desde sua juventude, em fins do século XIX: o diário aqui é um gênero literário, um ofício exercido com maestria, longe de um passatempo, de qualquer forma de diletantismo ou de uma fuga do cotidiano. É só assim que conseguimos compreender a potência dos diários de Victor Klemperer, um documento único sobre o cotidiano na Alemanha nazista, sobre a vida de um judeu ao longo do período que vai da ascensão do nazismo ao poder ao fim da guerra em 1945, e sobre como foram vividos os bombardeios que culminaram na destruição quase que total da cidade de Dresden.

perer reflete exaustivamente em seus diários desde 1933 sobre a invenção de uma nova linguagem correspondente à brutalização em curso e define este corpo (ironicamente) como LTI – *Lingua Tertii Imperi* ainda em seus diários em 1938 (cf. ORWELL, 1980 [1949]).



Sobre a trajetória de Victor Klemperer, para além dos inúmeros trechos em seu diário nos quais fala de sua juventude e de sua formação, ver Aubry e Turpin (2012, p. 11-12), Oelsner (2009a, 2009b) e Bartov (1998, p. 34).



Deste grupo faria parte também as mulheres de origem judia que não foram abandonadas por seus maridos arianos, como a esposa de Karl Jaspers, Gertrud Meyer. O divórcio, neste caso, levaria inevitavelmente à deportação.



Seu volume clássico sobre a linguagem do terceiro reich, publicado em 1947, reproduz trechos inteiros de seu diário. Já em 1938, Victor Klemperer definira as expressões e os novos sentidos das palavras como *LTI – Lingua Tertii Imperii*, ironizando o fascínio dos nazistas por siglas, em particular aquelas que se apropriavam de termos não alemães. Rer a obra de Victor Klemperer no momento atual que vivemos no Brasil é assustador, e comparar Bolsonaro com o líder nazista e seu mundo com aquele mundo que cercou Hitler até o fim da guerra não é, de forma alguma, desproposita. A comparação é necessária justamente para deter o autoritarismo que se anuncia sem pudor.

O estudioso da linguagem George Steiner, em seu comentário sobre a obra de Victor Klemperer, lembra:

A linguagem [nazista] deixa de estimular o pensamento, apenas o confunde. Em vez de carregar cada expressão com a maior energia e ausência de rodeios disponível, afrouxa e dispersa a intensidade do sentimento. A linguagem deixa de ser uma aventura (e uma linguagem viva é a maior aventura de que o cérebro humano é capaz). Em suma, a linguagem não é mais vivida, ela é apenas falada. (STEINER, 1988, p. 134 apud OELSNER, 2009a, p. 25)

Nada mais acertado para pensar a linguagem bolsonarista, escrachada desde o início da pandemia: não estimula o pensamento, apenas o confunde, sem o menor compromisso com a verdade; uma linguagem que não apresenta nenhuma aventura que não seja sua própria excitação; não tem sofisticação, é absolutamente previsível, não inventa (quase) nada, pois não é uma linguagem vivida, mas exclusivamente falada.

III

Como forma de prefácio do *LTI*, Victor Klemperer destaca distorção necessária do sentido do heroísmo para que o nazismo fosse possível. Em sua origem, lembra Klemperer, o herói é quem luta pelo bem da humanidade. Personagens heroicas encarnam sentidos morais elevados, promovem lutas que valem a pena. A história tem heróis que lutam pelo bem comum, que lutam por direitos, por um mundo que pode ser melhor para todos. A vida de Klemperer foi marcada pelo heroísmo de sua esposa, Eva, que supor-

tou ameaças, humilhações e privações, e não o abandonou. Não fosse uma heroína do cotidiano, teria se divorciado e se livrado das privações das casas onde os pouco judeus não deportados foram confinados.¹⁷ A máquina mortífera nazista, sua guerra de conquista, não tinha nada de heroica, como queria fazer crer a *LTI*. A destruição do sentido do heroísmo tinha como propósito transformar em heróis aqueles que promoveram a morte e a destruição.

Sem medo podemos dizer que o heroísmo cercou a trajetória de alguns personagens que encarnaram a luta por direitos no Brasil contemporâneo. Marielle Franco foi uma heroína, como também Chico Mendes e como é Raôni: lutaram e lutam por direitos daqueles que foram jogados para as margens da história do país, mas que a retomam por meio da pluralidade de histórias. Marielle Franco desempenha um papel especial: atuou, heroicamente, contra o mundo que Bolsonaro e seu círculo familiar representam. Marielle lutou pela vida, pela dignidade e pelos direitos das populações negras e faveladas da cidade do Rio de Janeiro, e carregava em seu corpo e em sua história as marcas das lutas que passam por afirmações identitárias, negra, mulher, lésbica e favelada. Seu assassinato por milicianos próximos a Bolsonaro poucos meses antes do início da campanha eleitoral revelou a heroína que foi para o Brasil e para o mundo, e nos assustou a todos diante do porvir: o mundo bolsonarista expressou desprezo por Marielle Franco, suspeitou de sua luta, procurou macular sua trajetória e debochou de sua morte.

Este mundo procurava aproximar a figura de Bolsonaro do heroísmo. Ora, como pode ser herói alguém



No território alemão não houve guetos como em boa parte dos países Europa Oriental e Meridional ocupados. Um número ínfimo de judeus consegue evitar a deportação falsificando documentos, confundindo-se com a população dita ariana ou escondendo-se. Outros tantos garantem sua sobrevivência fazendo valer até o limite do possível a proteção de algum passaporte, alguma honraria ou por meio do casamento misto. Boa parte destes foi confinada em casas definidas como “casa de judeus”, verdadeiros cortiços submetidos à vigilância, à violência e pilhagem constantes, bem como a progressiva privação de bens, acesso à alimentação e toda sorte de sofrimento e humilhação. Victor Klemperer e sua esposa, Eva, perderam sua casa e por anos permaneceram confinados numa das “casas de judeus” de Dresden; Klemperer, como judeu portador da estrela de David, tinha seu cotidiano pautado por restrições de circulação.



que efetivamente nunca fez *nada*? Suas quase três décadas em diferentes esferas do legislativo foram marcadas por uma pauta corporativa e medíocre, pelo desprezo sistemático à morte (dos outros), pelo deboche grosseiro diante das demandas de populações negras, LGBTQs e indígenas e das conquistas das mulheres e pela evidente aproximação com o mundo miliciano que aterrorizava boa parte da cidade do Rio de Janeiro. Sua crescente visibilidade foi garantida por falas agressivas e histriônicas em espaços legislativos e em programas de entrevistas e de humor de subcelebridades. É em meio a este processo que Bolsonaro começa a ser saudado como “mito” por um número crescente de apoiadores.

Os mitos gregos, como bem lembra Jean-Pierre Vernant (2001, p. 229), são narrativas sobre deuses e heróis que, de alguma forma, se aproximam da religião. Fábulas, rituais, crenças... os mitos nos falam tanto de sentidos morais elevados, como de paixões mundanas, nos contam histórias de deuses imortais, ou heróis cujas histórias traduzem grandes feitos. O herói contemporâneo se aproxima de um mito quando sua figura parece transbordar a sua própria história. Parafraseando Lévi-Strauss (2008 [1958], p. 225) quando afirma que a Revolução Francesa transborda de sentido e, assim, se distancia da história e se aproxima do transtempo do mito, podemos dizer que Marielle se aproxima de uma heroína mitológica: sua atuação transcende sua trajetória individual, e seu assassinato, foi vivido como uma tragédia, com parte da população expressando a dor da perda de Norte a Sul do Brasil.

Uma das operações em curso pela linguagem bolsonarista foi a de tentar esvaziar de sentido a palavra “mito”: Bolsonaro não tem história, sua trajetória é medíocre e a fachada que sofreu no dia 6 de setembro de 2018 nunca transcendeu o universo “bolsonarismo raiz” e teve como consequência sua ausência nos debates políticos eleitorais, o que para muitos, em função de suas evidentes limitações, foi um dos fatores a contribuir para sua eleição. O assassinato de Marielle Franco é parte da construção de um mito, e não gritos “mito, mito, mito” que esvaziam o termo de significado.

IV

Bolsonaro gosta de se afirmar antissistema. Nas eleições de 2018 era comum o eleitor de Bolsonaro afirmar que estava votando “contra tudo que está aí” e, desde sua posse, diante das críticas a sua inoperância, que vêm de todos os lados, é

recorrente sua afirmação de que luta contra o “sistema” – nele o acompanham parte dos seus ministros, não todos: se Paulo Guedes, que começou como superministro, justifica sua falta de ação como consequência do “sistema”, Teresa Cristina, ministra da agricultura, parece muito satisfeita no que diz respeito ao agronegócio, e seus problemas costumam vir do próprio governo, e não do “sistema”.

Victor Klemperer dedica um de capítulos da *LTI* à noção de “sistema” operacionalizada pelos nazistas. O espectador desavisado poderia pensar que a luta anunciada contra o “sistema” pelos nacional-socialistas não era outra que aquela contra a herança de Weimer, o sistema constitucional. De por si, o caráter anticonstitucional de um governo que se elege justamente pelos termos da constituição, deveria ser aterrador. Mas Klemperer vai além, e lembra o sentido abstrato da noção de sistema: com Kant, defende que sistema é uma “rede de conceitos entrelaçados de maneira lógica, visando captar a complexidade do mundo” (KLEMPERER, 2009, p. 170). Sistema é, enfim, pensamento, e o propósito antissistema dos nazistas era o de justamente destruir o pensamento.

A luta contra o pensamento por parte de Bolsonaro e seu mundo é evidente, em seus ataques constantes ao simples bom senso e a instituições como as universidades, em suas tentativas de falsificação de indicadores, no deboche diante da história e em negacionismos de toda a ordem – nega a violência da escravidão, nega o racismo, nega a ilegalidade da intervenção militar e nega a própria pandemia. Sua aliança com o pensamento conservador é real mas, como qualquer aliança, é conjuntural – como o foi sua suposta aliança com o neoliberalismo de Paulo Guedes. Bolsonaro é antipensamento porque não tem pensamento, não há um sistema a ser desvendado atrás de suas palavras. E quando o pensador que afirma proximidade com Bolsonaro ganha visibilidade nas redes sociais, não é pela aventura do pensar, mas pelos palavrões e por suas obsessões com determinadas partes anatômicas do corpo humano.

Sua gana destruidora se alimenta e alimenta ressentimentos. O livro que afirma ler é o de um torturador, o mesmo que homenageou publicamente no funesto dia do golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff – homenagem que, se as instituições estivessem em funcionamento, deveria ter tido como consequência a voz de prisão. Seus seguidores e membros de seu governo têm uma performance risível, como aquela

de Paulo Guedes que, procurando impressionar o chefe, afirma em reunião ministerial, da forma chula que lhe é característica, que leu Keynes oito vezes “no original”. Tudo seria apenas cômico se não se tratasse de um governo e seria mais risível se não tivéssemos uma pandemia no meio do caminho.

V

Em seus diários, Victor Klemperer destaca as ofensas cotidianas que sofrem os judeus na Alemanha nazista. Pouco a pouco vai ganhando figura a ideia de “o judeu” como aquele com quem ninguém deve se identificar. É a crescente falta de empatia com “o judeu” que permite sua progressiva perda de direitos, a promoção de sua migração forçada, sua identificação pública por meio da estrela de David, seu confinamento, sua deportação e, por fim, seu extermínio. É necessário um processo de desidentificação, na feliz expressão do pensador holandês Abram de Swaan, para instaurar a indiferença diante da morte alheia (SWAAN, 2016, p. 126).

Desde o início da pandemia Bolsonaro e seu mundo promovem a desidentificação entre aqueles que devem sobreviver e aqueles que podem morrer, entre os que vivem e os que morrem. O primeiro termo a ganhar imensa difusão no mês 1 da pandemia no Brasil foi “hipocrisia”. Tudo que dizia respeito à ideia de solidariedade, compaixão, mobilização ou ajuda passou a ser definido como hipocrisia. Na linguagem bolsonarista não existe afeto, cumplicidade, empatia ou compaixão, pelo menos em sua dimensão pública: afeto, cumplicidade, empatia ou compaixão seriam comportamentos objeto de escárnio e fundamentalmente hipócritas. A vida social do mundo bolsonarista é aquela de uma leitura banal hobbesiana.

É essa falta de empatia que permite o presidente falar “e daí?” diante da pergunta de um jornalista sobre as mortes provocadas no início da pandemia. O que em outro contexto poderia levar a uma franca ruptura entre o governante e a sociedade, provocou furor nas redes sociais bolsonaristas. Da mesma forma, diante das mortes Jair Bolsonaro não titubeou em afirmar “eu não sou coveiro”, uma evidente ruptura com a própria ideia de comunidade ou vida social. Afinal de contas, quem é o coveiro, senão aquele que garante justamente a reinserção daquele indivíduo que nos deixa no próprio mundo comunitário? Quem é o coveiro, senão aquela personagem que garante a vida social, que garante a vida comunitária? “E daí?” e “não sou coveiro”

são expressões que traduzem a desidentificação com aqueles que morrem, e que seriam reintegrados na vida social por meio dos rituais que supõem os enterramentos, e com aqueles que perderam seus seres queridos e sobrevivem à morte por meio da vivência do luto.

VI

A linguagem bolsonarista não é nova ou original. Como a *LTI*, é marcada pela pobreza, é monótona e vocífera, da mesma maneira que seu líder no parquinho que improvisou no cercadinho na saída do Palácio da Alvorada. Neste contexto, Bolsonaro é feliz e se deleita como se estivesse num churrasco de domingo com sua turma. Ele só quer aprovação, não admite questionamentos de uma imprensa que não o celebre, não é capaz de resistir a um debate que não se traduza em insultos ou palavras de ordem.

O medo diante da pandemia é traduzido numa linguagem chula, em que o sujeito do medo não tem acolhimento mas é acusado de “maricas”, e as vítimas potenciais da pandemia ameaçadas de um abandono programático. Idosos, obesos, cardíacos, todos parecem ser o oposto do homem bolsonarista: esportista e viril. E o homem bolsonarista é também branco: indígenas, mulheres, negros, quilombolas, LGBTQs seriam objeto de chacota. A única opção das minorias no miserável mundo de Bolsonaro é assumirem seu lugar na escolinha do professor Raimundo que, de programa cômico de comicidade duvidosa, foi transformado em forma de governo.¹⁸

A política é demonizada, e as demandas por direitos



O programa Escolinha do Professor Raimundo foi, durante anos, emitido pela Globo, tinha como humorista-chefe Chico Anísio e consagrava na forma de um humor duvidoso que consiste em assédio constante a grupos como negros, gays, indígenas, gordos, judeus, anões etc. Em contraposição a esta tradição que vem sendo fortemente combatida por setores da sociedade civil (afinal de contas, assédio não tem graça), há humoristas que se filiam a outra tradição, aquela que justamente revela a comicidade dos poderosos e que alia humor a coragem. Estes o mundo bolsonarista detesta e ataca, pois nada no bolsonarismo encarna a verdadeira coragem.



das minorias reduzidas ao que Bolsonaro e seu mundo chamam de “mimimi”. Entre as poucas palavras cujo significado deturpa e empobrece, “mimimi” talvez seja a única inventada pelo mundo bolsonarista. Faz sentido: é um mundo incapaz de perceber a riqueza da vida social. O próprio Bolsonaro parece ter clareza de sua limitação, quando afirmou, num de seus momentos de fúria: “Eu não tenho nada. Não tenho biografia”.

DEBATE

Vanessa Cavalcanti: Agradecimentos, Omar. Não estaríamos justamente, através da língua e das linguagens, homogeneizando e padronizando expressões e conceitos? Não teríamos que enfrentar não apenas os bolsonaristas mas todo o mundo ativado pela experiência pandêmica? Seria interessante recuperar a ideia de “circularidade hermenêutica”? – penso em Carlo Ginzburg e Clifford Geertz.

Pedro Paulo Fonseca: Professor Omar, o bolsonarismo é estruturado em alicerces ideológicos, entre eles o extremismo conservador. O atual presidente foi colocado em um pedestal por seus apoiadores, sendo até mesmo rotulado de “mito”. Como elaborar estratégias de combate a esse tipo de narrativa que permeia os ambientes de sociabilidade, sejam eles digitais ou presenciais, em face ao período pandêmico ao qual estamos vivenciado, e de negação de medidas de combate à COVID-19?

Salete Maria: Qual o impacto da disputa do termo “democracia” entre bolsonaristas e antibolsonaristas em tempos de pandemia, considerando que os negacionistas invocam a liberdade de expressão e locomoção? Liberdades

estas que estão na base das constituições democráticas?

Guillermo Navarro: Qual é a transformação na linguagem bolsonarista da relação entre conceitos de “nação” e “povo”? Quais são os contornos do “povo” na língua de Bolsonaro?

Ângelo Pelembe Bunguele: Partindo da sua máxima “falar e não fazer”, como interpreta a a imagem do indivíduo negro que aparece constantemente colado ao presidente? E a fotografia com apenas crianças brancas na sala de reuniões?

Nairobi Aguiar: Professor, gostaria que falasse um pouco sobre a necropolítica no contexto da pandemia de COVID-19.

Patrícia Gomes: As relações com o continente africano sofreram grandes retrocessos na “era Bolsonaro”, em termos políticos e institucionais. Como você vê o impacto dessas relações para o futuro das pesquisas na área dos estudos africanos e da continuidade de políticas de intercâmbio universitário.

Omar Ribeiro Thomaz: Obrigado a todos e a todas. Eu vou começar com a pergunta de Patrícia, inclusive para manifestar que sinto muitas saudades dela, grande amiga com quem dialo-

go há muitos anos. Eu sinto muito sua falta, a pandemia interrompeu projetos de trabalho conjuntos e viagens a eles associados, que implicavam justamente a ida ao continente africano, o retorno a Guiné-Bissau. Começo, assim, com a Patrícia, que nos lembra justamente o tanto que o mundo bolsonarista ataca nossas relações com o continente africano. De um ponto de vista bastante concreto, o governo Bolsonaro e o mundo bolsonarista não percebem utilidade utilitário em relações com os países africanos. E mais, Bolsonaro promove um movimento de subalternização prática e simbólica do Brasil e dos brasileiros a países como os Estados Unidos cujo corolário necessário é justamente a exclusão dos demais países da América Latina, do Caribe e da África no seu leque de relações. Mas Bolsonaro e seu mundo nunca vão conseguir interromper nossas relações profundas com o continente africano: trata-se de uma história secular, de nossa realidade vital, da qual fazemos parte todos nós, em especial negros e negras no Brasil. Bolsonaro pode espernear, fazer o que ele quiser, mas nossa formação nos atrela à realidade e a história africanas. O ministro chanceler Ernesto Araújo defende claramente a existência de uma hierarquia civilizacional que faz com que o Brasil deva estabelecer uma relação de subalternidade com

seu superior hierárquico: os Estados Unidos, mas aqueles de brancos e cristãos fundamentalistas. A África negra e diversa é cuspidada para fora do mundo bolsonarista, assim como uma Europa secular e democrática ou os Estados Unidos multiculturais onde negros, indígenas, latinos, migrantes, mulheres e LGBTQ+ lutam por direitos. O deputado federal bolsonarista furioso Bibó Nunes já defendeu na CNN que o Brasil deve se distanciar de países que ele classifica como “desprezíveis”, como os países africanos e caribenhos, e estabelecer alianças exclusivas com países como os Estados Unidos (de Trump), a Hungria (de Orbán), Israel (de Netanyahu) e com o Japão (cujo nome do primeiro-ministro ele desconhece). Para além da crise econômica, a suspensão de recursos de pesquisa na área de Estudos Africanos, ou de iniciativas de cooperação bilateral com os países em desenvolvimento, é fruto de um projeto que não imagina relações internacionais que se pautem pelo respeito e pelo intercâmbio minimamente igualitário. Do ponto de vista da linguagem bolsonarista, trata-se de rearticular uma hierarquia nas relações internacionais pautada pelo racismo. As falas de Ernesto Araújo e Bibó Nunes, núcleo duro do Bolsonarismo, não deixam dúvidas: o mundo que eles desejam é branco e exclusivamente cristão, sendo Israel incorporada na chave do

“judeu imaginário” do universo neope-
tencostal, como brilhantemente vem de-
fendendo o historiador Michel Gherman. E
é importante destacar que este universo
de relações internacionais pautado pelo
racismo tem grande apelo nas relações
sociais existentes no Brasil, numa
tradição conservadora e eugênica.

Pedro Paulo fala de “narrativa” e talvez
os cientistas sociais devamos enfren-
tar justamente o sentido que a pala-
vra ganhou na atualidade, no mundo
bolsonarista e para além dele. Nos úl-
timos anos, os meios de comunicação
têm disseminado a existência de “la-
dos”, definidos por “narrativas” – o que
se mostrou fatal durante a pandemia:
“essa é narrativa dele, eu tenho a minha
narrativa”. Constrói-se assim sime-
trias inaceitáveis e o resultado de uma
pesquisa e uma “opinião” são assumi-
dos como “narrativas” equidistantes.
As declarações do algoz e da vítima são
percebidas como “narrativas” e rompe-
se o vínculo com processos históricos
concretos, com fatos. Este processo per-
mitiu a transformação de delírios, como
a cloroquina, em narrativas: e pro-
gramas de TV propõem debates em que
de um lado temos alguém que defende
a cloroquina, meses após o uso do me-
dicamento ter sido completamente de-
sacreditado, e de outro alguém que de-
fende o distanciamento social. A noção
de “narrativa” passou a pautar debates

ideológicos e simples “opiniões”; con-
flitos brutais passaram a ser passíveis
de compreensão não por referência a
debates que envolvem historiadores e
cientistas sociais, mas simplesmente
por referência a ideia de narrativa – os
palestinos têm uma “narrativa”, os ju-
deus têm outra “narrativa”; políticas
ambientais passaram a ser pautadas
não a partir de indicadores ou de li-
mites legais, mas a partir de “narrati-
vas” – os incêndios na Amazônia e no
Pantanal passaram a ser “narrativa de
ambientalistas”; os crimes ambientais
são “narrativas” de um de os lados – da
perspectiva bolsonarista há a “narrati-
va” do criminoso”! Por fim, a crítica a
políticas de saúde desastrosas durante
a pandemia foi transformada em “nar-
rativa dos esquerdistas”.

Pedro Paulo voltou a falar da palavra
“mito”. Como afirmei em minha apre-
sentação, trata-se de uma das palavras
do vocabulário bolsonarista que mere-
ceriam maior atenção. Em alguns de-
bates, amigos me disseram que não é
um termo relevante, pois os grupos que
gritam “mito, mito, mito” soltam as pa-
lavras no vazio. Discordo. Como tento
trazer aqui, devemos nos perguntar ini-
cialmente pelo sentido do termo mito,
para compreender que o que faz o mun-
do bolsonarista é justamente esvaziá-lo
de sentido. O mito é uma história que
transcende seu significado inicial, que

transborda de sentido. E, se existe uma coisa que Bolsonaro não tem, é um sentido transcendente – ele próprio admite que sequer tem uma biografia. Os personagens da história recente transformados em mitos possuem biografias extraordinárias. Samora Machel, Amílcar Cabral e Nelson Mandela podem ser bons exemplos: são personagens que ganham uma dimensão mitológica por sua trajetória e por iniciativas que fazem com que suas biografias transbordem de significado. Ora, quais são os grandes feitos que transcendem de significado na trajetória de Bolsonaro? Em suas décadas como parlamentar sua atuação foi medíocre, sua pauta foi corporativa e salarial, um anti-mito por excelência – o oposto da trajetória de Marielle Franco. Há aqui ligação direta entre o assassinato de Marielle Franco, ela sim um mito, e a ascensão de Bolsonaro e do seu mundo, evocado a gritos de “mito, mito, mito”, um mito esvaziado de qualquer significado.

Ângelo Pelembe Bunguele destaca o universo simbólico das relações raciais no mundo bolsonarista a partir da figura de Hélio Lopes, deputado federal eleito em 2018 com o nome de “Hélio Negão” e que aparece constantemente ao lado do presidente. Vejamos: o termo “negão” assumido pelo deputado bolsonarista o distancia definitivamente da histórica luta dos negros e negras no

Brasil. “Negão” é um termo que subalterniza justamente porque generaliza e, concomitantemente, é incorporado em situações marcadas por um suposto humor ou por uma por vezes também suposta intimidade. A tentativa de criar simetria entre o uso de termos como “alemão”, “galego” e “negão” peca por suspender estes termos das complexas e históricas relações raciais no Brasil. De certa forma, o termo “negão” é uma reivindicação do mundo bolsonarista contra conquistas históricas do movimento negro; indica a suspensão da fronteira entre a liberdade e o insulto, entre a liberdade e a humilhação. E é um indicativo de um retrocesso civilizacional deliberado e programático, a tentativa de anular a gentileza e a cortesia em torno de uma espécie de direito de se dizer o que se pensa, sem filtros. Ora, a cultura, a civilização e a vida social implicam na construção de travas e mediações entre o pensamento e a ação. Por fim, performaticamente Hélio Santos assume *sempre* uma atitude passiva diante do presidente, que fala e grita sem parar: Hélio está sempre em silêncio, um pouco atrás do presidente, o que evoca figuras históricas da sociabilidade hierárquica brasileira, como o jagunço, o “leão de chácara” ou o guarda-costas. Raramente sabemos o que pensa e o que vemos é uma constante encenação de fidelidade que remete

ainda à trágica figura de Gregório Fortunato, o “negro Gregório” ou o “anjo negro” de Getúlio Vargas.

Vamos para a questão de Vanessa. Não creio que a língua bolsonarista revele um processo de homogeneização linguística, mas sim um processo de brutalização linguística, por meio da simplificação das palavras e do roubo dos sentidos. Para além do uso miserável da língua portuguesa (e não me refiro à maior ou menor distância da norma culta que tanto marca as relações de poder no Brasil), Bolsonaro tem um vocabulário extremamente restrito. A fala do presidente é como um samba de uma nota só sem samba e numa mesma toada, agressiva e frequentemente histérica. Salete Maria colocou várias questões, das quais destaco a questão da democracia. Uma das grandes confusões que o bolsonarismo promoveu foi justamente sobre o termo “democracia”. Em um momento determinado antes da eleição, Bolsonaro afirma representar a democracia porque traduziria a maioria; ao mesmo tempo, deixa clara sua visão de como se constituem as relações entre uma suposta maioria e as minorias: a maioria fala, define, enquanto a minoria deve se calar ou desaparecer. Bolsonaro aqui desvirtua de forma francamente brutal o sentido das democracias contemporâneas. Com Jorge Semprún (1995a, 1995b) defendendo

que a construção democrática contemporânea supõe não a tradução da vontade da maioria pura e simples, mas a garantia dos direitos das minorias. A democracia não é a vontade da maioria em detrimento da minoria: o que Bolsonaro propõe é justamente o fim da democracia, pois a democracia é, justamente, a garantia das minorias, inclusive para que elas possam reivindicar seus direitos e não sejam eliminadas, expulsas, segregadas ou invisibilizadas. Recuperarmos a democracia cujo sentido nos foi roubado pelo bolsonarismo é fundamental.

Outra confusão de Bolsonaro diz respeito à relação entre democracia e liberdades individuais durante a pandemia. Ora, confundir medidas sanitárias previstas nas democracias contemporâneas com a restrição ao direito de ir-e-vir é a revelação não só de ignorância, mas de uma noção de indivíduo que não deve ter freios diante da sociedade ou do Estado. É uma versão bolsonarista da célebre frase de Thatcher “There’s no such thing as society”, só que no Brasil e durante a pandemia. A reação de Bolsonaro diante das iniciativas de governos locais em meio à emergência sanitária e ao caos que se vivia seria mais ou menos como a daquele indivíduo que afirma que o sinal de trânsito vermelho ou a faixa de segurança limitariam seu direito de ir-e-vir. O mesmo se pode dizer com relação

às máscaras: para Bolsonaro e muitos do seu mundo o uso das máscaras seria uma submissão inaceitável. Em seu mundo de indivíduos birrentos, não há bem comum; em seu mundo cheio de vontades de machos incontroláveis, não há lei que os possa deter. Há indivíduos que devem poder andar armados, há famílias (as suas) e há propriedades (inclusive aquelas fruto de grilagem). Aqui Bolsonaro está entre o neoliberalismo de Margareth Thatcher e o fascismo de Mussolini, que inspira a sua frase e dos seus: “antes a (minha) liberdade que a vida (dos outros)”.

Nairóbi nos traz a noção de necropolítica de Achille Mbembe (2018) que, da minha perspectiva, tem um grande potencial histórico, teórico e crítico. Creio que a noção de necropolítica nos permite conectar processos em curso no Brasil, que ganharam materialidade na figura de Bolsonaro, com aqueles que remetem a outros contextos, e que definem uma distribuição brutal e desigual da oportunidade de viver no mundo contemporâneo. A pandemia escancara a necropolítica no mundo em geral, mas no Brasil de Bolsonaro em particular, pois para o mundo bolsonarista alguns não só podem como devem morrer. A indiferença diante dos mortos por parte de Bolsonaro – seu famoso “e daí?” é a tradução de uma das faces da necropolítica no Brasil de hoje. No início da

pandemia os porta-vozes do bolsonarismo foram muito explícitos: “gente, já está velho, deixa morrer – mas não pode parar a economia!”; “é gordo – quem mandou comer?”; “é diabético – o que é que eu a ver com isso?”; “é hipertenso? – vai na farmácia popular e não amole”. Estamos diante de uma reestruturação eugênica de uma necropolítica própria da história do Brasil, onde a distribuição da vida sempre foi desigual entre ricos e pobres, negros brancos e índios, habitantes do centro e da periferia.

Por fim, Guilherme Navarro, meu querido Guilherme, que está lá na Costa Rica e que fez uma tese de doutorado extraordinária no Pós-Afro. Uma das grandes questões que o bolsonarismo, e a língua do bolsonarismo nos coloca interpela justamente noções tais como “nação” e “povo”. De entrada, e como já lembrou o filósofo Renato Lessa, o bolsonarismo se apropriou da bandeira do Brasil: é nas manifestações bolsonaristas que vemos em grande quantidade bandeiras do Brasil e pessoas com camisetas da seleção nacional, por exemplo. Bolsonaro ainda fala constantemente em nome do Brasil, em nome da nação ou em nome do povo. Eu faço parte de uma geração que tem imensa desconfiança daqueles que falam em nome de uma totalidade necessariamente diversa: para Bolsonaro há um povo, absolutamente cristão e predominante

branco. Bolsonaro imagina a superação dos conflitos próprios das complexas realidades nacionais a partir da eliminação ou invisibilização dos que percebe como os sujeitos do conflito, transformados em inimigos. A nação estaria ameaçada pelos gays inimigos da família brasileira, pelos indígenas que insistem em ser índios e atravancam economia brasileira (traduzida no agronegócio grileiro e criminoso) e pelas tradições africanas que perturbam o que ele afirma ser a “religião brasileira” – exclusivamente cristã (e aqui Bolsonaro manipula como ninguém elementos próprios do catolicismo conservador e do neopentecostalismo fundamentalista). Na língua bolsonarista, “política” é um problema, por isso seu mundo despreza o parlamento, debocha dos sindicatos e criminaliza os movimentos sociais. Bolsonaro deixou claro logo de início: “no meu governo eu vou acabar com o ativismo”. O que é o ativismo? O ativismo é o que nós temos de melhor na nossa história recente! O que ele aspira? Um povo que se traduz numa nação que não tem conflitos porque eliminou todos os seus inimigos. A forma mais acabada do nazismo, não?

Felipe Fernandes: Poderíamos fazer mais um bloco de perguntas.

Victor de Jesus: Qual a relação entre a língua do mundo bolsonarista, a

branquitude brasileira, o genocídio do negro-indígena brasileiro e a colonização-mortificação do/no cotidiano? Quais intelectuais negras/os ajudam a compreender a língua do mundo bolsonarista e do mundo colonial brasileiro?

Valdemir Zamparoni: Omar, como você lembrou, tal qual no nazismo, a animalização dos adversários é o caminho para se tornarem alvos, inclusive de práticas de extermínio. Lembra-se dos termos usados pelo bolsonarismo sobre as mulheres?

Salete Maria: Qual a linguagem da resistência ao Bolsonarismo que melhor pode produzir consciência e defesa da democracia e dos direitos humanos no Brasil, sem fortalecer polarizações?

Felipe Fernandes: Eu gostaria de mencionar, Omar, que você citou bastante a vereadora que sofreu um feminicídio político, como diria Renata Souza, Marielle Franco. Eu gostaria apenas de celebrar a eleição de sua viúva, Mônica Benício, no Rio de Janeiro e tantas e tantas lutadoras e lutadores negros e negras, trans. Nós tivemos duas candidatas trans com o maior número de votos em duas capitais, Aracaju e Belo Horizonte. As pessoas mais votadas foram pessoas trans. Enfim, só para fazer essa marcação.

Omar Ribeiro Thomaz: Gente, muito obrigado pelas questões. Eu vou começar falando dessa última do Felipe,

mas de alguma forma já vou reagindo a todos. As recentes eleições municipais representam muitos movimentos. Não sou um analista eleitoral, mas acho extraordinário esta imensa movimentação partidária, e para além dos partidos, de suporte a candidatas e candidatos que trazem no seu corpo a negação do projeto bolsonarista. Eu comecei falando do meu desalento em 2018, mas agora penso que podemos dizer que as favas não estão contadas. Nos últimos tempos, tenho impressão que os ativistas e os representantes dos movimentos sociais que tanto perturbam esse mundo bolsonarista não pararam de agir, não pararam de se mover. Eu diria que Bolsonaro depende muito mais do que de uma eleição e de uma aliança circunstancial para levar adiante seu projeto, e que está sendo enfrentado pela resistência de mulheres e homens negros, mulheres e homens trans, mulheres e homens negros trans, pessoas indígenas, entre tantos outros. Há muitos mundos que se contrapõem a esse mundo bolsonarista, que aspira a homogeneidade e que é francamente cafona. Volto, então, ao início da minha fala, quando disse que o mundo bolsonarista é muito mais restrito do que o eleitorado que se mobilizou em 2018 em torno à candidatura de Bolsonaro, beneficiada ainda pelo grande número de abstenções e de vo-

tos nulos: ele precisa mais do que uma eleição – por isso a beligerância e histeria cotidianas do seu líder.

Reagindo a Salete, creio que devemos seguir tensionando termos dos quais os bolsonaristas pretendem se apropriar – tais como “família”, “democracia” e “direitos humanos”. Bolsonaro fala em nome da democracia desvirtuando seu sentido e esvaziando os espaços democráticos; a ministra Damares, uma das protagonistas do mundo bolsonarista, procura se apropriar dos sentidos de noções tais como “família” – dela excluindo múltiplos arranjos familiares – e “direitos humanos” – eliminando a noção de “luta por direitos” que o acompanha desde sua gênese. Defendo que historiadores e cientistas sociais têm que defender o seu lugar do debate sobre as políticas públicas voltadas para unidades familiares que não traduzem na noção de família cristalizada pelos bolsonaristas – formados pelo casal heterossexual e sua descendência; devem fortalecer aquelas esferas de debate e atuação em torno dos direitos humanos que o bolsonarismo pretende esvaziar; e devem defender o sentido da democracia brasileira à luz de suas conquistas: a luta contra os desmandos do estado autoritária, o fortalecimento de suas instituições (e não seu esvaziamento) e a garantia das minorias, como mulheres, indígenas, negros, LGBTQ+ e quem

mais se venha a somar na construção democrática, como migrantes haitianos, refugiados da onde vierem etc.

Concordo com Victor que relaciona a língua bolsonarista a elementos próprios daquilo que nós podemos chamar de branquitude no contexto brasileiro. É uma língua que despreza e que objetifica pessoas indígenas, pessoas negras; é uma língua que procura anular a nossa história. Lembro que lá atrás, quando Bolsonaro ainda era candidato, ele se meteu a historiador, e afirmou que os brancos, os colonizadores portugueses, nada teriam a ver com a escravidão, que os negros se escravizavam a si mesmos – é o Bolsonaro negacionista e revisionista. Da mesma forma que a extrema-direita europeia nega o holocausto ou a violência tardo-colonial na África, na Ásia ou no Caribe, o revisionismo no Brasil, em diálogo com esta extrema-direita, nega a escravidão, a violência do tráfico ou a violência a que foram submetidos os escravizados ou as populações indígenas. Mais do que nunca nos temos que voltar aos intelectuais negros e às intelectuais negras brasileiras. Nada deve irritar mais o universo bolsonarista. É interessante também pensar que desse mundo bolsonarista fazem parte intelectuais. Tento realizar a penosa tarefa de seguir algumas discussões de intelectuais com formação universitária bolsonaristas: não existe

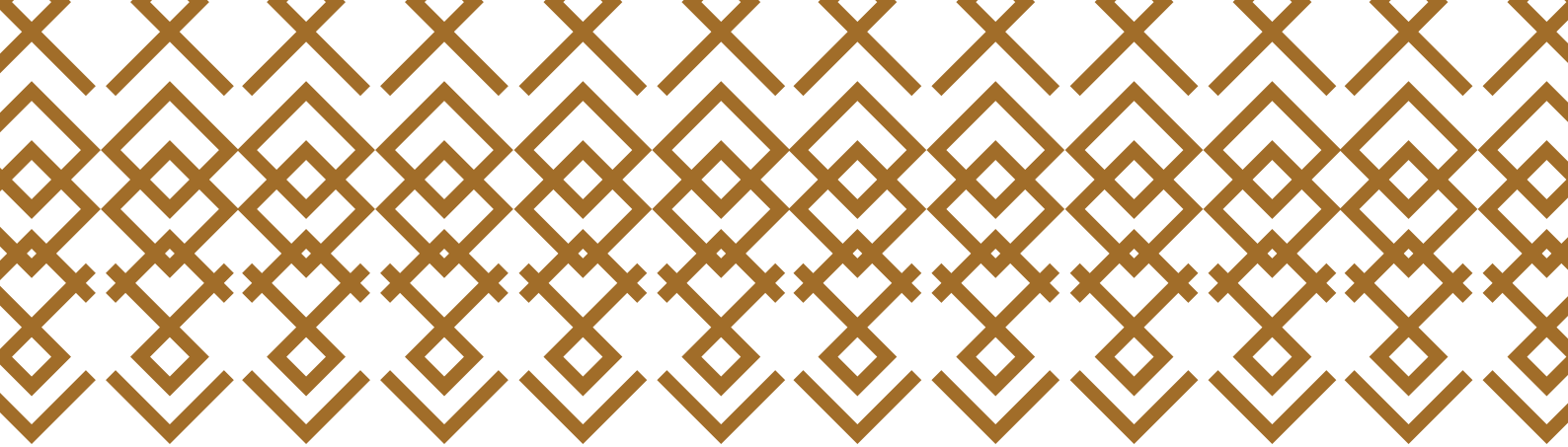
nada que os enlouqueça mais que confrontá-los à ideia de Lélia González ou Beatriz Nascimento como grandes pensadoras do Brasil. Eles e elas babam. Os intelectuais negros e indígenas são protagonistas de qualquer esforço crítico contemporâneo. Penso não apenas naqueles vinculados à universidade ou ao jornalismo, mas em romancistas, poetas e em toda a potência criativa do mundo do hip hop – um verdadeiro tsunami criativo que conecta todas as periferias do mundo, reação poética à necropolítica de Bolsonaro e de tantos outros. Penso ainda na importância de Ailton Krenak, ou no impacto de *A queda do céu* de Davi Kopenawa, no universo dos direitos indígenas, no debate ambiental ou dos debates sobre o fim do mundo.

Por fim, querido Zamparoni, eu não tenho a menor dúvida quanto à desumanização que acompanha o processo que chamei aqui de desidentificação. Pensemos na forma como Bolsonaro e seu mundo percebem a noção de “família”: todos os arranjos que se distanciam de sua noção de “família” são empurrados para fora do humano, são ameaçadores, devem ser eliminados, domesticados ou invisibilizados. Nos termos do próprio Bolsonaro: se curvar ou desaparecer. As mulheres feministas horrorizam Bolsonaro, ele exige que se calem, pretende curvá-las, silenciá-las.

Felipe Fernades: Omar, eu acho que você foi perfeito, todo mundo ali no *chat* tá agradecendo, Patrícia Godinho, Cláudio Furtado...

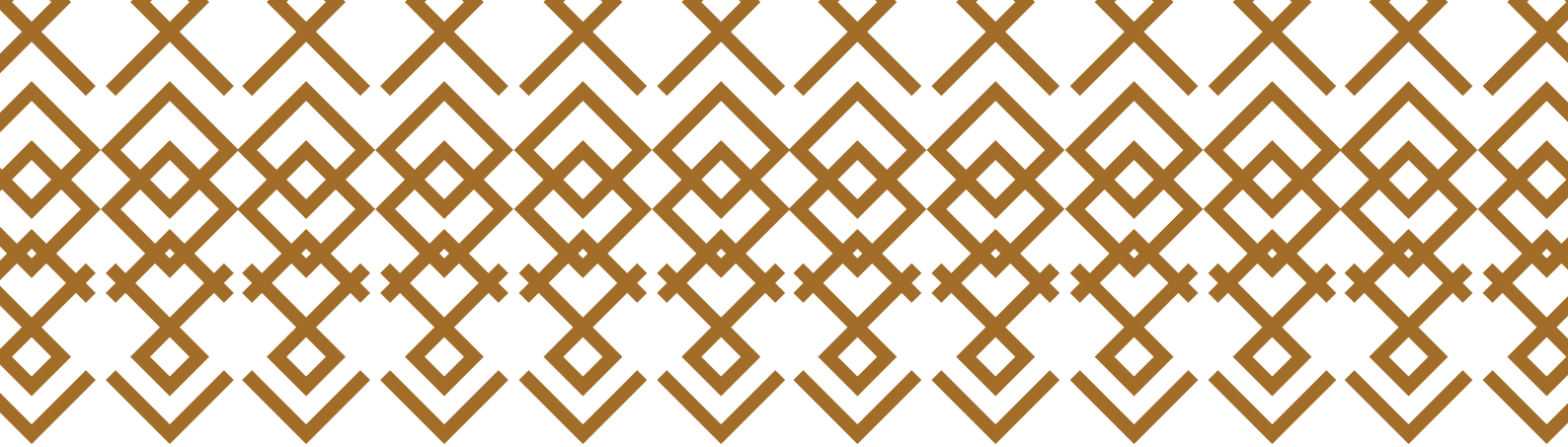
Omar Ribeiro Thomaz: Cláudio é o meu irmão.

Felipe Fernades: Cláudio é o teu irmão, nós temos ali Pedro Paulo, Júlio Simões... eu não vou conseguir mencionar todo mundo, viu, gente? Zampa, várias outras pessoas, Nairóbi... Então, foi uma tarde de muito aprendizado.



Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. The broken wave. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, p. 32 40, 2020.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangélicos e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, p. 185 213, 2019.
- ALONSO, Angela. A política das ruas. **Novos Estudos CEBRAP**, v. esp., p. 49 58, 2017.
- ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1990 [1951].
- AUBRY, Laurence; TURPIN, Béatrice. Victor Klemperer: quelques repères chronologiques. In: **Victor Klemperer. Repenser le langage totalitaire**. Paris: CNRS Éditions, 2012.
- BARTOV, Omer, The Last German. **The New Republic**, 28 dez. 1998, p. 34.
- KALIL, Isabela Oliveira. Notas sobre “Os Fins da Democracia”: etnografar protestos, manifestações e enfrentamentos políticos. **Ponto Urbe**, v. 22, p. 1 6, 2018.
- KALIL, Isabela Oliveira et al.. Who are Jair Bolsonaro’s voters and what they believe. **SxPolitics**, 9 nov. 2018.
- KLEMPERER, Victor. **LTI. A linguagem do terceiro reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009 [1947].
- KLEMPERER, Victor. **Os diários de Victor Klemperer**. São Paulo: Cia das Letras, 1999 [1995].
- LEIRNER, Piero. Hybrid warfare in Brazil. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, p. 41 49, 2020.
- LEVI, Primo. **É isso um homem?** São Paulo: Rocco, 1988 [1947].
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz e Terra, 1990 [1986].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosacnaify, 2008 [1958].
- MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 19, p. 26 45, 1987.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, L. M. From hope to hate. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, p. 21 31, 2020.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, A. (orgs.). **Brasil em transe: Bolsonarismo, novas direitas e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Cava, 2019.



PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Luzes antropológicas ao obscurantismo: uma agenda de pesquisa sobre o “Brasil profundo” em tempos de crise. **R@U: Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR**, v. 8, p. 21-31, 2017.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina. Apresentação. In: KLEMPERER, Victor. **LTI. A linguagem do terceiro reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009a, p. 11-27.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina. Cronologia de Victor Klemperer. In: KLEMPERER, Victor. **LTI. A linguagem do terceiro reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009b, pp. 29-35.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1980 [1949].

SEMPRÚN, Jorge. **A escrita ou a vida**. São Paulo: Cia das Letras; 1995a.

SEMPRÚN, Jorge. **Saudações de Federico Sanchez**. São Paulo: Paz e Terra, 1995b.

STEINER, George. **Linguagem e silêncio: ensaio sobre a crise da palavra**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SWAAN Abram de. **Diviser pout tuer. Lés régimes génocidaires et leurs hommes de main**. Paris: Seuil, 2016, p. 126.


VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. São Paulo: Edusp, 2001.



CAPÍTULO 3:

EPIDEMIAS & PANDEMIAS: PASSADO E PRESENTE – ALGUNS CASOS AFRICANOS

Valdemir Zamparoni



CAPÍTULO 3: EPIDEMIAS & PANDEMIAS: PASSADO E PRESENTE – ALGUNS CASOS AFRICANOS

Valdemir Zamparoni

Resumo: Epidemias, pandemias e epizootias assolam a humanidade desde tempos imemoriais e embora tenham ocorrido e ocorram em circunstâncias históricas específicas podemos buscar, na longa duração, certos padrões, quer sob o ponto de vista estritamente epidemiológico, quer, sobretudo, no que tange aos impactos sociais, culturais, religiosos, políticos. A busca por entender e enfrentar fenômenos tão impactantes e avassaladores também percorrem caminhos assemelhados ao longo do tempo e do espaço, buscando paralelismo entre contextos globais e situações específicas do continente africano. Também se discutem as definições e distinções entre epidemias e pandemias.

Palavras-Chave: Epidemias, Pandemias, África

Essa conversa busca apresentar as três aulas sobre “Epidemias e pandemias no passado e no presente”, centradas em alguns casos da África, que serão ministradas na XXII edição da Fábrica de Ideias, em maio de 2021. Aqui teremos uma breve introdução ao tema, abordando preliminarmente algumas reflexões sobre pandemia e epidemia. Uma das primeiras coisas que talvez possamos pensar é o que distinguiria epidemia de pandemia. Nos tempos atuais, a Organização Mundial da Saúde (OMS) distingue a partir da amplitude geográfica que esses

fenômenos alcançam. A OMS usa uma definição *stricto sensu*, do latim, *e*pi significa “local” e *pan* significa “ampla”, “expandida”. Portanto, pandemia, segundo a OMS é uma doença que atinge vários continentes concomitantemente e uma epidemia seria localizada, atingindo uma cidade, país, ou mesmo uma região.

A definição de *pan* é a de que abrange o mundo. Mas isso nos remete para outra questão; **o que se entende como mundo? O que se pode entender como mundo?** O mundo, como categoria de entendimento, é uma construção histórica e muda segundo os tempos e contextos distintos. Hoje, falamos em mundo globalizado, uma vez que todas – ou ao menos a esmagadora maioria – das partes, culturas e povos estão de alguma maneira conectados. Portanto, resta a noção de que “mundo” define e é definido pela totalidade do planeta. Mas a definição de “mundo” nem sempre foi essa. Em certas situações, o mundo é compreendido como sendo restrito ao espaço no qual se vive. Então muitos povos ao longo da história, tinham a leitura do que era o mundo, centrada na sua própria cultura ou, quando muito, incluindo as culturas vizinhas com as quais mantinham contatos de vários tipos, amistosos ou não. Havia um horizonte que circunscrevia a concepção do mundo e que não era apenas uma concepção de caráter geográfico. Havia também a concepção de caráter cultural que estabelecia outro tipo de fronteira: o meu mundo ou o mundo da minha cultura é definido pelas fronteiras entre a minha cultura e a cultura do outro, que já seria outro mundo. Então, as definições de epidemia e pandemia, tecnicamente falando, podem existir, mas, em termos de análise do fenômeno do impacto social das doenças não fazem muito sentido e menos ainda para quem pretende fazer um estudo de longa duração ou mesmo situado num espaço de tempo curto, que é a característica das epidemias.

A diferença mais importante a ser levada em conta julgo ser entre endemias e epidemias. Endemias são caracterizadas por estarem distribuídas de maneira bastante uniforme no conjunto da sociedade, por um longo tempo e mesmo que causem agudos sofrimentos e mesmo morte, deixam marcas emocionais e sociais menos evidentes, muito menos acentuadas pois, a ocorrência da doença já parece ter sido socialmente absorvida ao longo do tempo e para a qual a sociedade atingida já desenvolveu estratégias de enfrentamento terapêutico, tanto de caráter material, quanto espiritual. Por outro lado, quando falamos em epidemias, mais que pensarmos em sua dimensão geográfica, global, somos remetidos à sua virulência, seu caráter agudo, sua ação devastadora, de curto prazo. Isso nos obriga a ter em conta que

essas situações são mutáveis ao longo do tempo e segundo conjunturas específicas, e precisamos atentar para as diferentes concepções que cada uma dessas culturas ou povos têm a respeito do que seja saúde e doença. Essas definições também não são universais e nem eternas; sofrem mudanças ao longo do tempo; vão sendo alteradas conjunturalmente em função de certas circunstâncias históricas.

Mesmo hoje, com uma forte presença da ciência, com toda a modernidade, com todos os meios de disseminação de informações, vemos que persiste a percepção – que é um pouco diferente daquela do cientista, mas que é socialmente disseminada – de que a doença é algo invisível, que não está no mundo do palpável. Isso tem algumas implicações, entre as quais nas formas como as pessoas irão enfrentar e reagir a essa intangibilidade, a essa invisibilidade dos agentes patógenos. E há algo fundamental na análise de endemias e pandemias: temos que levar em conta essas concepções de saúde e doença, que são coletivamente construídas e interpretadas e atentar para distinguir como as sociedades tratam a diferença entre doenças individuais e doenças coletivas. Estar doente é uma condição da existência humana, mas as sociedades reagem de maneiras distintas. Então, no caso das endemias ou das doenças que já estão disseminadas no conjunto da sociedade – e quase que normalizadas, no sentido de que estão socialmente e culturalmente digeridas no sistema de pensamento local –, elas são tratadas de maneira individual ou, quando muito, em algumas culturas, como é o caso em algumas sociedades africanas, tratadas como um fenômeno próprio e circunscrito a uma determinada família e deve ser enfrentada pela pessoa afetada ou no âmbito de sua família.

O que ocorre com as chamadas epidemias é algo bem distinto. Friso que considero todas as epidemias que vamos tratar no curso, como sendo pandemias, que se caracterizariam, portanto, não pela amplitude da área geográfica atingida, mas sobretudo pela virulência e impacto que causam em determinada sociedade, ou seja, no universo cultural e social daquelas pessoas, cujo mundo é profundamente afetado pelo patógeno. Há uma diferença muito grande a ser analisada. Portanto, quando estivermos falando de pandemias ou epidemias, estaremos falando de algum fenômeno rápido, virulento, impiedoso, coletivo e de origens ocultas que, em uma conjuntura de exasperação, quer individualmente, quer coletivamente, não conseguem identificar a origem ou o que causa o mal que lhes afligem. Não há tempo para digerirem e reagirem como coletividade. As epidemias costumam ser extremamente devastadoras, por atingirem não só alguns indivíduos – aí reside a diferença para com as endemias –, mas todo o

tecido social. Famílias se esgarçam, desaparecem, pais abandonam os filhos, filhos abandonam os pais velhos. Aldeias inteiras são devastadas, cidades são despovoadas e abandonadas. Povos tendem mesmo a desaparecer.

Estamos vivendo a grande epidemia, que considero que será, na história, o marco divisor entre o século XX e o XXI, que é a COVID-19. Estamos alarmados com milhões de casos, milhares de mortos, mas isso, por exemplo, historicamente, na longa duração, não significa muito. A grande peste negra – há várias pestes negras em vários momentos ao longo da história do mundo ocidental, e não só, mundial –, que é a do século XIV, por exemplo, que atingiu da China à Grã-Bretanha, ou seja, todo o universo daquilo que era conhecido como “mundo”, matou milhões. Era um universo interligado pelo comércio e a famosa rota da seda – na verdade as várias rotas da seda, com várias ramificações, como um grande rio com dezenas de afluentes –, disseminou a peste, por toda essa amplíssima região, com uma virulência e intensidade impensável para os nossos dias. Para se ter ideia, em algumas dessas áreas atingidas pela peste negra, 60% da população foi dizimada. Se tomarmos como comparação, 120 milhões de pessoas no Brasil seriam mortas. Ou seja, de uma população de 200 e poucos milhões, sobrariam em torno 80 milhões. Podem imaginar qual o impacto disso não só do ponto de vista da economia, mas também sobre as inter-relações sociais, humanas? Um impacto tão acelerado, tão destrutivo num curto espaço de tempo leva, primeiramente, a um esgotamento da capacidade de gerir o excessivo número de doentes e mortos e mesmo da capacidade em interpretação desse fenômeno. Desencadeia-se um estresse emocional que impacta o comportamento individual e social, afinal a doença é vista como algo que é mais ou menos inexplicável ou é mesmo, de todo, inexplicável. Imaginem o impacto em sociedades agrícolas ou pastoras em que morrem 50% ou 60% da sua população e, sobretudo, a forma como morrem, sem socorro possível, sem meios de cura ou mesmo paliativos. As pessoas não sabem o que causa, transmite e nem imaginam como curar.

Em tal conjuntura entra em crise a nossa relação com a morte e os mortos, que mesmo nos tempos atuais tem sido bastante levada em conta pelas pessoas. Essa é uma relação antiquíssima. Desde que a humanidade se constitui enquanto tal, há a preocupação dos vivos em lidar com os mortos e com o pós-vida física, materializada. Este esgotamento na relação com a morte, a incapacidade de gerir essa transição para o mundo dos ancestrais provoca uma profunda angústia nos viventes. Não

se trata de algo próprio de culturas “exóticas”, distantes no espaço ou no tempo. Vejamos o que aconteceu aqui e que acontece no caso da COVID-19. Um exemplo, paradigmático, aconteceu em Manaus onde urnas com corpos, contra toda a tradição cultural vigente, eram amontoadas em covas coletivas. O que não era um problema para os mortos, obviamente, mas para os vivos. Estes é que ficavam profundamente incomodados com o fato de que o seu ente querido estivesse numa espécie de promiscuidade, em uma vala comum, junto com os dos outros. Em uma situação normal as pessoas consideram impensável que o seu morto fosse enterrado junto com uma pessoa desconhecida. É como se os mortos não pudessem ser misturar. É muito interessante isso. Os vivos se misturam no dia a dia; a vida social assim o exige, se misturam nas praças, nas feiras, nos estádios, nos shoppings, nas igrejas, nas festas populares. Os mortos, por sua vez, não podem estar misturados, cada um deve ter o seu pequeno torrão, exclusivo, plenamente identificado. Essa noção de individualismo do morto criou abalos ao longo da história e, também, aqui na nossa sociedade, em pleno século XXI.

Ao longo da história há várias ocorrências em que se esgotaram a capacidade de gerir o volume de mortos. Agora, com a COVID-19 também. No Peru, por exemplo, os cemitérios não estavam dando conta de enterrar tantos mortos e as famílias não tinham como mantê-los em morgues privadas e passaram a deixar os caixões na calçada das ruas, fosse porque os corpos estavam se decompondo dentro das casas, fosse porque temiam serem contaminadas. Abandonavam os mortos, supondo que tal gesto iria obrigar o poder público a recolher e dar-lhes uma gestão minimamente aceitável. Em situações como esta, a preocupação que as pessoas têm com o pós vida, com a gestão adequada para o bem-estar dos mortos é abalada. É certo que as pessoas choravam em Manaus pela perda dos entes queridos, mas às lágrimas se somavam os protestos pelo fato de que seus mortos estavam perdendo a sua identidade ao serem enterrados em covas coletivas.

Outro aspecto que merece atenção é buscar entender como as populações interpretam as origens e os motivos causadores das doenças. Como os agentes patógenos, pertencem ao mundo do invisível, a primeira grande explicação é que a doença veio de fora da própria sociedade; algo que veio ou foi trazida do estrangeiro, ou seja, por algum suposto ou real inimigo. Diante do inexplicável é preciso criar um culpado, um bode expiatório. Este mecanismo interpretativo perpassa as sociedades ao longo da história. Na Grécia antiga, Tucídides, no século IV a.C., já apontava

a doença como sendo trazida por estrangeiros. Na Europa medieval também se acusava os estrangeiros e os considerados antissociais, apátridas – vagabundos, judeus, ciganos –, ou seja, os desviantes, como os culpados. Isso também acontece em outros contextos. Com a pandemia da COVID-19 não está sendo diferente. Embora vivamos em um mundo globalizado – para as mercadorias, e não para as pessoas, seja dito – as primeiras que os governos tomaram foram para fechar as fronteiras terrestres e aéreas, impedindo a entrada dos estrangeiros, tidos como perigosos e potenciais vetores da doença. Na guerra comercial e ideológica vigente neste início de século XXI, um povo em particular foi acusado de ser o vilão: o chinês. Voltarei a isto mais abaixo.

Neste universo imaginário de busca de culpados, quem transmite uma doença, supostamente, seria imune a ela e a levava para os outros como uma espécie de ação maléfica, em alguns casos entendidos como feitiçaria, ou inveja, ou qualquer outra coisa que pudesse dizimar inimigos, povos, ou culturas, ou que visava se apropriar de riquezas, destruir certo reino ou certa organização social, e, portanto, se beneficiar com isso. Mas quando os estrangeiros, os desviantes, os marginais sociais, também se contaminavam, adoeciam, padeciam dos mesmos sintomas e morriam da mesma causa, a atribuição de serem responsáveis acabava por perder sentido. Por exemplo, a epidemia de HIV (SIDA/AIDS) que se alastrou nos anos 1980 foi designada como “peste gay”, pois era pensada como exclusiva de um grupo desviante do padrão normativo, homossexual; uma minoria no conjunto social, que era vista como inimiga dos valores da família monogâmica, nuclear, do casamento, da cristandade, enfim dos valores sobre os quais supostamente se assentavam a sociedade ocidental. Esses inimigos internos estariam dilapidando a sociedade, mas embora fossem considerados estranhos e estranháveis, não eram estrangeiros, sendo, eles próprios, os transmissores e vítimas da doença. Basta lermos a imprensa dos anos 1980 ou 1990 e até o começo dos anos 2000, que encontraremos recorrentemente a interpretação de que pertencendo os doentes a um grupo desviante minoritário cujos hábitos e práticas sexuais eram condenáveis, que pagassem por isso. Ao se contaminarem, ao adquirirem a doença e morrerem entre eles, a “peste” não atingiria o conjunto da sociedade, o que seria um benefício em termos de valores morais. Mas aconteceu que a doença se espalhou pelo conjunto da sociedade e aí passou a ser encarada de maneira diferente; deixou de ser considerada uma doença exclusiva de uma minoria, já que ultrapassara os guetos homossexuais, e passara a ser contraída e transmitida também entre “pessoas de bem”. A terminologia homofóbica foi desaparecendo mais rapidamente que o

preconceito contra esse grupo, digamos, desviante, segundo a norma heterossexual.

Outra explicação para a ocorrência de epidemias muito presente ao longo da história é a de que se trata de uma punição que, como a doença, tem origem imaterial, intangível, situa-se no âmbito do sagrado, do divino: O que aconteceu? Onde nós erramos? O que nós fizemos de errado para Deus estar nos punindo? Essa é uma explicação muito forte, e que é muito curioso e que perpassa praticamente todas as sociedades humanas – europeias, ocidentais, africanas e asiáticas – e a sociedade globalizada contemporânea. Em alguns contextos se atribui a doença a um ato de feitiçaria. Embora o feitiço resulte de uma ação humana, provocada, para que exista devem ser invocadas forças extra-humanas, espirituais, imateriais. No âmbito dessa explicação de caráter divino, notei que as pessoas com as quais eu tenho contato no WhatsApp começaram no contexto covidiano a acrescentar ao protocolar “bom dia”, mensagens de caráter religioso do tipo: “Jesus te salve, te ilumine e te conduza nesse dia maravilhoso”, “com a graça de Deus”, “na mão de Deus”, etc. Até mesmo quando não estão mencionando a doença em si, a referência ao sagrado aumentou. De maneira mais alargada houve a ampliação de uma narrativa de ordem religiosa em torno da doença, sem falar, é claro, nos discursos de bispos e pastores das igrejas neopentecostais, que exploraram à exaustão a fé popular. Para eles a COVID-19 foi uma desgraça dupla; por mais que minimizassem o perigo da doença, insistindo em manter a pleno vapor seus templos, estes se esvaziaram e viram minguar sua fonte de renda. Todos se aproveitaram da pandemia para potencializar o arsenal discursivo que já fazia parte da sua narrativa, assente na tese de que a doença derivava do pecado e de punição divina. Velhos produtos “sagrados” – água, óleo, farinha, etc – foram revigorados e novos itens foram lançados no mercado da fé, como o famigerado feijão – para atenderem às circunstâncias atuais. Todas as tendências, digamos, mais ou menos radicais da religião fizeram isso.

A tese da punição divina se intersecciona com o tema da gestão do sagrado, dos mortos e da passagem para a existência do outro lado. Em vários momentos, algumas doenças que são endêmicas também podem ser interpretadas como punição divina, por exemplo, na Europa, até muito recentemente, até o século XX, em alguns lugares a lepra era vista como uma punição divina. Há um texto de Miguel Torga, em sua obra *Novos contos da montanha* (1944) que ilustra bem o assunto; a lepra, trazida por alguém, era vista como uma punição para aldeia, pois, o leproso, por sua simples presença, contaminaria o azeite, o espaço e o próprio ar, tornando-o venenoso. A sífilis

também já foi tomada como uma doença de desviantes, de pecadores. A tuberculose também está associada, em alguns povos, na África sobretudo, como resultante do pecado ou de atitudes desviantes. Obviamente a AIDS também foi assim interpretada. Milhões de páginas impressas e discursos proferidos associavam a prática do sexo “desviante”, pecador, à doença como uma justa punição divina.

Tem outro aspecto que se relaciona ao que venho falando, que é o da morte não assistida. Esse tipo de doença contaminante, de alta virulência e mortífera impede que as pessoas possam dar assistência a seus entes queridos adoecidos. Isso é um fenômeno muito interessante. Se prestarmos atenção nas reportagens que circularam desde o começo dessa epidemia de COVID-19, iremos notar que é recorrente os familiares dizendo “meu familiar estava só com alguns sintomas, entrou bem no hospital, mas a gente não pôde acompanhar. E quando a gente soube, ele já estava morto”. Ou “fomos impedidos de entrar no hospital”, “fomos impedidos de ver o nosso familiar, impedidos de nos despedir”. Essa situação nos remete à ideia de isolamento e podemos traçar paralelismo com o que aconteceu, por exemplo, com as pestes na Europa, mas também com a lepra no caso de Moçambique, da África e de outras partes do mundo. A noção de isolamento não é fruto da biomedicina contemporânea, da teoria dos germes de Koch e Pasteur. A técnica de isolar os doentes do convívio social, em níveis variáveis, já era conhecida pelos africanos antes da chegada dos europeus. Escrevi um artigo sobre a lepra, no qual aponto como as pessoas e as culturas criam estratégias de isolamento e, também, como os atingidos pelas doenças criam sagazes meios para burlar seu isolamento, evitando serem totalmente expurgados do ambiente social, quando considerados doentes.

Todas essas doenças criam também um impacto naquilo que eu chamaria de sociabilidade em dois níveis. Primeiro, uma sociabilidade entre os humanos, depois uma sociabilidade entre os humanos e o mundo dos deuses, ou Deus. A relação, em ambos os casos, não fica incólume. Neste ambiente covidiano, um dos termos recorrentes é o de “novo normal”, ou seja, o “normal” já não existe como tal; as relações humanas já não poderão ser como eram. Não seria possível voltar ao ponto em que estávamos. Foi criada uma espécie de divisória em três tempos: o antes da pandemia, a pandemia e o pós-pandemia. A pandemia torna-se um marco divisor não só na história como um todo, mas na história das relações humanas e nós sabemos que, de fato, durante a pandemia pelo menos, as relações humanas têm sido bastante afetadas.

Ao mesmo tempo em todas essas situações pandêmicas, podem ser notadas o surgimento de utopias e narrativas que pensam um pós-pandemia, um outro mundo, livre de desgraças, sofrimento, do mal que está incorporado literalmente nos indivíduos e que acaba incorporando-se no pensamento da sociedade. São ideias de que o amanhã, o pós, será melhor não só do que o hoje pandêmico, mas melhor do que o próprio passado. No começo da COVID-19, dezenas de artigos, blogs, sites etc. pregavam que a pandemia teria um impacto sobre as formas de relacionamento humano, que aumentaria, de maneira positiva, a solidariedade. No início da pandemia as pessoas fizeram “vaquinhas”, doações de cestas básicas, de dinheiro para aqui, para ali etc. Com o passar dos meses, isso praticamente desapareceu, mas, naquele momento, foi criada uma narrativa sobre a solidariedade; como um valor que a humanidade tem cada vez menos praticado dado ao crescimento do individualismo que, na crise, foi refreado, deixando a solidariedade aflorar. Segundo esta interpretação o ser humano é naturalmente bom e a crise teria impactado de tal maneira as pessoas, que a solidariedade passaria a ser um bem incorporado coletivamente, portanto a sociedade pós-pandemia seria uma sociedade mais humanizada, se podemos usar esse tipo de termo. Este tipo de esperança em um futuro melhor, em algumas situações, é precedido por rituais diversos. Se a pandemia é interpretada socialmente como punição divina, rituais sagrados de purificação são exigidos. Se sociedades não interpretam como sendo necessariamente uma punição divina, há rituais de ressocialização, e seria isso, por exemplo, o novo normal, que exigiria o estabelecimento de um novo pacto social neste mundo globalizado. Sou otimista por natureza, mas infelizmente não tenho visto que a prática social do dia a dia das pessoas tenha sido alterada positivamente. Quem sai pelo trânsito dirigindo percebe rapidamente que os motoristas continuam desesperados, alucinados, “fechando” outros veículos, sendo impacientes, querendo passar na frente do outro de qualquer maneira. Nos pontos de ônibus é a mesma coisa; empurrões, cotoveladas para poder entrar primeiro e assim por diante. A tese de que a epidemia nos impeliria para a construção de um mundo melhor me parece que fica no nome: utopia.

Queria mencionar que também chamo de pandemia e epidemia não só as doenças que atingem os humanos, mas também as doenças que atingem os animais. É muito curioso como isso tudo está relacionado. No começo dessa pandemia de COVID-19 o morcego foi apontado como o vetor e que a culpa seria dos chineses que deles se alimentariam. Tal como no passado a culpa é do outro, estrangeiro, exótico que tem hábitos alimentares esdrúxulos, insuportáveis, como se comer camarão ou caranguejo

fosse alguma coisa universalmente considerada apetitosa e que não pudesse parecer a outras culturas como absurda, porque tais animais são vistos como sendo imundos, sujos, que comem porcarias etc. Daí deriva essa narrativa alimentada sobretudo pela direita, tendo Trump e o nosso Bolsolini como expoentes, falando em “vírus chinês” criado e/ou espalhado propositadamente para destruir a economia ocidental e por extensão seus valores culturais, de matriz judaico-cristã e implantar a hegemonia do comunismo chinês. Até mesmo a vacina desenvolvida pelos chineses traria embutida um microchip ou um agente oculto, capazes de transformar as pessoas em marionetes a serviço do comunismo ou, noutra versão, de inverter a orientação sexual das pessoas, de hétero, para homossexual, tida como ameaça aos valores familiares e cristãos. Nada distingue esta teoria da conspiração daquela segundo a qual os judeus, na Idade Média, passavam doenças para destruir a cultura cristã ocidental ou se apropriar de bens dos cristãos.

Essa associação com animais, feita no mundo ocidental, foi muito comentada quando eclodiu o surto da epidemia de ebola na África Ocidental e tendo como certo de que os africanos, por comerem carne de macaco, são mesmo uma espécie de antropófagos, ressuscitando um antigo e arraigado fantasma presente no imaginário ocidental. É claro que há uma relação bastante intrínseca entre o mundo da natureza e nós, porque, afinal de contas, fazemos parte desse mundo da natureza. Por um momento, o ser humano desrespeita e tem uma relação de violência e intromissão destrutiva no mundo natural, que acaba por dar alguma resposta. Agora, está surgindo outro vírus, aqui próximo, na Bolívia, chamado Chapare, cuja origem não se conhece, mas provavelmente está associada às culturas rurais e, segundo dizem, ao degelo que avança nos Andes em função do aquecimento global.

Em algumas sociedades, mesmo que os seres humanos não sejam atingidos diretamente por uma doença, a sua ligação íntima e estruturante com os animais acaba por impactar de maneira violenta o tecido social quando estes são vitimados por uma epidemia. Entre povos pastores, epizootias, como se fala tecnicamente – doenças e epidemias que atingem o gado, sobretudo o gado bovino –, acabam por levar a um mesmo tipo de impacto como se fosse uma doença que atingisse os humanos. O mundo ocidental tem uma relação com os animais (que não sejam os *pets*: bovinos, caprinos, ovinos, por exemplo) muito distanciada e impessoal, afinal não passam de fontes de suculentos manjares. Não é assim em todas as sociedades. As sociedades pastoras, pelo contrário, têm uma relação muito íntima, mesmo sagrada, com os animais, cuja existência estrutura tanto vida social quanto espiritual. A literatura antropológica

tem vários exemplos dessa relação. Ruy Duarte de Carvalho, antropólogo angolano, falecido em 2010, escreveu o que considero o mais belo texto sobre o tema. Esse será um dos assuntos discutidos durante a XXII Fábrica de Ideias, em 2021, sobretudo um caso que atingiu a África do Sul, no final do século XIX, no contexto de profundas mudanças sociais causadas pela penetração do capitalismo.

Gostaria de pensar as relações entre o passado e o presente, pois julgo que não estão tão distantes quando se trata de eventos impactantes. Se tomarmos trechos da narrativa de Daniel Defoe, em obra publicada em meados do século XVII, na qual descreve a peste negra em Londres, poderemos aplicá-los à nossa sociedade diante da COVID-19; podemos pensar que está sendo escrito agora; quase as mesmas interrogações, as mesmas explicações, as mesmas angústias, os mesmos sofrimentos, as mesmas expectativas. Passados quase quatro séculos, estaremos lendo e vivendo praticamente aquilo que ele escreveu séculos passados. Se lermos o que Tucídides escreveu, no século V a.C., sobre o surto de peste que atingiu a península grega durante a Guerra do Peloponeso ficaríamos surpresos com a similitude com a situação covidiana. As reações da humanidade em relação a esse tipo de doença, as respostas que as sociedades deram e dão, são muito semelhantes ao longo do tempo e do espaço como apontei acima. Como sabem, os historiadores costumam estudar casos muito específicos, bem situados no tempo e no espaço, mas há fenômenos que transcendem tais especificidades. É claro que não se pode generalizar demais pois em todas as sociedades há respostas específicas para cada uma das situações e elas também vão mudando ao longo do tempo. Mas há denominadores comuns, há pontes de convergência, de diálogo. Eu já mencionei algumas. É recorrente a explicação de que as doenças e, sobretudo as epidêmicas, são resultantes da ação de inimigos, quer estrangeiros, quer ocultos, membros da própria sociedade, os desviantes; e as respostas também são muito similares: isolamento, fechamento de estradas, aeroportos e fronteiras. Outra similitude presente em vários momentos e lugares é a perspectiva de que um mundo melhor do que o mundo anterior, uma utopia que se constrói para o futuro como sendo algo que vai recriar os melhores valores humanos nas pessoas; reposicionar o ser humano quer diante do sagrado, quer diante do seu semelhante.

Fico por aqui nesta pequena introdução ao tema, que será tratado com mais atenção nas aulas da XXII edição da Fábrica de Ideias em 2021 e fico à disposição para comentários e perguntas.

DEBATE

Pedro Paulo Fonseca dos Santos: Professor Zamparoni, que excelente exposição que o senhor fez agora. Eu, antes de iniciar esta live, estava participando de outra sobre consciência negra, e é bem na perspectiva do que o Pós-Afro, com seu corpo docente e discente, está sempre lutando: trazer o ensino e a pesquisa voltada para as relações étnico-raciais. E tudo o que o senhor falou casa muito bem com isso. Qual é a população que é mais atingida nesse quadro de pandemia que acontece no Brasil e no mundo? Em sua maioria são pessoas pretas e pardas e das periferias das grandes cidades que estão sofrendo com o quadro de epidemia da COVID-19. Professor, antes de ir para as perguntas, gostaria de registrar a presença de alguns docentes do Pós-Afro ou a ele ligados: Professora Patricia Gomes, o professor Livio Sansone, o professor Omar Thomaz, o professor Guillermo Navarro, o professor Elias Alfama, todos lhe saúdam pela sua brilhante exposição. Já temos oito perguntas. Eu gostaria de saber se o senhor prefere abrir o bloco com três perguntas e respondê-las ou já quer ouvir todas e responder aos poucos.

Valdemir Zamparoni: Oito é muito para mim; meu cérebro não vai conseguir memorizá-las, então, para não ser injusto e esquecer de responder a alguém, vamos fazer duas ou três de cada vez. Eu vou tomar nota aqui para também não me perder, e, depois, se tiver outras que estão relacionadas, a gente volta a tratar do assunto. Mas, primeiro, eu quero agradecer aos meus colegas, alguns ex-alunos e alunas. Estou vendo, aqui nos comentários, o Guillermo, por exemplo, que está na Costa Rica, e outras tantas pessoas com as quais eu tenho e tive o prazer de trabalhar e espero continuar trabalhando e interagindo por um longo tempo. Além dos meus colegas, aqui, mais próximos, com quem eu tenho interlocução quase que cotidiana. Fico agradecido pela presença de todos e todas, e vamos lá para as perguntas.

Felipe Fernandes: Professor Zamparoni, você concorda com a discussão surgida nas Ciências Humanas e Sociais de que o impedimento dos rituais funerários em locais de África foi um dos maiores impactos sociais da pandemia?

Ângelo Pelembe Bunguele: A redução do número de participantes nos funerais

tem algum impacto sócio-psicológico em África, onde se cumprem rituais funerários complexos do mundo dos espíritos? E que fontes históricas podem ser consultadas no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM) para o estudo das pandemias nesse país?.

Elias Alfama: Zamparoni, essa reação das pessoas face à pandemia seria uma espécie de hipocrisia, uma tentativa de ludibriar Deus?

Pedro Paulo: O senhor responde esse primeiro bloco de perguntas, em seguida, a gente passa para as próximas.

Valdemir Zamparoni: As duas perguntas, a do Felipe e a do Bunguele, estão conectadas. O Bunguele talvez fosse a pessoa mais indicada para responder as próprias perguntas. Eu poderia perguntar para ele, que é moçambicano, esteve aqui no Pós-Afro. Infelizmente, quando ele chegou, duas semanas depois as atividades foram interrompidas. Eu sou co-orientador dele no doutorado em História da África Contemporânea da Universidade Pedagógica de Moçambique. Infelizmente, por conta da pandemia não pudemos interagir pessoalmente, nem sequer beber uma cerveja juntos, naquele momento grave, mas ele poderia responder melhor do que eu sobre o que perguntou. Tanto quanto eu sei e tanto quanto estudei e pude observar, há sim um grande impacto. Mesmo na nossa sociedade em que se

pensa que o fim da existência material corporificada é o fim da vida, mantemos algum vínculo no mundo ocidental com o pós-vida. Tanto assim que, embora seja muito mitigado no presente, em que as pessoas se resumem a uma vez por ano, no dia dois de novembro, ir visitar os mortos. Parece que se lembram dos mortos só nesse momento em que vão lá ou mandam repintar ou lavar os túmulos, colocar flores etc. Isso é uma persistência clara de uma relação com os mortos, com os antepassados, uma demonstração de que essa pessoa morta continua presente de alguma maneira na nossa existência. Há uma piada que vem do tempo que eu era criança. Cresci em São Paulo e tinha amigos de origem japonesa e, na cultura japonesa budista, se mantém grande respeito pelos ancestrais. Eu lembro muito bem, eu ia na casa de um amigo nipodescendente e a avó dele, todos os dias, trocava uma tigelinha de arroz, uma dose de saquê e o incenso que ficavam na frente da fotografia do marido dela que já havia falecido, portanto o avô do meu amigo. É óbvio que é uma relação em que a pessoa sabe claramente que esse morto não vem comer aquela comida física, que está ali na frente dele, não vem beber aquele saquê físico ali, mas é uma relação simbólica de dar alimento a essa pessoa que já não está mais encarnado. A piada era que um cristão che-

ga no cemitério com flores e ao lado do túmulo do familiar dele vê um japonês, um descendente de japonês, colocando arroz, doce, bolinhos etc. no túmulo de seu ancestral. Aí o cristão, arrogante, diz: "ô japonês, deixa de ser besta. Você acha que o seu morto vai vir comer essas coisas aí?" O outro retruca: "sim, no mesmo dia em que o seu vier cheirar as flores que você está colocando". Ou seja, no fundo, no fundo, a resposta é a mesma, a situação é a mesma. De forma distinta ambos estavam alimentando os laços emocionais que os ligavam aos mortos. Nas sociedades onde essa separação entre o vivo e o morto é muito mais tênue, ou seja, onde a existência é pensada para além da materialidade corporificada, que é o caso das sociedades africanas que eu conheço, essa relação é profundamente afetada quando não se consegue gerir adequadamente a passagem do mundo materializado, corporificado, para o mundo da existência que se segue. O morto não é alguém que desaparece; ele só passa para o lado B da existência e mantém comunicação direta com o lado A, o lado da materialidade. Tanto quanto conheço, li e conversei com pessoas na minha trajetória como estudioso e curioso das sociedades africanas, é que, no dia a dia, todas as decisões importantes na existência de quem está corporificado, deve passar pela consulta aos an-

cestrais, que interferem diretamente na existência humana. Se você tem um ancestral e não cuida bem dele, não faz as oferendas que deveria fazer ou, antes disso, se não cuidou dos procedimentos adequados para os funerais, para os rituais funerários e de todo ciclo envolvido, pode esperar que de alguma forma e em algum momento este mau proceder trará aborrecimentos.

Aproveito para falar um pouco sobre a noção de óbito presente nas sociedades africanas que conheço em Moçambique e Angola. Óbito não se resume à morte; o óbito é um ciclo. Pude acompanhar em Angola algumas ocorrências. Um empregado angolano dizia a um empregador brasileiro: "patrão, preciso sair, porque tenho um óbito na família, meu tio". Certo tempo depois o mesmo empregado: "tenho um óbito, precisarei faltar o trabalho". Daí mais um tempo, outro óbito. "Mas está todo mundo da sua família morrendo?" perguntava o empregador brasileiro. Não, era a mesma pessoa que havia falecido, mas ao longo de um ano – e o ciclo é de um ano no caso – há um conjunto de rituais que são necessários para que a passagem entre essa existência material e a existência imaterial seja cumprida. Mesmo que esta etapa tenha sido cumprida adequadamente e depois a família ou os indivíduos negligenciam com os cuidados devidos ao seu familiar que

já não está mais na existência materializada, que está no mundo do intangível – mas não inexistente –, ele vai chamar atenção por algumas coisas, entre outras, e o Bunguele sabe melhor do que eu, interferindo no seu relacionamento social, por exemplo, provocando crises no casamento ou no namoro, discussões, problemas relacionados à sua atividade empresarial, comercial, profissional etc. Enfim ele vai chamar atenção mobilizando energias imateriais que irão interferir no dia a dia dos viventes negligentes. Portanto, nas sociedades que têm essa relação muito forte entre a existência material e imaterial o impacto é forte. Convém lembrar que se concebe que a pessoa já existe como potência antes mesmo de se materializar, ou seja, que já existe como potência na cadeia de energia vital da linhagem, da família, dos ancestrais, e que deve, enquanto estiver materializado, ampliar essa energia vital da sua família. Se não administra de maneira adequada essa relação com a dimensão metafísica, vai sofrer consequências tanto individuais como coletivas e, portanto, há implicações de ordem psicológica e espiritual. Essa impossibilidade de gerir a morte é corrente em situações de conflitos. Os países que passaram por guerras civis como foi o caso de Moçambique ou Angola, em que as pessoas não podiam fazer esses rituais,

houve no pós-guerra todo um conjunto de rituais, digamos, purificadores, ou melhor dizendo reconciliadores, entre os humanos ainda vivos e os humanos que já não estavam vivos. Situações de conflitos armados ou desastres naturais, ou mesmo no caso da COVID-19, em que não é possível gerir adequadamente os rituais funerários, certamente exigirão que essas sociedades passem por processos de mobilização de energias sagradas, energias espirituais, do universo do intangível, para que possa reconciliar os que estão materializados com aqueles que já não estão mais no mundo material, no mundo do visível. Sem isso, essa sociedade vai padecer de um conjunto de abalos pois sem esses rituais de conciliação, não se consegue prosseguir a vida normal, porque essa relação é concebida do nascimento e para o todo sempre. Faz parte do seu universo, define como se interpreta o mundo e se relaciona não só com o mundo do sagrado, mas com o mundo dos humanos. Se não administrar bem a relação com os mortos, também não haverá boa relação com as pessoas, com a vizinhança, com a família. Isso não é um exotismo africano. Nós vemos e vimos aqui os mesmos tipos de tensões derivados da incapacidade de gerir a doença, a morte e o pós-morte, exemplificado pelos caixões deixados na rua ou das covas comuns e da im-

possibilidade do tratamento individualizado dos enterros.

Eu não sei se eu entendi bem aquilo que o Elias comentou, mas creio que ele perguntou se essas estratégias não são uma espécie de maneira de ludibriar Deus. Eu tenho dúvidas se, no fundo, as pessoas acham que Deus é enganável. Creio que no nosso mundo cristão e em várias outras situações, a relação dos humanos com o sagrado é muitas vezes negociável, pactuável, mas não enganável. É muito comum no catolicismo popular brasileiro a noção da chamada promessa. Pede-se uma graça, promete-se algo em troca e se consegue obter a graça, paga o que se prometeu. Neste caso, primeiro, se espera obter a “mercadoria”, resultado da ação da potência sagrada – dos santos, de Deus, do espiritual – para só depois fazer o pagamento. As pessoas chamam de graça, – “ah, consegui a graça” –, mas na verdade não é uma graça, porque tem que fazer o pagamento sob pena de cair em desgraça com o universo do sagrado. O promitente recebe aquela ação sagrada traduzida em bens, cura ou melhora nas relações pessoais e deve, em contrapartida, pagar com um conjunto de coisas que estão no universo do simbólico – orações – ou em objetos materiais, como doações em dinheiro, flores, etc. Mas isso não é universal. Em certas sociedades, cer-

tas práticas, por exemplo, no candomblé não implicam nesse toma-lá-dá-cá. Tanto pelo que vejo, quanto pelo pouco que conheço, nesse universo religioso o crente primeiro faz a oferenda esperando que caia nas graças da divindade, para que, a *posteriori*, venha ser recompensado. É uma relação diferente da presente no catolicismo popular brasileiro. Seja como for, mas eu não sei se as pessoas querem enganar a Deus, talvez as pessoas queiram enganar a si próprias ou enganar aos outros humanos com a noção de que nós seremos melhores amanhã. A sociedade humana talvez pense que o amanhã será melhor do que o hoje e que, se possível, seja melhor do que o passado, embora se tenha a tendência a idealizar o passado, aparando as arestas das dificuldades passadas. Não sei se eu respondi adequadamente ao Elias, que se não se sentiu contemplado, por gentileza, esclareça um pouco melhor o que está pensando, e eu volto ao assunto.

Pedro Paulo: Muito bom, professor Zamparoni. Vários elogios no chat. Inclusive a terminologia que o senhor utilizou de Bolsolini fazendo referência... Gostaria de registrar a presença da professora Ione Celeste Souza da UEFS e de discentes do Pós-Afro e comunidade externa também que estão fazendo vários elogios à sua ex-

posição e às *lives* do Ciclo de *Lives* Fábrica de Ideias.

Patricia Gomes: Zampa, a questão da pandemia e ritos fúnebres em Moçambique e em outros países africanos tem sido discutida. Como vê a questão do distanciamento social e a celebração de rituais fundamentais?

Guillermo Navarro: Existe uma categoria equivalente à pandemia nas várias sociedades africanas? E, se não, como conduzir esses processos de disseminação acelerada da doença, nas medicina tradicionais?

Victor de Jesus: Considerando a interface ciência-religiosidade, como tem ocorrido, ao longo da história, a gestão dessas epidemias pelos governos africanos? E como os processos neocoloniais retroalimentam práticas atuais de produção e gestão da morte?

Rafael de Campos: Você percebe alguma relação entre epidemias humanas em África e epizootias catastróficas como a *rinderpest* ao final do século XIX?

Valdemir Zamparoni: Patricia, de certa maneira, recoloca aquilo que nós já comentamos. Patricia, esse é o dilema... Quer dizer, a restrição ao funeral é um problema exatamente por aqueles motivos que eu acabei de falar. Se certas pessoas não estão presentes no funeral, certas pessoas na cadeia de parentes, na cadeia da responsabilidade no trato com o sagrado etc., a pessoa

não fez uma transição adequada. E obviamente que por essa transição pelos rituais funerários ser alguma coisa de extrema importância na relação dos humanos dessas sociedades, os materializados, com aqueles que já não estão mais materializados, é exatamente por causa dessa importância que as pessoas vão tentar burlar o máximo possível o isolamento social. Se formos aos dicionários veremos que a palavra isolamento, está intrinsecamente associada à segregação. Segregação quer dizer separação, isolamento, isolamento vem de ilha, ou seja, ilhar. E nós, na COVID-19, fizemos isto: transformamos os nossos lares praticamente em ilhas, em bolhas. O grande debate aqui se deve ao fato que a imensa maioria da população não pode estar na bolha para que possa continuar existindo; se já era difícil arrumar emprego antes da pandemia, agora esta situação se agravou. Muitas vezes trabalham o dia todo para arrumar o jantar. Imagina se ele deixar de ser o vendedor ambulante ou comerciante pequeno na beira da calçada e assim por diante. Vi muita gente dizendo que essa era uma doença democrática que atingia todas as pessoas, independente de raça, classe, gênero etc. Isso é uma balela, uma interpretação classista, equivocada, e bem sabemos que a COVID-19 atinge muito mais duramente os mais

pobres, os mais excluídos dos bens sociais. Então se se prega um isolamento total, mas ao mesmo tempo as pessoas têm como valor ético e moral de que precisam participar de rituais que são essenciais para essa transição para a vida imaterial e que a boa transição para a vida imaterial do seu ancestral é a garantia do bem-estar da sua própria vida materializada, corporificada, elas vão tentar burlar o máximo possível o isolamento, mesmo temerosas. As pessoas desrespeitam o isolamento social aqui para ir à praia, para ir ao botequim, imagina o que acontece nas sociedades que prezam pela boa transição pós-vida física. Em alguns casos, eu andei lendo na mídia, que teve até intervenção da polícia para dispersar o número de pessoas que estava tentando adentrar aos rituais funerários. Então, isso é natural, que deriva do que nas várias sociedades se entende o que é bem-estar. Não que as pessoas não saibam que há doença, de que, indo aos rituais, poderão ser contaminadas. Sabem disso. Mas também partilham de uma dessas convicções mais ou menos universais de que desgraça acontece com os outros; que somos imunes àquilo que aconteceu com os outros. E as pessoas podem pensar isso. Mas seja como for, sofrem uma pressão social e emocional enorme. Como disse, do bom ritual de passagem para os ancestrais, depende

a existência atual, inclusive a proteção contra a doença, contra esse mal que está nos atingindo agora e o futuro. Vive-se numa situação de tensão absoluta nessas circunstâncias. Não sei se eu respondi de maneira clara.

Guillermo me pergunta sobre como é possível gerir essa pandemia sob o ponto de vista das medicinas tradicionais. Bom, Guillermo sabe, foi meu orientando, que não uso o termo tradicional; na verdade sou um inimigo de seu uso, porque as sociedades e os praticantes dessas medicinas estão sempre incorporando coisas novas, venham de onde vier. Encontrei documentos do começo do século XX de um “feiticeiro”, como dizia a linguagem colonial portuguesa, que foi detido pela polícia, porque sob o colonialismo a prática era proibida em Moçambique. Entre os objetos apreendidos estava um vidro de mercúrio cromo, que é um produto desinfetante usado para curar feridas. Ou seja, algo do universo médico ocidental estava incorporado às suas práticas curativas, assim a designação de “medicina tradicional” não faz sentido porque seus praticantes não só incorporam produtos e práticas, mas também as vão ressignificando. Essas práticas também são socialmente construídas e repensadas de acordo com as novas conjunturas. É muito difícil saber o que no passado as pessoas dessas sociedades pensavam

em como gerir pandemia, mas em alguns documentos, por exemplo, o caso da lepra, encontrei uma série de narrativas de como os grupos, as sociedades, os chefes geriam quando aparecia um surto de lepra, num certo lugar. Geriam de modos muito semelhantes àqueles que os europeus geriam, inclusive com isolamento, em graus diferentes e circunstanciais. No artigo que trato da lepra em Moçambique, aponto essas distinções e similaridades.

É preciso assinalar que os deslocamentos populacionais causados pela captura e transporte de escravizados e as guerras de dominação colonial geraram a expansão de doenças que, embora preexistentes, ficavam confinadas, como foi o caso da febre amarela e da doença do sono. A penetração pelos rios usando barcos a vapor teve papel crucial nesse processo. O mosquito vetor da doença do sono tem uma amplitude de voo e vida relativamente curtas e a disseminação entre humanos acabava por ficar restrita. Se certa localidade era atingida por um surto, era praticamente isolada, as pessoas não saíam, deixava de se transitar naquele território, e a doença se extinguia. Com os barcos a vapor, penetrando velozmente os rios do continente, espalharam as doenças pois levavam rapidamente não só pessoas contaminadas, mas também mosquitos contaminantes em seus porões.

Há relatos de viajantes europeus que apontam como as pessoas reagem a essas doenças novas que estavam aparecendo ou, pelo menos, de maneira muito mais intensificada. Gestão de saúde pública, de gerir o território, de limpeza etc. todas as sociedades têm. Algumas das coisas que podemos notar nas aldeias, pelo menos onde eu visitei, em Moçambique, desde os anos 1980, é que são muito bem varridas; ninguém joga lixo em qualquer lugar, há lugares muito específicos para coleta dos resíduos e tudo o mais. Então, o território é um território higienizado sob o ponto de vista daquela população, com os meios disponíveis naquelas circunstâncias. Isso também é bastante comum no mundo rural no Brasil. Eu sou de origem rural, tenho família de origem rural; você vai nas roças, nos interiores, os quintais, os entornos das casas, geralmente, são muito bem varridos, muito bem geridos. Mas como tratar certas doenças novas como a COVID? Em Moçambique foi constituída uma comissão nacional de apoio ao Ministério da Saúde no âmbito governamental que incluía colegas nossos, por exemplo, a professora Teresa Cruz e Silva e um biólogo, que é mais conhecido por ser escritor do que por ser biólogo, que é o Mia Couto. Em uma live, Mia Couto disse que representantes da AMETRAMO, que é a mais antiga Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique (a sigla

significa isso), foi procurar a comissão para oferecer e buscar apoio e orientações, porque eles não tinham – como era uma doença nova – tratamentos específicos para a mesma. Sabiam tratar e gerir um conjunto de outras doenças assemelhadas, mas reconheciam que não tinham procedimentos adequados para enfrentar essa doença, já que não se trata de uma doença pessoal, familiar ou comunitária; não se trata de uma doença causada por alguém que poderia ter mobilizado forças sagradas e espirituais para causar um malefício. Como eles estão globalizados, veem televisão, têm telefone, WhatsApp etc., têm consciência de que não é uma doença local, cujo enfrentamento estaria no âmbito de seu universo de cura. Não significa que se isentaram de agir, entre outras coisas, fazendo os rituais necessários para confortar os vivos e administrar da melhor maneira possível a relação dos vivos com aqueles que morriam da COVID e que não podiam receber os préstimos adequados. Essa ação de ordem espiritual na sociedade ocidental seria designada de psicológica, embora este não seja um termo adequado, porque não é uma questão só de psique no *stricto sensu* ocidental. Essa é uma maneira de gerir, embora reconheçam que não há no seu arsenal – porque há várias dimensões dessa ideia de cura na farmacopeia propriamente dita e no

manejo das energias espirituais –, algo que possa levar à cura. Disseram que se alguém se apresentar como “médico tradicional” e dizer que tem cura para COVID-19, é um charlatão. A Associação não reconhece essa possibilidade, e como, nesse circuito, funciona como uma espécie de ordem dos médicos, faz uma gestão socializada de qual deve ser o comportamento dos seus membros e dos praticantes dessa medicina. Eu não sei se eu respondi adequadamente.

Acho que, de certa maneira, já respondi ao Victor. Bom, processos neocoloniais... Eu não sei dizer o que é neocolonial, porque o neocolonial existe desde que os países adquiriram independência. Claro que todos esses processos de exclusão social e que persistem ao longo do tempo, que o colonialismo criou e aprofundou, exacerbam-se nessas situações de crise, superlativam-se. Em alguns casos passou-se bruscamente de experiências ditas socialistas para um capitalismo sem regra, bastante selvagem, o que aprofundou a diferenciação social. Uma pequena camada de pessoas extremamente ricas e uma imensa maioria de pessoas extremamente pobres. As desigualdades são grandes e evidentes. E essa percepção da desigualdade não é necessariamente a mesma, universal, e já fizemos um estudo sobre isso há um tempo atrás, num projeto com o professor Livio sobre as desigualdades duradouras e

as percepções das desigualdades em contextos diferentes. Obviamente que os governos nas circunstâncias atuais, tecnicamente e oficialmente, reagiram como todos, seguindo a Organização Mundial da Saúde: a doença e a morte tiveram que ser geridas não segundo as concepções locais, mas segundo as ocidentais e médicas. Há uma tensão muito grande envolvida. A medicina torna-se muito poderosa nesses momentos de crise em que os médicos ampliam, de maneira vertiginosa, o seu poder sobre as relações humanas, sobre a existência humana. E esse é um dos momentos. Não sei se respondi.

Rafael, foi exatamente isso que eu falei aqui na minha palestra e uma das nossas aulas será sobre isto: as epizootias, no caso da África do Sul. Como essa epizootia impactou tão violentamente na sociedade, com as mesmas características de resposta, de interpretação, de busca de solução etc., como se fosse uma epidemia que houvesse atingido os humanos. É um dos assuntos da nossa aula, discutiremos um texto de Terence Ranger sobre essa epidemia, essa epizootia na África do Sul. Mas em outros lugares também ocorre. Vamos falar disso em uma das nossas aulas em maio. Eu não sei se respondi a todos a contento.

Pedro Paulo: Perfeito, professor Zamparoni, todos estão contemplados. Bastantes

elogios no *chat*, inclusive o professor Felipe Fernandes está elogiando a sua camisa que lembra couro de cobra. Agradeço o convite do professor Filipe Fernandes, por poder mediar essa live maravilhosa. Agradecer ao professor Zamparoni por disponibilizar seu tempo e compartilhar todo esse conhecimento com a comunidade acadêmica. Estamos longe fisicamente, mas a comunidade do Pós-Afro, está mostrando que está mais forte do que nunca nesse novo período, nesse novo quadro referencial que estamos enfrentando. Vou passar agora o espaço para o professor Livio Sansone, em seguida ao professor Zamparoni, para as considerações finais.

Livio Sansone: Gostaria de dar os parabéns e quero dizer que essa é a nossa pré-celebração do Dia da Consciência Negra, que é um dia para todo mundo celebrar. Essa acabou sendo nossa antecipação e a nossa forma de celebrá-lo, porque todo antirracista tem que fazer algo acontecer ao longo do dia, mas também antes. Sejam todos bem-vindos e até a próxima. Obrigado Zampa e até a próxima live, quinta-feira, às 17h. Um abraço.

Valdemir Zamparoni: Creio que sabem que eu e o professor Livio estamos dentre os fundadores do Pós-Afro, que busca essa convergência entre os Estudos Africanos e os Estudos Étnicos e as dis-

cussões das relações raciais. Há décadas, falo isso e, em alguns textos, menciono que acho difícil enfrentarmos o racismo do Brasil sem conhecermos um pouco melhor e compreendermos os processos históricos africanos. Creio que o racismo brasileiro é uma extensão das relações que o mundo ocidental teve e tem com a África. Infelizmente vemos mesmo pessoas, que aqui no Brasil são vítimas do racismo, se posicionarem de maneira eurocêntrica em relação aos africanos e à África, repetindo estereótipos, construtos culturais, que foram, lentamente e por séculos, introjetados no imaginário ocidental tão profundamente que parece se tratar de verdades. Então as pessoas, inadvertidamente os repetem. Defendo que é fundamental nesse processo de enfrentamento do racismo, que também enfrentemos os nossos preconceitos em relação à África, desconstruindo essa noção de África no singular, de lugar de Misericórdia'sria e doenças, mas também essa ideia de mãe África, cuja construção se mostrou necessária em certos momentos da construção da identidade de quem foi e é vítima do racismo, mas que precisa ser ultrapassada para se construir uma relação com a África e com os africanos que se pautem pelo reconhecimento de sua humanidade. A África é povoada por seres humanos como nós, capazes das grandezas, de mesquinhas; que

amam, choram, que cultuam o sagrado etc., como nós fazemos, ou seja, são seres humanos. Então, defendo que essa relação que temos no mundo ocidental, e, também no Brasil, com a África, uma relação construída de maneira depreciativa que é dominante, ou outra idílica, minoritária, é uma relação idealizada e ideologizada que não serve para libertar. Nossa relação tem que ser entre seres humanos, em pé de igualdade. O diálogo fundamental que tentamos fazer no Pós-Afro é justamente este: interconectar, não necessariamente ficar fazendo estudos de relação, comparativos, etc., mas interconectar no nosso cérebro e na nossa ação, nas nossas reflexões, os problemas que estão articulados e que se articulam no enfrentamento do racismo. Considero que esta não é uma tarefa exclusiva dos negros, não considero que a luta antirracista seja um problema dos negros pois o racismo não é um problema dos negros; é um problema criado pela sociedade hegemonicamente branca, para excluir e explorar os negros. Portanto, a luta contra o racismo deve ser dirigida pelos negros e negras, mas deve envolver a sociedade como um todo, afinal de contas é a sociedade que é racista e não os negros. Eles são vítimas dessa sociedade hegemonicamente racista, sobretudo do racismo estrutural. Creio que é um desafio nosso e como estudioso de África

tenho lutado para levar isso a cabo. O Pós-Afro é um espaço privilegiado para isso. E a Fábrica de Ideias é o momento de concentração desses debates.

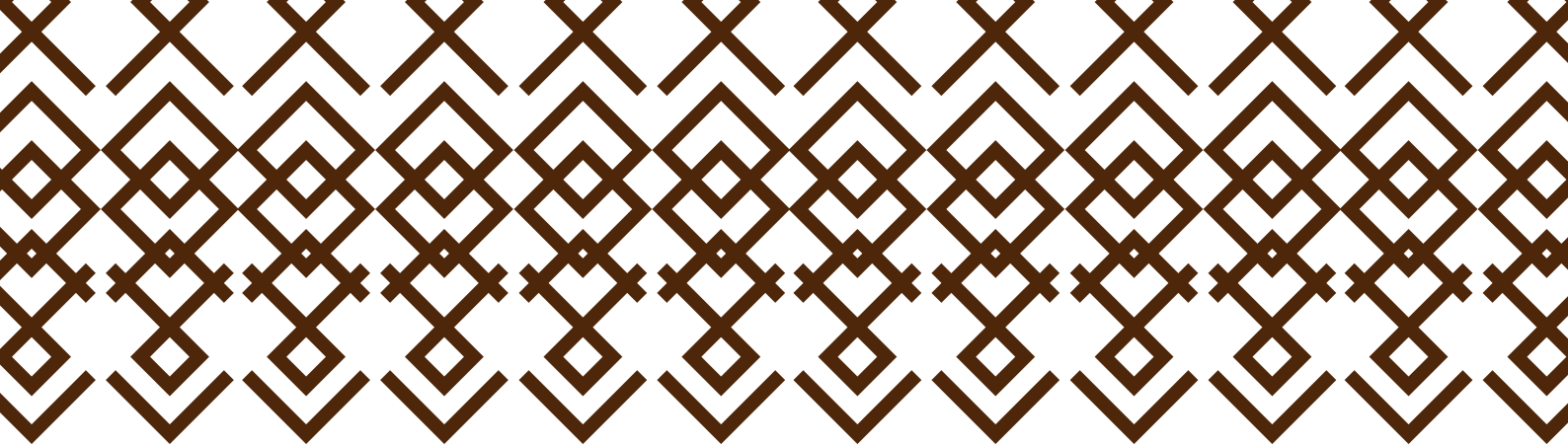
Felipe, essa bonita camisa é guineense, foi um presente do nosso colega Cláudio Furtado, que está nos seguindo aqui. Para vermos como é fundamental estarmos atentos para os contextos, menciono que a marca dessa camisa é Bibas. Seu sentido na Guiné nada tem a ver com o existente entre nós, embora eu não me importaria minimamente se tivesse. Muito obrigado a todos e a todas, desejo um bom fim de semana e até a próxima. Continuo à disposição.

Caso alguém tenha interesse, tem os meus contatos aí para continuarmos conversando. Obrigado.

Pedro Paulo: Muito obrigado, professor Zamparoni, pela brilhante exposição.

Zamparoni: Pedro, desculpe-me interrompê-lo, mas o faço para te agradecer. Você está aí na linha de frente. Quero também agradecer à Shirlei e ao Igor que estão no background dando apoio para o sucesso de nossa conversa. Muito obrigado Pedro e obrigado a todas e a todos.

Pedro Paulo: O mesmo agradecimento à equipe técnica e a todas e todos presentes. Abraços.



Referências

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Vou lá visitar pastores: exploração epistolar de um percurso angolano em Território Kuvale (1992-1997)**. Lisboa: Cotovia, 1999.

DEFOE, Daniel. **Diário do ano da Peste**. s.l., s.n., 2020 [1665].

RANGER, Terence. Plagues of beasts and men; prophetic responses to epidemic. In: RANGER, Terence; SLACK, Paul (Eds.). **Epidemics and ideas: essays on the historical perception of pestilence**. Cambridge: CUP, 1995, p. 241 268.

TORGA, Miguel. O Leproso. In: **Novos Contos da Montanha**. 5ª ed. rev. aum., Coimbra: s.n., 1967 [1944].

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001 [séc. V a.C.], p. 114 119.


ZAMPARONI, Valdemir. Lepra: doença, isolamento e segregação no contexto colonial em Moçambique. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 24, n. 1, p. 13 39, 2017. doi:10.1590/S0104-59702016005000028.



CAPÍTULO 4:

DOENÇAS E DESVIOS NA INDEPENDÊNCIA ANGOLANA: HIGIENISMO, LIAMBA, KAPORROTO E KAZUKUTA

Fábio Baqueiro Figueiredo



CAPÍTULO 4: DOENÇAS E DESVIOS NA INDEPENDÊNCIA ANGOLANA: HIGIENISMO, LIAMBA, KAPORROTO E KAZUKUTA

Fábio Baqueiro Figueiredo

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar, de modo panorâmico, um conjunto de discursos emergentes no pós-independência angolano, que associavam doença, crime e desvio em um arcabouço higienista difuso que caracterizou o projeto nacional modernizador encampado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e pelas organizações a ele associadas, especialmente a Organização da Mulher Angolana (OMA). Para isso, esse trabalho reflete sobre um espectro de valorações morais negativas sobre um conjunto de usos não produtivos do corpo, como o uso habitual de maconha (liamba) e álcool (especialmente a aguardente



O MPLA se formou a partir do ambiente de agitação cultural e política vivido em Luanda e Lisboa a partir da segunda metade da década de 1950. Teve uma história marcada por dissidências internas, que muitas vezes estavam relacionados ao complexo jogo das identidades raciais, étnicas, regionais, religiosas e de classe de seus líderes, militantes e base social de apoio. Em parte por conta de uma retórica anti-imperialista explícita, atraiu a oposição ativa dos Estados Unidos e seus aliados na OTAN, recebendo por outro lado apoios da esquerda europeia, dos regimes escandinavos social-democratas e dos países comunistas e nacional-desenvolvimentistas do Terceiro Mundo. Após a dissolução do governo provisório instituído em Angola em 1974, obteve progressivamente o reconhecimento internacional e o controle militar do território, instituindo um regime de partido único que durou de 1975 a 1992. Nas três eleições gerais realizadas após o advento do multipartidarismo (1992, 2008 e 2017), elegeu a maioria dos deputados e o presidente da república.

Jean-Michel Mabeko Tali (2001) fez um ótimo panorama da evolução do MPLA e suas disputas internas até 1977. Marcelo Bittencourt (2008) também se debruçou sobre a história do movimento durante a guerrilha.



artesanal conhecida como kaporroto), mas também a frequência a bares e shows, o gosto por certos estilos musicais associados e a adesão a certas formas de se vestir e usar o cabelo relacionadas à explosão da cultura negra atlântica, além de padrões mais fluidos de relacionamentos afetivo-sexuais, incorporados no tropo da *kazukuta*, que era a representação arquetípica da degradação pequeno-burguesa típica do capitalismo industrial avançado no ocidente. Essas valorações morais negativas, que em alguns casos chegaram à criminalização, emergiram em paralelo a uma repressão simbólica e prática sobre determinados aspectos da “tradição” enquanto representação do “obscurantismo” e da “superstição”, naquelas esferas em que disputavam protagonismo e legitimidade com o novo Estado que se buscava afirmar, nomeadamente a justiça privada redistributiva e as práticas locais de cura.

Palavras-chave: Angola, Higienismo, Nacionalismo

Esta fala é parte de uma pesquisa mais abrangente que eu comecei a realizar em 2015 sobre aspectos da história social e cultural de Angola durante o momento da independência e no imediato pós-independência – ou seja, um período que vai de 1974 até o começo da década de 1980, que é quando podemos falar de uma certa consolidação do Estado. Essa pesquisa já rendeu outros frutos. Um artigo já foi publicado sobre cinema e música como espaços de batalha da cultura no pós-independência (FIGUEIREDO, F., 2019), e um segundo está sendo incluído agora num livro organizado pela professora Patricia Godinho Gomes e pela professora Andréa Lobo, sobre os



Os Estudos Subalternos (*Subaltern Studies*) conformam uma escola de pensamento surgida na Índia no começo da década de 1980, que propunha uma reavaliação crítica da história nacional centrada nos camponeses e em outros setores hierarquicamente subordinados da sociedade colonial, recorrendo a perspectivas marxistas, gramscianas e, mais tarde, foucaultianas. São uma das mais importantes correntes da crítica pós-colonial e dos estudos descoloniais.



significados da emancipação feminina. Neste exato momento, estou começando a escrever um artigo sobre a Campanha Nacional de Alfabetização e a criação de um sistema nacional público de educação em Angola. E o tema que me proponho tratar hoje é algo que aparece de forma transversal em cada um desses outros textos.

Cada um dos aspectos que eu venho trabalhando nessa pesquisa está articulado a um processo de construção do Estado independente em Angola num contexto de legitimidade precária e contestada. Qual era a situação geral de Angola nessa época? Vivia-se uma guerra intermitente entre diferentes movimentos nacionalistas armados, que havia começado ainda antes da independência, com participação de atores regionais e extrarregionais. Enquanto isso, na capital, Luanda, havia muitas ideias divergentes sobre o que devia significar a independência. Angola era um Estado que tinha uma capacidade operacional muito limitada, que não detinha o domínio integral do território nacional e que também, de certa forma, era uma continuação do Estado colonial – e, como tal, partia de uma base de legitimidade espúria. O Estado colonial, para usar as definições dadas pelos historiadores indianos dos Estudos Subalternos, experimentava uma dominação sem hegemonia. E é esse Estado, parcialmente desmantelado, que vai ser herdado pelos novos governantes na independência.

Esse período foi marcado precisamente por um processo de busca pela construção dessa legitimidade, ou pela construção de um grau mínimo de legitimidade que permitisse ao novo regime, capitaneado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a operação básica do que tinha restado do Estado colonial. Esse novo Estado tinha, ao mesmotempo, que se adaptar às estruturas internas do próprio MPLA, desenvolvidas ao longo de quatorze anos de guerra anticolonial, mas também às estruturas que foram sendo criadas na capital, Luanda, a partir de uma teia de células de agitação política semiclandestinas que tinham emergido nos meios estudantis, nos bairros periféricos e entre certas categorias de trabalhadores, a começar pelos professores (cf. FIGUEIREDO, L., 2011; TALI, 2001, v. 2; PINTO, 2017). Essa teia ficou conhecida pelo nome de Poder Popular. Mais tarde, esse Poder Popular foi reapropriado de outras formas por outros atores, mas, para os efeitos deste debate, podemos definir o Poder Popular como essa teia descentralizada de grupos e células mais ou menos espontâneas que tentou gerir os assuntos das grandes cidades, principalmente Luanda, depois da

Revolução dos Cravos e da queda da ditadura em Portugal, em 25 de abril de 1974.

A proposta desta fala é descrever, de uma forma necessariamente panorâmica, como é que certas noções sobre desvios foram articuladas com um pensamento de orientação higienista entranhado nas sensibilidades dos líderes do MPLA e, também, da Organização da Mulher Angolana (OMA), uma entidade ligada ao MPLA. Essas noções aproximavam um conjunto de comportamentos sociais que tinham em comum o fato de não serem “produtivos”, e dentre os quais destaco, no título desta fala, a *liamba* e o *kaporroto*. Para os não angolanos, eu traduzo: *liamba* é o nome utilizado em Angola para a maconha, e *kaporroto* é um tipo de aguardente feita em casa, uma aguardente artesanal que utiliza certos ingredientes muito pouco convencionais, e é considerada por muitos como um risco terrível à saúde. Esses comportamentos eram aproximados, por um lado, da doença e, por outro lado, da *kazukuta*, que era o termo utilizado para fazer referência a uma postura de sabotagem ou desinteresse pela construção do novo Estado. Por outro lado, a relação entre *kazukuta*, marginalidade e delinquência, vai fechar o círculo do higienismo, que historicamente aproxima as noções de doença e crime. E é pelo crime que vamos começar.

No meio de toda a confusão provocada pela queda do regime colonial, poucas semanas após a cerimônia da independência e a poucos dias do fim de um



O Jornal de Angola foi fundado em 1923, como A Província de Angola. Em junho de 1975, foi nacionalizado e rebatizado com seu nome atual. Após o fechamento dos demais diários do país, em dezembro de 1975, tornou-se o único jornal publicado em Angola, sob o controle estreito do MPLA, funcionando tanto como órgão informativo quanto como veículo de divulgação oficial.



A noção de “dominação sem hegemonia” foi desenvolvida no âmbito dos Estudos Subalternos, na Índia, para caracterizar os regimes coloniais dos séculos XIX e XX, que joga com os conceitos de dominação legítima (Weber) e hegemonia (Gramsci). Trata-se de uma situação em que existe uma ordem racional-legal capaz de manter o controle sobre boa parte da vida social e econômica do território, mas que não é capaz de obter a adesão voluntária da grande maioria da população submetida.



Como movimento intelectual difuso, o higienismo está ligado à emergência do poder biomédico a partir do fim do século XVIII na Europa, que, ao pensar as sociedades humanas conforme metáforas organicistas, prescreve um conjunto de reformas para promover a higiene em vários campos da experiência humana, de modo a preservar a “saúde” da sociedade. Em articulação com o pensamento racial e ao darwinismo social desenvolvidos em paralelo, tendeu a aproximar as noções de desvio, doença e crime, e a associar sua ocorrência às classes sociais mais baixas, às mulheres, e às raças então consideradas inferiores.



ano bem movimentado, o Jornal de Angola trazia em sua segunda página, numa coluna intitulada “Ronda da Cidade”, a seguinte interrogação como manchete: “A liamba voltou?”

Como entender isto num país em Revolução?

Como entender isto, na República Popular de Angola?

O repórter encostou numa bomba de gasolina. Era o dia 26 de dezembro de 1975. Abasteceu o depósito do automóvel. Estendeu uma nota ao camarada que ali devia resistir produzindo. Antes do troco, veio a oferta:

– “Camarada, precisa de tabaco? Daquele?...”

O repórter não percebeu logo. “Não, obrigado. Tenho aqui, Coimbra. Quer um?”

– “Não, camarada, não é isso! É bol, meu... não gramas, meu? Esta erva é boé de fixe, meu! Não queres mesmo, camarada? Olha só que é barato mesmo.”

Só então o repórter percebeu exactamente o que se passava. Ficou confuso. Quase assustado. Disse que não estava interessado. Pôs o motor a funcionar, arrancou lentamente e ainda pôde ouvir:

“Já sabe, camarada. Quando quiser, é só vir aqui. Aqui, não falta nunca.”

O que significa, realmente, este diálogo? Será que a liamba voltou? Será que o tráfico de droga vai retomar os dramáticos aspectos de que se revestia na sociedade colonial-fascista?

Quem estará por detrás dessa manobra? Quem estará interessado em viciar a nossa juventude, em alienar e desmobilizar as massas trabalhadoras? Denunciamos a manobra e alertamos os organismos governamentais a quem cabe reprimir e desmembrar o criminoso enredado do tráfico de estupefacientes. (Jornal de Angola, 29 dez. 1975, p. 2)

Um dos campos de atuação do Estado que a queda da ditadura em Portugal tinha desarticulado de modo mais completo era precisamente o da segurança. Até ali, a política de segurança em Angola tinha sido constituída como uma rede que se estendia pelo território e associava estreitamente os aspectos administrativo e policial, centrada no “posto” e voltada para a vigilância e o controle da população local, inclusive de seus movimentos. Em paralelo, a partir de 1958 se constituiu uma segunda camada, formada por uma polícia política especializada em infiltrar

agentes e cooptar informantes nas esferas da vida que se suspeitassem estar contaminadas pela propaganda ou ação nacionalista clandestina – a famigerada Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), que deixou de existir imediatamente, inclusive em Portugal, após a mudança de regime. Havia ainda agências especializadas em inteligência e contra insurgência no comando militar e os Serviços de Coordenação e Centralização da Informação de Angola (SCCIA), que respondiam diretamente ao Conselho de Ministros em Portugal.

A erosão da ordem em Angola foi progressiva e teve vários movimentos. Após o primeiro desmantelamento da estrutura da segurança colonial, imediatamente após o 25 de abril, começou o processo de agitação política de base em Luanda que logo se tornaria o Poder Popular. Em janeiro de 1975, foi instaurado um governo de transição composto pelos militares revolucionários de Portugal e pelos três maiores movimentos de libertação em Angola. Esse governo implodiu por volta do meio do ano, e os movimentos nacionalistas passaram a se enfrentar de armas na mão pelo controle do território, enquanto os portugueses concentravam-se em organizar sua própria retirada.

No início desse período, houve a formação de milícias entre a parte da população branca que ainda acreditava ser possível manter inalterado o status quo ante algumas das quais tentaram, sem sucesso, se transformar em movimentos clandestinos armados, sob a inspiração da Organização do Exército Secreto argelina. O apelo dessas iniciativas estava intimamente ligado ao clima geral de insegurança e à dissolução da ordem pública conforme percebida pela população branca com menos recursos. Por



A PIDE foi fundada em 1933, no âmbito da implantação do Estado Novo em Portugal, como Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, assumindo o nome PIDE em 1945. Em 1969, foi rebatizada como Direcção Geral de Segurança, mas continuou sendo referida como PIDE ou PIDE/DGS, mesmo na documentação oficial. Foi o principal órgão de repressão política da ditadura portuguesa. Instalou-se em Angola em 1958 para se infiltrar nos meios de agitação nacionalista, o que resultou numa onda de prisões e deportações que terminou por catalisar o início da luta armada anticolonial.



A Organização do Exército Secreto (Organisation de l'Armée Secrète, OAS) foi uma organização paramilitar que buscava impedir a independência da Argélia. Formada por colonos brancos e militares franceses que haviam trabalhado na contrainsurgência contra a Frente de Libertação Nacional (*Front de Libération National*, FLN) argelina, promoveu uma série de assassinatos e atentados terroristas entre 1960 e 1962.



exemplo, foi em retaliação ao assassinato de um taxista branco que essas milícias promoveram, em junho de 1974, um ataque aos musseques, os bairros periféricos de urbanização precária, de maioria negra, que deixou cerca de 200 mortos. A sensação de insegurança da população negra, por sua vez, alimentou os movimentos de organização política de base em pequena escala, na forma da “defesa popular” – grupos que buscavam garantir a segurança pública nos bairros, e foram mais tarde articulados à própria estrutura do novo Estado, no âmbito da Organização da Defesa Popular (ODP).

Depois da independência, não por acaso, os novos governantes buscaram colocar de pé o mais rapidamente possível um novo sistema judicial e de segurança pública. Em 15 de novembro de 1975, por exemplo, o recém-empossado Ministro da Justiça falou ao Diário de Luanda sobre planos para a criação de “Tribunais Populares” e

campos especiais de trabalho para recuperação de delinquentes primários, vadios, prostitutas e outras categorias de delito comum. (...) visarão, fundamentalmente, a reeducação de delinquentes e adequada preparação para as tarefas produtivas de interesse nacional. (Diário de Luanda, 15 nov. 1975, p. 3)

Duas semanas depois, o mesmo jornal dava destaque à atuação do recém-reformulado Corpo de Polícia de Angola, em seu combate a “todas as formas de marginalidade”, do contrabando de diamantes ao furto de um carro, mas passando pela apreensão de “uma grande quantidade de liamba”, avaliada em cerca de 700 kg, distribuída em três toneis. Os responsáveis eram caracterizados como “marginais”, não tanto por referência ao valor moral das leis em abstrato, mas por estarem empenhados numa “actividade condenável e sem carácter produtivo”. O jornal lembrava que sua prisão era um aviso aos que pretendiam “desenvolver um tipo de vida contrária aos verdadeiros interesses do Povo angolano e das suas necessidades mais urgentes”, especialmente num momento em que o novo país lutava para repelir de seu território os exércitos estrangeiros da África do Sul e do Zaire, que haviam invadido em apoio aos movimentos nacionalistas rivais durante o colapso do governo provisório.

A repressão a atividades ligadas ao consumo de certas substâncias se inseria na repressão geral a um conjunto de comportamentos considerados improdutivos, num contexto em que a produção econômica angolana tinha sido quase

completamente desorganizada, com a guerra atrapalhando a colheita e o transporte de gêneros alimentícios e commodities agrícolas, e a partida em massa dos brancos que ocupavam os cargos técnicos e de gerência tanto nas cidades quanto nas maiores fazendas. Isso se refletia diretamente na queda abrupta das receitas do novo Estado e na ameaça de uma grave crise de desabastecimento.

Nesse contexto, os novos governantes tinham de convencer os angolanos de que eles precisavam trabalhar mais ainda que antes e sem uma melhoria imediata das condições de trabalho ou de vida, quando boa parte da propaganda nacionalista repousava precisamente na associação entre trabalho e opressão colonial. De um lado, se apelava à “emulação socialista” e a palavras de ordem como “produção, produção, produção, disciplina, disciplina, disciplina”, ou “resistir produzindo”; de outro, atacavam-se comportamentos que remetiam a prazeres despreocupados e descomprometidos. Nesse sentido, a “droga” era vista como uma das armas do imperialismo, como mostra uma chamada logo na terceira página do Jornal de Angola, que exibia uma foto de grande dimensão com a legenda: “Esta é a folha da liamba. Onde encontrar esta planta destrua-a imediatamente, camarada” (Jornal de Angola, 19 mar. 1976, p. 3).

Uma explicação mais sofisticada para a necessidade da repressão foi oferecida pelo mesmo jornal como comentário à prisão de um policial e um soldado que, segundo a manchete, “Preparavam-se para queimar uns fumos de liamba...”

Fumar liamba é um acto contra-revolucionário, por diversas razões de carácter científico, filosófico e moral.

(...)

Reduz-se, com o fumo da droga, a capacidade de trabalho, o rendimento intelectual, o domínio da vontade. Passa-se a obedecer, somente, à necessidade de possuir mais droga para fumar. Com isso, está-se a atentar contra a Revolução, a amputá-la de um dos seus membros, voluntariamente. De um homem útil, a liamba fabrica um inútil. De um homem são, a liamba fabrica um cadáver.

(...)

Como todos sabemos, a droga é também uma das armas mais eficazes que o imperialismo tem para ir minando a inspiração revolucionária da juventude dos países onde ainda vai conseguindo condições de vida. (...) Além de tudo

isso, o tráfico de droga é também uma boa fonte de rendimento para as organizações de extrema-direita que dominam esse tipo de comércio, a nível mundial. (Jornal de Angola, 2 mar. 1977, p. 3)

Mas nem só drogas ilícitas estavam na mira. O abuso do álcool, em qualquer de suas formas, também era lido como uma ameaça existencial ao sucesso da implantação do novo regime. É o que sugere este apelo emocionado, sob a manchete “Abaixo o alcoolismo”: “vamos agora esquecer as responsabilidades que temos e as conquistas que alcançamos, abrindo caminho à contra-revolução e à dependência económica?” (Jornal de Angola, 9 jul. 1976, p. 3). Segundo a matéria, ocasiões sociais como casamentos, batizados, aniversários e farras eram espaços de promoção de “hábitos burgueses” e “gostos decadentes”, em que o número de alcoólicos crescia semanalmente. A oposição entre trabalho produtivo e tais hábitos burgueses é lembrada pelo jornal de forma articulada à ameaça de sanções criminais:

Para disciplinar o processo produtivo, o Conselho da Revolução decretou em 15 de dezembro uma lei que também se refere ao alcoolismo. O artigo 1º define: “São crimes contra a produção os seguintes; f) Embriaguez e o estado de drogado no local de trabalho.” (Jornal de Angola, 9 jul. 1976, p. 2)

Ainda hoje em Angola circula uma anedota que afirma que, durante a década de 1980, os restaurantes eram proibidos de vender cerveja, exceto quando esta acompanhasse um prato de comida. O resultado eram noitadas que terminavam com pilhas de pratos intocados sobre a mesa, um para cada garrafa de cerveja consumida. No caso de Angola, a situação era ainda mais complicada levando-se em conta que uma das maiores plantas industriais instaladas no território era, precisamente, a fábrica de cerveja Cuca. Dessa forma, uma repressão completa e direta ao álcool em qualquer de suas formas era impraticável. A solução foi, portanto, criminalizar a embriaguez no espaço do trabalho.

Além disso, sanções criminais aguardavam também quem se dispusesse a produzir sua própria aguardente, com os métodos pouco ortodoxos que caracterizam, até hoje, o *kaporoto*. A polícia parece ter concentrado esforços, inutilmente, em reprimir a prática. Comentando a “Campanha contra o kaporoto”, o Jornal de Angola noticiou em 23 de fevereiro de 1977 (p. 3), a destruição de uma “fabriqueta” e a prisão de dois fabricantes de *kaporoto* (um camponês natural de Malanje e

um trabalhador natural da Quibala). O jornalista demonstrava enorme espanto diante da continuação do fenômeno, apesar das campanhas avisando sobre o mal provocado pela “mixórdia”.

Como vimos, o uso de substâncias psicoativas como álcool e maconha era condenado com recurso a considerações de economia política e de saúde pública, entendida fundamentalmente como a promoção da adequação da população angolana para o trabalho. Outro campo em que essas preocupações se expressavam de forma aguda era na busca de um lugar na nova ordem para as práticas locais de cura. Confrontados com a dupla injunção de valorizar a cultura popular ancestral dos povos presentes no território e de extirpar o “obscurantismo” e a “superstição” para dar lugar a uma abordagem científica e modernizadora dos assuntos do país, os angolanos ficaram notadamente confusos sobre como encarar *ngangas* e outros especialistas em assuntos que uniam vários aspectos distintos dos mundos material e espiritual, incluindo a saúde e a doença. Em junho de 1976, o Bureau Político do MPLA preparou uma declaração oficial sobre o assunto e a fez publicar nas duas primeiras páginas do *Jornal de Angola*, com a manchete: “Não se pode confundir medicina tradicional com práticas obscurantistas”. A estratégia era isolar o conhecimento objetivo das propriedades medicinais de plantas e animais, e dos tratamentos adequados a determinadas doenças, da capacidade mais geral de mediação social (e judicial) que esses especialistas assumiam. Esse “salvamento” do conhecimento objetivo dos “curandeiros” dependia, obviamente, do crivo de especialistas sanitários de formação ocidental. A declaração não deixava dúvida:

A maioria do povo, e particularmente os camponeses, permaneceram no analfabetismo e sem assistência médica. [...]

A situação de dominação colonial portuguesa e a falta de assistência médica levaram a que o nosso povo continuasse a praticar a medicina de tipo tradicional. Esta medicina não pode de maneira nenhuma ser ignorada, pois ela é um importante valor.

Hoje, que somos independentes, é necessário que os organismos responsáveis da Saúde criem todas as condições para um aproveitamento correcto desse tipo de medicina. (*Jornal de Angola*, 16 jun. 1976, p. 2)

Entretanto, quando houvesse conflito entre as práticas de cura locais e as concepções biomédicas, eram estas últimas que prevaleciam, e as primeiras eram remetidas a mesmo campo semântico do desvio e do crime que já vimos operar contra os apreciadores da *liamba* e do *kaporroto*:

(...) a medicina tradicional não pode ser confundida com práticas obscurantistas realizadas por indivíduos sem consciência, que têm como objectivo roubar dinheiro e alimentar superstições já existentes no seio do Povo.

Hoje assistimos a um aumento crescente de indivíduos oportunistas que, sob a capa de “adivinhos” ou de acções que pretendem curativas, apenas contribuem para o mal-estar das massas populares[,] a violência e a morte.

Para a resolução dos conflitos criados por esses oportunistas recorre-se frequentemente à justiça privada, cometendo-se, na maior parte das vezes, graves injustiças. (Jornal de Angola, 16 jun. 1976, p. 2)

O avanço das concepções “modernas” (i.e., biomédicas) no seio da população angolana era visto como função do aumento da escolarização formal. A aproximação entre analfabetismo e falta de assistência médica no texto que acabamos de ver não é fortuita, e se repete em diversos outros exemplos. Mas é importante ressaltar que as expectativas em relação a essa transformação social muito desejada pelos novos governantes recaíam de forma muito mais acentuada sobre as mulheres, que, apesar de toda a publicidade em torno da “emancipação feminina”, eram vistas como principais responsáveis pela criação das crianças, futuros cidadãos exemplares da nova Angola.

Um viés patentemente higienista pode ser identificado na OMA desde seus primeiros movimentos públicos, sugerindo uma relação persistente, mas pouco explorada na historiografia sobre Angola, entre papéis femininos e cuidados higienistas. Em um seminário de formação de quadros que parece ter sido responsável também pela primeira estruturação formal da entidade, em 1965, a programação estava centrada em palestras e discussões que davam um enorme relevo para a higiene corporal, alimentar e das habitações, primeiros socorros, puericultura e saúde infantil, além de constantes apelos para a promoção de uma “guerra às moscas”.

As primeiras atividades da OMA já em Luanda, no pós-independência, também se inseriam nessa vertente, como mostra a entrevista concedida pela Camarada Ana Maria, responsável pelo Departamento Feminino, submetido ao Departamento de

Assuntos Sociais da Comissão Popular do Bairro Sambizanga, um dos maiores e mais populosos musseques da cidade:

O que nós fazemos neste sector? Dão-se aulas de alfabetização, de costura, de nutrição, culinária e puericultura. Na altura em que montamos o Centro [Infantil], foi feita uma preparação, embora breve, de camaradas vigilantes de crianças, para o Centro Infantil que vai responder a uma necessidade que há muito se estava sentindo. (Jornal de Angola, 22 nov. 1975, p. 3)

Alguns anos mais tarde, depois de efetivamente implantada e tendo conseguido alcançar uma representação e uma capilaridade expressivas entre as mulheres angolanas, a OMA manteria seu foco na promoção da saúde pública, como mostra a entrevista concedida pela dirigente Rodeth Gil aos órgãos estatais de informação em fevereiro de 1978. Gil recordava a realização de 568 cursos de formação de “defensoras da saúde” em 1977, e a matrícula de mais de 1.600 “camaradas da OMA” nos cursos previstos para 1978, apesar das dificuldades advindas da falta de capacidade técnica do Ministério da Saúde. Ficamos sabendo também que a OMA participava ativamente das campanhas de vacinação. Mas talvez o mais relevante seja a justificativa que Rodeth Gil apresentava para esse interesse continuado da OMA na promoção da saúde pública:

“Porquê que a OMA sabendo esses pormenores todos de doenças que prejudicam o nosso Povo, porquê que ela preocupou-se em trabalhar activamente para os superar?” Pergunta aquela responsável da OMA, para de imediato responder: pois, ela como esposa e mãe, tinha que ser a primeira a responder militantemente por essas tarefas. (Jornal de Angola, 16 fev. 1978, p. 3)

Se aqui, no âmbito da OMA, os desvios a combater em nome da promoção da saúde pública são uma herança involuntária do colonialismo, mais do que a adesão a uma mentalidade pequeno-burguesa, como no caso dos liambeiros, nem por isso a ameaça de sanções criminais deixa de aparecer. Em 23 de junho de 1976, por exemplo, militantes da OMA organizaram uma manifestação na frente do palácio do governo para pedir imediata repressão contra certas denominações religiosas que consideravam “inimigas da revolução”, como os kimbanguistas e tocoístas, acusados de serem aliados da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), e os testemunhas de jeová, acusados de serem agentes dos Estados Unidos, especialmente em face de sua recusa do alistamento militar e da reverência aos símbolos nacionais. Embora a

moção apresentada ao primeiro-ministro nomeasse apenas essas três “seitas”, pedindo “sanções severas e reeducação política em campos de produção”, a alocação de uma militante não identificada da OMA deixava claro que as práticas de cura locais também estavam na berlinda: “não estamos para aceitar religiões que utilizam processos desumanos como o Xinguilamento, as danças sunguras, etc, para destruir o trabalho do povo através da corrupção, alienação etc.” (Jornal de Angola, 24 jun. 1976, p. 2).

As tendências higienistas difusas nos ideais de engenharia social propugnados pelo novo regime nos ajudam a colocar em relação comportamentos sociais e usos do corpo não produtivos, por um lado, e o recurso a práticas rituais locais que entendiam a doença e a cura de forma potencialmente conflitante com as necessidades de uma saúde pública voltada a garantir a aptidão para o trabalho, por outro.

Uma outra relação ainda resta por ser delineada. Vamos começar por mais uma notícia do Jornal de Angola, de 27 de junho de 1976 (p. 3), que busca justificar o retorno das “rusgas”. As “rusgas”, ou batidas policiais geralmente conduzidas nos bairros periféricos, eram fortemente associadas, em termos simbólicos, à opressão colonial. Em sua nova versão, como na antiga, os alvos eram aqueles que não pareciam estar devidamente inseridos no mundo ordenado do trabalho. Na noite anterior, haviam sido presos 16 “indocumentados” (ou seja, gente que não tinha um bilhete de trabalho), além de três fabricantes de aguardente. Para o jornalista, a volta das “rusgas” se justificava diante da alarmante onda de “vadiagem” que tomava conta da cidade, justamente quando todos os angolanos deveriam



O kimbanguismo e o tocoísmo são duas religiões africanas cristãs proféticas fundadas respectivamente por Simon Kimbangu (década de 1920) e Simão Toko (década de 1940). Ambos arregimentaram grande número de fiéis entre a população falante de kimbango que se dividia entre o norte de Angola e o Congo-Léopoldville. Os regimes europeus na África tenderam a associar o profetismo cristão africano à contestação da ordem colonial, de modo que ambos os profetas ficaram presos ou exilados boa parte de suas vidas.



A FNLA surgiu em 1962 a partir da União das Populações de Angola (UPA), que por sua vez sucedeu em 1956 a União das Populações do Norte de Angola (UPNA). Inicialmente relacionada às disputas políticas em torno da sucessão ao trono do antigo reino do Kongo (cuja existência formal foi mantida durante o regime colonial português), a organização foi progressivamente assumindo uma dimensão nacional e disputou com o MPLA a hegemonia sobre o nacionalismo em Angola ao longo da década de 1960. No final desse período, viu sua legitimidade ser reduzida de volta às regiões do norte de Angola onde surgiu. Atualmente, é um partido político minoritário, com pouca representatividade na maior parte do território nacional.



A emergência da política de massas foi muitas vezes acompanhada por ambiciosos projetos de engenharia social que requeriam uma redefinição do que significava ser humano, tanto à direita quanto à esquerda. Neste último caso, a ideia de que o sucesso do socialismo tanto dependia quanto implicava profundas mudanças culturais e comportamentais se desenvolveu de forma difusa no último quarto do século XIX e ganhou impulso com a revolução bolchevique de 1917. O Homem Novo socialista era definido por sua libertação do individualismo, do consumismo e da lógica hierárquica características do capitalismo, e pela profissão cotidiana de uma ética coletivista, igualitária e voluntarista, ancorada numa identidade universalizada de classe trabalhadora.



estar empenhados na construção do Homem Novo. Mas o mais interessante é que essa “vadiagem” ganhou, pelas mãos dos redatores do Jornal de Angola, uma caracterização muito particular, que estreou em 11 de dezembro de 1975, mais uma vez na seção “Ronda da Cidade”:

Os Kazucuteiros

Quem quer que seja que tenha testemunhado a maneira decidida como os camponeses nossos compatriotas estão cooperando na grandiosa tarefa de reconstrução do País, nas zonas que vão sendo libertadas pelo Exército Nacional, tem de ficar altamente preocupado com o triste espetáculo a que é forçado a assistir diàriamente em qualquer rua da nossa Cidade.

Numa estimativa grosseira, calculamos em alguns milhares os cidadãos que nada fazem, nada produzem. No entanto, apresentam-se bem trajados, trazendo no pulso aquelas bolsinhas de cabedal que, há anos já, vem sendo como que o distintivo dos “filhinhos de papai”.

Ninguém lhes conhece qualquer ocupação. São, por isso, um pêso morto na economia da Nação que todos nós desejamos orgulhosamente livre e progressiva.

Constituem, assim, um estrato da nossa sociedade que urge recuperar, não só pelo contributo que ainda podem dar ao País, mas e principalmente, porque achamos a sua inactividade inadmissível, num momento em [que] a nossa juventude luta abnegadamente para expulsar os invasores da nossa terra e, nos campos, os homens e as mulheres se lançam, de sol a sol, na batalha da produção.

Umaz rusgazitas mais ou menos frequentes; uns poucos de [sic] meses num centro de recuperação para aprenderem o gosto verdadeiro do pão que se leva à boca e depois o encaminhamento para os diferentes lugares de trabalho onde reconhecesse a maior utilidade de cada um, não lhes faria mal algum.

Julgamos saber que o assunto desta crónica já se encontra nas congeminações dos nossos governantes e que não tardarão a surgir as medidas adequadas.

Até lá, ficamos a pensar: – Onde diabo irão, esses “kazucuteiros”, buscar o dinheiro para os saltos, para as bolsinhas, para os dez “finos[”] de cada vez, se a gente os encontra pelas ruas da cidade a qualquer hora do dia e da noite? (Jornal de Angola, 11 dez. 1975, p. 2)

A *kazukuta* era, desde os tempos coloniais, uma performance carnavalesca em Luanda, incluindo um tipo de dança e um vestuário característico, que funcionava como uma paródia da empáfia e dos maneirismos dos colonos brancos. Ao escolher a *kazukuta* como termo para denotar a “vadiagem”, o que se implicava subliminarmente era a associação entre determinados usos não produtivos do corpo com uma tentativa desajeitada de imitar o comportamento do colono em seus piores exageros, caracteristicamente pequeno-burguesa, e digna do escárnio público.

A partir daí, algumas referências pontuais aos kazucuteiros podem ser notadas. Por exemplo, por ocasião da entrada em operação de novos ônibus, ou maximbombos, um dos leitores do Jornal de Angola escreveu indignado sobre a superlotação, que atribuía aos kazukuteiros vindos dos musseques para o centro fazer sabe-se lá o quê, e impedindo que trabalhadores os utilizassem confortavelmente.

No começo de setembro de 1976, o kazucuteiro ganhou uma identidade visual, na forma de uma tirinha caricatural a ser publicada às quartas e domingos, anunciada como uma “crítica construtiva”. Na sua primeira aparição, a figura era representada por um jovem negro com cabelos black power, camisa social estampada de manga longa, com os punhos largos e aberta até o peito, onde pendia um grande medalhão redondo. Um cinto largo com fivela de metal segurava uma calça boca de sino listrada. Sapatos com salto plataforma e uma pequena bolsinha de cabedal completavam a caracterização do personagem. A associação era direta entre o kazucuteiro e um determinado estilo de vestimenta e cabelo que caracterizava o padrão de consumo cultural da juventude negra dos musseques de Luanda desde o período colonial tardio, informado pela explosão global da cultura negra nas décadas de 1960 e 1970, e que foi exemplarmente descrita por Marissa Moorman (2008).

Aparentemente, a redação do jornal recebeu inúmeras cartas com críticas à sua representação visual do kazukuteiro, seja em termos de sua adscrição racial, seja em termos de sua adscrição de gênero. O fato é que a tirinha seguinte não foi publicada. O Jornal de Angola se comprometeu a contatar o autor para que fosse encontrada uma “fórmula mais universal de modo que só e unicamente os kazukuteiros sejam atingidos pelas denúncias das caricaturas que publicamos”. E insistia: “Kazukuteiro é todo aquele que faz a *kazukuta*. É identificável pelos seus actos e por eles é condenado. Como afirmámos repetidas vezes não é alto nem baixo, não é exclusivo deste ou daquele sector social, desta ou daquela

região, nem se define pela cor da pele. Não tem outro nome que não seja o de kazukuteiro.” (Jornal de Angola, 8 set. 1976, p. 3). No último terço do mês, o kazukuteiro retornou, entretanto, com as mesmas roupas, mas agora careca e de óculos escuros (Jornal de Angola, 19 set. 1976, p. 3).

Em outras caricaturas, o mesmo personagem e uma versão feminina correspondente são associados a instrumentos musicais elétricos, e contrastados com desenhos não caricaturais de gente tocando instrumentos tradicionais nos meios rurais angolanos, adscrevendo ao kazukuteiro uma certa “estrangeiridade”, um movimento de empurrar para fora dos limites do coletivo “povo” – um movimento que Christine Messiant (1997) identificou como constitutivo do nacionalismo angolano desde a década de 1950 até o pós-independência. Isso talvez explique a ampliação do escopo do uso do personagem na imprensa durante os primeiros anos da independência.

Pois o kazukuteiro não ficou pelos bares tomando “finos” como se não houvesse amanhã, ou lotando despropositadamente os maximbombos que se dirigiam ao centro de Luanda, para exasperação dos trabalhadores disciplinados, que resistiam produzindo. Em 26 de fevereiro de 1977, o Jornal de Angola informava que “Na alfabetização também há kazukuteiros”, e pedia: “Fora com eles”. Comentando um comunicado local sobre a Campanha Nacional de Alfabetização em curso, que apontava o desinteresse dos estudantes em trabalharem voluntariamente como alfabetizadores, o jornalista se lamentava:

Ao tomarmos conhecimento do comunicado, ficamos surpresos com os seus dizeres, dado que vinham confirmar o que já nos havia sido dito: o pouco interesse que muitos jovens manifestam pelos cursos de alfabetização.

Estes jovens estão, com esse proceder, a falsear o nosso Movimento. A mentir a si próprios e a trair o Povo, de que fazem parte integrante.

Não se querem adaptar às nossas actuais condições de vida. Não se querem cultivar, nem desenvolver os seus conhecimentos. Mas não faltam às farras, andam na vadiagem, kazucuteiros de outro género, que também não devemos permitir entre nós.

Se não querem aprender, se não querem estudar e aumentar os seus conhecimentos, fora com eles.

O seu internamento em campos de recuperação, é aconselhável, ensinando-

os a trabalhar com uma enxada, para que produzam e não sejam parasitas do Povo. (Jornal de Angola, 26 fev. 1977, p. 3)

O fantasma dos “campos de reeducação” era, como vimos, continuamente mobilizado, caso as admoestações da “emulação socialista” não surtiram o efeito desejado. É importante notar que um processo semelhante acontecia em Moçambique, que promoveu em 1976 uma Operação Limpeza para retirar das ruas da capital Maputo e da cidade portuária da Beira os improdutivos, incluindo aí “prostitutas” e outras mulheres assim consideradas por não estarem vinculadas a um homem que servisse como “chefe de família” – que foram de longe o grupo mais atingido que foram de longe o grupo mais atingido (SANTANA, 2017). A Operação Limpeza precedeu e preparou a Operação Produção de 1986, muito mais abrangente, mas as linhas que demarcavam os improdutivos dos produtivos seguiam a mesma orientação, que é, grosso modo, a mesma orientação que podemos perceber em Angola durante esse período.

Em Angola, as fontes que pesquisei até o momento não permitem dizer nada sobre a existência, a localização e o funcionamento desses “campos de reeducação”. Dessa forma, não tenho como afirmar se ocorreu ali um movimento semelhante ao de Moçambique contra prostitutas ou mulheres que viviam de expedientes, por sua própria conta, nas cidades. Mas é significativo como o gênero influenciou inicialmente na representação do *kazukuteiro* no masculino, e na responsabilização das mulheres pela disseminação de um *ethos* biomédico que era considerado fundamental para o desenvolvimento nacional angolano. O que já posso perceber nesse estágio da pesquisa é como um pensamento higienista difuso foi um componente fundamental do “modernismo” que caracterizou o projeto de nação capitaneado pelo MPLA em Angola, orientando aspectos muito díspares de sua atuação sobre o corpo social, mas sempre articulando desvio e doença dentro de uma preocupação demográfica alinhada à economia política.

Nem é preciso dizer que a *kazukuta*, a *liamba* e o *kaporroto* terminaram vencendo essa batalha, embora o MPLA tenha de fato conseguido, a ferro e fogo, obter uma boa dose da legitimidade que buscou construir alternando na condução do Estado uma vertente pedagógica e uma vertente repressiva, que foi muitas e muitas vezes mais pronunciada, e, também, mais eficiente. Mas essa é outra história, que ainda não acabou.

DEBATE

Patricia Godinho Gomes: Obrigada por essa sua muito interessante exposição. Enquanto você falava, eu fiquei pensando precisamente no caso da Operação Produção em Moçambique, a que você acabou de fazer aqui alusão. Temos muitos comentários parabenizando você e tantas outras perguntas. Então, como a gente já concordou, vamos fazer em blocos. Eu também tenho uma, mas como estou median-do, eu fico por último, se tiver tempo. Aproveito para cumprimentar todos os colegas. Diogo Lessa: Qual o público usuário da *liamba*? E ela estava entre as ervas usadas pela medicina ancestral?

Victor de Jesus: No Brasil alguns autores diferenciam higienismo e eugenia. No caso angolano, eugenia e higienismo são sinônimos? Como é o debate sobre eugenia feito pelos intelectuais angolanos?

Ângelo Pelembe Bunguele: Como interpreta a radicalização dos regimes marxistas em Angola e Moçambique? Combate à igreja, às práticas e ao poder ditos tradicionais. Quais os dilemas do retorno hoje?

Patricia Godinho Gomes: Acho que já

é bastante e depois continuamos. Isso é um bom sinal. Quer dizer que a sua comunicação foi muito interessante.

Fábio Baqueiro Figueiredo: Agradeço as perguntas. Não tenho certeza se vou conseguir responder todas a contento. Começando pela questão colocada por Diogo Lessa, o público que consumia variava de acordo com o setor social. A *liamba* era utilizada em rituais no interior, mas, a partir do início do século XX, como em outros lugares do mundo, começou a ser criminalizada também muito fortemente em Angola. Então, ela era utilizada efetivamente dentro de rituais, mas principalmente nas zonas rurais e cada vez mais sofrendo com uma perspectiva externa negativa. Há, por exemplo, muitas acusações a respeito dos levantes camponeses contra a administração colonial nos anos de 1950 e 1960, de que esses “baderneiros” seriam usuários de *liamba*, e, por isso, eles seriam perigosos criminosos, e não nacionalistas. Na cidade, a partir dos anos de 1960 e 1970, o uso era basicamente recreativo. A gente não tem estudos que possam dizer exatamente como esse uso estava disseminado na sociedade. Mas, pelo volume

que a gente pode inferir de uma única apreensão de 700 kg, a gente imagina que era um uso relativamente comum, e possivelmente ligado aos eventos e encontros sociais vinculados a um tipo de usufruto do lazer, dos padrões de consumo, que chegavam muito por força das rádios, que chegavam desse Atlântico negro, que culturalmente explodiu nos anos de 1960 e 1970. São os anos em que o reggae vai começar a aparecer como um fenômeno global, por exemplo. Às vezes, a gente tem a tendência de isolar as nossas preocupações de estudo como se elas não estivessem dentro do mundo mais vasto. Angola e principalmente Luanda estavam dentro do mundo mais vasto e recebiam essas influências do mesmo jeito que outros lugares. Então, eu imagino (embora eu não tenha fontes que me permitam ter certeza), que o uso da maconha, em Luanda, fosse semelhante ao uso em outras grandes cidades do mundo nessa época.

Sobre a pergunta de Victor de Jesus, em primeiro lugar é preciso lembrar que existiu um higienismo angolano anterior àquele que eu estou discutindo: havia um higienismo colonial muito forte. No entanto, esse higienismo não era necessariamente eugenista. Em termos globais, a eugenia teve um impacto relativamente forte até a Segunda Guerra Mundial. Depois disso, ela pas-

sou a estar associada com perspectivas que foram derrotadas na guerra, e que passaram a ser bastante frágeis do ponto de vista do debate público. Então, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, nós temos, por exemplo, as declarações da Unesco sobre raça, e, inclusive, uma mudança no perfil da propaganda colonial portuguesa, que abandona uma defesa mais explícita da raça, e passa a adotar uma retórica lusotropicalista – ou seja, passa a defender que os portugueses seriam europeus “de outro tipo”, que não tinham “orgulho racial”, que tendiam a se misturar sexualmente com povos “tropicais” (THOMAZ, 2007). Então isso fazia deles pessoas ideais para colonizar e civilizar os povos africanos, e, por isso, eles deviam ser deixados em paz em Angola, e ninguém devia falar desse negócio de nacionalismo com eles. Essa mudança era em grande parte meramente retórica. Ela demorou muito para ser introjetada na prática colonial, que continuou sendo estruturalmente racista. Mas não havia propriamente uma eugenia nesse higienismo, que estava ligado muito fortemente à imagem que os sociólogos portugueses e angolanos tinham dos musseques. Um dos pontos principais dessas preocupações tinha a ver com as relações sexuais e com a criação de famílias ilegítimas, fruto das uniões não sacramentadas de colonos

portugueses com mulheres africanas, negras ou mestiças, nos musseques. Durante o período colonial, havia uma preocupação sociológica em relação a isso, uma sensação generalizada de que isso era um problema em si, e de que acarretava um conjunto de outros problemas sociais. Nem de longe havia portugueses suficientes para embranquecer Angola, e a miscigenação existente era vista como indesejável, porque gerava um estrato de filhos ilegítimos, socialmente marginalizados.

Depois da independência, a postura oficial da direção do MPLA foi uma postura de estrito antirracismo. Isso significa que o governo se definia como *color-blind*, não queria enxergar a cor de ninguém, para tratar todos os cidadãos de forma igual. Houve campanhas contra o racismo no imediato pós-independência, mas para proteger os pouquíssimos brancos que tinham ficado e os mestiços, porque o MPLA precisava recorrer a seu capital escolar, acumulado ao longo das gerações, para impulsionar a retomada econômica – já vimos como parte do problema da desarticulação econômica em Angola tinha a ver com o esvaziamento das posições de gerência, das posições técnicas, que eram anteriormente ocupadas pelos brancos. Dessa forma, havia uma preocupação higienista que não tinha absolutamente nenhuma vin-

culação com a eugenia. Esse segundo higienismo, esse higienismo “marxista” do MPLA, estava muito mais vinculado a uma ética do trabalho, em que o cidadão ideal é o cidadão produtivo, é o cidadão que trabalha. E o lazer era visto de uma forma muito desconfiada, como uma mímica estapafúrdia do colono, como ceder a influências pequeno-burguesas que chegavam do mundo capitalista desenvolvido, e por aí vai.

Sobre o debate intelectual angolano, eu não conheço esse debate com a profundidade suficiente para te responder, porque uma discussão mais específica sobre raça acontece em Angola na virada do século XIX para o XX, e isso foge um pouco dos meus recortes de pesquisa. Eu gostaria de sugerir o trabalho de meu colega na UNILAB, o professor Eduardo Estevam, que tem trabalhado com isso. Raça era um problema importante para os intelectuais angolanos, que eram na sua maioria negros e mestiços, na virada do século XIX para o século XX. Mas no MPLA isso não foi desenvolvido. Ao contrário, era uma coisa sobre a qual não se devia falar muito.

Isso me leva à radicalização dos regimes marxistas, combate à igreja, às práticas e ao poder tradicionais. É importante perceber que esse movimento tem a ver com a imposição de uma nova legitimidade. Temos que pensar como

esse momento de transição para a independência é um momento essencialmente contraditório, pelo fato de que o Estado e a sociedade novas que vão ser implantadas não começam do zero. Elas começam herdando o Estado e a sociedade coloniais, por um lado. E, por outro, no caso específico de Angola e de outros locais em que houve uma forte disputa pelo poder no pós-independência, vemos um conjunto de situações que fragilizam a legitimidade dos novos governantes. O MPLA chegou às cidades angolanas dotado de uma grande legitimidade, a de ter conseguido a independência, mas essa legitimidade se esgotou muito rápido, porque as coisas não mudaram da noite para o dia. Toda a questão do nacionalismo era transformar uma realidade opressora – de exploração, de sobretrabalho, de condições de vida precárias, de precariedade no acesso à educação, à saúde, a serviços – mas essa transformação não se dava instantaneamente. Uma vez no poder, os novos regimes tinham que obrigar as pessoas a continuar trabalhando, e a trabalhar mais, para que fosse possível começar a promover as transformações almejadas. Além disso, eles tinham que garantir o controle sobre o próprio Estado, que estava passando por transformações muito fortes, algumas das quais vinham de baixo para cima e os novos

governantes procuravam controlar, buscando articular com as estruturas do próprio Estado.

Esse foi um processo de legitimidade contestada e, nesse sentido, as igrejas podiam ser espaços muito perigosos, porque elas envolviam lealdades potencialmente divergentes. Não é possível explicar isso recorrendo apenas à racionalidade das ações sociais e políticas. Havia um conjunto de sensibilidades, um conjunto de perspectivas ideológicas, que também foram responsáveis por parte dos conflitos. Podemos pensar que parte deles não teria acontecido se houvesse uma maior abertura por parte dos novos governantes para reconhecer a alteridade sem percebê-la como uma ameaça. Mas isso era muito difícil na situação em que a independência foi obtida. Não podemos perder de vista as pressões do momento. Os agentes históricos sempre tomam decisões parciais e, necessariamente, mal informadas. Sobre os dilemas do retorno, creio que não sou capaz de responder, porque não tenho acompanhado de forma muito próxima os desenvolvimentos atuais com relação, por exemplo, à medicina tradicional ou às práticas religiosas tradicionais, ou às próprias igrejas. Mas posso dizer que, sobre as igrejas, ainda há muita coisa por ser pesquisada. A perseguição não foi contra todas as igrejas e algumas igrejas tiveram um

papel muito importante na própria definição dessas sensibilidades de que falei antes. Há outros autores que trabalham isso, a exemplo de Margarida Paredes (2010), que pensa como é que uma certa noção de família transitou do universo da missão metodista para o universo do MPLA.

Patricia Godinho Gomes: Fábio, obrigada. Agora, vamos logo ao próximo bloco de perguntas.

Luciene Santana: O contexto histórico de proibição e repressão em Angola tem muitas semelhanças com a proibição do Pito do Pango no Brasil. Poderia destacar estratégias angolanas de resistência do uso medicinal e recreativo?

Ana Luzia Jacinto: Como o MPLA aproveitou-se dos kazukuteiros, liambeiros e outros jovens dos musseques para correr com a FNLA e a UNITA da cidade de Luanda?

Patricia Godinho Gomes: Acho que está de bom assim. Se houver mais perguntas, continuamos.

Fábio Baqueiro Figueiredo: A *liamba* já era proibida em Angola antes. Não é o regime do pós-independência que vai proibir, o que acontece é que não há uma reavaliação da política anterior. A *liamba* já era perseguida, já era proibida desde o começo do século XX, mas o que existe de diferente no novo contexto é talvez uma percepção que, afinal, é muito parecida com os

processos de proibição no mundo capitalista, o argumento de que o seu uso torna a pessoa incapaz para o trabalho. A *liamba* não era o único componente desse uso improdutivo do corpo. Ela era talvez o que chamava a maior atenção precisamente por seu aspecto de alvo da repressão policial. Assim, ela aparece nas fontes de uma forma mais direta, mais explícita e mais fácil de ser percebida pelos historiadores. Mas quando lemos, por exemplo, o trabalho de Marissa Moorman sobre o *semba*, vemos que havia todo um conjunto de modos de usufruir do tempo livre, de modos de usar o corpo que implicavam, por exemplo, mudanças nas relações de gênero e em outras esferas da experiência social, por parte de uma juventude envolvida na agenda de festas, de shows, de casas noturnas, de encontros de música, na cena cultural e musical de Angola, que era muito vibrante nos anos de 1960 e 1970. A *liamba* aparece dentro desse contexto. Ela não é a única questão em jogo, mas ela aparece como um indicativo muito forte de que o trabalho é o principal valor desse novo cidadão angolano, que é modelado pelo ideal socialista do Homem Novo, uma categorização que vai aparecer muito fortemente no pós-independência em Angola. Ele não acompanha a história do MPLA desde o começo, é uma incorporação relativamente recente, dos pri-

meiros anos da década de 1970. Mas, a partir da independência, ele vai se tornar o ideal de cidadão e organizar toda a orientação do Estado angolano que se está construindo – tanto os aspectos pedagógicos (como temos de ensinar a população a ser), quanto os aspectos repressivos (como temos de impedir que a população seja). Assim, essas duas vertentes do Estado angolano – e aí temos de reconhecer que o aspecto repressivo muitas vezes levou vantagem sobre o aspecto pedagógico – se baseavam no ideal do cidadão trabalhador que era o Homem Novo, e que não devia estar suscetível ao que era visto como um conjunto de vícios relacionados às sociedades capitalistas avançadas: o uso de drogas, a licenciosidade sexual, o usufruto do tempo livre, relações sexuais não organizadas no âmbito da família legalmente constituída. E, também, a moda – os cabelos *black*, as calças boca-de-sino, e por aí vai. A pergunta de Ana Luzia Jacinto tem exatamente a ver com isso. Essa população jovem dos musseques que foi associada ao visual do **kazukuteiro** foi precisamente quem garantiu a vitória ao MPLA em Luanda quando o governo provisório entrou em colapso. Quando o governo provisório se tornou um enfrentamento militar entre os diferentes movimentos, essas camadas jovens que depois seriam chamadas de **liambeiros**

e de **kazukuteiros** foram a base do suporte do MPLA. Eles eram uma parte importante da estruturação do Poder Popular, e usavam a sigla MPLA para seus próprios objetivos políticos. Eles falavam em nome do MPLA, defendiam o MPLA de armas na mão se necessário, mas o MPLA era um símbolo, não era necessariamente a organização propriamente dita, e certamente não era a sua direção. Em outras palavras, esses jovens agiam em nome do MPLA para promover suas próprias noções sobre o que deveria ser a independência. Esses **liambeiros**, esses **kazukuteiros**, como seriam chamados depois, montaram a estrutura do poder popular que o MPLA teve que aceitar quando chegou a Luanda. E o fato de o MPLA ter aceitado reconhecer o Poder Popular e os outros dois movimentos não o aceitarem foi fundamental para que os dois outros movimentos fossem efetivamente expulsos da capital quando começaram os embates armados.

Mais tarde, houve um processo de dissociação entre essa juventude urbana dos musseques e a liderança do MPLA. Em conjunto com o movimento estudantil, essa juventude estava muito ligada nessas grandes transformações pelas quais o mundo estava passando e, muitas vezes, era muito mais radical que a liderança do MPLA em termos das mudanças que queriam ver implemen-

tadas em Angola. Por outro lado, esses jovens não têm muita noção do que significa dirigir um Estado. Eles têm perspectivas muito urbanas, não têm um conhecimento muito acurado do que seja a totalidade do território de Angola. Essa dissociação foi catastrófica para a história de Angola. A incapacidade de esses dois grupos seguirem negociando foi catastrófico na história de Angola e é uma das causas macroestruturais do processo de fechamento do regime a partir de maio de 1977.

Patricia Godinho Gomes: Muito bem, Fábio. Para além de parabenizações da parte de Jesiel Oliveira, Júlio Simões, temos muito material aqui para refletir. Temos mais uma questão.

Ângelo Pelembe Bunguele: No Moçambique socialista, a Operação Produção não foi mais que uma invenção de improdutivos urbanos. O que pretendia o regime objetivamente?

Diogo Lessa: Como essa perseguição sobre as mulheres atingiu grupos étnicos que eram organizados a partir de um poder matrilinear? Essa perseguição atingiu esses grupos com maior intensidade?

Fábio Baqueiro Figueiredo: Eu não sou especialista em Moçambique, então talvez eu não possa falar com muita propriedade sobre a Operação Produção e sobre a Operação Limpe-

za, que acontece de forma mais imediatamente contemporânea ao período que estou estudando em Angola. Mas existe aí um choque de percepções que em Moçambique foi muito mais grave em termos simbólicos – em Angola, foi mais grave em termos da perda de vidas humanas. Em Moçambique, foi muito explícita uma representação da cidade, e isso já vai me ajudar a responder à questão seguinte, como o espaço de todos os vícios. A cidade era o ponto de concentração máxima do colonialismo para o primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel, que escreveu isso com muita clareza quando buscou delinear quais deveriam ser as tarefas da mulher no pós-independência. Ele tratou especificamente da moda, dos vícios burgueses, da licenciosidade sexual, que ele associava diretamente à prostituição. Isto tudo para dizer que não tenho como saber quais seriam as expectativas racionais envolvidas na Operação Limpeza ou na Operação Produção, que aliás foram dois grandes fracassos, mas existia a força de uma determinação ideológica por trás disso. Podia se tratar de livrar a cidade de seus moradores inconvenientes, para dessa forma tentar mudar a cidade – num procedimento higienista explícito. Mas é importante perceber também que essas lideranças que estão chegando para assumir o poder nas cidades passaram

boa parte da sua vida, e momentos extremamente formadores da sua própria personalidade, nas zonas rurais. É o caso dos quadros do MPLA e da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Como a guerrilha se desenvolvia principalmente em zonas rurais, durante os longos anos que ela durou foram construídas coletivamente imagens e símbolos sobre o que era o camponês e o que era a vida urbana.

Os nacionalistas haviam, em geral, saído das cidades antes das grandes transformações que ocorreram durante as décadas de 1960 e 1970. A explosão da cultura negra atlântica, por exemplo, e, também, um certo relaxamento das relações sociais e uma certa ampliação das oportunidades que vieram com o fim do regime do indigenato. Assim, os líderes nacionalistas chegaram a Luanda ou Maputo com a cabeça de quem havia partido há 14 ou 15 anos, e encontraram uma cidade transformada, uma juventude que tem outras perspectivas, que eles não conseguem entender e que enxergam como ameaçadoras. Isso é importante para explicar o processo de idealização do camponês que ocorreu nesses dois países, como a alma pura da Revolução.

E aqui eu já aproveito para responder à pergunta de Diogo Lessa. Acredito que as expectativas do Estado sobre as mulheres não assumiam as mesmas

proporções nas cidades e nas zonas rurais, onde a organização étnica era mais importante para vida cotidiana, especialmente as questões relativas à maternidade, à paternidade e à herança. Só faz sentido falar em matrilinearidade ou patrilinearidade quando se pensa em herança, em acesso à terra, em negociação de casamentos e alianças intrafamiliares, e isso funcionava de formas completamente diferentes na cidade. Ao mesmo tempo, havia em Luanda uma quantidade muito grande de mulheres chefes de família, e as mulheres dominavam (como ainda hoje dominam) o mercado informal. Talvez por isso não tenha havido uma perseguição às mulheres em Luanda, de forma comparável ao que aconteceu nas principais cidades de Moçambique.

Patricia Godinho Gomes: Fábio, temos aqui mais umas perguntas, parece que não terminam. Hoje, você vai ficar de castigo.

Livio Sansone: Será que não somente a liamba se globalizava nos anos de 1970 também nos canais do Atlântico negro? Mas também um imaginário com relação àquilo que deveria ser o *hombre nuevo* depois da liberação, independência ou revolução?

Ana Luzia Jacinto: Não acha que depois da independência era necessário direcionar e educar os cidadãos para

o desenvolvimento do país ou mesmo para a formação do Homem Novo?

Fábio Baqueiro Figueiredo: Muitas coisas estavam envolvidas nessa explosão da cultura negra atlântica, principalmente nos anos de 1960 e 1970. A liamba em Angola talvez tivesse uma dinâmica diferente, exatamente porque ali seu uso tradicional está atestado por séculos, e muito provavelmente ela foi introduzida no Brasil por pessoas escravizadas e trazidas à força para cá a partir dos portos do que hoje é Angola. Mas é certo que esse ambiente cosmopolita do Atlântico negro vai sobre-determinar toda a evolução da cultura angolana contemporânea. Na década de 1950, Angola experimentou um movimento nati-vista muito forte, que foi influenciado por certos aspectos dessa cultura, pelo movimento negritudinista, que chegava por meio da revista *Présence Africaine*, e de ligações com o movimento negro do começo do século XX nos Estados Unidos, no Caribe e na Inglaterra, os Congressos Pan-Africanos, etc. Nos anos de 1960 e 1970, esse Atlântico negro se transforma fundamentalmente em articulação com a indústria cultural. E assim há um corte: as primeiras gerações dos líderes dos movimentos nacionalistas são formadas até 1950 e eles saem de cena. O que acontece nas cidades, em Luanda particularmente, nas décadas

seguintes, eles já não vivenciam e já não entendem – vão transitar por outros circuitos. Mesmo os mais jovens que vão aderir ao nacionalismo vão transitar por outros circuitos e se formar num outro tipo de cosmopolitismo, de orientação socialista, pensado em termos do Homem Novo, da pulsão progressista, do combate ao obscurantismo, do combate à superstição – é uma formação completamente antitradição, um modernismo bastante empedernido, uma lógica cientificista, inclusive, que está presente nas formações que eles vão receber nos países socialistas onde fazem cursos superiores ou treinamento militar. Portanto, dois cosmopolitismos diferentes vão entrar em choque em Luanda no pós-independência. Um é esse cosmopolitismo socialista que vem com os quadros e com os dirigentes da primeira geração. Outro é um novo cosmopolitismo que vem pela rádio, pelos hábitos de consumo, pelos hábitos de lazer, pelo uso da liamba entre outras coisas, do álcool, das festas, da música, dos instrumentos elétricos, dos ritmos caribenhos misturados com ritmos tradicionais que foram resgatados lá naquele primeiro momento nati-vista.

Sobre a pergunta de Ana Luzia Jacinto, esse era o plano. Criar o Homem Novo através da educação era certamente o projeto dos dirigentes e de muitos dos intelectuais que estavam envolvidos com o MPLA.

O MPLA tinha uma participação muito forte de intelectuais, de gente com ensino superior, de gente que trabalhava com artes, com literatura, com educação. A preocupação do movimento com a educação estava posta desde o início, mas havia um problema: educar demora. E as ameaças eram muito urgentes. Havia o exército sul-africano subindo com colunas de blindados a todo o vapor para tentar chegar a Luanda antes do dia marcado para a independência. Havia aviões com pilotos cubanos anticastristas, que já tinham ajudado a derrotar a tentativa de revolução no Congo, com Che Guevara e tudo o mais. Havia toda uma mobilização internacional para fazer aquilo dar errado. E, dentro, havia também muitas dissensões, havia muitas ideias diferentes de como a independência devia ser, e a maioria delas não era capaz de suportar as pressões que estavam sendo colocadas naquele momento. Nesse sentido, acredito que a tendência pedagógica do projeto nacional do MPLA não teve tempo, não teve a capacidade prática de produzir uma resposta eficiente no prazo que seria necessário. E, mesmo entendendo que essa pedagogia também tinha um viés muito autoritário, não há dúvidas que ela poderia ter salvado milhares de vidas. Mas, por exemplo, o MPLA só conseguiu instituir um sistema de educação primária pública que desse conta

de uma parcela significativa da população depois de 1980. O plano estava lá, mas não havia os meios, não havia professores para começar.

Sem querer entrar nos méritos morais das questões envolvidas, esse foi um dos motivos estruturais porque o estado angolano transitou por uma via muito mais repressiva do que por uma via pedagógica. De certa forma, foi uma opção dentro de limites muito duros. Não podemos esquecer também tudo pelo que outros regimes africanos considerados radicais, e que de alguma forma ameaçaram os interesses europeus e estadunidenses, sofreram ao longo dos quinze anos anteriores, começando com os assassinatos de Patrice Lumumba e Sylvanus Olympio, os golpes de estado sucessivos, e que continuaram a acontecer até bem depois desse período, como o assassinato de Thomas Sankara mais recentemente. Portanto, minha avaliação é que, sim, a tendência repressiva foi uma escolha, mas foi uma escolha condicionada por opções muito difíceis, opções muito duras.

Patrícia Godinho Gomes: Fábio, você tem aqui mais uma questão, parece-me. Não terminam realmente as perguntas. Ainda temos tempo para colocar. E se tiver ainda um pouquinho mais, eu também coloco uma questão a você.

Luciene Santana: Pelo que pude com-

preender o prisma da higienização e da modernização caminhavam juntos. Avalia que a higienização se pretendia utilizar primordialmente como dispositivo de repressão?

Patrícia Godinho Gomes: Como é que você vê, hoje, à luz de todo esse debate, de sua análise sobre esse período da independência angolana, os musseques como lugar de desvios, de delinquência? Como você conecta o passado, como referência histórica, à condição social, hoje, dos musseques angolanos, sobretudo na região de Luanda, pensando também o debate racial?

Fábio Baqueiro Figueiredo: Embora essa pesquisa ainda esteja bastante incompleta, uma das coisas que eu tenho percebido ao mergulhar nas fontes é que existia um higienismo difuso, que jamais foi colocado de frente nos discursos e projetos. A modernização, sim, estava colocada de frente e é reconhecida pela maioria dos acadêmicos que trabalham com o nacionalismo angolano. Mesmo aqueles que julgam que alguns nacionalismos não eram modernizadores – algo de que discordo – enxergam o MPLA como o mais modernizador ou o mais explicitamente modernizador das correntes nacionalistas em Angola. Nesse ímpeto modernizador, o higienismo não vinha à frente, mas estava sempre subjacente.

Ele aparece mais nitidamente no caso da OMA, nas fontes primárias, mas o que eu tentei demonstrar aqui é que ele foi uma característica muito mais difundida e difusa do projeto nacional do MPLA, estando ligado tanto com dispositivos de repressão quanto com dispositivos pedagógicos, para usar a clássica distinção althusseriana entre aparelhos ideológicos e aparelhos de coerção.

A última pergunta é bem difícil, na verdade, de responder. Não sei se tenho capacidade para isso, mas o que eu percebo hoje em Luanda é uma nova circulação de percepções sobre raça, o resgate de um determinado debate que tem a ver com legitimidade, proposto na época da guerra civil, e mesmo antes, durante a guerra de libertação, pelos movimentos que disputavam com o MPLA o protagonismo da luta anticolonial. A FNLA e a União para a Independência Total de Angola (UNITA) sempre acusaram o MPLA de não ser suficientemente legítimo, porque uma boa parte da sua liderança e uma boa parte da sua base social era composta por mestiços. O MPLA teve muita dificuldade de incluir em suas fileiras os brancos que lhe eram favoráveis, mantendo-os escondidos durante um bom tempo durante a guerra de libertação. Foi a partir daí, e muito por conta disso, que o MPLA desenvolveu uma retórica essencialmente e estritamente antiracialista, enquanto

os outros movimentos insistiam na validade dos debates raciais em Angola. Esses debates raciais foram apagados, foram desencorajados no pós-independência sob o governo do MPLA. Eles aparecem de forma tangencial no apoio a Nito Alves, por exemplo, entre 1976 e 1977, como uma facção dentro do movimento. E eles retornam, hoje, muito a partir da circulação de ideias sobre raça que tem se ampliado nos últimos anos.

Hoje, Angola não tem brancos, praticamente, e tem uma população de mestiços estatisticamente muito pequena, que não vai mal, mas não é quem domina as cordilhas do poder nem econômico nem político em Angola. Então, percebo em Angola uma situação que, apesar de parecer semelhante à situação nas sociedades pós-escravistas das Américas, como é o caso do Brasil, é estruturalmente diferente. O que tem acontecido muitas vezes em Angola é que os mestiços são usados como bodes expiatórios, quando a estrutura das desigualdades não corresponde precisamente a uma estratificação racial. O que eu quero dizer é que a maior parte dos mestiços vão bem socialmente, porque acumularam durante gerações um conjunto de capitais simbólicos, escolares, técnicos, e continuam a fazer uso deles e a reproduzir-se socialmente na metade superior da pirâmide social. Mas não

são eles que estão no poder. Isso é muito claro e é preciso que se diga.

Existe, de fato, uma nova política emergindo em Angola que leva raça em consideração. Onde isso vai dar, eu não sei dizer, sinceramente. É muito cedo para falar, pode ser que isso ganhe importância, pode ser que não. Há uma situação social de desigualdade muito forte em Angola, com demonstrações muito ostentatórias de riqueza confrontadas à expressão generalizada da pobreza extrema, e não só nos musseques, às vezes entranhadas em partes do centro expandido antigo, em torno do Kinaxixi, da Sagrada Família. Então, há uma situação de exclusão, de desigualdade social e de renda, que tem piorado muito nos últimos anos. Havia muitas expectativas de que o novo governo do MPLA fosse tratar dessa pobreza extrema. Dentre as propostas de campanha estava um programa praticamente copiado do Fome Zero brasileiro, mas imagino que não foi implementado. Mas não tenho a certeza de que a enorme insatisfação social que ela gera vai ser canalizada por meio de um debate racial.

Não sei se respondi ou se criei mais confusão. Mas é o que eu posso fazer neste momento.

Patricia Godinho Gomes: Acho que você respondeu, Fábio. Eu acho que mais do que isso realmente não se pode dizer,

então serve para refletirmos até em relação aos outros países africanos de língua oficial portuguesa também. Essa temática racial até que ponto ela se faz ou não presente nos debates intelectuais hoje, à luz até do que está acontecendo não só nos países africanos, mas nas suas diásporas também. E aí entendo as próprias diásporas africanas em Portugal e alguns países europeus, tanto quanto o Brasil. Estamos há uma hora e meia já quase do nosso encontro, creio que estamos chegando ao final. Muitos parabéns, Fábio, pela sua excelente exposição. E essa também é, digamos, a opinião e são os parabéns de todos os colegas aqui e dos nossos alunos que estão aqui pelo chat. Então eu concluo, parabenizo você mais uma vez e cumprimento os colegas, alunos e participantes de uma maneira geral.

Fábio Baqueiro Figueiredo: Eu gostaria só de terminar agradecendo a você pela mediação, a todos e todas que estiveram aqui com a gente. A Ana Luzia Jacinto está indignada com a minha última resposta, mas podemos continuar esse debate em outro momento. Desde logo gostaria de explicitar que não estou reivindicando nenhum tipo de autoridade sobre a situação atual em Angola, minhas pesquisas são sobre outro momento, e eu estou falando de uma impressão. Então pode bem ser que eu esteja errado. Mas nós vamos conversar sobre isso, se tudo correr bem, ao vivo, em algum momento mais para frente. Queria só mais uma vez agradecer a todos e todas que estiveram aqui comigo, a Patricia, aos colegas, às pessoas que fizeram perguntas, e dizer que nos vemos na próxima.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Marcelo. **“Estamos juntos”**: o MPLA e a luta anticolonial (1961-1974). Luanda: Kilombelombe, 2008.

FIGUEIREDO, Fábio B. Batalhas da cultura: cinema e música em Luanda nos dias da independência. In: FURTADO, Claudio Alves; SANSONE, Livio (Orgs.). **Lutas pela memória em África**. Salvador: EdUFBA, 2019, p. 93 124. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31849>.

FIGUEIREDO, Leonor. **O movimento estudantil em Angola nos anos da descolonização (1974 -1975)**. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. <http://run.unl.pt/handle/10362/6995>.

MESSIANT, Christine. “Em Angola, até o passado é imprevisível”: a experiência de uma investigação sobre o nacionalismo angolano, em particular, o MPLA: fontes, crítica, necessidades actuais da investigação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A HISTÓRIA DE ANGOLA (2.: 1997: LUANDA). **Construindo o passado angolano: as fontes e sua interpretação**. [Lisboa]: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 803 859.

MOORMAN, Marissa J. **Intonations: a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times**. Athens: Ohio University, 2008.

PINTO, Alberto Oliveira. Angola independente e em guerra civil (1974-2002). In: **História de Angola: da pré-história ao início do século XXI**. 2ª ed. Lisboa: Mercado de Letras, 2017. p. 729-777.

PAREDES, Margarida. Deolinda Rodrigues, da família metodista à família MPLA, o papel da cultura na política. **Caderno de Estudos Africanos**, n. 20, p. 11 26, 2010. doi:10.4000/cea.135.

SANTANA, Cristiane S. “Quem é a prostituta?”: uma análise sobre a concepção de prostituição empregada pela Operação Produção no Moçambique pós-independente. In: GOMES, Patrícia Godinho; FURTADO, Claudio Alves (Orgs.). **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2017. doi:10.7476/9788523217310.

TALI, Jean-Michel M. **Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio**. Luanda: Nzila, 2001.


THOMAZ, Omar Ribeiro. Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa. In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (Orgs.). **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: ICS, 2007, p. 39 64.



CAPÍTULO 5:

PANDEMIA, RACISMO, XENOFOBIA E MIGRAÇÕES: UMA PERSPECTIVA AFRICANA A PARTIR DA CIDADE DE CAGLIARI, SARDENHA

Patricia Godinho Gomes



CAPÍTULO 5: PANDEMIA, RACISMO, XENOFOBIA E MIGRAÇÕES: UMA PERSPECTIVA AFRICANA A PARTIR DA CIDADE DE CAGLIARI, SARDENHA

Patricia Godinho Gomes

Resumo: Neste texto procuro discutir, a partir de minha trajetória pessoal como migrante na cidade de Cagliari (Sardenha/Itália) e de uma experiência empírica, o impacto do racismo e suas implicações nas comunidades africanas na Sardenha (Itália), no atual contexto da pandemia provocada pela COVID-19. Paralelamente, procuro estabelecer um diálogo com as questões históricas subjacentes aos debates (anti) racistas que têm emergido e suas implicações no presente contexto.

Palavras-Chave: Racismo, Migrantes, Africanos.

“Meu filho não é marroquino”. Estas foram palavras minhas proferidas em defesa de meu próprio filho em um passado não tão longínquo, na cidade de Cagliari, na ilha da Sardenha, Itália. Era uma tarde de sol no inverno de 2004. Um passeio no jardim com o próprio filho de apenas cinco anos, como tantas outras mães. O pequeno brincava e eu lia sentada em um dos bancos do jardim, controlando seus movimentos. De repente passou um grupo de adolescentes, um deles olhou para meu filho e disse em voz alta “*marocchino*, torna a casa tua!” (marroquino, volta para a tua casa!) Instintivamente, levantei apressadamente,

abordei o grupo de jovens e dirigi-me ao rapaz que havia falado e disse-lhe: “sou mãe daquele menino a quem você acabou de chamar marroquino. Por que chamou meu filho marroquino? Ele chama-se Enrico, não é marroquino, é guineense, da Guiné-Bissau e o pai dele é sardo. Portanto, ele é tão italiano quanto você segundo a lei deste país. E tem outra nacionalidade, que a do meu país. Entendeu?”. Este episódio vivenciado há 16 anos atrás, como tantos outros pelos quais passei na qualidade de negra e africana em Itália, na cidade de Cagliari, ou melhor, como *donna di colore* (mulher de cor), permite-me introduzir o tema sobre o qual me proponho debruçar esta tarde: pandemia, racismo, xenofobia e migrações. Nesta breve reflexão, todavia em curso, partirei de minha própria experiência nesta ilha do Mediterrâneo (Sardenha), seja pessoal que acadêmica, para em seguida tentar refletir sobre a problemática do racismo e da xenofobia com base em algumas observações que venho fazendo desde a minha chegada nesta ilha e de conversas que venho mantendo com migrantes africanos desde pelo menos 2012, de forma mais ou menos sistemática (situação que mudou com a minha ida para o Brasil em 2014).

Cheguei nesta ilha em finais dos anos 1990, mais precisamente em 1997, por razões familiares, com uma licenciatura e tantos sonhos na bagagem, sobretudo o de me preparar adequadamente e contribuir com o meu trabalho para ajudar a melhorar as condições sociais do meu país, Guiné-Bissau. Embora na condição de diaspórica e com enormes desafios entre os quais o da adaptação a uma terra completamente nova, uma língua que nunca havia estudado antes e uma cultura (a da Sardenha) que desconhecia na sua totalidade, tive a possibilidade e as condições materiais e apoio familiar que me permitiram manter os laços afetivos com a minha terra natal, a Guiné-Bissau e com a minha família de origem; possivelmente essa ligação umbilical foi o fator principal dos sucessos que alcancei a nível académico e pessoal. Na minha cotidianidade, comecei a compreender a ausência de pessoas como eu fazendo as mesmas coisas: mulheres africanas estudando e circulando normalmente pela cidade. Boa parte das mulheres que encontrava (e muito esporadicamente) na cidade de Cagliari eram, infelizmente, ligadas ao mundo da prostituição e, na sua maioria, provenientes da Nigéria. Devo dizer que felizmente este cenário mudou substancialmente nos últimos dez anos, ainda que substituído por um outro triste cenário, o de african@s pedindo esmolas nas ruas da cidade. Iniciei a interrogar-me do porquê deste comportamento por parte dos italianos, sobretudo quando era abordada em lugares públicos ou na universidade por pessoas, perguntando-me “o que fazes aqui”, tratando-me com alguma intimidade sem sequer conhecer-me ou

dizendo “mas como fala bem o italiano”, como se não tivesse o direito de ser estudante de doutorado nesta cidade ou a capacidade de aprender e exprimir-me corretamente em língua italiana. Essa, provavelmente, era entendida como uma prerrogativa dos italianos “verdadeiros”, não dos estrangeiros ou dos italianos filhos de imigrantes nascidos em solo italiano. Com o passar do tempo e a aquisição de competências, seja em termos de estudos, seja em termos linguísticos quer de conhecimento da história local, comecei a sentir-me mais “livre” e segura, e a refletir de forma mais ordenada e aprofundada sobre a minha condição de *outsider*, ainda que com nacionalidade italiana e mãe de um filho italiano, mas mestiço! No entanto, as minhas reflexões mais sérias sobre o racismo e a xenofobia a partir da minha experiência, só comecei a fazê-las depois da minha experiência brasileira, iniciada em 2014 e, todavia, em curso. Portanto, esta reflexão é também fruto do que tenho observado e vivenciado na cidade de Salvador, nos últimos cinco anos.

Seja a minha trajetória pessoal que o episódio que narrei inicialmente sobre meu filho tem a ver com o racismo. Estas experiências mostram, na verdade, como a Itália contemporânea é ainda profundamente racista e racializada, um país que no fundo ainda precisa refletir seriamente sobre o seu passado colonial.

O racismo é um problema fundamental da nossa época. É um câncer social que mata lentamente porque torna invisível o visível. O racismo, faz parte da herança do passado histórico e colonial italiano, mas é igualmente um fenômeno presente nas realidades institucional e social da Itália hodierna, um país que no fundo ainda precisa enfrentar os fantasmas do seu passado colonial e fascista. Mas antes de tudo, ocorre reconhecê-lo e ocorre estudar de forma sistemática o seu impacto hoje na sociedade como um todo. Isso implica considerar mais do que nunca o tema da imigração e da cidadania. Implica reconhecer a existência de uma primeira geração de imigrantes africanos em Itália e as dificuldades enfrentadas, como de comunicação, de relacionamento ou de inserção social e diálogo com as instituições locais (aquilo que hoje se chama de integração, palavra muito de moda no concernente ao tema das migrações). Mas implica, igualmente, reconhecer as tantas crianças nascidas de pessoas imigrantes, filhas e filhos deste país, mas que precisam ser enquadrados em uma dinâmica histórica e social de caráter tridimensional: a família da primeira imigração à qual fazem referência (normalmente os pais e outros elementos da família com quem vivem), a pertença a uma cultura de origem (normalmente ligada à nação de origem) e a inserção nacional ou regional de destino (a nação que recebeu

a família e onde nasceram). Estas três vertentes são fundamentais na constituição do indivíduo e do seu conceito de identidade. Como nota o antropólogo italiano Davide Sirchia, existem mecanismos de descontinuidade nas relações entre pais migrantes e seus filhos, entre estas duas gerações: as segundas gerações seguem um percurso diferente dos pais em termos de integração na sociedade que os acolhe; estudam desde pequenos em escolas italianas, são socializados em língua italiana (ainda que normalmente em casa falam, ou pelo menos compreendem, as línguas de origem dos próprios pais), crescem com costumes próximos dos seus coetâneos filhos de italianos, fazem escolhas de formação e profissionais mais bem definidas e ambiciosas do que seus pais. Nestes casos, as formas de “integração subalterna” dificilmente são aceitas, entendendo por “integração subalterna” contentar-se com trabalhos pesados, repetitivos e socialmente pouco gratificantes, os mesmos tipos de trabalhos que seus pais (imigrantes de primeira geração) tiveram que fazer para garantir o rendimento familiar e os estudos aos filhos. Estes jovens pertencem, na verdade, àquela a que a pesquisadora afro-italiana Angelica Pesarini chama de *black Italia*, isto é, a Itália negra, a Itália dos filhos dos brancos italianos com negras africanas, concebidos durante a presença colonial na Eritreia, na Etiópia e na Somália, mas também na Líbia e na Tunísia, a Itália dos imigrantes tão frequentemente chamados de *extracomunitari* (cidadãos não pertencentes à União Europeia), e a Itália dos filhos dos imigrantes africanos nascidos em solo italiano. No entanto, a questão que me parece subjacente, a pergunta que não se quer calar é: como podemos falar de uma “black Italia” (que a todo modo é uma realidade existente) se ainda não se consegue enfrentar em uma perspectiva inclusiva e com o devido sentido de responsabilidade a lei da nacionalidade italiana (que data de 1992), profundamente restritiva, que regula o direito à nacionalidade com base no princípio do *ius sanguinis*? O que significa, por outras palavras, que o estatuto jurídico dos filhos dos imigrantes nascidos em Itália está intrinsecamente ligado à condição dos pais; só se tornam cidadãos italianos se aos pais for concedida a nacionalidade. Mas no fundo, a Itália não é racista, aliás, é “antirracista”, um antirracismo que Angelica Pesarini assertivamente apela de “antirracismo *made in Italy*”, um antirracismo que se apressa a invadir praças pelo país afora com camisetas pretas estampadas com o rosto do malogrado George Floyd e a escrita “*black lives matter*”, o mesmo antirracismo que cruza com *i clandestini* (imigrantes “clandestinos”) nos vários cantos das cidades do país, mas sequer consegue ver quem está na sua frente.

E é sobre uma dessas histórias que gostaria de fechar esta minha breve reflexão, uma experiência que me parece significativa para explicar não tanto a pandemia, mas como ela em alguma medida nos tem obrigado a olhar com lentes diferentes questões e problemas das nossas sociedades e do mundo com as quais há muito convivemos. As únicas perguntas que na verdade importam, feitas em nome da integridade e segurança territorial do mundo que conta, quando se encontra alguém de cor diferente, é “documentos?” e não “quem é você?”, “como se chama?”, “você é italiano?”, “é estrangeiro?”, “de onde você é originário?”, “o que o traz até aqui?”. São essas as perguntas que me têm servido de base para conversas que ultimamente tenho mantido com alguns jovens imigrantes africanos estabelecidos na cidade de Cagliari de forma permanente ou temporária. Esses jovens carregam consigo sonhos e projetos migratórios, experiências individuais e/ou coletivas, experiências culturais locais diferentes, mas também memórias de sofrimento. Tenho encontrado alguns deles nas ruas de Cagliari, no ingresso do mercado principal da cidade, San Benedetto, ou à porta do supermercado que normalmente frequento, a pouco mais de 200 metros da minha residência. São jovens na sua maioria da Nigéria e do Benin, mas também da Costa do Marfim, do Burkina Faso e mesmo da Guiné-Bissau, meu país. Narram sobre viagens de travessia extremamente difíceis através do Saara (pelas mesmas vias que na antiguidade eram utilizadas para realizar o comércio trans-saariano, sobre as condições desumanas nos campos de refugiados na Líbia, as viagens “da morte” que enfrentaram nos botes que da Líbia ou do porto de Argel (a depender das rotas e das proveniências) os trouxeram até à ilha siciliana de Lampedusa e de lá até à Sardenha também. São histórias, são desabafos, são experiências vividas, como a de Mamadou (nome fictício), originário da cidade nigeriana de Kishi, próxima da fronteira com o Benin, de 36 anos de idade, mecânico de profissão e de religião muçulmana. Mamadou chegou à Itália há cerca de cinco, seis anos, em busca de um trabalho e da liberdade que o seu país infelizmente não lhe conseguiu dar. Esteve primeiro em Lampedusa, sucessivamente em Malta e finalmente em Cagliari. Mamadou é solteiro e acredita em um futuro feliz na Itália (ou em outro país europeu). Em uma das nossas conversas de fim de tarde, Mamadou disse-me “espero poder ter um trabalho um dia para conseguir ajudar a minha família que ficou na Nigéria (...) não imaginava isto, não pensava terminar pedindo esmola pelas ruas de Cagliari. Faço-o para sobreviver e para carregar o meu celular e ligar sempre que posso a casa (...)”. Pelas nossas conversas, ainda em uma fase inicial, entendi que Mamadou não tem praticamente amigos italianos, tem uma vida social que se reduz aos companheiros com quem divide

o pequeno apartamento na periferia da cidade, fala muito pouco a língua italiana (o mínimo para se fazer entender). Mas fala inglês, para além de iorubá e hauçá, línguas da Nigéria. Todas estas línguas não são faladas por estes lados, o que deixa entender a dificuldade de comunicação com que muitas das vezes os migrantes se devem confrontar; não apenas os imigrantes regulares, os que têm documentos, os da primeira geração que fazem parte da *black Itália*, mas também estes novos imigrantes, completamente invisíveis aos olhos dos autóctones, que na maior parte das vezes se limitam a dar algumas moedas de euro ou gêneros alimentares. Então pergunto, como é possível falar em uma Itália antirracista quando nos confrontamos com situações análogas cotidianamente? As minhas observações parecem encontrar um suporte nas interessantes reflexões da intelectual e ativista política do Mali, Aminata Traoré, que em 2001, no Fórum Mundial de Porto Alegre, denunciava de forma contundente o profundo desequilíbrio que caracteriza o mundo contemporâneo, dividido entre nações ricas e nações pobres, entre brancos e não brancos, entre comunidades e indivíduos eleitos e os sujeitos destinados à sistemática invisibilização cultural, econômica e social. Esta realidade, como nos lembra Traoré na sua obra intitulada “Le viol de l’immaginaire”, traduzida em italiano com o título “L’immaginario violato” (2002), coloca a nu toda a problemática do racismo subjacente às relações históricas entre África e Europa: ontem homens, mulheres e crianças escravizadas, encarceradas e desumanizadas, hoje seres humanos vulneráveis, dependentes e reféns do “norte” dominante e de governantes africanos cada vez mais despojados do sentido de um bem-estar comum e da participação coletiva na sociedade. É esse mesmo racismo que permeia a sociedade italiana, camuflado de patriotismo e normalizado na linguagem política “*l’Italia agli italiani*” (a Itália para os italianos), um “*razzismo dilettante*”, nas palavras do filósofo guineense Filomeno Lopes.

A pandemia que se abateu sobre a humanidade no início deste ano, para lá do seu aspecto trágico e dramático, despertou, sem dúvida, a humanidade que existe em nós. Temos assistido demonstrações de solidariedade em relação aos mais necessitados, sem precedentes. A crise sanitária também tornou claro os limites de um sistema de proteção social mundial fadado à falência, colocando o acento tônico na urgência de repensar as relações humanas a todos os níveis. No que diz respeito ao continente africano e às suas diásporas, sejam elas históricas que contemporâneas, ficou claro que não é mais possível viver em uma condição de permanente exceção, como bem referiu o colega Livio Sansone em uma interessante reflexão sobre a trajetória dos estudos africanos e o lugar da África na produção de conhecimento a nível global

(SANSONE, 2018). A minha experiência de vida entre três continentes, África, Europa e América Latina ensinou-me que não é possível alcançar um estado permanente de felicidade se quem te circunda sofre. Se como africanos, vivemos ainda hoje o drama de não termos entrado verdadeiramente na história, como em algum momento o ex-presidente francês Sarkozy referiu, há que recordar que onde existem humanos, existe história, com ou sem escrita, como nos ensinou Joseph Ki-Zerbo. Se outros nos negaram e continuam nos negando a nossa condição existencial, como acontece com Mamadou e com os tantos imigrantes africanos nesta Itália que se autoproclama antirracista, é chegada a hora de procurar caminhos alternativos para construir um mundo em que nos sintamos felizes, tod@s sem exceção. Esta atitude pressupõe, na minha visão, uma postura proativa de nós africanos. Se não há luz em casa, é preciso acender uma vela e procurar iluminar o espaço, mas para isso há que primeiro procurar um fósforo para acender a vela, mas sobretudo trabalhar para que essa casa possa um dia ter energia elétrica e uma bela lâmpada que a ilumine. Penso que nesse processo, os intelectuais devem ter um papel importante e de grande responsabilidade.

Muito obrigada!

DEBATE

Lívio Sansone: Interessantíssima fala. Eu me sinto no meio por três motivos: por ser siciliano, italiano de nascimento; por ter me tornado brasileiro e por ter sido impossibilitado de voltar à Itália para visitar meu pai nos últimos dias de sua vida devido à pandemia. Então, bloqueado uma das vítimas indiretas da COVID-19, mas meu pai foi vítima direta. Estamos falando de um drama no drama. Há várias perguntas, mas eu não vou me furtar da oportunidade de dizer três coisas antes de abrir e tentar gerenciar as perguntas, porque são perguntas muito compridas e vou ter que sintetizá-las para te dar a chance de ser mais generosa na resposta. A meu ver, o drama da Itália é específico. Somos geralmente racistas amadores, eu traduziria assim. Assim como fomos definidos por Evans-Pritchard, em 1938, de colonialistas amantes da Bíblia. É um famoso texto de Evans-Pritchard, onde ele, britânico, nos considerava não tão bons quanto os ingleses em colonizar. Interessante que os ingleses se consideravam melhores, assim como os portugueses eram considerados. Mas a Itália se encontra numa situação

particular que torna seu racismo, que sempre foi muito mais forte do que o imaginário nacional reconhecia, muito peculiar. A Itália desde há alguns anos é de novo um país de imigração. É bom que os racistas lembrem que os italianos migraram para o Norte da Europa, e preferencialmente para a Austrália e os Estados Unidos, muitas vezes como ilegais, em muito maior quantidade que os imigrantes que se instalam na Itália, há pelo menos cinco ou seis anos. Então, cuidado, porque o mundo está mudando para todos. Segundo, historicamente, minhas pesquisas sobre os Lombroso, mostram que a questão meridional, a questão de imigração, a questão colonial e o racismo italiano têm que ser vistos no conjunto que o tornam específicos. O racismo, só para terminar, é sempre universal, mas tem especificidades locais. A Itália tem uma história particular, onde nossa suposta “africanidade” sempre foi uma grande angústia para as elites italianas. A forma pela qual éramos classificados como quase africanos nos Estados Unidos foi determinante para que as elites italianas se preocupassem, inclusive insistissem em ter as próprias colônias,

como se tivessem que colonizar os africanos para se dizerem europeus. A dramaticidade do ideário europeu é que sem os africanos não há europeu. Então, sem as colônias africanas não se poderia dizer, como disse Mussolini, que a Itália, a grande proletária, deve sentar-se à mesa dos grandes não mais como garçoneiro, e sim como convidada. É uma história complicada e você nos deu os tira-gostos. Eu só espero que os pesquisadores daqui, muitos alunos que estão te ouvindo, aos quais, agora, eu vou passar a palavra, aproveitem do seu conhecimento para que você possa passar para eles os detalhes da bibliografia, porque há toda uma tradição de estudos italianos riquíssimos e interessantes sobre esse complicado racismo. Sabemos que racismo amador não quer dizer racismo menos violento, menos brutal, evidentemente. Mas já é diferente do racismo mais consolidado, mais antigo, que já produziu uma pós-colonialidade, como na França, por exemplo. As perguntas são várias. Eu vou tentar organizá-las. Há um tipo de pergunta de Pedro Paulo Fonseca e Manfredo Pavoni sobre como os grandes movimentos migratórios e deslocamentos individuais de células familiares hoje em dia se relacionam com o fato do fechamento das fronteiras, porque a contradição que a pandemia colocou em evidência é que há barreiras, não so-

mente a barreira migratória, porque há nacionalistas que querem criar muros mais do que pontes. Mas que novo tipo de desafio se colocam? Esse é um tipo de pergunta. Eu vou te fazer mais uma e, se você concordar, responde de duas em duas ou de três em três.

Estão chegando muitas perguntas, como era esperado.

Pedro Paulo: Como a senhora analisa os grandes movimentos migratórios, deslocamento individuais ou de células familiares no planeta, em contrapartida ao fechamento de fronteiras, ao passo que, em outros momentos, fomenta-se a recepção. Quais os impactos desses movimentos migratórios para a história do conhecimento, já que com os corpos humanos migram as histórias e os intelectos?

Patricia Gomes: Eu vou começar brevemente, eu não sei se estarei em condições de responder a todas, porque depende, nem tudo eu ainda estou bem preparada ou tenho os elementos para responder. Em relação à pergunta do Pedro Paulo, dessa contradição entre os grandes movimentos migratórios e as barreiras que são criadas nos países de acolhimento, portanto nos países de chegada, eu penso que aqui, e aí vos remeto para alguns trabalhos do sociólogo guineense Carlos Lopes, que, na sua última obra sobre as transformações econômicas

e sociais do continente africano, também aborda essa própria questão. Acho que há um entendimento errôneo sobre aquilo que são os movimentos migratórios de África para fora de África. Há uma quantidade muito maior, uma porcentagem mais elevada de africanos migrando dentro da própria África, portanto em busca exatamente dessas melhores condições de trabalho e de vida. Temos tantos países, a África do Sul é um desses países, que acolhem tantíssimos imigrantes, mas também países como a Nigéria, países que acolhem muitos mais migrantes do que a Europa ou América do Norte. Que existem? Claro. Que aumentaram consideravelmente nos últimos anos, sobretudo aqui na Sardenha, por exemplo, e na Itália, de uma maneira mais geral. Esses fluxos, sobretudo, da Costa do Norte da África, da Líbia, para aqui aumentaram a partir de 2012, mais ou menos, para cá. É claro que esse tipo de imigração clandestina deve ser diferenciada daquilo que são os fluxos migratórios regulares e, portanto, de que se tem também mais informações em termos estatísticos. Dito isto, eu creio que há uma tendência em reprimir, portanto em fechar, em promulgar leis cada vez mais restritivas em relação aos fluxos migratórios. Isso tem acontecido um pouco por toda a Europa e tem acontecido, como a gente também bem sabe, até há muito

pouco tempo, nos Estados Unidos da América de Donald Trump. Isso tem que ver, na minha perspectiva, também com o reacender desses extremismos da extrema direita e dos governos também de extrema-direita em alguns países europeus e conseqüentemente de políticas migratórias muito mais repressivas. Não sei se eu, nesse caso, respondi ao que o Pedro Paulo me perguntava. Por outro lado, os migrantes regulares e, sobretudo, os clandestinos, encontram problemáticas muito grandes e ainda restrições, mas também condições muito adversas à chegada. Eu, por exemplo, aqui na cidade de Cagliari, nesses meses em que estou aqui, tenho notado uma situação francamente degradante, mas degradante não simplesmente pelo fato de os imigrantes não terem acesso ou terem muitas dificuldades de acesso aos serviços, às instituições e por aí vai. Mas uma degradação social no sentido mais amplo do termo e das relações sociais. E é disto que eu estou me ocupando neste momento, estou me interessando. Mais do que compreender esses movimentos e dificuldades de transitar e de movimentar-se do continente africano para aqui, eu estou interessada em conhecer um pouco melhor as trajetórias dessas pessoas. Mas, sobretudo, as experiências que elas têm e as suas vivências como migrantes. Aquele conjunto de informações que

muitas vezes nenhum dossiê sobre a imigração nem neste país, mas penso em nenhum outro país, nos pode dar, que são as experiências de vida, são os sentimentos, são as emoções e são as narrativas a partir das quais nós podemos compreender o ser humano. Eu acho que isso é extremamente importante. Da minha experiência pessoal, mantendo ainda a pergunta do Pedro Paulo, eu penso que esses movimentos migratórios têm tido um impacto grande na Itália. Mas, em específico, aqui em Cagliari. Eu não estou falando claramente desse exemplo que eu trouxe na minha fala, que é um exemplo extremo, um exemplo de um jovem refugiado com problemáticas particulares, mas estou referindo-me a imigração regular como, por exemplo, a imigração de senegaleses, que é histórica aqui e que já data dos anos de 1980 neste país, e que é importante numericamente e do ponto de vista do impacto das relações sociais. E eu acho que é importante dizer que não apenas esses movimentos migratórios proporcionam uma mudança de perspectiva dos sardos, do cidadão italiano em relação aos africanos e às sociedades africanas. Portanto esse olhar que de alguma forma foi profundamente paternalista e que faz parte precisamente dessa história colonial italiana, eu penso que, com esses movimentos migratórios, tem-se atenuado

um pouco, há uma tendência a inverter um pouco esse olhar e a considerar os africanos e olhar para eles como pessoas que carregam história e que têm conhecimento, pessoas que escrevem, que inventam, que transformam. Nesta cidade, vários imigrantes têm feito coisas muito interessantes – no específico, eu conheço alguns senegaleses que já editaram pequenas obras, contos, histórias, que têm restaurantes, lojas de artesanato, etc. Por outro lado, também existem hoje várias associações de imigrantes não apenas de senegaleses, mas de argelinos, marroquinos e de outras comunidades migrantes nesta ilha, e que também ajudam a promover essa imagem positiva dos imigrantes. E cada vez mais, noto, neste sentido, uma perspectiva dos sardos em relação aos africanos. Pelo menos daqueles sardos que mais se encontram com as comunidades migrantes. Mas isso é inevitável, porque os migrantes estão em todo lado, basta ir a um dos bairros aqui do centro da cidade de Cagliari, La Marina, para ver não apenas lojas que vendem produtos dos países de origem, como também alimentares, produtos de estética para cabelos e por aí fora. E, inclusive, há hoje várias senhoras africanas que fazem a turistas italianos durante os meses do verão, portanto, tranças a cabelos de meninas e meninos europeus italianos. Portanto,

há toda uma série de encontros para além dos desencontros que permitem, na minha perspectiva, uma mudança de olhar e de perspectiva em relação à condição dos migrantes.

Victor de Jesus: A seu ver, guardadas as proporções e contextos, há alguma relação entre o “antirracismo italiano” com o mito da democracia racial no Brasil?”

Patrícia Gomes: Não sei. Victor, eu não sei se tem alguma relação entre esses dois conceitos, até porque o antirracismo italiano é um conceito que tem premissas muito diferentes do conceito de “democracia racial” no Brasil. Estou entrando agora em contato com esse conceito de “antirracismo” à italiana, estou aprendendo agora, na minha estadia aqui, e que precisamente aprendi a partir da leitura de alguns trabalhos de alguns estudiosos afro-italianos; é um termo novo para mim. Portanto já existe, isto significa, algum avanço nestes termos. Portanto, em tratar o problema do racismo neste país com as devidas lentes. E este é um conceito muito novo para mim e que tem que ver com a defesa, no fundo, de uma sociedade italiana. A defesa pelos italianos de uma sociedade italiana que, no fundo, se revê não racista e que acolhe o diferente, o diverso, o que tem a cor de pele diferente. Ora se acolhe o diverso e quem tem cor de pele diferente

como o italiano, então como se explica que ainda hoje a lei da nacionalidade italiana considere como um dos seus princípios fundamentais o *ius sanguinis*, portanto o sangue? Você é italiano se é filho de italiano, se tem, portanto, o sangue italiano. Não sei se isso pode ter uma relação com a questão da democracia racial no Brasil. Francamente, não pensei sequer nisso, mas não vejo muito essa possibilidade. Não sei se respondi.

Victor de Jesus: Poderia desenvolver um pouco mais o conceito de integração subalterna?

Patrícia Gomes: A integração subalterna é aquela visão que diz que nós estamos, sim, abertos a receber os imigrantes, a integrá-los, a fazer com que eles tenham uma inserção social na nossa sociedade da melhor forma possível, mas como nós entendemos essa inserção. Portanto, essa questão acontece muito com os imigrantes e em particular com os filhos de imigrantes, aqueles que eu chamei de segunda geração, que já nasceram na Itália e filhos de pais que emigraram para aqui em anos muito passados. Estamos a falar dos anos de 1970, por exemplo, para cá. E que, na verdade, essa integração subalterna acaba por colocar o indivíduo numa condição de subalternidade, de desigualdade fundamentalmente, portanto você é parte da sociedade, sim,

mas só pode ter acesso a determinados tipos de trabalhos, por exemplo. Então se isso funcionava com os imigrantes da primeira geração neste país e nesta ilha, com os imigrantes da segunda geração, com filhos desses imigrantes, isso já não é algo aceitável, porque são imigrantes que se consideram completamente italianos, ainda que de pais imigrantes de outros países. Mas eles nasceram cá, frequentaram escolas cá, culturalmente são daqui desta terra e, portanto, por que eles devem ser submetidos a algum tipo de integração social? E por que falar de integração social em indivíduos que, a priori, são deste país, portanto sequer se deveria falar para eles, para esta segunda geração, de integração social? Porque eles deveriam ser considerados naturalmente italianos. Mas isso não se passa assim. Há, portanto, este entendimento de tensão contínua entre gerações de pais que emigraram para aqui e dos seus filhos, que se sentem italianos, portanto que se consideram italianos, mas que, no fundo, não são considerados como tal pela lei. Esses jovens vivem, muitas vezes, numa condição de dupla identidade, de ser daqui e não daqui.

Victor de Jesus: Como a África e a colonização italiana aparecem nos livros didáticos italianos?

Patrícia Gomes: Acho que não apare-

cem. Até onde eu sei não aparecem. Meu filho estudou, fez os estudos da primeira infância, até o ensino médio aqui e essa foi uma das questões que sempre me deixou indignada, ocupando-me da história de África e sendo africana. Quando eu comecei a fazer o doutorado na Universidade de Cagliari e comecei as minhas leituras, na verdade, ouvia muito esse tipo de perspectiva, de que o Livio há pouco falava quando introduziu as questões, que no fundo o colonialismo italiano não foi, por exemplo, como colonialismo português. Porque os italianos tiveram muito menos tempo em África e tiveram menos tempo para cometer crimes. Isto não é verdade e os trabalhos que eu antes citei da Valeria Deplanu e Alessandro Pes, pesquisadores da Universidade de Cagliari e meus antigos colegas, analisam de forma minuciosa não apenas essa presença italiana no Chifre da África, mas os crimes cometidos durante esse período em que lá estiveram, por exemplo, os campos de concentração na Eritreia. Disso ninguém fala e muito menos são trazidos nos textos didáticos. Portanto, sobre a questão colonial existe uma lacuna nos livros didáticos sobre essa problemática, sobre essa questão. Há toda uma tradição, como dizia o Livio, é verdade, de estudiosos italianos que se ocuparam da questão colonial e do racismo; cito, a título

de exemplo, Uoldelul Chelati Dirar, Giampaolo Calchi Novati e Pierluigi Valsecchi, mas há muitos outros, e toda uma nova geração de estudo@s que também está a emergir nos últimos dez anos para cá e que tem estudado realmente com uma perspectiva decolonial e descolonizante a história da colonização italiana, como o caso da afro-italiana Angelica Pesarini, anteriormente citada. Mas, para isso, é preciso primeiro conhecer o que foi realmente o colonialismo italiano no continente africano. Portanto, eu respondo dizendo que existe uma lacuna nos livros didáticos e que esta questão não é de forma alguma tratada. Tem havido um esforço por parte de associações de migrantes neste país e de algumas instituições, isto é verdade, mas esta questão ainda não é tratada em termos institucionais com a devida seriedade.

Manfredo Pavoni: Concordo totalmente com a sua análise. A Itália é um país que não tem memória e remove continuamente os seus erros. A pandemia obrigou os italianos a permanecerem fechados e bloqueados em suas próprias cidades em sua própria região. Não é mais possível viajar. Esta situação deveria fazer-nos compreender a tragédia e os sofrimentos de todos os migrantes que não podem viajar livremente e que muitas vezes

têm de permanecer presos na Itália quando chegam.

Patricia Gomes: Eu acho que a Itália é um país que tem memória, sim, mas é uma memória seletiva e uma memória que elege aquilo que interessa, quando interessa e como interessa. Sobre a questão das fronteiras, concordo, Manfredo. Mas mais que pensar nos emigrantes que estão viajando, que estão pensando em chegar à Itália, eu estou pensando nos imigrantes que já estão aqui e, portanto, que vivem a tragédia da pandemia a partir deste lugar. Isto significa que os imigrantes que, majoritariamente, estão empregados em setores considerados essenciais neste país, portanto, o setor da cura dos idosos, por exemplo, o comércio e as indústrias, portanto mão-de-obra nas indústrias, agricultura, a mão-de-obra nos campos agrícolas. São todos setores que são considerados essenciais e que, portanto, durante a época da pandemia, mesmo na primeira fase tanto na primavera passada, em março, não fecharam e nem, neste momento, estão fechados. Portanto estes migrantes claramente estão muito mais expostos aos riscos de serem contagiados do que outras categorias sociais, inclusive os italianos, isto é verdade. São muito mais vulneráveis. E isso é trágico, porque existe um certo discurso político de di-

reita neste país que faz algum aproveitamento desta situação para diabolizar de algum modo os imigrantes e dizer que a chegada dos botes, dos barcos, com os clandestinos aqui, “os clandestinos que circulam livremente nas nossas cidades trazem o vírus”. Não são controlados pelos centros de detenção e controle, que são uns horrores, um drama. Eu tenho conversado com pessoas, tenho escutado nas ruas pessoas que têm essa perspectiva de que são os migrantes também os veículos de contágio do vírus, portanto do coronavírus. Agora, isto é uma situação e uma condição, que se pode imaginar, terrível, de excluir os já excluídos desta sociedade. Acredito e espero, porque sou otimista, que esta situação possa passar o mais rapidamente possível e que haja a possibilidade para todos de oportunidades, seja a nível de trabalho, como as oportunidades pelas quais tanto espera o Mamadou, de quem eu vos falei, mas também para tantos outros imigrantes neste país que são precários. Portanto os imigrantes têm trabalhos altamente precários e vivem em condição de precariedade desde que chegaram aqui. "A suspensão do confinamento devido à pandemia poderia nos ensinar alguma coisa?" Não sei não Manfredo, se a suspensão do confinamento devido à pandemia poderia nos ensinar alguma coisa, como também não sei, sincera-

mente, se com esta pandemia estamos a aprender alguma coisa em termos mesmo de Estados. Portanto, se a pandemia, por um lado, como eu falei, na minha comunicação, tanto nos mostra o lado solidário das pessoas, por outro lado, eu acho que esta pandemia, mais do que nunca, está a mostrar-nos todo o egoísmo e Estados e do mundo, e divisão mesmo entre os que dominam e os que são dominados, os que podem, os ricos e os que não podem, os pobres, os que são capazes de fabricar a vacina e dos que apenas podem ser tratados como as cobaias e por aí adiante. Portanto, eu não sei sinceramente o que estamos aprendendo, na realidade, com esta experiência. Tenho sérias dúvidas.

Alcides de Amaral: Queria pedir para discutir o fato de “não ser racista, mas antirracista”. Gostaria de saber até que ponto o comportamento de alguns que usam “*black lives matter*”, por exemplo, pode caracterizar uma nação inteira como a Itália.

Patrícia Gomes: Fizemos a Itália, agora temos que fazer os italianos. É claro que eu falei de uma condição e da minha perspectiva. naturalmente, daquilo que eu entendo a partir das leituras que eu faço e daquilo que eu vejo, das observações, Alcides. Mas claro que há situações, digamos, existe ação, não podemos generalizar essa

condição a toda Itália. Há, claramente, italianos que podem ser antirracistas, era só o que faltava, mas aquilo que eu noto é que, de uma maneira geral, a este antirracismo não corresponde, na verdade, uma reflexão séria sobre a herança colonial italiana e o impacto que essa herança tem a nível de construção identitária italiana. Portanto, da *italianità* (italianidade), como tal, que tem a sua base, que tem as suas gêneses, na verdade, na ideia da branquitude, aquilo que Angelica Pesarini chama de black Itália. A branquitude que esteve na base da construção identitária desta sociedade e que colocou os italianos brancos de um lado e aqueles que estavam subalternos aos italianos, não brancos, do outro lado. Basta ver, por exemplo, durante a época fascista a própria lei que proibia a concessão da cidadania e da nacionalidade a filhos de militares italianos que iam combater para a Etiópia, para o Chifre da África, aquela região, e que tinham filhos por lá com mulheres africanas. Mas esses filhos não eram considerados, pela lei, italianos. Portanto, isto significa que houve, mas há ainda hoje, um problema sério em termos da construção da identidade italiana, que tem realmente como base essa ideia da “bianchezza”, da branquitude, e essa é uma palavra e, também, um conceito, que eu tenho notado agora na historiografia italiana,

que tem emergido nos estudos. Isto significa que se está aos poucos a pensar as questões raciais como parte da construção deste país, da construção da identidade deste país e como um país que não é, não foi e não é feito só de brancos. Mas também de outros povos e de outras cores.

Deixe-me ver outra pergunta. Sim, Alcides, “fizemos a Itália, agora temos que fazer os italianos”. Essa foi a ideia do passado e que permaneceu por muito tempo. O problema é que, agora, as novas gerações dos italianos que pertencem a essa Black Itália, Itália Negra, se levantam e reivindicam seu lugar nesta sociedade. Portanto há que fazer as contas com esta realidade multiétnica que existe neste país. Não se pode mais voltar atrás. Isto acontece na Itália, mas basta ver também a situação que se vive em Portugal; o exemplo português, é muito notório e significativo a esse respeito.

Rui Vilela: Obrigado, professora, pela sua apresentação. Eu gostava de perguntar se a professora gostaria de elaborar sobre a questão de aprendizagem da língua e resistência que tinha mencionado no início?

Patricia Gomes: Obrigada, Rui, pela questão. Essa questão da língua, de aprender a língua italiana como instrumento de resistência, para mim, foi realmente fundamental. Eu falo aqui

da minha experiência pessoal, porque eu cheguei aqui, é verdade, em condições diferentes do Mamadou, o exemplo que citei. Mas também condições diferentes de muitos outros imigrantes que não eram estudantes aqui e que chegaram aqui em situações muito mais complicadas e problemáticas. Isso, porém, não anula em nenhuma medida a minha condição de negra, portanto de diferente. E quando eu cheguei aqui, eu não conhecia a língua italiana e quando isto acontece, e quando você tem que se relacionar com pessoas num determinado ambiente como o que eu frequentava, que era o universitário, essa era uma condição obrigatória para que eu pudesse me comunicar e para que eu pudesse socializar. Falei-vos do episódio do meu filho, mas eu fui inúmeras vezes vítima de situações racistas em que fui considerada, por exemplo, uma mulher prostituta, fui abordada na rua. Caminhando normalmente e, de repente, alguém se aproxima e diz “*quanto prendi*” (quanto você cobra?). São situações complicadas, que você só pode responder, quanto a mim, se estiver em condições de poder dialogar de uma forma correta com a pessoa, digamos, de uma forma a ser compreendida. Isso era possível conhecendo a língua italiana e eu procurei, nesse sentido, aprender o melhor que podia a língua e usá-la para me defender e para resistir, com certeza,

a estas situações. Isso ajudou-me bastante, porque para além da língua italiana, eu tinha as minhas línguas, portanto tinha o crioulo, que é a minha língua materna, e o português. Portanto, neste sentido, eu me sentia certamente numa condição de vantagem.

Obrigada, Zampa, pelas palavras. Obrigada, Fábio.

Rui Vilela: Tem experiências específicas que gostasse de mencionar, sobretudo a nível de processos burocrático e administrativo italianos?

Patrícia Gomes: Sim. Quando eu ainda não tinha nacionalidade italiana, mas era uma cidadã estrangeira e, portanto, com um *permesso di soggiorno* – que não é uma autorização de residência aqui –, eu fui com a carteira de identidade para renovar naquilo que é chamado “*circoscrizione*”, repartição pública competente, cheguei com a minha carteirinha de identidade e com os documentos – entre os quais a autorização de residência. A minha autorização de residência tinha sido concedida por via do matrimônio, por tempo indeterminado. Quando eu cheguei para resolver as burocracias, o empregado perguntou-me:

– Mas, senhora, qual é a sua nacionalidade?

Respondi:

– Guineense, da Guiné-Bissau.

– Mas a senhora é africana.

– Sim, sou.

– Mas, então, aqui na sua carteirinha de identidade, eu escrevo africana.

– Eu disse: não, porque a minha nacionalidade não é africana, ainda que eu seja africana. Você é ou não europeu?

– Sou.

– Mas você é italiano.

– Sim.

– E você é sardo. Na sua carteira de identidade, o que está escrito?

– Italiano.

Eu disse:

– Se na sua carteira de identidade está escrito italiano, e não europeu, porque que na minha terá que estar escrito africana, e não guineense?

E essa questão foi tão problemática que tivemos que ir, digamos, ao mais alto nível para poder resolver a situação. Porque, na minha carteira de identidade – eu acho que até tinha conservado esse documento, não sei se ainda tenho, seria interessante –, estava escrito *cittadinanza africana* (nacionalidade africana). Chegaremos lá um dia, com certeza, no continente africano, como os europeus também estão a trabalhar para isso. Mas, no caso específico, o entendimento era completamente outro e o significado que o senhor queria dar também era outro. Isso tem que ver com o fato de achar que a África é um país, e não um continente.

Eu acho que terminei as respostas.

Ainda estou na fase da reflexão. São fragmentos de uma pesquisa ainda em curso, muito inicial, que eu espero poder levar adiante, inclusive, com os colegas do Pós-Afro, porque eu acho que o nosso programa de pós-graduação é importante e tem um papel central nessas discussões. Eu acho que essa internacionalização, seja da UFBA que do Pós-Afro, também pode nos permitir fazer conexões interessantes com outras áreas do mundo, entre os quais a África com certeza, mas também a Europa, e, nesse caso, o Mediterrâneo. Essa problemática das migrações e da imigração africana é interessante até para pensarmos questões ligadas precisamente a todo esse fenômeno do racismo e das respostas que tem havido a elas, ao fenômeno, e de como os africanos também estão a organizar-se. Mas isso tudo ainda é um processo em curso e que levará muito tempo, porque a comunidade africana – e eu vejo a Sardenha como exemplo, mas a Itália toda ela – é muito heterogênea, muito diferente. Os africanos têm interesses diferentes, vêm de classes sociais diferentes e de experiências de vida diferentes. Quem é um refugiado não pensa e não tem os mesmos interesses de quem já trabalha aqui há muitos anos e que tem estatuto nesta sociedade. E não é a mesma coisa de quem é um professor universitário

também nesta sociedade, que tem outros interesses. Mas acredito que precisamente a nossa categoria, portanto os intelectuais, os acadêmicos, têm um trabalho importante a desenvolver e de responsabilidade. Eu acho que muitas dessas questões devem passar por uma reflexão acadêmica e intelectual em colaboração com a sociedade civil e os movimentos que estão a brotar nesta sociedade e a pensar esses fenômenos. Portanto eu acho que, para ser mais concreta, não podemos simplesmente estudar em termos teóricos o fenômeno do racismo na cidade de Cagliari, se depois não vamos ao terreno e nos confrontamos com os imigrantes e com quem sofre esse racismo em primeira pessoa.

Livio Sansone: Patricia, muito bom. Eu já sabia que era bom, mas sou obrigado a dizer. Como você sabe, cada evento na Fábrica de Ideias levará a outros eventos. Eu já estou pensando em dois, que podemos quem sabe já anunciar: o primeiro – que em parte também tem a ver com meu interesse, mas os teus agora, porque até nisso somos colegas – o evento sobre emigração, imigração e história do pensamento racial e da cidadania na Itália, que me parece uma coisa interessantíssima, exatamente porque a Itália é um país periférico na história do pensamento racial, porém tem sido muito importante na América Latina. O segundo

evento poderia ser transnacional, mais transnacional ainda, que seria um evento comparativo, quem sabe virtual, onde vários países que vivenciam emigração e imigração na definição da cidadania se comparam. Estou pensando na Turquia, Santo Domingo, Colômbia, África do Sul e Itália. São países que têm uma tradição de emigração/imigração com seríssimos problemas, alguns violentos, como África do Sul, outros menos violentos, mas de redefinição, que são bases comunicantes – uma parte migra, definição de trabalho indigno é recriada constantemente. O Pós-Afro, com sua ajuda, poderia dar uma grande contribuição a entender esse grande dilema. O drama da nossa globalização é este: os horizontes se globalizam, as oportunidades se fecham.

Patricia Gomes: Sim, Livio, concordo. E eu acho que é preciso também fazer uma reflexão aqui nesta sociedade, estou falando da Sardenha, sobre essa problemática das migrações, do racismo e da xenofobia. Não se pode esquecer que a própria Sardenha foi uma terra de emigração. Você referia-se à Itália no início da sua fala, mas eu gostaria de dizer – e aí tenho conversado com os colegas aqui em Cagliari, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNR), alguns que vêm precisamente da História Medieval e da História Mod-

erna e que se ocupam dessa emigração sarda na história, portanto da Sardenha para fora. E, no outro dia, tive uma conversa com um colega, Luciano Galinari, que me dizia ser incrível como os italianos perdem a memória. Os sardos, para falar de uma época recente, portanto contemporânea, nos anos de 1950, não apenas migraram para a Península Italiana, portanto para outros lugares da Itália, onde também sofriam esse mesmo racismo – *i terroni* (termo depreciativo que se referia aos italianos que vinham do Sul da Itália e que iam trabalhar para o Norte). E os sardos eram ainda mais discriminados. Galinari disse que também os sardos foram para outras terras, foram para Argentina, foram para o Brasil, foram para América Latina. Portanto, emigraram, saíram daqui e foram considerados exatamente como agora emigrantes

africanos que chegam aqui são considerados. Portanto, eram as pessoas vadias, que não respeitavam, os sujeitos, os marginalizados e por aí afora. Portanto, se a gente vai fazer essa retrospectiva histórica, vamos encontrar elementos que talvez ajudem a pensar a própria condição de migrante dos sardos e aí talvez ter um diálogo mais equilibrado com as comunidades migrantes aqui. Obrigada. Eu agradeço a todos os colegas, os alunos. Eu vi aqui os meus alunos da disciplina que estou atualmente ministrando no Pós-Afro e que já está caminhando para o seu desfecho, mas que está indo bem. Agradeço a presença de todos eles, agradeço aos colegas o carinho, agradeço a sua mediação, Livio, e eu vou continuar, com certeza, refletindo sobre essas questões. Obrigada e boa noite.

Livio Sansone: Obrigada.



REFERÊNCIAS

HAWTHORNE, Camilla; PESARINI, Angelica. *Making Black Lives Matter in Italy: A Transnational Dialogue*. **Public Books: a magazine of ideas, arts, and scholarship**, 12 nov. 2020. <https://www.publicbooks.org/making-black-lives-matter-in-italy-a-transnational-dialogue/>.

LOPES, Filomeno, **Non amo i razzisti dilettanti**. Roma: Lit Edizioni (Castelvecchi), 2020.

PESARINI, Angelica. "Blood is Thicker than Water": The Materialization of the Racial Body in Fascist East Africa. **Zapruder World: An International Journal for the History of Social Conflict**, v. 4, 2017. doi:10.21431/Z33S32.

SANSONE, Livio. Africa Has no Special Smell: Towards Academic Equality in African Studies. **Codesria Bulletin**, v. 2018, n. 1, p. 32-35, 2018. https://www.codesria.org/IMG/pdf/codesria_bulletin_no_1_2018.pdf.


TINTORI, Guido; PESARINI, Angelica. Mixed Identities in Italy: a country in denial. In: ROCHA, Zarine L.; ASPINALL, Peter J. (Eds.). **The Palgrave International Handbook of Mixed Racial and Ethnic Classification**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.



CAPÍTULO 6:

O FUTURO DO DIGITAL: RACISMO, NEGRITUDE E “DATACRACIA”

Jamile Borges da Silva



CAPÍTULO 6: O FUTURO DO DIGITAL: RACISMO, NEGRITUDE E “DATACRACIA”

Jamile Borges da Silva

Resumo: O objetivo dessa conversa é apresentar temas ainda relativamente novos no campo das ciências sociais, mostrando como as tecnologias digitais, os algoritmos de controle e vigilância têm atravessado as reflexões sobre raça, racismo e pandemia.

Palavras-Chave: Racismo, Datacracia, Negritude

Quero começar essa conversa falando da importância da realização desse Ciclo de *Lives* coordenado pelo Pós-Afro, programa que tenho a honra de coordenar, e, também, pela Fábrica de Ideias, que junto com nosso colega professor Livio Sansone, há 21 anos vem se afirmando como uma escola pioneira e inovadora no campo dos Estudos Étnicos e Africanos em perspectiva transatlântica.

Depois, para dizer da minha alegria em celebrar também hoje os 15 anos do Programa de Pós-Graduação em Dança, numa época que, infelizmente, já está marcada como a era do obscurantismo, do negacionismo e da anticiência pra afirmar nesse corpo institucional que é a nossa UFBA, outras formas de sonhar e dançar com nossas sensibilidades e com a geometria da beleza e da força de nossas pesquisas e nossos pesquisadores e pesquisadoras, performando horizontes possíveis em um tempo marcado pelo *ethos* da morte.

A importância dessa conversa se faz ainda num ano tão significativo

e num tempo tão permeado de histórias, trajetórias e pessoas que, contrariando a lógica histórica, se afirmam acima das dolorosas perdas produzidas pela pandemia e reivindicam um lugar nesse mundo tão desigual, mas também tão prenhe de possibilidades.

E é por isso que falar para vocês enquanto se desenrolam no Brasil centenas de ações em torno do novembro negro, do movimento #BlackLivesMatter, da afirmação e resistência das populações indígenas, têm um significado tão especial para mim, como uma mulher negra e oriunda da periferia de Salvador, que chegou à titulação de doutora num país em que somos menos de 16% como docentes nas universidades.

E para falar também de representatividade e de como coexistir respeitando a diversidade em todas as suas dimensões é um imperativo para quem trabalha com plataformas e produção de conhecimento atravessados pela digitalidade, entendendo que um país continental como o nosso não pode, nem deve ser um espelho borrado de um recente passado colonial.

Essa conversa hoje é também para refletir sobre a ideia de algoritmos discriminatórios, sobretudo em tempos de pandemia, revelando como a injustiça e a desigualdade encontra seus próprios meios para se disseminar e, tal qual o vírus, tem alto poder de contágio, sendo responsável não apenas por selecionar perfis de acordo com vieses pré-concebidos – chamado de *code bias* – como também por prover e sustentar esquemas de discriminação de gênero, de raça e classe baseado em (*footprints*) pegadas digitais que cruzam as demandas dos usuários com combinações algorítmicas que resultam em privilégio para uns grupos em detrimento de outros.



"Apesar de não ser um conceito novo, remontando à história da matemática e computação, algoritmos poderiam ser definidos a princípio como “uma sequência finita de instruções precisas que são implementáveis em sistemas de computação. Na era computacional digital, em sistemas de big data, a lógica algorítmica foi expandida para processos de inteligência artificial estreita, presente nos sistemas informacionais docotidiano.” (SILVA, 2020, p. 123)

Numa palestra em 2015, num evento de grande prestígio no circuito das universidades norte-americanas, Bill Gates causou impacto ao anunciar que nós *não estávamos preparados para a próxima epidemia*. Importante ressaltar que estávamos àquela época na cruzada contra o ebola e as narrativas epidemiológicas ganharam tanta força quanto a repetição dos discursos sobre o inevitável destino de miséria e falibilidade do continente africano.

A gente sabe que não é a primeira vez que atravessamos largos períodos de pandemia, como se pode ver numa breve síntese do século XX. Essa, portanto, não deveria parecer uma experiência nova. Mas é assustadora, sem dúvida.

Em que pese o tom apocalíptico e a escassa base científica de algumas previsões, intelectuais como Daniel Innerarity (2012), Giorgio Agamben (2020) e Slavoj Žižek (2020) apontaram, ao menos três fatores fundamentais com os quais a democracia foi confrontada neste ano: o estado de exceção, a ideia de eficiência pública e as transformações sociotécnicas por trás da pandemia.

Eu tenho dito que a gente tem enfrentado o que poderíamos chamar de falsos dilemas postos pela pandemia, isto é, assumirmos como inexoráveis questões que as narrativas fabricadas em torno da pandemia nos colocam diariamente como imperativos: ou a saúde ou o mercado; ou o confinamento ou o respeito às liberdades individuais; ou a solidariedade ou o imperativo da sobrevivência; esses são falsos dilemas, e podemos ver, por exemplo, na forma como alguns governos (e o caso da Nova Zelândia, governado por Jacinda Ardern é emblemático) têm enfrentado a pandemia.



Daniel Innerarity é catedrático de Filosofia Política e Social da Universidade do País Basco, Espanha, e diretor do Instituto de Governança Democrática.



Giorgio Agamben ensina Filosofia na Universidade de Veneza, Itália. Com vários livros publicados nos últimos vinte anos, e tendo em seu currículo a direção da edição italiana das obras de Walter Benjamin, tem se ocupado da pandemia em vários artigos e textos curtos publicados em periódicos internacionais.



Slavoj Žižek é filósofo, psicanalista e um dos principais teóricos contemporâneos, com diversos livros publicados em várias línguas, inclusive o português. É professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Eslovênia.

O Estado se vale dessa narrativa para impor regimes de vigilância, controlando, monitorando nossos passos sob o argumento do controle sanitário; através de nossas pegadas digitais é possível saber onde estamos, com quem encontramos, o que fazemos, o que procuramos etc. O estado controla nossa temperatura corporal, nossa saliva, numa espécie de biopolítica digital que controla a vida das pessoas. O filósofo Byung Chul-Han tem dito que o paradigma imunológico teria acabado no século XX. O uso do bigdata como dispositivo de vigilância e como uma forma de controle e monitoramento da pandemia mostra exatamente o contrário. O paradigma imunológico rege nossos dias e orquestra a geopolítica mundial.

Estamos diante de um fenômeno a que a socióloga argentina Maristella Svampa chamou de “Leviatã sanitário”. A associação no imaginário coletivo, por exemplo entre migração, xenofobia e a ameaça de doenças, foi integrado na retórica dos movimentos de direita ao longo de anos assim como nas campanhas políticas recentes.

A ideia de sujeira ou contaminação é frequentemente utilizada em relação a pessoas ou grupos que são vistos como “perigosos”. Em seu clássico estudo, *Pureza e perigo*, a antropóloga Mary Douglas (1976) já tratava do modo como as sociedades tendem a reforçar a identidade dos grupos por meio dos conceitos de limpeza e sujeira. Na retórica contemporânea, inclusive de parte da imprensa, a ameaça do contágio tem contribuído para marcar pessoas como potencialmente perigosas em um contexto de saúde pública.

Quero mostrar o panorama que vem se desenhando em torno da relação entre tecnologias e racismo,

The complex block contains two QR codes. The top one is linked to a page for Byung-Chul Han, a philosopher and author. The bottom one is linked to a page for Maristella Svampa. The pages are partially visible, showing text and a portrait of the respective author.

“A expressão *big data* se refere qualquer coleção de dados cuja combinação de volume [tamanho da coleção], variedade [dos tipos de dados e das suas fontes] e velocidade [de geração e captura dos dados e de eventuais mudanças de formatos, fontes... e seu efeito no ciclo de vida da informação] esteja no limite ou exceda os métodos, processos, algoritmos e capacidade computacional contemporânea para simplificar seu entendimento através de sínteses capazes de gerar significados para os modelos e processos de negócio para os quais estão sendo levados em conta.” (MEIRA, 2014)

analisando casos de “design discriminatório” e apontando ferramentas para uma abordagem mais crítica sobre os usos e abusos das plataformas digitais e do universo algorítmico para tratar de questões ligadas a distintos grupos sociais e de diferentes pertencimentos étnico-raciais.

Pesquisadores em diversas partes do mundo têm demonstrado os mecanismos através dos quais as tecnologias digitais frequentemente têm lançado mão para esconder, acelerar e até aprofundar formas de discriminação, alertando para o fato de que o uso da inteligência artificial combinada com algoritmos e códigos contribuem de modo inexorável para aprofundar desigualdades estruturais, raciais e econômicas.

Há uma série de temas em torno dessa reflexão que não poderão ser devidamente explorados nesse tempo. Mas quero chamar atenção para alguns pontos cruciais que vêm sendo levantados por pesquisadores da área da Tecnologia da Informação (TI) e também das questões raciais, cujas pesquisas mostram como se afirmam estruturas de poder e desigualdade na distribuição global de recursos científicos, tecnológicos e como isso tem afetado a pesquisa na área da Inteligência Artificial articulando as noções de racialidade e digitalidade.

É interessante pensar sobre os modos como outras populações têm enfrentado a pandemia para discutir, a partir do Brasil, mecanismos e estratégias de enfrentamento nesse contexto em que o combate parece se travar mais na esfera midiática que na esfera da saúde; e não é à toa que nós somos o único país do mundo a enfrentar esse desafio sem um ministro da saúde com habilidade e autoridade intelectual ou moral para lidar com a situação sanitária. Aliás, estamos praticamente às voltas com uma nova revolta antivacina.

Precisamos falar sobre como o racismo estrutural opera através de algoritmos, das plataformas de mídia social e das tecnologias alimentadas por demandas de usuários, gerando situações racialmente estressantes e demandando de nós um compromisso em tomar medidas para reduzir os danos às comunidades racialmente marcadas e afetadas pela chamada “algocracia” ou “datacracia”, isto é, sociedades governadas pelo regime dos números, dos códigos, das linhas de comando, em última instância, dos algoritmos.

Então, o que proponho aqui hoje é também uma reflexão sobre os métodos e

as narrativas tecnologicamente mediadas usadas para fabricar ficções culturais sobre fatos que são ou deveriam ser baseados em descobertas científicas. Do mesmo modo, como ficções culturais são tratadas como verdade em contextos em que os algoritmos disseminam informações baseadas em falsas associações e pegadas digitais induzindo a população a erro, a injustiça, a prisões ilegais ou simplesmente na difusão de *fake news*.

Essa conversa é importante pra gente compreender, por exemplo, como as informações que circularam e seguem circulando sobre a pandemia em contextos de elevada mediação e uso de tecnologias digitais têm induzido a constatações equivocadas sobre seus mecanismos de contágio, prevenção e atenção, demandando de todos e todas nós mais elementos científicos e mais conhecimento sobre contextos sociotécnicos para entender como e quando a vacina ou as formas de contenção da doença poderão acontecer evitando ainda mais mortes.

Depois de anos de reflexão e produção intelectual sobre a ideia de raça, já podemos afirmar que esta é uma noção também socialmente construída, de modo que é preciso afirmar ou reafirmar as consequências éticas, estéticas e socioeconômicas que o racismo produz em nosso país.

Está claro para mim que o problema é maior que encontrar uma vacina para a COVID-19; é achar uma vacina para o racismo e a insensatez.

Quero convidar vocês a pensar sobre a forma como raça e tecnologia se moldam, se interpenetram e elaboram narrativas cada vez mais sofisticadas em torno da representatividade ou da afirmação sobre quem pode e quem não pode ter direito a uma vida digna de ser contada e de ser lembrada. Não podemos deixar de considerar que



A. Aneesh (2006) distingue o sistema de governança convencional baseado nas regras da burocracia e do mercado do regime de governança digital em que a tomada de decisões está baseada no poder dos algoritmos, o que caracterizaria uma algocracia ou datacracia.



como toda produção humana, as tecnologias e seus algoritmos também são campos de batalha. Será preciso, portanto, reconhecer os lugares e papéis que cada cidadão, cada grupo social, cada pertencimento identitário, cada empresa e organização ocupa nesse campo.

Hoje, a discriminação é uma empresa de alta tecnologia e tem seus próprios mecanismos de difusão e adaptação a um mundo cada vez mais mediado por transações digitais.

Se queremos viver e trabalhar numa sociedade com justiça social, econômica e digital, será preciso reconhecer que o racismo como uma tecnologia desenvolve seus próprios mecanismos de sobrevivência, forçando parcelas inteiras da sociedade a sobreviverem à margem do desenvolvimento tecnológico, ainda que utilizem de modo sistemático *smartphones* e plataformas de *streaming*.

O que isso significa? Que possuir um smartphone não nos coloca na condição de indivíduos partícipes das decisões da coletividade, mas em geral, consumidores com pouca ou nenhuma possibilidade de reagir ao apagamento de nossos traços e de nossas histórias quando os donos dos canais de mídia e conglomerados tecno comunicacionais desconsideram a dimensão da diversidade e as múltiplas formas de pertencimentos identitários.

Desconsideram, ainda, que aqueles que estão por trás dos projetos de desenvolvimento e design de tecnologia digital organizam os dados como um instrumento de opressão, reforçando a desigualdade e perpetuando a injustiça. Já existem casos comprovados de empresas do mercado financeiro cuja plataforma e curadoria de dados resultam na exclusão sistemática de comunidades negras dos principais serviços financeiros oferecidos. Como entender então essa duplicidade de sentidos e ações de tecnologias feitas para apoiar, e essa mesma tecnologia aprofundar hierarquias e desigualdades?

Em 2016, a Microsoft apresentou ao público no Twitter a sua inteligência artificial (IA) chamada Tay. Ela foi criada para conversar com as pessoas de forma divertida, descontraída e natural, mas, em menos de 24 horas, os usuários da rede social a corromperam. Em pouco mais de 24 horas, essa IA chamada Tay passou de uma simples representação algorítmica de uma empresa para uma lembrança estranha e cinematográfica dos filmes *trash* de ficção científica em que os robôs se convertem em vilões. Tay passou a reproduzir conversas e caracteres racistas, transfóbicos e até supremacistas.

Isso aconteceu porque Tay foi programada para aprender e evoluir seus métodos de conversação conforme interagia com as pessoas, assimilando seus nichos sintáticos e semânticos, incorporando suas buscas e banco de palavras.

Noel Sharkey, um dos diretores da [Foundation for Responsible Robotics](#), sugere que mais mulheres e mais pessoas não-brancas precisam ser encorajadas a entrar na indústria de tecnologias para corrigir essa tendência sexista e racista dos algoritmos e plataformas. Os *big datas* são realmente um espelho da sociedade: ao final, eles refletem os preconceitos e desigualdades do mundo *offline* em tempo real.

Embora o termo Inteligência Artificial possa fazer surgir em nosso imaginário memórias de robôs autônomos e com personalidade, tal qual nos filmes futuristas, na realidade, a IA se refere principalmente a *softwares* complexos usados para tomar decisões ou realizar tarefas – que vão desde a determinação de aprovações de crédito bancário até a previsão de hábitos de compra – *softwares* que estão se tornando cada vez mais onipresentes em nossas vidas. À medida que terceirizamos e automatizamos a tomada de decisões sobre nossos gostos e preferências, habitamos um perigoso limiar entre conseguir determinar se uma nova era de tecnologia reaplicará as injustiças do passado ou se poderá de fato ser usada para desafiar as desigualdades do presente.

Pesquisadores afeitos ao tema têm escrito sobre as formas como os sistemas judiciais norte-americanos estão usando IA e regime de datacracia para prever chance de reincidência criminosa e marcar deliberadamente réus negros como mais propensos a se tornarem criminosos no futuro, tratando de forma discriminatória as perspectivas e horizontes que terão as pessoas de acordo com sua classificação racial: se você for negro ou latino, por exemplo, terá mais chance – segundo o programa, de reincidir no crime – do que se for asiático ou branco.

Então, é preciso entender essa intersecção, esse cruzamento entre fatores biológicos, políticos, culturais e tecnológicos – dos quais nós costumamos atentar unicamente para a dimensão técnica – compreendendo como poder e tecnologia estão intrinsecamente articulados a noções de gênero, raça e classe. Só será possível compreender os efeitos da pandemia se conseguirmos ler esse fenômeno em sua multidimensionalidade.

É preciso pensar sobre a fabricação midiática e tecnológica de narrativas sobre as populações negras e minoritárias tomando como mote reflexivo o impacto biotecnológico dos algoritmos de curadoria, vigilância, monitoramento e difusão

da informação. Esse é ainda um novo campo de investigação com inúmeros desafios que as ciências sociais ainda não dão conta de responder em sua totalidade exatamente porque são ainda muito recentes, embora as bases desse drama sociotécnico sejam bem conhecidos: a escravidão como tecnologia que sustentou quatro séculos da história moderna, não desapareceu com a abolição do regime de trabalho forçado, ao contrário, transmutou e se adaptou aos novos regimes de linguagem, de verdade e de ética

Com base nesses novos regimes de datacracia é que me permito afirmar que:

- **O racismo é uma *commodity*:** isto porque produz valor para uns segregando outros;
- **O racismo é uma tecnologia:** porque ele é auto-organizado, recursivo, sistêmico, transnacional e adaptativo.

Ruha Benjamin, pesquisadora afro-americana e professora da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, tem discutido a relação entre tecnologia e racismo, analisando casos de “design discriminatório” e construindo ferramentas para uma abordagem mais crítica sobre os usos e abusos das plataformas digitais e do universo algorítmico para tratar de questões ligadas à saúde, cruzando essas questões com as políticas (BENJAMIN, 2019). Ruha Benjamin chama isso de “new Jim code”, numa óbvia alusão às leis Jim Crow e aos chamados Black Codes que legalizavam a segregação racial no sul dos Estados Unidos e estiveram em vigor de variadas formas praticamente até os anos 1960 do século XX.

Trata-se nesses casos de refletir sobre como a ideia de inovação tem sustentado formas de segregação e mecanismos de contenção, como o caso dos aplicativos de reconhecimento facial que as polícias do mundo têm utilizado vem aumentando a população carcerária de pretos e pardos e reforçando a ideia de que o componente sociotécnico tem ares de neutralidade e imparcialidade.

A pandemia também tem nos ensinado bastante sobre os modos como os algoritmos de busca combinados com desinformação, tem ajudado a difundir ficções especulativas e preconceitos contra grupos racializados incitando xenofobia, discriminação e racismo

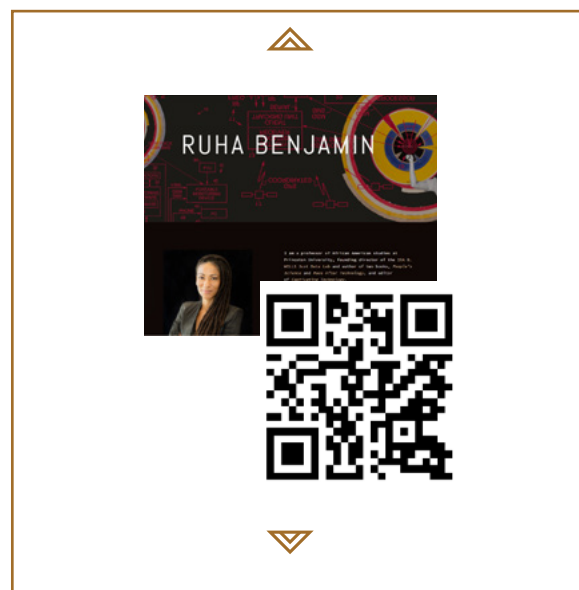
Esses sistemas de IA com base em algoritmos discriminatórios funcionam como

mecanismos de classificação; são tecnologias que diferenciam, hierarquizam e categorizam as pessoas. Nos últimos anos a indústria de tecnologias tem demonstrado um problema persistente de discriminação baseada em raça e gênero (entre outros atributos e formas de identidade). São programas de reconhecimento de imagem que categorizam mal os rostos negros e algoritmos de sentença utilizados para discriminar jovens igualmente negros; denúncias revelam que o sistema de reconhecimento facial de aplicativos de transporte não reconhece os condutores/as trans, por exemplo. Isso não só espelha como acirra as estruturas de desigualdade existentes na sociedade.

As tecnologias baseadas em códigos racialmente programados não são apenas uma metáfora racial, mas um dos muitos meios pelos quais antigas formas de segregação são atualizadas.

A utilização de sistemas de IA para a classificação, detecção e previsão da raça e gênero necessita urgentemente de uma reavaliação. A história do pensamento racial no mundo é um lembrete sombrio do que o racismo científico produziu na história do século XX, mesmo depois de ingressarmos no pós-abolição.

As organizações que utilizam a aparência física como um ordenador para avaliar a competência dos trabalhadores através de reconhecimento facial e mecanismos “extra-humanos” acabam por ser profundamente racistas, utilizando ferramentas algorítmicas para detectar ou prever desvios de conduta com base nas “características faciais” como uma releitura bizarra do pensamento antropométrico do século XIX.



Isso é o que Simone Browne, professora de Estudos da Diáspora Africana na Universidade do Texas em Austin, chama de “epidermização digital”. Isso é o resultado de corpos renderizados como códigos digitalizados por meio de técnicas de “reconhecimento facial, escaneamento de íris e retina, geometria da mão, modelos de impressões digitais, padrões vasculares, padrões de caminhada e dados de saúde”, entre outros reconhecimentos cinéticos (BROWNE, 2010).

Neste ano marcado pela pandemia do coronavírus, os processos de epidermização digital têm sido utilizados em larga escala sob o discurso do controle e saúde das populações

Os sistemas algorítmicos tomam decisões por nós e sobre nós com frequência cada vez maior. Decisões que antes eram baseadas em reflexão humana agora são feitas automaticamente e expressas através dos algoritmos. Os *softwares* codificam milhares de regras e instruções computadas em uma fração de segundo, mas estas decisões podem deixar impactos permanentes na vida das pessoas.

Um clássico exemplo de como os algoritmos discriminatórios reforçam a lógica racial impactando de modo racialmente estressante grupos étnicos pode ser visto num episódio em que a plataforma de busca do Google foi obrigada a reescrever seu algoritmo para evitar que a busca por pessoas negras resultasse na exibição de imagens de símios e outros animais, como uma espécie de reprodução algorítmica do discurso da bestialização, expressão comum nas antigas exposições coloniais universais, que se produziram durante o século XIX e até o início do século XX, onde pessoas negras eram exibidas em grandes exposições abertas ao público como um retrato do poderio colonial e da selvageria e barbárie dos povos africanos em contraponto à civilidade do homem branco.

Minha abordagem se aproxima do trabalho de pesquisadores que entendem que a raça, como tecnologia discursiva e prática simbólica, reforça o uso de *big data*, *machine learning*, IA como espaços de reprodução de classificações raciais. Muitas vezes acabamos por reduzir eventos complexos – como a pandemia e seus efeitos – a equações sofisticadas e linhas de código que, supostamente neutros, escondem as tensões e os preconceitos próprios de quem opera ou difunde as informações nos ecossistemas digitais.

Mas, em meio a tudo isso, há pessoas e instituições buscando soluções que articulem o uso ético e socialmente responsável das tecnologias e ecossistemas digitais.

Vou listar aqui algumas dessas iniciativas:

Data for Black Lives

É um movimento de ativistas, organizadores e matemáticos comprometidos com a missão de usar a ciência de dados para criar mudanças concretas e mensuráveis nas vidas dos negros.

Media Justice

Movimento de base por uma mídia mais justa e participativa, lutando por justiça racial, econômica e de gênero na era digital.

Detroit Digital Justice Coalition

A cidade de Detroit lançou o Portal de Dados Abertos em 2015, o Aliança pela Justiça Digital Detroit (DDJC), mostrando como promover práticas equitativas para coletar, disseminar e usar dados abertos. Por práticas equitativas, quer dizer o uso responsável e ético de informações públicas para o bem social resistindo à criminalização e vigilância de comunidades de baixa renda, pessoas negras e outras comunidades-alvo.

Algorithmic Justice League

Proposta que ensina como desenvolver com responsabilidade algorítmica, aumentando a conscientização da sociedade sobre os impactos da IA, equipando defensores e pesquisadores, legisladores e profissionais da indústria para mitigar os danos e preconceitos da IA.

Appolition

Appolition reuniu milhares de usuários que contribuíram com doações diretas para ajudar a pagar a fiança de pessoas presas ilegalmente nos Estados Unidos, em sua maioria, negros e latinos.



Machine Learning é um ramo da inteligência artificial baseado na ideia de que os sistemas podem aprender utilizando padrões, códigos, algoritmos e semântica para auxiliar no processo de tomada de decisões com o mínimo de intervenção humana.



Eu encerro essa fala hoje entendendo que todos e todas nós estamos enfrentando essa pandemia e esse tempo com diferentes níveis de incerteza, estresse e vulnerabilidade. O perigo do uso indiscriminado dos algoritmos é que em geral os aplicativos, softwares e plataformas são vendidos como ferramentas de apoio e inovação para melhorar, otimizar e performatizar a vida de grupos ou comunidades, mas para isso lança mão de *data bodies*, ou seja, do rastreamento de nossos fragmentos e vestígios digitais que são coletados e guardados na nuvem, em sistemas de base-de-dados, fluxos de redes para dar suporte a tomada de decisões.

São, portanto, uma manifestação digital de nossas relações com a comunidade, com as instituições e espelham a rede de privilégios, opressão e dominação.

Se queremos um horizonte diferente para o conjunto heterogêneo de pessoas que habitam este planeta com um mínimo de respeito e justiça algorítmica, será preciso investir e inventar em novos tempos e um novo amanhã.

Como diz a filósofa indiana Arundhati Roy (2020):

A pandemia é um portal. Historicamente a pandemia tem forçado os humanos a romper com o passado e imaginar um mundo novo. Dessa vez não é diferente! É um portal entre esse mundo e o próximo. Nós podemos escolher entre sermos arrastados por nosso preconceito e ódio, nossas ideias mortas ou podemos caminhar através dela com pouca bagagem prontos para imaginar um outro mundo e estar pronto pra lutar por ela.
Muito obrigada!

Esta atividade foi promovida conjuntamente pela Fábrica de Ideias e pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no quadro das comemorações pelo seu décimo quinto aniversário.

DEBATE

Igor Leonardo de Santana Torres: Muito obrigado, professora Jamile. Gostaria de fazer um agradecimento aos nossos intérpretes Anderson e Indiara que estão aqui nesta tarde com a gente fazendo o trabalho bellissimo de acessibilidade. Professora, nós temos entre nove e dez perguntas. A gente pode fazer dois blocos de quatro ou cinco perguntas.

Jamile Borges: Eu acho que a gente pode fazer por blocos, talvez quatro seja melhor.

Ângelo Pelembe Bunguele: Que fatos legitimam a sua suspeita de recolha de material genético pelo estado em nome da pandemia? Esta não seria uma perspectiva de conspiração carente de prova?

Antônio Silva: É possível afirmar que todo o aparato tecnológico de controle dos corpos tem o objetivo de proteger o sistema de reprodução do capital e refiná-lo também racialmente?

Ângelo Pelembe Bunguele: Sobre os falsos dilemas, como os analisa no Brasil? Sobretudo na perspectiva negacionista que desqualifica o mérito do “fica em casa”?

Jamile Borges: Em relação à coleta dos

nossos dados não há nada de teoria da conspiração nisso. A gente sabe que parte, por exemplo, dos hospitais universitários e das instituições que estão vinculadas a universidades e boa parte das pesquisas que estão sendo realizadas por instituições em parcerias com universidades públicas – em alguns países, universidades também privadas – em que as pessoas que participam não apenas dos testes, mas que também são atendidas por esses hospitais, parte desse material genético, há uma autorização para que ele seja coletado pelo Hospital Universitário ou pelo centro de pesquisa em que você dá entrada. E isso inclusive já foi discutido num texto muito interessante, um texto relativamente antigo, naquele livro *Antropologia da razão* em que um dos artigos, acho que é do Paul Rabinow, se não me engano, era exatamente com relação a uma pessoa que teve o seu material genético coletado, porque deu entrada no Hospital Universitário para se tratar de uma doença, e parte do material genético dele foi utilizado em outras pesquisas. Então, a gente sabe que esse não é um fenômeno novo, esse é

um fenômeno que já tem um número de casos, inclusive, que foram levados à Suprema Corte dos Estados Unidos. O que, no caso brasileiro, agora é novo e inusitado, porque esses mecanismos de monitoramento e vigilância têm sido utilizados. Então, por exemplo, aqui em Salvador, mas a gente sabe que em outras capitais do Brasil, nas estações de metrô, por exemplo, há *softwares* para aferir a temperatura, então há câmeras que identificam a condição térmica das pessoas que passam por ali. As pessoas quando são identificadas, por exemplo, com temperaturas acima de 37°, elas são identificadas e chamadas – e muitas delas, inclusive, são levadas para fazer exames, para coleta de sangue etc. Sangue contém material genético, então não há nada de teoria da conspiração. Esses são dados que estão sendo já apresentados por diversos pesquisadores e pesquisadoras nossos, tanto na área da saúde, mas também na área das Ciências Sociais, de colegas que estão pesquisando essa interface entre tecnologias, pandemias e sociedade. Com relação à questão dos falsos dilemas, a gente viu isso bastante no início da pandemia no caso brasileiro. Eu vou falar obviamente a partir de Salvador, porque é aqui que eu vivo, mas boa parte do empresariado brasileiro rechaçou as primeiras medidas básicas que foram as medidas de isolamento e

a medida de distanciamento social que implicavam no fechamento do comércio. Então, naquele primeiro momento, o discurso, inclusive do chefe do executivo federal, era dizer que a economia iria colapsar, como se nós tivéssemos condição de escolher entre a vida e o mercado. Então, eu digo que esse é um falso dilema, porque várias sociedades conseguiram encontrar um meio-termo, conseguiram encontrar caminhos para que a economia não entrasse em processo de colapso e, ao mesmo tempo, ter um forte processo de enfrentamento para salvaguardar a vida das pessoas. Então, eu acho que é preciso que a gente entenda que quando a gente está falando de salvaguardar a economia, de que tipo de economia a gente está falando? Quando a gente diz que ou você é solidário com outro ou você se põe em determinado momento para que organizações não-governamentais, para que pessoas na sociedade civil possam atuar, por exemplo, levando comida, levando máscara, levando o álcool gel, para as comunidades periféricas. Então, a sociedade pode e deve participar desse processo de controle, de impedir a expansão do contágio do coronavírus. Isso não significa ter que escolher entre ser solidário ou sobreviver. Então, eu digo que são falsos dilemas, porque no fundo são dilemas que estão postos por essas narrativas fabricadas pelas

corporações de mídia, fabricadas por aquelas pessoas que têm interesse econômico, que estão sendo solapados por um enfrentamento digno, honesto, da pandemia e, em última instância, enquanto não houver vacina, é isolamento, é confinamento e é distanciamento social.

Natalino Silva: Esse é um tema emergente e necessário de ser aprofundado. Nesse sentido, indago à palestrante como a educação pode fazer parte dessa discussão?

Amélia Conrado: Se as universidades públicas disponibilizassem suas TVs para entrar na casa das pessoas e nós cientistas pudéssemos falar desses assuntos, haveria um programa revolucionário de extensão?

Victor de Jesus: Professora, poderia citar a bibliografia que utilizou ao longo da sua fala, de J. Silva? Como anda esse debate no Brasil? Quais as referências brasileiras? E como esse debate se articula com a sua perspectiva decolonial?

Pedro Paulo Fonseca: Como a senhora analisa a transferência e utilização de tecnologia de reconhecimento facial pelo estado da Bahia, oriunda da China, na busca pelos indivíduos considerados perigosos?

Ana Luzia Jacinto: A tecnologia da rede 5G hoje divide nações. Como nós do chamado “terceiro mundo” enfrentaremos a nossa exclusão?

Giordani Gorki Kiran: Professora, que estratégia a senhora indicaria para bugar os algoritmos?

Jamile Borges: Está bem, eu vou começar da última para a primeira. Não tem como *bugar* os algoritmos. Os algoritmos são a escrita do século XXI. Há uma frase, relativamente antiga do Pierre Lévy, que durante os anos 1990 foi, digamos, uma espécie de guru brasileiro nos estudos sobre a relação entre ciência, tecnologia e sociedade. Pierre Lévy, canadense, foi diretor do Instituto Marshall McLuhan, dizia uma coisa interessante: toda a tecnologia produz, digamos, as suas próprias desigualdades. Então, ele dizia que antes da existência do alfabeto não existia analfabeto. Do mesmo modo, não há como também a gente imaginar que a tecnologia por si só é excludente, a tecnologia por si só é desigual ou ela produz, digamos, diretamente o racismo. Por isso é importante a gente compreender, quando eu dizia no início desta apresentação, que os algoritmos, os códigos, as linhas de comando são o novo campo de batalha, é porque há pessoas produzindo isso. Eles não são o resultado, digamos, de uma produção espontânea. Eles são frutos de um trabalho intelectual de pessoas. O problema é quem são essas pessoas. E aí eu volto àquilo que eu dizia. A estatística e as pesquisas

têm mostrado que quem produz essas linhas de código, quem produz esses algoritmos são, em geral, homens jovens, brancos, vindos de determinadas áreas. Então, nós não temos latinos, nós não temos negros, nós não temos mulheres, nós não temos população trans nessa área. Aliás, aquele último *software* ao qual eu me referi, o Appolition, um dos seus desenvolvedores é um homem negro trans que foi, inclusive, vítima também, chegou a ser preso por um desses *softwares* de reconhecimento facial. Ele foi, então, confundido com um indivíduo que estava sendo buscado pela polícia e, a partir daí, ele resolveu criar esse aplicativo. Então, é interessante, de fato, a gente reforçar que não existe tecnologia imparcial, não existe tecnologia neutra. A tecnologia é humana, é produzida por pessoas e, portanto, a gente precisa compreender, então, quem são essas pessoas que estão por trás dela. E isso tem a ver com as primeiras questões. O que a educação tem a ver com isso e como é que a universidade pode colaborar? Eu acho que parte do que nós estamos fazendo aqui, ou seja, produzindo conhecimento, criando espaços de difusão do conhecimento, criando espaço de disseminação e partilha das pesquisas que estão sendo realizadas não apenas por mim, mas por todos, todas as colegas, que participaram desse

Ciclo de *Lives*. Mas todas as pessoas que estão também na nossa audiência, que são em sua maioria estudantes da pós-graduação, são pesquisadores que estão em vários programas no país, mas também fora do país. Há colegas nossos aqui que estão em outros países, então, de fato, o que nós podemos fazer é afirmar o papel da universidade. Afir-mar o papel da universidade, sobretudo nesta era de negacionismo do papel da ciência, afirmarmo-nos como pessoas que têm o privilégio da fala, como pessoas que têm o privilégio de estar no espaço de produção de conhecimento, pensarmo-nos como intelectuais transformadores – esta é uma fala do Henri Giroux, mas era também uma fala do Paulo Freire. Então, nós como pesquisadores, docentes, intelectuais transformadores, temos o papel e o dever ético de não apenas escrever e produzir sobre isso para engordar os nossos Currículos Lattes, mas produzir cada vez mais, incentivar mecanismos de difusão desse conhecimento e dessa informação. Com relação à questão dos *softwares* importados da China e da tecnologia 5G, de certo modo, as duas coisas estão próximas. Porque a aplicação, a adoção desses sistemas pela Secretaria de Segurança Pública ou pelas polícias da Bahia ou do Brasil, de outros estados que adotem, obviamente vai demandar não apenas um novo projeto de segu-

rança pública, mas também um projeto de investimento nas nossas malhas, cabos e fibras óticas. Nosso sistema de tecnologia de modo geral. Mas sobretudo é preciso pensar nessa discussão sobre segurança pública. Todos vocês devem ter acompanhado a pesquisa recente que mostra que 97% das pessoas assassinadas pela polícia são negros e negras. Então, isso não vai mudar com a adoção desses *softwares*, ao contrário, porque a minha fala toda hoje mostrou aqui que para os países que já adotaram – é o caso da Inglaterra, em Londres se adotou, é o caso dos Estados Unidos, é o caso da França que também adotou depois daqueles últimos episódios de terrorismo passou a adotar software de reconhecimento facial – as populações e os grupos étnicos que estão sendo alvos prioritários desses sistemas. São os imigrantes, no caso da França, da Inglaterra. No caso dos Estados Unidos, são as populações negras e latinas. Então, isso mostra para a gente que, no caso brasileiro, se esse sistema for adotado, muito provavelmente não será diferente. Então, por isso é importante uma fala como esta hoje, não porque foi a minha fala, mas pelo inusitado talvez do tema, pela novidade do tema, porque é um tema que ainda merece muito investimento de leitura, de pesquisa. E isso tem a ver também com a questão da bibliografia, há pouquíssima bibliografia em português so-

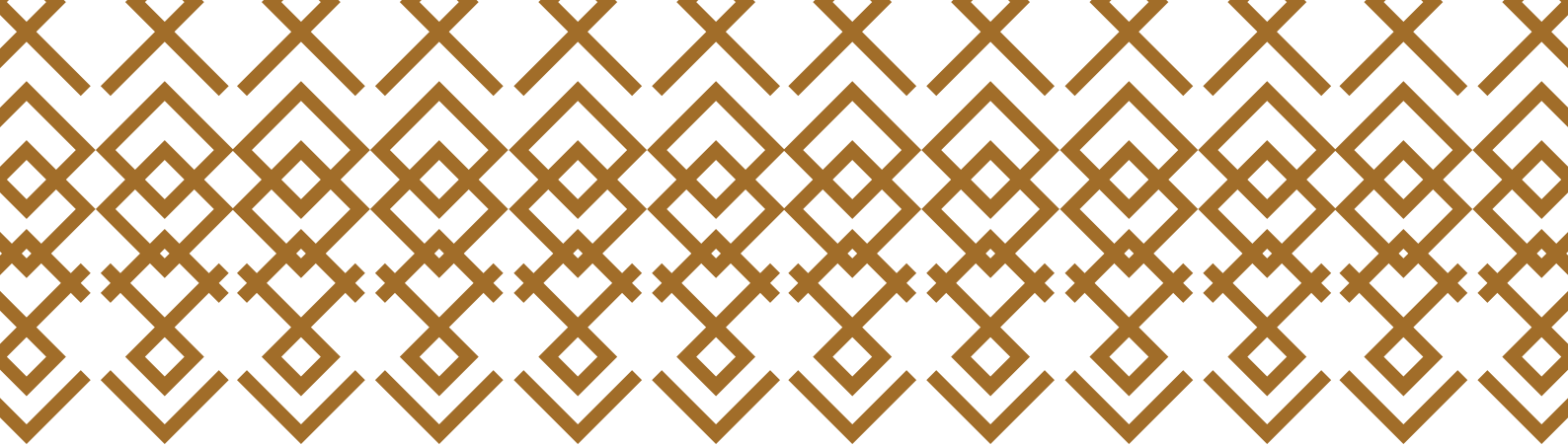
bre esse tema. Boa parte da bibliografia que existe sobre essa discussão hoje está em inglês, produzida em sua grande maioria nas universidades norte-americanas, na Inglaterra e na França. No Brasil, a gente tem poucos pesquisadores, embora já tenhamos alguns núcleos em universidades brasileiras discutindo a questão das humanidades digitais, mas há pouca discussão específica sobre esse tema. Há um colega, o Tarcísio, que também se chama Silva, que em sua tese de doutorado está estudando sobre isso. Ele ainda está realizando o seu doutorado. Eu sei de colegas também que estão desenvolvendo pesquisas nessa área no mestrado e doutorado na Federal de Santa Catarina, e eu que tenho desenvolvido. Então, algumas dessas afirmações que vocês leram aí, esse Silva, na verdade, é o meu Silva. Ainda não temos grandes publicações nesse campo, mas eu espero que, em 2021, nós possamos ampliar essas reflexões com mais divulgação sobre essas discussões.

Igor Leonardo: Professora Jamile, agradeço sua participação. Pode fazer suas considerações finais.

Jamile Borges: Então, eu quero agradecer essa audiência bastante presente, interativa, atuante. Agradecer mais uma vez a minhas colegas e meus colegas do Programa de Pós-Graduação

em Dança por ter me permitido celebrar com eles esses 15 anos do programa, em nome da professora Lenira Rangel e em nome do professor Fernando Ferraz. Eu quero, então, congratular-me com meus colegas e minhas colegas da Escola de Dança, com os meus colegas e as minhas colegas do Pós-Afro, com os estudantes que estão aqui também e que nos assistem de suas casas. Gostaria de dizer que eu estou muito feliz por estar,

hoje, na penúltima live desse ciclo, que é um trabalho de muita coragem, de muito empenho, de muito trabalho, de pessoas que estão comprometidas com a sobrevivência da universidade, com o papel da universidade num tempo tão difícil. E esse é o desafio que nós nunca recusamos e que, portanto, nós seguiremos vivos e lutando pela universidade e pela ciência. Muito obrigada a todas obrigado a toda e todos.



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANEESH, Aneesh. **Virtual migration: the programming of globalization**. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.
- BENJAMIN, Ruha. **Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- BROWNE, Simone. Digital Epidermalization: Race, Identity and Biometrics. **Critical Sociology**, v. 36, n. 1, p. 131 150, 2010. doi:10.1177/0896920509347144.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- HAN, Byung-Chul. The Tiredness Virus. *The Nation*, 12 abr. 2021. <https://www.thenation.com/article/society/pandemic-burnout-society/>.
- INNERARITY, Daniel. **O futuro e os seus inimigos Uma defesa da esperança política**. Lisboa: Theorema, 2012.
- LÉVY, Pierre. **Les technologies de l'intelligence: l'avenir de la pensée à l'ère informatique**. Paris: Seuil, 1993.
- MEIRA, Silvio. Definindo big data. **Dia a dia, bit a bit**, 22 abr. 2014. <https://silvio.meira.com/silvio/definindo-big-data>.
- RABINOW, Paul. Biotecnologia americana: fazendo a PCR, Reação em Cadeia da Polimerase. In: **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 185 202.
- ROY, Arundhati. The pandemic is a portal. **Financial Times**, 3 abr. 2020. <https://www.ft.com/content/10d8f5e8-74eb-11ea-95fe-fcd274e920ca>.
- SILVA, Jamile Borges da. Memórias da dor: o patrimônio sensível da pandemia. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 1, p. 121 140, 2021. <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/858>.
- SILVA, Jamile Borges da. Pandemia, coronavírus e Dogville. **Pensar la pandemia: observatorio social del coronavirus**, 19 jun. 2020. <https://www.clacso.org/pandemia-coronavirus-e-dogville/>.
- SILVA, Tarcízio (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020.
- SVAMPA, Maristella. Coronavírus e o alerta para a crise climática. **Elefante Editora [site]**, 6 abr. 2020. <https://elefanteditora.com.br/reflexoes-para-um-mundo-pos-coronavirus/>.
- ŽIŽEK, Slavoj (Org.) **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.



CAPÍTULO 7:

**PANDEMIA E CULTURA DA VIOLÊNCIA
NO BRASIL**

Jesiel Oliveira



CAPÍTULO 7: PANDEMIA E CULTURA DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

Jesiel Oliveira

Resumo: Atendendo à chamada temática desta XXI edição da Escola Doutoral Fábrica de Ideias, “Pandemias e Utopias”, pretendo traçar balizas teóricas para articular os aparatos da violência racista ao que podemos chamar de dimensões necropolíticas do contexto da epidemia de COVID-19. Meu foco se dirige a paralelismos estruturais entre os dispositivos simbólicos que regulam relações sociais tanto à violência epidêmica quanto às brutalidades racistas perpetradas no Brasil. Acredito que outro nível de aprofundamento para esse problema pode ser alcançado quando nos apropriamos da noção de necropolítica de maneira menos instrumental, e assim restrita à descrição de tecnologias estatais da morte, buscando antes empreender uma perspectiva de leitura que visa discutir figuras e paradigmas duma certa “cultura racializada da morte”; um certo campo de formas e economias simbólicas derivadas de concepções e valores acerca do sentido da morte para identidades individuais e coletivas. O que está em causa é ampliar nossa percepção e compreensão da capilaridade com que o Necropoder se institui, formando sensibilidades e racionalizações pragmáticas acerca da onipresença espiralar da violência enquanto mediação social “régia”, conforme o modelo crítico delineado por Frantz Fanon para o estudo das sociedades coloniais e suas configurações pós-independentistas.

Palavras-Chave: Violência, Racismo, Cultura

Valho-me do sintagma **cultura da violência** sob aquele regime que a

pensadora indiana Gayatri Spivak designa por “catacrese”, ou seja, admitindo me faltarem ainda significantes mais rigorosos e precisos para o que pretendo designar, ao mesmo tempo em que não me falta disposição para enfrentar os problemas teóricos que as distinções entre cultura, estrutura social, ideologia, poder, episteme e, claro, realidade continuam a instigar. Também não subestimo as dificuldades em especificar sentidos e funções desse substantivo tão familiar e tão aterrador, mais um signo catacrético para designar forças que muitos, além do grego Heráclito, apontaram como originárias de todas as coisas, das fronteiras decisivas entre o bem e o mal, entre o instinto, a razão, o amor e o ódio: a violência nossa de cada dia. Existe vida ou sociedade, ordem ou mudança que não se fundamente, em algum nível, na violência, nas coalizões e partições que ela determina? Se aceitamos que a produção da normalidade, ou que a reprodução de relações interpessoais estáveis e previsíveis são funções essenciais de todo sistema comunitário, de que maneira tais processos se articulam com as demarcações entre violência natural e antissocial, ou entre violência excessiva e inevitável, incluindo aí a legitimação de práticas violentas exercidas em defesa do próprio corpo, de identidades individuais e coletivas, de bens, saberes e crenças, projetos conservadores ou revolucionários? Ou em nome da saúde pública? Ou em favor da saúde financeira?...

As questões acima elencadas encontram respostas parciais quando enquadradas em âmbitos jurídicos ou psicológicos, os quais visamos extrapolar ao inserirmos a violência no domínio dos valores culturais. Para melhor detalhamento dessa concepção transversal, julgo apropriado objetivá-la conforme a metodologia variacional proposta por Muniz Sodré:

Assim, para melhor entender a distribuição discursiva do termo cultura, a ele relacionamos um outro, metalinguístico, que permite o aparecimento de variações. Esse outro é ideologia, destinado a indicar os efeitos sociais de poder sobre o sentido. É um conceito com grandes dificuldades, quando entendido como metáfora de um edifício, de um plano fixo (sem deslocamentos), que faria irradiar funcionalmente seus efeitos para outros patamares. Nós o utilizamos, entretanto, como um conceito analítico, que refere os discursos a suas condições de produção e a seus efeitos de poder. É um termo arbitrário: onde dizemos ideologia, poderíamos dizer economia.

Em oposição a *ideologia*, *cultura* se impõe — sempre metalinguisticamente — como um modo de relacionamento com o sentido não inteiramente recoberto pelo campo das relações de poder. O conceito proposto de cultura é o de um “algo mais”, não à maneira dos românticos, para os quais o todo é sempre maior que a soma das partes, mas a partir da ideia (...) de incompletude de qualquer todo sistemático. Assim,

cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano. (SODRÉ, 2005, p. 9 10)

A perspectiva de análise que desenvolverei deriva de resultados mais recentes de minhas pesquisas comparativistas sobre valores, dispositivos e linguagens que caracterizam as relações raciais entre os brasileiros. Nos últimos anos, a leitura de romances como *Mayombe* e *A geração da utopia*, de Pepetela; *As lágrimas e o vento*, de Santos Lima, e *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, de José Agualusa, textos emparelhados dialogicamente a obras cinematográficas como *Tropa de Elite*, de José Padilha e *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, tem me servido para o mapeamento de representações cuja interpretação possibilite descrever as diferentes estruturas culturais e ideológicas que constituem, interagem e conflituam em sociedades como a angolana e a nossa, com historicidades marcadas por processos multisseculares de formação colonial no âmbito do império escravagista português, os quais desembocam em rupturas independentistas que buscam retomar, ou inaugurar, formas sociais autônomas e construir uma história nacional. Quero assim situar meu trabalho nesse campo prolífero, e, também, algo pantanoso, dos estudos sobre o que, desde o antropólogo francês George Balandier, foi chamado de “situação colonial” e seus sucedâneos, categoria cuja evolução teórica se ramifica por linhagens variadas, dentre as quais me interessa a que pode ser designada como crítica afrodiáspórica, abrangendo aí fontes diversas que se aglutinariam em torno do pensamento fundacional de Frantz Fanon. Atendendo à chamada temática desta XXI edição da Escola Doutoral Fábrica de Ideias, “Pandemias e Utopias”, pretendo traçar balizas teóricas para articular os aparatos da violência racista ao que podemos chamar de dimensões necropolíticas do contexto da epidemia de COVID-19. Enfatizo que a pesquisa maior se encontra em andamento, embora me pareça pertinente explorar um dos resultados parciais do mapeamento literário-fílmico acima descrito, vale dizer: explorar o potencial crítico das estranhas sinergias entre estados de dependência e violência, euforia e indiferença que caracterizam a construção simbólica das obras referidas e sobressaem na leitura comparativista. Tais redes de afetos, sempre legíveis nas representações raciais estudadas, também se ressaltam como eixos temáticos da rede discursiva pandêmica, em todos os seus estágios. Observamos que esses dois vetores de sofrimento não só convergem para ampliar ainda mais a precarização e mortandade entre os segmentos tradicionalmente explorados no Brasil, como também

acionam regimes de produção de acontecimentos, verdades e afetos que guardam perturbantes similaridades. Destacadamente, a hegemonização do alheamento ou da irresponsabilidade perante o Outro; o antagonismo permanente e intenso entre o factual e o imaginário, o científico e o místico; a intrincada correlação estabelecida entre fatores políticos, econômicos e biopsíquicos na constituição dos problemas e de seus meios de encaminhamento, ou de inercialização. Importante notar como a raça e o vírus, tomadas interdisciplinarmente como categorias sociais e biológicas, buscam dar conta de formas intervalares situadas entre o vivo e o morto, assim como suas manifestações sempre se articulam à parasitagem e apropriação do que é essencial a existências outras. Nem a unidade viral nem o indivíduo racializado dispõem de natureza legível ou eficaz sem estarem inseridos em coletivos de larga escala e tidos como altamente homogêneos, condições fundamentais para que seus poderes simbólicos e físicos atuem conforme uma lógica sempre mobilizada pela agressão e invasão. Interessa sobretudo ressaltar que, tal como aponta o filósofo camaronês Achille Mbembe, as letalidades do racismo e da virose partilham de uma funcionalidade exorbitante a toda razão e critério:

a raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o *excedente*, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispendida sem reservas. Pouco importa que ela não exista enquanto tal, e não só devido à extraordinária homogeneidade genética dos seres humanos. Ela continua a produzir efeitos de mutilação, porque originariamente é e será sempre aquilo em cujo nome se operam cesuras no seio da sociedade, se estabelecem relações de tipo bélico, se regulam as relações coloniais (...). É [a raça] o que autoriza a situar, em meio a categorias abstratas, aqueles que se procura estigmatizar, desqualificar moralmente (...). É o meio pelo qual os reificamos e, com base nessa reificação, nos tornamos seus senhores, decidindo então sobre o seu destino, de maneira a que não sejamos obrigados a prestar quaisquer contas. Pode-se, pois, comparar-se o trabalho da raça a um ritual de sacrifício — aquela espécie de ato ao qual não se é obrigado a responder. (MBEMBE, 2018, p. 73 74)

Não me deterei nas estatísticas amplamente conhecidas, e em incessante progressão, que detalham os recortes de raça e classe sobre os quais recaem os piores efeitos da infecção pelo coronavírus. Além da devastadora mortalidade entre as comunidades negras, o alastramento da nova coronavirose também põe em evidência a dramática correlação entre laços comunitários materialmente intensivos e politicamente corroídos, de maneira que o convívio próximo forçado pela espacialidade dos bairros populares

não tem como contrapartida melhor organização visando a saúde comunitária; assim como dá exposição ainda mais escandalosa para os abismos que separam segmentos brancos, negros e pardos de todas as classes subalternas, bloqueando ações comuns, ou mesmo intercâmbios solidários elementares, em resposta à tragédia sanitária que se expande. Como já referi, meu foco se dirige a paralelismos estruturais entre os dispositivos simbólicos que regulam reações sociais tanto à violência epidêmica quanto às brutalidades racistas perpetradas por agentes de segurança pública e privada, estrelas da mídia, representantes do capital e cidadãos em geral no Brasil. Em meio à perplexidade, e aos simplismos, que grassam no esforço de entender as diversas contradições e absurdos que marcam o desenrolar da pandemia brasileira, julgo indispensável aprimorarmos recursos conceituais investindo, inclusive, em suas implicações mais arrojadas e desafiantes. Sintomaticamente, desde março de 2020, quando se inicia a jornada labiríntica da COVID-19 no país e no mundo, tanto mais essa confluência foi se aguçando, mais se incrementou a circulação de um neologismo filosófico de invenção recente, o termo “necropolítica”, convertendo-o numa palavra-chave aparentemente útil para descrever e explicar globalmente nosso contexto. Como pretendo indicar, se essa utilidade é fácil de evidenciar quando se dá enfoque aos parâmetros ideológicos sobre os quais, nos termos de Sodré, assentam a ação dos poderes instituídos, outro nível de aprofundamento para esse problema pode ser alcançado quando nos apropriamos da noção de necropolítica de maneira menos instrumental, e assim restrita à descrição de tecnologias estatais da morte, buscando antes empreender uma perspectiva de leitura que visa discutir figuras e paradigmas numa certa “cultura racializada da morte”; um certo campo de formas e economias simbólicas derivadas de concepções e valores acerca do sentido da morte para identidades individuais e coletivas. O que está em causa é ampliar nossa percepção e compreensão da capilaridade com que o Necropoder se institui, formando sensibilidades e racionalizações pragmáticas acerca da onipresença espiralar da violência enquanto mediação social, condição que transborda os limites de gestão biopolítica das sociedades como propôs Michel Foucault. Por isso mesmo que o novo modelo mbembiano se projeta para além duma complementariedade, abarcando outras magnitudes da produção da “coerência semiótica”, bem como dos objetivos estratégicos nas sociedades regidas pelos estamentos raciais:

Con esto se deja sentado que el ejercicio de la violencia y el terror — la necropolítica — , no es la contraparte de la biopolítica — el coconstitutivo del biopoder para asegurar la homeostasis poblacional, que se ejerce

a través del racismo de Estado —, como sugería Foucault y quienes profundizaron en la tanatopolítica (Agamben). El necropoder es, más bien, una tecnología política diferenciada que tiene por fin la masacre poblacional, y, además, es una tecnología que desborda los límites de la estatalidad. (GIGENA, 2012, p. 23 24)

Para Mbembe, os fundamentos históricos desta culturalização da morte foram assentados pela economia escravagista e o estado colonial, vetores dos quais se desdobram o que eu chamaria de relações de colonialidade que entretecem todos os contextos que hoje designamos por pós-coloniais. A exposição argumentativa dessa dimensão antropológica da necropolítica é iniciada por Mbembe no capítulo que agregou à segunda edição de “Necropolitic” (na edição brasileira intitulado “Política, trabalho da morte e o ‘devir sujeito’”), momento em que o autor estabelece forte diálogo com as polêmicas teses de George Bataille sobre a progressiva ressignificação da morte nas sociedades modernas, processo que integra à ordem biopolítica uma série de novos dispositivos que operam uma “antieconomia” da desvitalização e destruição, entretanto investida na criação de um tipo específico de mais-valia:

embora destrua o que era para ser, apague o que supostamente continuaria a ser e reduza a nada o indivíduo, a morte não se reduz ao puro aniquilamento do ser. Pelo contrário, é essencialmente autoconsciência; além disso, é a forma mais luxuosa da vida, ou seja, de efusão e exuberância: um poder de proliferação. (MBEMBE, 2016, p. 125)

Em seu amadurecimento histórico, sobretudo nos territórios coloniais, o Necropoder desdobra-se em “formas de soberania” (MBEMBE, 2016, p. 125) voltadas para a sistemática ultrapassagem dos limites que os códigos de civilidade do Ocidente impunham ao Biopoder no espaço metropolitano. Grande parte da discussão empreendida por Mbembe neste ensaio examina as condições topológicas indispensáveis à instalação dos aparatos necropolíticos, tomando como premissa a estrutura maniqueísta de repartição formulada por Fanon e seus desdobramentos na instauração e demarcação do “estado de exceção”, categoria na qual se articulam problemas relativos a isolamento, suspensão, controle de circulação e outros parâmetros que reforçam o emparelhamento da situação colonial à epidêmica, assumindo o genocídio viral como configuração recente para o que Mbembe designa por “ordem da economia máxima”, ou do “massacre” (MBEMBE, 2016, p. 141). Por sua vez, também cabe examinar a produtividade simbólica do aniquilamento massivo, tópico que remete à “relação entre terror, liberdade e sacrifício” (MBEMBE, 2016, p. 144), formando assim uma

interface complexa entre aspectos quantitativos e qualitativos dos excedentes que a raça e a morte agenciam nas realidades sociais modernas, através da qual quadros de referência antagônicos se mesclam e se incorporam aos processos de significação:

propos a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. O ensaio também (...) sugeriu que, sob o necropoder, as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem. (MBEMBE, 2016, p. 146)

Sob tal perspectiva, os dispositivos necropolíticos mobilizam tanto uma economia genocida executada por aparatos institucionais, quanto regimes de valor que moldam subjetividades de algozes e vítimas, orientando-as para atribuições diversificadas de sentido para a naturalização da morte violenta. Para além do conformismo ou da anomia, conceitos frequentemente convocados para enquadrar comportamentos dos segmentos subalternos brasileiros frente às mortandades causadas pelo racismo ou pela epidemia COVID-19, Mbembe propõe:

Como observa Gilroy, essa preferência pela morte diante da servidão contínua é um comentário sobre a natureza da liberdade em si (ou sua falta). Se essa falta é a própria natureza do que significa para a existência do escravo ou o colonizado, essa mesma falta é também precisamente o modo pelo qual ele ou ela reconhece sua própria mortalidade. (MBEMBE, 2016, p. 146)

Não cabendo maior alongamento do problema nesse breve roteiro de problematização que pretendo desenvolver em textos posteriores, cabe desde já sugerir a analogia entre a forma reversiva de apropriação do necropoder delineada por Mbembe e o tema da “contraviolência” que Frantz Fanon levanta em seu famoso ensaio dedicado às especificidades da violência nos contextos coloniais. Outros aportes cruciais para este viés de análise são trabalhados por Mbembe em *Crítica da razão negra*, obra que proporciona uma ampliação do lastro filosófico e do potencial crítico para o conceito que aqui escrutinei. Admitindo que “as raízes profundas da colônia deveriam voltar a procurar-se na experiência sem reservas da morte ou, ainda, do desgaste da vida - experiência (...) cujo ponto de exaltação é a raça, uma vez que nela se manifesta o desejo de sacrifício” (MBEMBE, 2014, p. 185). Aprofundando estrategicamente seu diálogo

com a perspectiva psicanalítica que especifica o pensamento fanoniano, sobretudo no âmbito da produtividade de parâmetros psicossociais para a interpretação da violência constituída nas interfaces entre a raça, política e saúde, tanto física quanto mental, Mbembe delinea o que designa como um “dispositivo alucinatório sem o qual qualquer repetição do gesto colonial fundador teria sido votada ao fracasso” (2014, p. 184), o qual se organiza nos termos a seguir:

O dispositivo alucinatório do potentado assenta, portanto, em dois pilares. O primeiro é a regulação de necessidades, e o segundo é o dos fluxos do desejo. Entre ambos encontra-se a mercadoria, nomeadamente as formas da mercadoria que o colonizado admira e deseja desfrutar. A mercadoria é assim submetida a um triplo uso - simbólico, psíquico e instrumental. Mas sobretudo, na colônia, ganha o carácter de algo imaginário. É um nó fundamental para qualquer operação colonial, um espelho resplandecente, no qual a vida, o trabalho e a linguagem do colonizado se veem reflectidos. De acordo com os contextos, desempenhará funções sedativas ou epiléticas. (MBEMBE, 2014, p. 198)

Primeiramente, caberia recordar que, no imaginário popular, não há bem mais valioso do que a saúde, sobretudo devido à relação essencial estabelecida entre o vigor para o trabalho e a satisfação de necessidades básicas: sem corpo são, não existe inserção sadia no mercado. Julgo pertinente desdobrar esse tema tendo em vista a eficácia com que os falsos preventivos contra a COVID-19, a exemplo da cloroquina e da ivermectina, parecem dar base à leitura positiva que, segundo pesquisas recentes, grandes frações das classes desfavorecidas realizam acerca da gestão federal da pandemia. O acesso facilitado a esse fetiche medicinal sugere a reposição de estratégias de penetração colonialista sustentadas na alegada supremacia da alopatia ocidental sobre a medicina mágica africana, ainda que operando conforme um regime de significação altamente hibridizado. Num âmbito mais específico da economia simbólica esquematizada por Mbembe, por sua vez, acredito fundamental o estudo crítico do contexto pandêmico pensando a COVID-19 como instrumento sacrificial que suplementa as estratégias do genocídio racista, por um lado; mas, por outro, também refletiria a corrosão de valores comunitários, ou a expansão de uma ordem anticomunitária, que, se resulta da operação intrínseca da máquina de dominação colonial, sinaliza a extrema precarização das forças vitais endógenas às comunidades negras no Brasil.

Tópicos diversos, que mereceriam discussão mais detida, se articulam no empenho da reflexão mbembiana em uma descrição das sociedades contemporâneas atento

à maneira complexa como os aparatos da raça produzem, primariamente, a restauração de tempos e espaços coloniais, gerando intersecções sinuosas, por vezes fantasmáticas, mas não menos eficazes e poderosas, entre regimes de verdade pré e pós-abolicionistas, assim como entre concepções e práticas do poder soberano cuja repercussão institucional engendra as contradições normalizadas que articulam máquinas de guerra estatais e privadas na continuidade e atualização da guerra colonial, do esforço de confinamento da alteridade aos limites entre o assimilacionismo ocidentalizante, o branqueamento ou a disponibilização para o abate sistemático que, simbólica e materialmente, é reclamado para a reprodução dos necropoderes.

DEBATE

Cássia Virgínia Bastos Maciel: Muito obrigada Professor Jesiel Ferreira pela explicação. Nós estamos aqui com uma grande participação de professores da comunidade do Pós-Afro, professores e professoras de outros espaços também passaram aqui, já fez uma saudação o Professor Lívio Sansone, a professora Patrícia Godinho Gomes, muitos estudantes do Pós-Afro, várias saudações. Eu gostaria de deixar uma questão também em relação à sua apresentação, nós temos várias perguntas aqui no *chat*, vamos passar as perguntas e aí eu proponho que sejam de três em três.

Victor de Jesus: Sueli Carneiro e Abdias Nascimento tratam dessa cultura racista da violência e morte. Com quais intelectuais negras/os do país você tem dialogado? O rap e a literatura afro-brasileira trazem essas experiências da cultura da violência no Brasil. Você utiliza o rap nas suas pesquisas? Quais artistas literários do país você utiliza?

Ângelo Pelembe Bunguele: Para além do negro, os ameríndios são objeto da necropolítica no Brasil. Você tem algum estudo nessa perspectiva?

Jesiel Oliveira: A minha referência em termos de autores afro-brasileiros é um diálogo imediato com Abdias do Nascimento, por conta da questão do livro dele sobre o genocídio do negro brasileiro. E, como eu tinha dito agora há pouco, o objetivo de médio prazo é estabelecer um diálogo mais direto, uma releitura da visão de Abdias, e de todos aqueles que têm dado sequência a esse pensamento, a partir desses pressupostos, que agora explico. Eu entendo que a minha tarefa como professor de literaturas africanas é justamente a de fomentar esse diálogo entre o pensamento africano – como Mbembe, que é nesse momento o autor que eu estou tomando como referência – e a as fontes do pensamento afro-diaspórico – Franz Fanon, Paul Gilroy, que eu citei agora há pouco, e aqui no Brasil, bem mais do que com Abdias, o meu diálogo tem se travado com Beatriz Nascimento. Eu acho que, de uma maneira sintética, ela levanta diversas questões que nós podemos desdobrar hoje, justamente nos apoiando em referenciais como esse que eu estou aqui propondo.

Não sei se eu me recordo bem da se-

gunda pergunta... Ah, o rap e a literatura afro-brasileira, já me recordei. Com certeza são fontes primárias embora, bem... a gente tem que levar muito a sério o que significa esse deslocamento epistemológico, e pensar como se fosse um deslocamento do ombro e do osso: você tem que desarticular de alguma maneira. Como eu disse, eu passei um período procurando me deslocar em relação ao logocentrismo, sobretudo em sua versão escrita, e dar mais valor à oralidade, e nos últimos tempos eu tenho deslocado o meu foco de leitura da realidade brasileira da literatura para o cinema, pensando no impacto que a produção cinematográfica e audiovisual tem hoje. Poderia ser o hip hop, com certeza, vou acompanhando a produção e há diversos nomes hoje em dia que abordam essa questão. Embora por vezes me inquiete – eu vou colocar uma questão que talvez pareça um tanto polêmica – eu fico me perguntando até que ponto ainda vale a pena denunciar o racismo no Brasil. Eu tenho plena convicção de que ainda é necessário o trabalho pedagógico, sobretudo junto aos segmentos mais pobres, os segmentos que vivem mais aterrorizados e impossibilitados de refletir de uma maneira mais densa sobre a situação em que vivem. Então, certamente, o trabalho de esclarecimento sobre o racismo continua sendo necessário nesse aspecto.

Mas, para o restante da sociedade brasileira, quem é que não sabe que o Brasil é uma sociedade racista? Eu imagino que muitos devem estar pensando: “mas eu conheço um monte de gente que diz que não tem racismo”. Isso faz parte do dispositivo alucinatório. É um comportamento programado, tem o lado da má-fé, mas também tem algo que está culturalizado, que é a maneira de responder. E a reação de indignação que hoje em dia grande parte dos negros demonstra diante desse discurso está também abrangido neste dispositivo. Acho que essa é a questão que a gente precisa refletir com mais densidade, nós já sabemos, nós temos uma visão relativamente nítida de como o racismo opera, quando ele vem da instância produtora, do sujeito branco para o sujeito negro, e o movimento de espelho narcísico que se instaura a partir daí, como é que funciona esse movimento de resposta à ação desse aparato alucinatório. Eu acho que são essas questões que precisaria de um aprofundamento maior, e acho que Beatriz Nascimento, nesse aspecto, avança em direções que não estão ainda muito nítidas na obra de Abdias, e que eu estou procurando desbravar através dos referenciais citados.

Sobre a terceira pergunta, quem já foi meu aluno deve lembrar disso. Em praticamente todas as minhas primei-

ras aulas eu digo: olha, vamos fazer de conta que a cultura indígena não existe no Brasil. É uma operação metodológica, porque se a gente for incluir esse problema, então não há curso que se possa consumir em um semestre. Então, evidentemente tudo o que foi colocado aqui também pode ser aplicado sobre o genocídio indígena, embora haja uma diferença fundamental entre o relacionamento com o indígena e o com o negro no Brasil. O genocídio indígena teve como objetivo exterminar, acabar com todos os indígenas, e chegou à situação do final da década de 1970 haver apenas 450 mil indígenas no Brasil. Hoje em dia infelizmente essa população é bem menor. Mais de 11 milhões é o número que se especula por volta do século XVI, e chega-se no final do século XX a 450 mil pessoas. Aqui no Brasil o assimilacionismo, o branqueamento é uma forma de genocídio cultural, sim, mas não desfaz o corpo, mantêm ele ainda, como força de trabalho ativa. Eu acho que a gente precisa pensar a necropolítica como a estratégia para estabelecer um equilíbrio entre o contingente da população negra que precisa se sacrificar dentro da lógica colonial, pós-colonial que vigora no Brasil e o contingente que deve ser mantido lá, para que o trabalho continue, a produção continue a acontecer. De uma certa maneira, eu não teria

como lhe dar uma resposta. Já vi, muito por alto, alguns pesquisadores das questões indígenas no Brasil recorrendo ao conceito de necropolítica, mas eu realmente não teria como, é areia demais para o meu caminhãozinho, dar uma resposta mais objetiva enquanto a isso.

Júlio Simões: Em que medida a gestão racial do vírus e a gestão da vacina se relacionam com os polos colonialismos (ferir) *versus* medicina (cuidar)?

Ana Luzia Jacinto: No início da pandemia, assistiu-se a um aumento da violência policial contra cidadãos civis, justificada pelo não uso da máscara facial. Como se explica isso num país independente? E onde a maioria da população é negra. Será uma herança da violência colonial, falta de preparação dos efetivos da polícia?

Jesiel Oliveira: A pergunta de Júlio dá um ótimo artigo (fica a sugestão para quem já tem o endereço do texto de Mbembe), e ele introduz um fator do qual eu não falei. Se a gente for pensar no problema do fetiche medicinal a que eu me referi – que no primeiro momento estava projetado nos preventivos *fake* contra a Covid, e agora está na vacina, nas várias vacinas – e toda a simbólica que já começou a se construir, a simbólica estigmatizante de nítido conteúdo racista: “vacina chinesa”, ou então a maneira que a vacina

é apresentada, como se estivesse vindo do planeta do Super Homem, de Krypton, ou alguma coisa assim. Aquilo que eu disse foi apenas esboçado, mas seria o objetivo de uma versão mais amadurecida desse texto, é pensar justamente aí. Eu vou aproveitar e fazer um gancho com a questão levantada por Ana Luzia. Veja, Ana Luzia, você faz as perguntas que nós temos nos feito antes que este país existisse institucionalmente. O Brasil tem uma população majoritariamente negra pelo menos desde o século XVII (há vários relatos com relação a isso), e no entanto é também o lugar onde a violência racial, novamente recorrendo a essa terminologia de Mbembe, o dispositivo alucinatório funcionam com uma eficiência extraordinária. Se nós comparamos os índices da violência policial norte-americana com a brasileira, há uma disparidade. Embora o contexto norte-americano seja aterrador, mesmo assim o nosso é muitíssimo pior. E nós vamos nos deparar diante de situações que são não só paradoxais, mas como também têm se acumulado paradoxalmente. Nós estamos constantemente fazendo essas perguntas.

Eu estava recordando, durante uma aula, outro dia, de uma questão que foi colocada originariamente nos termos que vou citar, *ipsis litteris*, pelo psicanalista alemão Wilhelm Reich. Ele tem um livro chamado *Psicologia de massas*

do fascismo, e a certa altura ele começa perguntando por que que os pobres não se rebelam. O estranho não é o clima de violência, ele dizia, mas sim por que eles não se rebelam contra isso. E podemos transplantar essa pergunta para o contexto racial brasileiro. Havia uma expectativa, depois do crime do Carrefour, de uma explosão social no Brasil – que, claro, o contexto da pandemia coibiu bastante, claro que em outra situação nós teríamos tido uma manifestação mais expressiva, mas é difícil dizer que teria sido o estopim de algo que alcançasse as proporções que as manifestações do *Black Lives Matter* nos Estados Unidos recentemente alcançaram. Como explicar isso? Vejam que eu vou insistir bastante nisso, sem que no final das contas nós estejamos nos apoiando em divisões redutoras sobre o sujeito que nós queremos libertar: eles não reagem por que? Há um domínio completo da cabeça das pessoas? Como é que isso funciona efetivamente? Acho que cada vez mais nós precisamos aprofundar as respostas a essas perguntas. É isso que eu acho que os resultados das eleições municipais mais recentes apontam, e produziram também um novo espanto: de que uma plataforma centrada naquilo que parecem ser estritamente as demandas materiais das comunidades marginalizadas, das comunidades racializadas da sociedade

brasileira, não vai adiante. Ela tem um alcance restrito. Então, tem alguma coisa faltando nessa abordagem, e o que é? Eu acho que a resposta mais objetiva a isso vai ser produzida no bojo dessa reflexão sobre isso que estou aqui designando provisoriamente de cultura da violência, e de acordo com essas coordenadas que foram colocadas aqui.

Cardoso Armando: Professor, nas colônias portuguesas existiu uma política do indigenato, que obrigava o nativo a reunir certas condições para ter o estatuto de assimilado, baseado também na base da cor da sua pele. Pode-se considerar violência simbólica?

Jesiel Oliveira: Epistemicídio, é que se diz hoje.

Cássia Virgínia Bastos Maciel: Nós temos aqui saudação da professora Jamile Borges da Silva, também um comentário de Ana Luzia Jacinto no sentido da pergunta que ela fez: “no início da pandemia a polícia matou mais que a próprio COVID-19”. Parabenização da parte da professora Patrícia Godinho Gomes do professor Lívio Sansone.

Júlio Simões: Mbembe fala de um “animismo capitalista”: quando entidades como o mercado, algoritmos, mercadorias assumem vida própria controlando a gestão social. Pensando nas contradições entre a economia e disseminação viral, como entender essa

tendência “animista” na pandemia?

Jesiel Oliveira: É preciso pensar o tema animismo, que é um termo polêmico principalmente pelo historial de uma certa ciência antropológica. E qual foi o seu significado? Eu acho muito importante as posições que têm sido tomadas por alguns filósofos africanos, no sentido de propor o que me parece uma solução muito adequada: substituir animismo por ancestralismo. Pensar que, em última instância, sempre há uma ideia de ancestral que serve de mediador para toda a concepção sobre o jogo de forças que constituem e dinamizam o universo. O ancestral, a imagem da figura do ancestral, sempre é um termo de mediação, mesmo quando nós estamos pensando em elementais da natureza, como algumas vezes se colocam certos aspectos da filosofia, ou da visão de mundo africana, do pensamento sutil africano, como tem dito mais recentemente Muniz Sodré. Essa é então a primeira questão para se pensar, que o tema animismo também é um tema que a gente precisa submeter à crítica. Em diversos momentos nós estamos nos referindo ao animismo de matriz africana, e o mais correto talvez seja designar, colocar em foco, a categoria mais adequada seria a do ancestral. Por outro lado, Júlio, sua pergunta se articula bem com a exposição que eu fiz.

É de se pensar esse animismo também dentro dessa dimensão alucinatória, fantasmática que o Mbembe coloca, por um lado, e, por outro, no último capítulo da *Crítica da razão negra*, a “Clínica do sujeito” – é, tem esse título, clínica, que evidentemente nos remete ao campo do terapêutico – o problema que Mbembe está enfocando não é tanto a psique do africano ou do negro, mas o problema da circulação da força vital, como se produz a força vital, sobretudo nos contextos contemporâneos que constituem identidades africanas e negras. E até onde eu acompanho a discussão de Mbembe, nós procuramos desenvolver essa discussão de uma perspectiva materialista. É um grande desafio. Eu prefiro não adiantar o estágio desse momento da minha pesquisa, que está mais centrada nesse âmbito de diagnóstico. O problema que nós temos de enfrentar, qual a cura? Aí é que nós... Como é que nós poderíamos então pensar de que maneira as noções já conhecidas de animismo, e, hoje em dia, essa retomada do conceito de força vital... que é um dos primeiros conceitos que emergem do esforço de compreensão das particularidades das sociedades africanas, no âmbito da antropologia e das ciências sociais, se destaca essa concepção de força vital... e que Mbembe é um entre outros autores africanos que tem se debruçado sobre a área, de um ponto de vista

que me parece bastante interessante, procurando recuperar uma certa materialidade sociológica que essa força vital teria. De imediato é o que eu posso lhe dar como retorno com relação à questão que você coloca.

Patrícia Gomes: Fanon apontou para o fato de que os dominados, “a miséria do mundo que conta” se viram permanentemente confrontados com a questão “quem sou eu afinal?” Pensando o racismo no Brasil, qual a relevância dessa questão hoje?

Jesiel Oliveira: Fanon faz essa pergunta e Mbembe repete várias vezes nesse capítulo particular. São temas sempre situados em um terreno minado, o grau de fragilização psicológica a que o racismo induz qualquer sujeito negro na sociedade brasileira, nos coloca em permanente estado de exasperação. E temos que pensar inclusive, que o que parece apatia e alienação é uma anestesia dessa exasperação constante. O dispositivo alucinatório a que se refere Mbembe, a função primária dele é “tocar o terror”, como se diz coloquialmente. Em escala geral, é introduzir esse estado de ânimo susceptível a diversos tipos de manipulação, ou então a respostas precipitadas a enquadramentos que acabam sendo redutores em relação ao problema. Então, eu acho que a gente precisa compreender que nos últimos dez anos a

Lei n.º 10.639/2003 teve um impulso extremamente forte para esse processo, naquilo que o professor Osmundo Pinho vai trabalhar no livro dele como a reafrikanização da sociedade brasileira – embora seja complicado de se pensar, porque essa reafrikanização está centrada muito mais no que eu costumo chamar de uma “África interna” brasileira, um imaginário interno sobre a África, do que numa remissão efetiva à África continental. Às vezes eu fico me perguntando, aquilo que acaba aparecendo, sobretudo para nós professores, Patrícia, que estamos mais diretamente no meio, a gente percebe como se fosse um interesse secundário pela África.

A África é um signo que mobiliza uma série de reações de respostas positivas, mas o africano que está dentro do continente, que é o conteúdo, qual é o nosso interesse real? Quero dizer, para além dos acadêmicos, dos pesquisadores centrados nessa temática, qual o interesse que a militância do movimento negro, inclusive, tem pela África para além desse valor icônico que ela tem? As experiências africanas... e aí eu vou me centrar inclusive nas experiências contemporâneas. Veja que quando nós pensamos na África como uma biblioteca, como uma fonte para essa intercultura crítica da diáspora, é natural que o nosso foco se centre, como por exemplo na minha pesquisa, e é por isso que eu

escolho o *Mayombe*, no momento independentista, no momento da ruptura com o colonialismo... só que e depois? Quer dizer, o pós-colonial, a construção nacional... O que é a África hoje? O que são as nações africanas hoje? Mais ou menos um mês atrás, talvez tenhamos sido surpreendidos com a notícia (demorou para circular aqui no Brasil), mas aconteceu um massacre na Nigéria, por conta da violência policial há mais ou menos um ano atrás. Achille Mbembe, no início da pandemia, escreveu um artigo defendendo – não é bem defendendo, mas tentando explicar as circunstâncias em que a violência policial na África do Sul tinha incrementado enormemente por conta da mudança do confinamento. Que provocou uma reação fortíssima de movimentos políticos, sobretudo da juventude sul-africana, mas que dentro das urgências colocadas pela pandemia, e também por conta da saturação socioeconômica ampla da população negra da África do Sul, terminou aparecendo como imperativo aceitar uma resposta violenta da polícia negra sul-africana diante do que seriam os excessos ou abusos de alguns segmentos da sociedade. Então, quando relançamos o olhar para a África contemporânea, nós vamos ver que muitas das soluções tentadas a partir do esforço de libertação produziram resultados paradoxais, e eu acho que está assim, voltando à pergunta da

professora Patrícia, nesse nosso desconhecimento sobre nós próprios.

O racismo, como vai dizer Fanon, como vai retomar Mbembe, coloca diante do racializado constantemente essa pergunta: quem é você? Não somente em termo do seu nome, da sua identidade pessoal. Qual é o seu estatuto de humano? De que maneira você se integra na família humana? Essa pergunta é colocada todos os dias, todas as horas em todas as situações, se ele ligou a televisão e está vendo Ana Maria Braga, na sua frente essa pergunta está ali sendo feita. Você é uma pessoa negra. Quem é você? Você é igual a mim? Você tem alguma condição de ser igual a mim? Essas perguntas estão sendo feitas o tempo todo através de uma outra simbólica que não é a da linguagem verbal. Mas elas estão lá, pressionando, criando estados de ânimo, estados de desânimo, de depressão, exasperação, o tempo todo. E aí nós temos o que nos perguntar: quais são as nossas fontes no Brasil para responder a essa pergunta? É por isso que eu acho que o estudo comparatista é tão valioso para o caso brasileiro. Porque as nossas fontes estão submetidas a este mesmo clima de desestruturação e de desesperação constante. O nosso lugar de fala é minado – eu vou colocar nesses termos provocativos –, nós temos que ter consciência de que nós falamos de um lu-

gar de fala minado, e como nós vamos sair dessa situação sem mergulhar em um impasse? Uma palavra que cada vez mais eu detesto: impasse, porque dá a impressão de inércia, que ainda vai continuar eternamente assim. Como é que se faz para sair disso? O caminho que eu tenho seguido e que tem me dado resultados interessantes, mas que ainda sim são preliminares, é de buscar esse espelho contrastivo particularmente em Angola. Para mim é um objeto perfeito. Apesar de que a história angolana é uma história trágica, é o que todos nós sabemos, sobretudo a história mais recente, é um objeto que tem se mostrado altamente produtivo pra esse contraste. Agora, eu acho que a gente precisa, sim, explorar outras fontes... a melhor resposta é o seu trabalho com relação a isso, a crítica feminista, esse é um caminho que podemos seguir entre vários a mais, um caminho inovador.

Cássia Virgínia Bastos Maciel: Pensando a ideia de pandemia e violência da cultura, pensando a forma como você articula o seu pensamento, suas categorias do ponto de vista pós-colonial, decolonial, anticolonial... pensando nas reflexões que você faz também sobre a importância da vida cultural em Salvador, das festas populares em Salvador, esse ponto de encontro... pensando um pouco no que você trouxe da noção de cultu-

ra para Fanon, eu queria que o senhor comentasse a ideia de Fanon da contraviolência, como autodefesa, como ato organizativo e simbólico. Você abriu sua fala dizendo isso: quando a gente fala em violência a gente pensa logo em violência física. Quando a gente vai tratar de violência contra a mulher, se a gente pegar a Lei Maria da Penha, ali vêm discriminados cinco tipos de violência, pelo menos do ponto de vista jurídico... mas você leva a categoria para o plano simbólico, e diz que é uma das categorias mais importantes. Por isso eu vou falar de equivalência simbólica, em que sentido aquilo que Fanon articula em *Os condenados da terra* como contraviolência, como autoamor, um amor revolucionário que pode ser um caminho, pode ser um alento para nós nesse momento em que está operando esse dispositivo alucinatório, como você bem colocou aqui. Então obrigada, boa noite a todos, vou devolver agora a palavra para o professor Jesiel fazer suas considerações finais e também se despedir.

Jesiel Oliveira: O conceito de contraviolência é ótimo exemplo daquilo que é, talvez, a grande arte de Fanon, que é a de semear problemas que ele não resolve. Mas ele semeia ótimos problemas, ele cunha o termo sociogenia na terceira ou quarta página de *Pele negra, máscaras brancas* e nunca mais

volta. O baú de Fanon está agora sendo revirado, cadê a sociogenia? É por isso que o reprovaram na dissertação de mestrado. Temos que olhar o lado positivo disso. Fanon tem uma vida atribulada, mas ele está levantando problemas que ele sabe que não vai ter condições de resolver. Até porque, justamente, trata-se de um homem profundamente dividido entre ação revolucionária direta e pensamento revolucionário – na minha opinião Franz Fanon é um dos precursores de tudo o que a gente chama de desconstrução, e por aí vai. Sendo mais objetivo e mínimo: o problema da contraviolência em Fanon começa como um problema físico, no sentido de que ele pensa essa contraviolência como uma resposta militar, a resposta à agressão exercida diretamente. A retaliação, a vingança do colonizado sobre o colonizador, É para ele essa violência na dimensão simbólica, ou, melhor dizendo, na dimensão psicológica, essa violência tem um potencial emancipador. Foi isso que deixou Hannah Arendt horrorizada, mas é a pura verdade. Quer dizer, se nós pensarmos, inclusive hoje em dia, como se vê em diversas etnografias (a vida dos guerrilheiros do Mayombe em certa medida é uma delas, uma etnografia romanceada), esse valor emancipatório da violência, esse potencial para desrecalcar, para produzir uma sublimação que libera forças criativas do sujeito,

permite a ele se encontrar consigo próprio. É o divã, para utilizar uma metáfora inadequada. Essa violência não é de forma nenhuma algo que possa ser condensada na tranquilidade do divã, mas pensando assim, mesmo dessa maneira mais abstrata (o divã como o espaço em que o sujeito resolve suas contradições íntimas), é a prática da violência pra Fanon, essa violência física direta – bota a bomba, mesmo, tem que partir para cima – é como ele vê. O que não quer dizer que ele seja entusiasta disso, é nisso que Hannah Arendt está completamente equivocada. Não é que Fanon é um maluco, que acha que é assim mesmo, e acabou. Ele está extremamente preocupado com as consequências. Toda a segunda metade, aliás, do capítulo da violência de *Os condenados da terra* é dedicado a isso. Uma leitura atenta mostra que Fanon está antevendo aquilo que efetivamente aconteceu, se formos pensar nos rescaldos dos processos independentistas de Angola e Moçambique, destacadamente, e também da Guiné-Bissau.

Agora, quanto ao outro aspecto, nós temos que pensar, sim, na tarefa que Fanon deixou em aberto. Existe uma contraviolência simbólica. Como ela vai ser exercida? É possível pensar – e eu espero conseguir escrever esse texto, uma descrição do que eu tenho por enquanto, formulado especulativamente

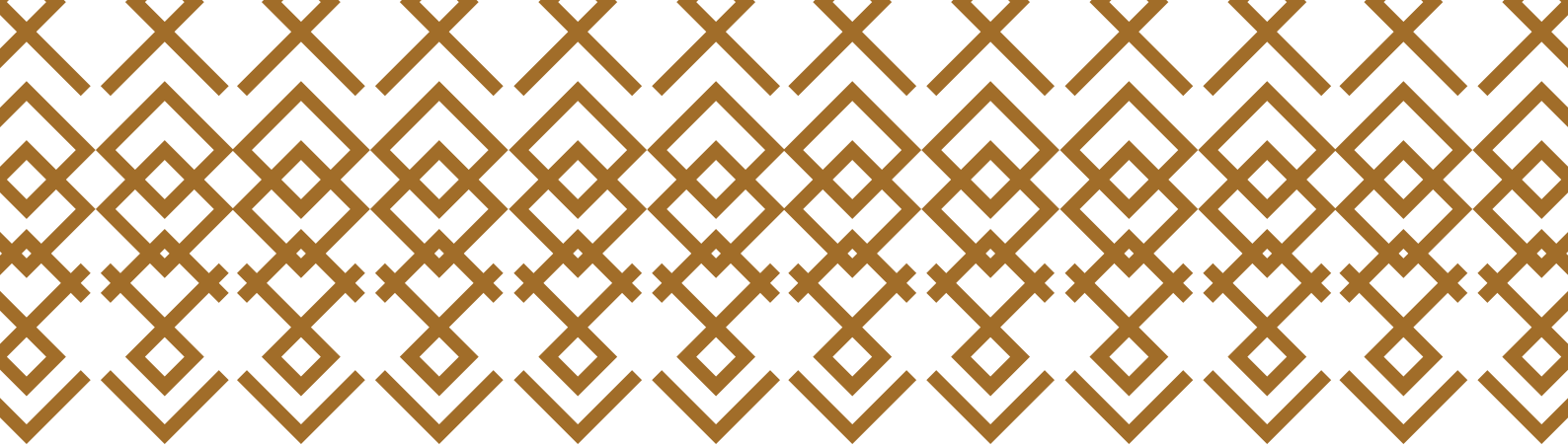
em termos de uma “contracultura da violência”, e que talvez seja isso que Emerica está tentando semear com *Amarelo*. Talvez seja isso, a postura dialogante, mas que não deixa de ser também contundente, de pensadores como Silvio Almeida, dentre vários em que eu poderia pensar. Talvez essas pessoas estejam investindo no que seria a abertura de uma maneira nova de enfrentar o racismo. Houve alguém que perguntou sobre as fontes literárias, eu dei uma resposta um tanto superficial, pois eu me distanciei um pouco, nos últimos anos, da literatura negra brasileira, mas Lima Barreto continua sendo uma fonte incontornável. Eu estava escrevendo o texto desta apresentação pensando em *Nova Califórnia*, um conto de Lima Barreto (não sei se todo mundo conhece) sobre uma comunidade que saqueia o seu próprio cemitério, porque corre o boato de que é possível converter osso de defunto em ouro – e a analogia que se pode fazer entre esse conto e o nosso contexto da pandemia é dolorosa, até. Mas o Luiz Cuti, o grande poeta Luiz Cuti, que lançou um livro recentemente, e ele tem um poema pitiquitico, de quatro versos, para mim um dos mais geniais dele. “Todo mundo tem medo da vingança do preto, até o preto”. Então a gente tem que pensar no Fanon também. A primeira frase de *Pele negra máscaras brancas* é: “Um dia a

explosão vai acontecer. Não será agora, talvez não seja nunca, mas um dia a explosão vai acontecer”.

E eu comecei essa exposição pontuando uma das grandes perguntas das Ciências Sociais brasileiras. Por que a comunidade negra brasileira não explode? Não interessam essas visões adocicadas de que o negro brasileiro sempre foi bem comportado e que nunca houve rebelião, sabemos que há um histórico grande de revolta, que não é o caso também de comparar se é maior ou menor do que o histórico das Caraíbas, Estados Unidos etc. Mas essa violência tem sido explosiva inclusive no sentido temporal, acontece uma vez e demora para novamente acontecer. Ou então vamos projetar no que, na minha opinião, o escritor José Eduardo Agualusa faz no romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Onde é que essa violência está explodindo todo dia? Naquilo que vocês chamam de criminalidade. Naquilo que vocês chamam de tráfico, e agora as milícias se apropriando disso: o grande talento do colonialismo é se apropriar dos saberes nativos e convertê-los em algo útil para si próprio. Sem o saber nativo não há como explorar a terra colonizada, os portugueses iam morrer às cacetadas se não aprendessem a comer a mandioca com os indígenas aqui des-

de o século XVI. É necessário se apropriar dos saberes locais para dominar esse local. E quem é o mediador dessa própria ação? É o nativo.

O dispositivo alucinatório não controla somente a psique do nativo, vai controlar a sua produção de saber e vai direcionar essa produção de saber aos interesses do dominador. Esse seria um desdobramento que vai um pouco além do campo da psicologia, ele alcança o plano da alienação. Temos que pensar esse dispositivo não somente no mecanismo pelo qual se institui o terror, o estado psicológico conveniente à dominação – mas como uma máquina de apropriação, principalmente DE exploração de saberes que se tornam convenientes, que ajudam a reproduzir aquela situação. E várias questões poderiam se desdobrar a partir daí, eu só dei mesmo uma sinalização. Eu ultimamente ando convencido que sociogenia foi uma coisa que passou pela cabeça de Fanon, “ah, é bonitinha, eu vou deixar”. E ele próprio hoje em dia talvez não levasse tão a sério assim, a não ser é claro se fizesse uma retomada criativa desse conceito. Mas contraviolência é uma daquelas sementes que ele plantou para ver no que ia dar mais adiante.



REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

GIGENA, Andrea. Necropolítica: los aportes de Mbembe para entender la violencia contemporánea. In: DIAZ, António (Ed.). **Necropolítica, Violencia y Excepción en América Latina**. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, n. 32, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CATÁLOGO DE ATIVIDADES ON-LINE DO PÓS AFRO DURANTE A PANDEMIA

Felipe Bruno Martins Fernandes e
Tatiana Bonfim Sousa

A pandemia do novo coronavírus em 2020 impôs a todas e todos o isolamento social em casa, tornando a atividade universitária on-line. Essa nova dinâmica de trabalho produziu, no ano de 2020, muito conteúdo virtual e passou a compor o nosso léxico termos como *lives*, podcasts, e-books e outros que fazem referência, principalmente, aos conteúdos disponibilizados na cibercultura.

O Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) esteve, desde o início da pandemia, envolvido na produção desses conteúdos. Toda a comunidade, egressos, docentes, discentes e servidores se envolveram e produzimos mais de duas centenas de atividades. Através de uma chamada pública à comunidade recolhemos uma fração desses conteúdos, que reunimos aqui neste Catálogo de Atividades On-line do Pós-Afro durante a pandemia.

O processo de construção desse catálogo envolveu dois profissionais, o Professor Felipe Bruno Martins Fernandes, coordenador-adjunto do Pós-Afro, e a bibliotecária do Centro de Estudos Afro-Orientais, Mestra Tatiana Bonfim Sousa. Segundo a bibliotecária, "o convite para participar desse projeto aconteceu no momento da pandemia. Naquele momento a execução do meu trabalho enquanto bibliotecária se dava através de atualizações no sistema *Pergamum*, atendimentos à distância e acompanhando as inúmeras *lives* específicas sobre a ciência da informação promovidas pelo Sistema de Bibliotecas da UFBA. Assim, a perspectiva de uma nova tarefa se tornou muito interessante". Ambos os organizadores do projeto se propuseram a mapear, classificar, ordenar e disponibilizar publicamente esse acervo de conteúdos sobre Estudos Étnicos e Africanos. Em reuniões virtuais decidiram

pelo modelo a ser seguido, algo que envolveu estudo e pesquisa e decidiram pela elaboração das referências com base na norma brasileira da *ABNT 6023 Atualização de 2018*, na seção de “Evento em meio eletrônico”.

Apesar da sensação de insegurança e ansiedade que permeou todo o trabalho ao longo de 2020, organizar este catálogo foi uma forma de mapear como essa área interdisciplinar se envolveu na difusão do conhecimento durante o isolamento social e nos sentimentos felizes por circular esse material para toda a comunidade. Além disso, produzir esse catálogo nos aproximou não apenas do que tem sido produzido no campo dos Estudos Étnicos e Africanos, mas no campo das relações raciais e do antirracismo, fatores motivadores que nos fizeram sintonizar ainda mais com as temáticas e nos seduzir com compromisso no desenvolvimento deste trabalho.

Assim, desejamos que este Catálogo seja bastante acessado e que todo o material aqui catalogado circule ainda mais como uma fotografia de um ano difícil em que a universidade teve que se reinventar para enfrentar a pandemia do novo coronavírus.

M A I O
2020



TÍTULO:	Emancipação feminina em questão: Nação, corpo e trabalho em Angola nos tempos da independência
DATA/HORA:	01 de maio às 19hs.
PARTICIPANTES:	Fábio Baqueiro Figueiredo (conferencista) ; Tatiana Raquel Reis (UEMA/UFMA - debatedora)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	NEÁfrica - Núcleo de Estudos África e o Sul Global - UEMA/UFMA;
RESUMO:	Aborda Angola, os tempos da independência, classificações sociais na produção intelectual e artística africana contemporânea;
PALAVRAS-CHAVE:	Angola; Classificações sociais; Independência;
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Fábio; REIS, Tatiana Raquel. Emancipação feminina em questão: nação, corpo e trabalho em Angola nos tempos da independência. 2020. In: <i>Lives NEÁFRICA</i> . Disponível em: http://www.instagram.com/p/B_iutcipbkY . Acesso em: 5 nov. 2020.

M A I O
2020



TÍTULO:	Museologia e Gênero, Museologia Soltando o Verbo
DATA/HORA:	06 de maio às 16 hs.
PARTICIPANTES:	Anna Luisa Oliveira; Emily Oliveira
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
RESUMO:	Ciclo de <i>lives</i> que faz parte do projeto de enfrentamento a pandemia do COVID 19 pela UFRB, organizado pelo Coletivo Acadêmico de Museologia.
PALAVRAS-CHAVE:	Museologia social; gênero; raça.
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Anna Luisa; OLIVEIRA, Emily. Museologia e Gênero, Museologia Soltando o Verbo . 2020. In: COLETIVO ACADÊMICO DE MUSEOLOGIA. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/B_yPEF6JyYG/ >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	Ceremonia de Bienvenida #LASA2020
DATA/HORA:	12 de maio às 19hs.
PARTICIPANTES:	Mara Viveros-Vigoya; Gioconda Herrera; Eleonor Faur; Jo-Marie Burt; Mariana Mora; Osmundo Pinho ; Regina Martínez Casas.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Latin American Studies Association (LASA).
RESUMO:	Aborda a Associação de Estudos Latino Americanos e os premios do ano 2020.
PALAVRAS-CHAVE:	Latin American Studies Association (LASA);
REFERÊNCIA:	VIVEROS-VIGOYA, Mara. et.al. Cerimonia de Bienvenida . 2020. In: LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION (LASA). 1 vídeo (1:33:07). Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?list=PLYNjoSvD4iW6_IStV3dNtNu7fwTZ2jLMq&v=-5ugHCEDIF4 > Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	Lélia Gonzalez: Um Legado Transnacional e Hemisférico
DATA/HORA:	13 de maio às 11hs.
PARTICIPANTES:	Keisha Khan Y. Perry; Agustin G. Lao-Montes; Mara Viveros-Vigoya; Osmundo Pinho; Diana M. Gomez Correal ; Flávia M. Rios.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Latin American Studies Association (LASA).
RESUMO:	Aborda a ativista e socióloga Lélia Gonzalez com reflexões sobre a dimensão transnacional do seu legado crítico, patrimônio emancipatório da diáspora africana.
PALAVRAS-CHAVE:	Lélia Gonzalez; legado crítico; diáspora Africana.
REFERÊNCIA:	PERRY, Keisha K. Y. et.al. Lélia Gonzalez: um legado transnacional e hemisférico . 2020. In: LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION (LASA). 1 vídeo (1:30:36). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=PZ5xKdRhUK0 >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O
2020



TÍTULO:	Mesa- Estudos Étnicos e Africanos
DATA/HORA:	18 e 29 de maio
PARTICIPANTES:	Heverton Luis Barros Reis; Elisangela Santana; Macaulay Bandeira; Veridiana Machado; Ana Catarina Barbosa; Anna Luísa Oliveira.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA e Pós-Afro/CEAO
RESUMO:	Aborda projetos de pesquisa e/ou pesquisas em desenvolvimento sobre estudos étnicos e africanos.
PALAVRAS-CHAVE:	Estudos étnicos; estudos africanos; pesquisas
REFERÊNCIA:	REIS, Heverton Luis Barros. Et.al. Estudos Étnicos e Africanos . 2020. In: Congresso Virtual da UFBA. 1 vídeo (1:10:42) Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=e7TkP3akzKs&list=PL3raecog87kD7nXc-9-vcQj2JcEyNWMwC&index=25 >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	CorPoética – um solo de Tom Reis (Congresso Virtual UFBA 2020)
DATA/HORA:	18 e 29 de maio
PARTICIPANTES:	Heverton Luis Barros Reis
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA e Pós-Afro/CEAO
RESUMO:	Aborda o período da pandemia e o nosso lugar e do outro no mundo por meio de uma performance.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; lugar no mundo; escassez.
REFERÊNCIA:	REIS, Heverton Luis Barros. CorPoética: um solo de Tom Reis. 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL UFBA. 1 vídeo (4:45). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=IsLOly5J-iv >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO: Pandemia e seus desafios TEDx Rio Vermelho LIVE com Jamile Borges

DATA/HORA: 19 de maio

PARTICIPANTES: Jamile Borges da Silva; Izaura Santiago da Cruz; Ivanilda Amado Cardoso; Eliane Fátima Boa Morte do Carmo; Denise Moura de Jesus Guerra

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Residência Pedagógica e PIBID/UFBA

RESUMO: Aborda possibilidades, impasses e desafios no trato com as questões étnico-raciais, de gênero e sexualidades na educação universitária e na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação universitária; educação básica; pandemia.

REFERÊNCIA: SILVA, Jamile Borges et.al. **Pandemia e seus desafios TED x Rio Vermelho**. 2020. In: RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E PIBID/UFBA. 1 vídeo (1:38:49) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gOVdelYIm0w&feature=youtu.be>>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O
2020



TÍTULO:	Exposição Virtual “Homoerotismo Brasileiro”
DATA/HORA:	19 de maio às 09hs.
PARTICIPANTES:	Alberto Escobar
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Congresso Virtual UFBA 2020
RESUMO:	Aborda um projeto artístico de representação homoerótica brasileira contemporânea com modelos brasileiros sobre a perspectiva erotizada do artista Alberto Escobar.
PALAVRAS-CHAVE:	Nudez masculina; representação homoerótica; museus
REFERÊNCIA:	ESCOBAR, Alberto. Homoerotismo brasileiro . 2020. In: EXPOSIÇÃO VIRTUAL - CONGRESSO VIRTUAL UFBA. 1 vídeo (3:29:41). Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=ZEbQrUn7I4M&feature=emb_logo >. Acesso em: 28 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020

TÍTULO:	A validação do acesso às Univ. Públicas Brasileiras a partir das comissões de heteroidentificação
DATA/HORA:	19 de maio
PARTICIPANTES:	Cassia Virginia Bastos Maciel; Lígia Dos Santos Ferreira; Adilson Pereira Dos Santos; Nanci Helena Rebouças Franco
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA
RESUMO:	A atividade teve como objetivo o compartilhamento de informações sobre procedimentos de heteroidentificação e consolidação das políticas de ações afirmativas nas universidades federais brasileiras.
PALAVRAS-CHAVE:	Heteroidentificação; políticas de ações afirmativas; Universidades Federais Brasileiras.
REFERÊNCIA:	MACIEL, Cassia Virginia Bastos. Et.al. A validação do acesso às Univ. Públicas Brasileiras a partir das comissões de heteroidentificação . 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL UFBA. 1 vídeo (1:29:50). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=JLhABoRPVqU >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	IV Fórum Gira: Minha pesquisa em 180 segundos (Congresso Virtual da UFBA)
DATA/HORA:	20 de maio às 14hs.
PARTICIPANTES:	Sônia Maria Santos Soares; Felipe Bruno Martins Fernandes; Raíssa Lé Vilasboas Alves; Hairam Machado; Heverton Luis Barros Reis; Ana Cristina Marques De Oliveira; Alberto Antonio Escobar Garcia; Maiara Diana Amaral Pereira; Naiara Maria Santana Dos Santos Neves; Alexandre Martins Joca; Florita Cuhanga António Telo; Igor Leonardo De Santana Torres; Raul Rocha De Figueirêdo; Manoel Dourado Silva Junior; Almerson Cerqueira Passos; Mariangela Moreira Nascimento; Lavínia De Jesus Rodrigues; Ariane Moreira De Senna; Shirlei Santos De Jesus Silva; Andreza Lorena Santos Cerqueira; Elder Luan Dos Santos Silva; Josenilto Conceição; Bárbara Elcimar Dos Reis Alves; Caroline Coutinho Dal'orto; Dhan Tripodi Pereira Ferreira; Tatiana Mel Cordeiro Do Nascimento; Ilana Deiró De Souza; Wellington Pereira; Stephanie Nascimento; Daiane De Jesus Oliveira; Francileide Araujo; Ana Catarina Benfica Barbosa Silva.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	GIRA: Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação da FFCH/UFBA
RESUMO:	Aborda as pesquisas feministas em políticas e educação durante a pandemia apresentadas no congresso virtual da UFBA.
PALAVRAS-CHAVE:	Pesquisas feministas; políticas; pandemia.
REFERÊNCIA:	SOARES, Sônia Maria Santos. et.al. Minha pesquisa em 180 segundos . 2020. In: FÓRUM GIRA, IV. CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA. 1 vídeo (3:29:40). Disponível em: https://youtu.be/ZEbQrUn7I4M Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	Mulheres africanas em movimento: representações, lutas e trajetórias (Congresso UFBA virtual 2020)
DATA/HORA:	25 de maio às 16h30min.
PARTICIPANTES:	Patrícia Godinho Gomes, moderadora (PÓS-AFRO/UFBA); Flávia Palha (PÓS-AFRO/UFBA); Isabelle Baltazar (PÓS-AFRO/UFBA); Amanda Medeiros Oliveira (PÓS-AFRO/UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Lidas & Vidas (UFBA).
RESUMO:	Aborda estudos de gênero no Brasil e na África, suas metodologias e as representações das mulheres africanas.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulheres; África; metodologias de estudo.
REFERÊNCIA:	GOMES, Patricia Godinho. Et.al. Mulheres africanas em movimento: representações, lutas e trajetórias . 2020. In: CONGRESSOVIRTUALDAUFBA. 2020. 1 vídeo (1:30:18). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=EgPNaYt5w7I >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O
2020



TÍTULO:	Territorialidade, patrimônio e violência no Recôncavo da Bahia
DATA/HORA:	26 de maio às 10h30min.
PARTICIPANTES:	Julio Cesar Cerqueira Araujo (Pós-Afro/UFBA); Osmundo Santos de Araujo Pinho (UFRB); Vinicius Santos da Silva (Pós-Afro/UFBA); Beatriz Giugliani (Pós-Afro/UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal da Bahia
RESUMO:	Mesa do Grupo de Pesquisa “Territorialidade, Patrimônio e Violência no Recôncavo da Bahia” (UFRB) no Congresso Virtual da UFBA 2020.
PALAVRAS-CHAVE:	Territorialidade; patrimônio; violência
REFERÊNCIA:	ARAÚJO, Julio Cesar Cerqueira. Et. Al. Territorialidade, patrimônio e violência no Recôncavo da Bahia . 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA. 1 vídeo (1:32:05). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4ftyK-bUxWY >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O
2020

Evaluating the burden of COVID-19 on hospital resources in Bahia, Brazil: A modelling-based analysis of 14.8 million individuals

Juliane Fonseca Oliveira, Daniel C. P. Jorge, Rafael V. Veiga, Moreno S. Rodrigues, Matheus F. Torquato, Nívea B. da Silva, Rosemeire L. Fiaconne, Caio P. Castro, Aureliano S. S. Paiva, Luciana L. Cardim, Alan A. S. Amad, Ernesto A. B. F. Lima, Diego S. Souza, Suani T. R. Pinho, Pablo I. P. Ramos, Roberto F. S. Andrade, Rede CoVida Modelling Task-force

doi: <https://doi.org/10.1101/2020.05.25.20105213>

This article is a preprint and has not been peer-reviewed [what does this mean?]. It reports new medical research that has yet to be evaluated and so should not be used to guide clinical practice.

TÍTULO:	Evaluating the burden of COVID-19 on hospital resources in Bahia, Brazil: A modelling-based analysis of 14.8 million individuals
DATA/HORA:	26 de maio
PARTICIPANTES:	Grupo de Modelagem Rede CoVida (UFBA)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/IGM/Fiocruz/Rede CoVida).
RESUMO:	Aborda cenários que podem definir diretrizes para proteger o sistema de saúde, particularmente mantendo a demanda abaixo da ocupação total de leitos.
PALAVRAS-CHAVE:	COVID-19; demografia; Sistema de saúde.
REFERÊNCIA:	GRUPO de modelagem rede CoVida (UFBA). Evaluating the burden of COVID-19 on hospital resources in Bahia, Brasil: a modelling-based analysis of 14.8 million individuals . 2020. In: CENTRO DE INTEGRAÇÃO DE DADOS E CONHECIMENTOS PARA SAÚDE (Cidacs/IGM/FIOCRUZ/REDE CoVida). 1 vídeo (02:43). Disponível em: < https://redecovida.org/artigos-cientificos/ >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	Pandemia na África: epidemiologia e algocracia
DATA/HORA:	27 de maio às 13:30 min.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone; Jamile Borges da Silva; Valdemir Donizete Zamparoni; Colin Major Darch; Lamini Badji; Paulo Virissimo; Teresa Cruz e Silva.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA - Universidade em movimento 2020
RESUMO:	Os palestrantes abordam a Pandemia do COVID-19 no continente africano, questionando, dentre outras coisas, a pouca atenção midiática sobre a crise sanitária na África, e chamando atenção para a mobilização da população africana para discutir e conter o avanço da doença.
PALAVRAS-CHAVE:	Moçambique; pandemia; dados epidemiológicos.
REFERÊNCIA:	SANSONE, Lívio. Et.Al. Pandemia na África: epidemiologia e algocracia . 2020 In: CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA. 1 vídeo (01:38:38). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ekJTGnzDQXA > Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



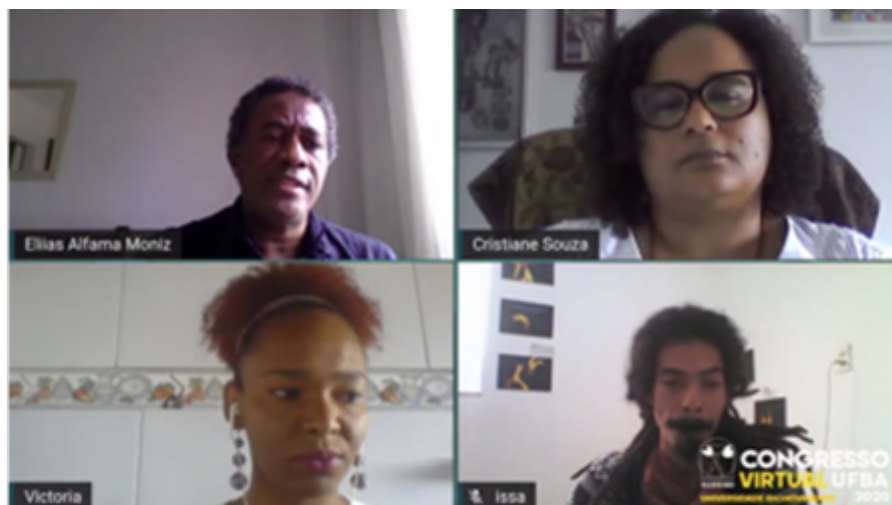
TÍTULO:	Literaturas Africanas: leituras, projetos e problemas em tempos de incertezas e mudanças
DATA/HORA:	27 de maio às 15hs.
PARTICIPANTES:	Ms. Érica Luciana (IFF); Dr. Jesiel Oliveira (UFBA); Dra. Ludmylla Lima (Unilab).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal da Bahia
RESUMO:	Aborda apresentações que põem em foco objetos literários e questões culturais, tendo em vista refletir sobre causas, respostas e enigmas para situações de crise de valores, linguagens e visões-de-mundo.
PALAVRAS-CHAVE:	Literatura; África; Cultura.
REFERÊNCIA:	LUCIANA, Érica. Et.al. Literaturas Africanas: leituras, projetos e problemas em tempos de incertezas e mudanças . 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA. 1 vídeo (01:02:30). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=lFtxuGXRbAE >. Acesso em: 28 de nov. 2020. Live.

M A I O
2020



TÍTULO:	Participação de africanas e afro-brasileiras na pesquisa científica sobre tecnologias digitais
DATA/HORA:	28 de maio às 09hs.
PARTICIPANTES:	Profª Drª Zelinda dos Santos Barros; Dauda Uali; Yuri Crisóstomo Fonseca.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Evento integrante da VII SEMANA DA ÁFRICA, com o tema “África e Diáspora pensando na consolidação da paz na perspectiva africana”, realizada de 25 a 29/05/2020
RESUMO:	Aborda a África, a diáspora e participação de africanas e afro-brasileiras na pesquisa científica sobre tecnologias digitais
PALAVRAS-CHAVE:	Africanas; afro-brasileiras; tecnologias digitais
REFERÊNCIA:	BARROS, Zelinda dos S.; UALI, Dauda; FONSECA, Yuri C. Participação de africanas e afro-brasileiras na pesquisa científica sobre tecnologias digitais. 2020. In: VII SEMANA DA ÁFRICA: ÁFRICA E DIÁSPORA PENSANDO NA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ NA PERSPECTIVA AFRICANA. 1 vídeo (24:46). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Av8dqJBMHDo > Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	Práticas de sociabilidades na diáspora: modos de expressão e perenização de práticas culturais no exílio – Congresso Virtual da UFBA
DATA/HORA:	29 de maio às 10h30min.
PARTICIPANTES:	Elias Alfama (Pós-Afro-UFBA); Cristiane Santos Souza (UNILAB; Pós-Afro/UFBA); Issa Mulumba (Pós-Afro-UFBA); Victoria Maldonado Bautista (Pós-Afro-UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal da Bahia.
RESUMO:	Aborda sociabilidades na diáspora: modos de expressão e perenização de práticas culturais no exílio.
PALAVRAS-CHAVE:	Diáspora; sociabilidades; práticas culturais.
REFERÊNCIA:	ALFAMA, Elias et.al. Práticas de sociabilidades na diáspora: modos de expressão e perenização de práticas culturais no exílio. 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA. 1 vídeo (1:29:36). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=bkIVmjd7hTg >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020



TÍTULO:	ÍTÀN – poéticas da imagem – outras grafias, narrativas insurgentes
DATA/HORA:	29 de maio às 15h30min.
PARTICIPANTES:	Alexandra Vieira de Carvalho Santana; Aline De Jesus da Cruz; Amanda Medeiros Oliveira; Elias Alfama Moniz; Emilly Pereira; William Soares Freitas; Uilliam de Jesus Castro.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal da Bahia.
RESUMO:	Discussão de projetos de pesquisa dos integrantes do grupo de pesquisa ITAN, antecedida de uma apresentação do grupo.
PALAVRAS-CHAVE:	Projetos de pesquisa; narrativas insurgentes; poéticas da imagem
REFERÊNCIA:	SANTANA, Alexandra Vieira de Carvalho. Et.al. ÍTÀN – poéticas da imagem – outras grafias, narrativas insurgentes . 2020 In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. 1 vídeo (1:32:28). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=xh5Oz3E6sc0 >. Acesso em: 28 de nov. 2020. Live.

M A I O 2020

TÍTULO:	"Vai lá ver o paraíso": uma etnografia multi-situada de trajetórias migratórias de mulheres africanas no Brasil (São Paulo)
DATA/HORA:	25 de maio às 16:30 min.
PARTICIPANTES:	Patricia Godinho Gomes; Isabelle Baltazar; Flávia Palha; Amanda Medeiros Oliveira
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA
RESUMO:	Debate sobre a trajetória de mulheres africanas no Brasil.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulheres africanas; trajetórias migratórias; Brasil.
REFERÊNCIA:	GOMES, Patricia Godinho. Et.al. "Vai lá ver o paraíso": uma etnografia multi-situada de trajetórias migratórias de mulheres africanas no Brasil (São Paulo). 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL UFBA: MULHERES AFRICANAS EM MOVIMENTO: REPRESENTAÇÕES, LUTAS E TRAJETÓRIAS. 1 vídeo (1:30:18). Disponível em: < https://youtu.be/EgPNaYt5w7I >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

M A I O 2020

TÍTULO:	Por um afrofuturismo terrorista de gênero: caminhos abertos entre o pensamento de Oyeronke Oyewumi, teorias feministas negras e intelectuais afrodiásporicxs
DATA/HORA:	29 de maio às 15:30 min.
PARTICIPANTES:	Amanda Medeiros Oliveira; Alexandra Vieira de Carvalho Santana; Aline de Jesus da Cruz; Elias Alfama Moniz; Emilly Pereira; William Soares Freitas; Uilliam de Jesus Castro
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA
RESUMO:	Debate sobre teorias feministas Negras e intelectuais afrodiáspóricas.
PALAVRAS-CHAVE:	Afrofuturismo; Oyeronke Oyewumi; gênero.
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Amanda Medeiros. Et.al. Por um afrofuturismo terrorista de gênero: caminhos abertos entre o pensamento de Oyeronke Oyewumi, teorias feministas negras e intelectuais afrodiásporicxs . 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL UFBA: ÍTÀN - POÉTICAS DA IMAGEM - OUTRAS GRAFIAS, NARRATIVAS INSURGENTES. 1 vídeo (1:32:28). Disponível em: < https://youtu.be/xh5Oz3E6sc0 >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

M A I O 2020

TÍTULO:	As Identidades dos jovens negros da “Batalha do Dendê” na tessitura da Identidade Nacional
DATA/HORA:	29 de maio às 15:30 min.
PARTICIPANTES:	William Soares Freitas ; Alexandra Vieira de Carvalho Santana, Aline de Jesus da Cruz, Amanda Medeiros Oliveira, Elias Alfama Moniz, Emilly Pereira; Uilliam de Jesus Castro
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA
RESUMO:	Debate sobre as identidades dos jovens negros na “Batalha do Dendê”.
PALAVRAS-CHAVE:	Batalha do dendê; jovens negros; identidade nacional.
REFERÊNCIA:	FREITAS, William Soares. Et.al. As Identidades dos jovens negros da “Batalha do Dendê” na tessitura da Identidade Nacional . 2020. In: CONGRESSO VIRTUAL DA UFBA: ÍTÀN - POÉTICAS DA IMAGEM - OUTRAS GRAFIAS, NARRATIVAS INSURGENTES. Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCsNsKzW1kcGgOBBRCJGA4RA >. Acesso em: 16/01/2021. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Foro Virtual Genero/Patrimonio Inmaterial: Practicas y reinenciones en tiempos del Covid19
DATA/HORA:	Jueves 4 de junio 4 p.m. (Hora ciudad de México, Ecuador y Perú) 3 p.m. (Hora de Bolivia) 5 p.m. (Hora de Brasil)
PARTICIPANTES:	Desiree Tozi, Historiadora, Especialista em Gestão de Políticas Públicas (Brasil) David Aruquipa, Investigador y Gestor Cultural en PCI (Bolivia); Rosmery Botello, Artesana Casa la Orquídea (Bolivia); Verónica Montesdeoca, Portadora de PCI, bordadora de la Comuna Llano Grande (Ecuador); Lucia Moscoso, Historiadora, especialista en gestión del patrimonio cultural (Ecuador); Noélia Pires da Silva é Ekedy no Terreiro Ogun dey, filha de Baiana de Acarajé (Brasil);
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Grupo Impulsor del Observatorio Prospectivo Iberoamericano de Patrimonio Cultural Inmaterial
RESUMO:	Debate sobre as praticas de se repensar o patrimônio imaterial em tempos de Covid-19.
PALAVRAS-CHAVE:	Gênero; patrimonio imaterial; COVID 19.
REFERÊNCIA:	TOZI, Desiree. Et. al. Foro Virtual Genero/Patrimonio Inmaterial: Practicas y reinenciones en tiempos del Covid19 . 2020. In: GRUPO IMPULSOR DEL OBSERVATORIO PROSPECTIVO IBEROAMERICANO DE PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL. 1 vídeo (1:29:24). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=5A0mGQftsko >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Live UFRB – CISO- Coletivo Escrivivência
DATA/HORA:	05 de junho
PARTICIPANTES:	Ângela Figueiredo (UFRB) e Helen Rodrigues (UnB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
RESUMO:	História do Coletivo Escrivivência com foco na Literatura Negra Feminina
PALAVRAS-CHAVE:	Literatura; Feminina; Negra.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Ângela; RODRIGUES, Helen. Live UFRB – CISO – Coletivo Escrivivência . 2020. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. 1 vídeo (59:21). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CBEV-oVpB0g/?igshid=1qoqfofn0ld > Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Semana 11: "Colonialidade e gênero" Debate Historia em quarentena – com Maria Lugones
DATA/HORA:	06 de junho
PARTICIPANTES:	Maria Lugones (Binghamton - USA) e Ângela Figueiredo (UFRB). Mediação: Natália Guerellus (Université Jean Moulin - France) e Mariana Meneses Muñoz (Universidade Nova de Lisboa)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal Historia em quarentena (Youtube)
RESUMO:	Debate sobre colonialidade e gênero
PALAVRAS-CHAVE:	Estudos de Gênero; Gênero; Colonialidade
REFERÊNCIA:	LUGONES, Maria. Et.al. Semana 11: “ Colonialidade e gênero ” - Debate história em quarentena . 2020. In: CANAL HISTÓRIA EM QUARENTENA. 1 vídeo (1:32:59). Disponível em:< https:// www.youtube.com/watch?v=h54Mlndy0Ws&t=9s > Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U N H O
2020



TÍTULO: Cultura e educação patrimonial: o negro e a Universidade, afirmação de identidade e empoderamento

DATA/HORA: 08 de junho às 18hs.

PARTICIPANTES: Prof^a. Ma. Maria da Guia Viana (Discente Pós-Afro / prof^a, adj do Curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros-UFMA); Prof^o. Neto de Azile (Gestor do Patrimônio Cultural do Maranhão)

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Casa do Tambor de Crioula / Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão – SECMA

RESUMO: Entrevistas, webpalestras, webnários, rodas de conversas online com pesquisadores , fazedores de Cultura, professores, pessoas que vivem o movimento cultural de matrizes africanas e afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial; afirmação de identidade; empoderamento.

REFERÊNCIA: VIANA, Maria da Guia; NETO de Azile. **Cultura e educação patrimonial: o negro e a Universidade, afirmação de identidade e empoderamento**. 2020. In: PAPO CRIATIVO (ENTREVISTA). 1 vídeo (56:32). Disponível em: <<https://youtu.be/BbaguePGBPU>>. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Desigualdades Raciais e as suas implicações na vida universitária- Universidade Federal do ABC
DATA/HORA:	09 de junho
PARTICIPANTES:	Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves e participação da Prof. ^a Márcia Lima do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e Coordenadora do AFRO-CEBRAP e a Prof. ^a Angela Figueiredo do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB e do Coletivo Angela Davis e Fórum Marielle.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal CAPOL UFABC (Youtube)
RESUMO:	Webinário realizado pelo Bacharelado em Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC para discutir as desigualdades raciais e as suas implicações na vida universitária.
PALAVRAS-CHAVE:	Desigualdade; Raça; Universidade
REFERÊNCIA:	NEVES, Paulo Sérgio da Costa. Et.al. Desigualdades Raciais e as suas implicações na vida universitária-Universidade Federal do ABC . 2020. In: CANAL CAPOL UFABC. 1 vídeo (1:43:47). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=W4EBoUUDOW0 >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U N H O
2020



TÍTULO:	Papo Preto: a crise do coronavírus de uma perspectiva transnacional afro-queer
DATA/HORA:	12 de junho às 20hs.
PARTICIPANTES:	Watufani Poe (Brown University – Estados Unidos) ; Osmundo Pinho (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRB)
RESUMO:	Aborda Série Papo Preto na qual o antropólogo Osmundo Pinho conversa com Watufani Poe, doutorando em Africana Studies, sobre a crise do COVID e sua relação com comunidade queer afro-americana.
PALAVRAS-CHAVE:	Coronavírus; comunidade queer; afro-americana
REFERÊNCIA:	POE, Watufani; PINHO, Osmundo. A Crise do coronavírus de uma perspectiva transnacional afro-queer . 2020. In: SÉRIE PAPO PRETO. 1 vídeo (01:03:40). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=v0jSXMZvAS4 >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U N H O 2020



TÍTULO:	I Congresso Internacional Yorubantu – Epistemologias Yorùbá e Bantu
DATA/HORA:	13-27 de junho, 14-20hs.
PARTICIPANTES:	Prof. Dr. Henrique Freitas; Prof ^a Dr ^a Zelinda Barros; Prof. Niyi Tokunbo Mona-Nzambi; Prof. Jocevaldo Santiago; Prof. Dr. Felix Ayoh'Omidire; Prof ^a Ms. Marli Mateus; Prof ^a Ms. Yara Santiago; Prof ^a Ms. Aldaice Damasceno; Prof. Ms. Vércio Gonçalves; Prof. Ms. Adinelson Kambundu (Org.)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Grupo de Pesquisa Yorubantu – Epistemologias Yorùbá e Bantu (IL/UFBA).
RESUMO:	Aborda epistemologias Yorùbá e Bantu nos estudos literários, linguísticos e culturais" do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.
PALAVRAS-CHAVE:	Yorùbá; bantu; estudos literários.
REFERÊNCIA:	FREITAS, Henrique. Et.al. Congresso Internacional Yorubantu: epistemologias Yorùbá e Bantu, I. 2020. In: GRUPO DE PESQUISA YORUBANTU (IL/UFBA). 1 vídeo (1:10). Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCjAcSIUVyBBaSNnBFWjPuiw/videos >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Entrevista sobre tema: O racismo e antirracismo no Brasil e nos EUA
DATA/HORA:	16 de Junho de 2020
PARTICIPANTES:	Angela Figueiredo (UFRB). Mediação de Alane Reis (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Revista Afirmativa
RESUMO:	Conversa sobre "Racismo e antirracismo no Brasil e Estados Unidos"
PALAVRAS-CHAVE:	Racismo; Antirracismo; Brasil; EUA.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela; REIS, Alane. Entrevista sobre tema: O racismo e antirracismo no Brasil e nos EUA. 2020. In: REVISTA AFIRMATIVA. 1 Vídeo (59:52). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CBg7hH_FLYg/?igshid=xh3hzueszsn0 > Acesso em: 19 de abr. 2021. Live. 2 Vídeo (34:44). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CBhBEjUlHYr/?igshid=1mqblyqghtz9i > Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U N H O
2020



TÍTULO: Usos da cidade como mecanismos de controle e apartheid étnico-racial

DATA/HORA: 17 de junho às 19hs.

PARTICIPANTES: Jamile Borges da Silva

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI/UFAL) e Universidade Federal do Pará (UFPA).

RESUMO: O projeto Negras Conexões tem como objetivo contribuir para a ampliação do debate acerca das relações étnico-raciais, partindo da crítica ao processo pedagógico que se assenta na racionalidade eurocêntrica em diferentes meios e níveis educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; apartheid; étnico-racial.

REFERÊNCIA: SILVA, Jamile Borges da. **Usos da cidade como mecanismos de controle e apartheid étnico-racial**. 2020. In: NUCLEO DE ESTUDOS AFROBRASILEIROS E INDÍGENAS (NEABI/UFAL). 1 vídeo (2:01:38) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0pSCL4R_uWQ>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	I Congresso ANDIFES/ Reunião Conjunta COGRAD/FONAPRACE
DATA/HORA:	17 de junho
PARTICIPANTES:	Cássia Virgínia Bastos Maciel
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ANDIFES
RESUMO:	A mesa teve como objetivo discutir a atuação conjunta dos fóruns assessores da Andifes na implementação de procedimentos de heteroidentificação como mecanismo de combate às fraudes.
PALAVRAS-CHAVE:	Fóruns assessores; heteroidentificação; fraudes
REFERÊNCIA:	MACIEL, Cássia Virgínia Bastos. Reunião Conjunta COGRAD/FONAPRACE . 2020. In: I CONGRESSO ANDIFES.1 vídeo (3:53:26). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_Dt6tODP7WM&t=14s >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Desafios do ensino em tempos de pandemia
DATA/HORA:	17 e 18 de junho
PARTICIPANTES:	Cassia Virginia Bastos Maciel (PROAE); Márcia Rangel (SEAD); Denise Vieira (PRODEP); Penildon Silva Filho (PROGRAD); Sérgio Luís Costa Ferreira (PROPCI/PROPG)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ANDIFES
RESUMO:	A mesa teve como objetivo discutir os desafios à consolidação de estratégias de ensino, pesquisa e extensão no contexto da pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	Ensino; pesquisa; extensão.
REFERÊNCIA:	MACIEL, Cassia Virginia Bastos. Et.al. Desafios do ensino em tempos de pandemia . 2020. In: CONGRESSO ANDIFES. 1 vídeo (2:52:46). Disponível em: < http://www.edgardigital.ufba.br/?p=17462 >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Mulheres: Violência e Pandemia
DATA/HORA:	18 de junho
PARTICIPANTES:	Ângela Figueiredo (UFBA); Marlene de Fáveri (UDESC); Luciane Carminatti (Deputada Estadual), Mediação feita pelo Historiador Cadu Carlos Eduardo.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Live realizada pelo Facebook
RESUMO:	Discussão sobre a temática de sobre mulheres: violência e pandemia
PALAVRAS-CHAVE:	Mulher; Violência; Pandemia
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Ângela. Et.al. Mulheres: Violência e Pandemia . 2020. 1 vídeo (1:20:38). Disponível em: https://www.facebook.com/861615310520547/videos/1937934149671830/ Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U N H O
2020



TÍTULO:	Papo Preto: a crise do coronavírus de uma perspectiva transnacional afro-queer
DATA/HORA:	19 de junho às 20hs.
PARTICIPANTES:	Franklin Gil Hernandez (Escuela de Estudios de Género, Universidad Nacional – Colômbia) e Osmundo Pinho (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRB).
RESUMO:	Discussão da Série Papo Preto na qual o antropólogo Osmundo Pinho conversa com Franklin Hernandez, antropólogo colombiano, sobre a crise do COVID e sua relação com comunidade queer afro-colombiana.
PALAVRAS-CHAVE:	COVID; comunidade queer; afro-colombiana.
REFERÊNCIA:	HERNANDEZ, Franklin; PINHO, Osmundo. A Crise do coronavírus de uma perspectiva transnacional afro-queer . 2020. In: SÉRIE PAPO PRETO. 1 vídeo (01:03:40). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=v0jSXMZvAS4 > . Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U N H O 2020



TÍTULO:	Covid-19 avança em Moçambique
DATA/HORA:	19 de junho
PARTICIPANTES:	Cardoso Armando
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Blog de HCS-Manguinhos
RESUMO:	Aborda Moçambique e o processo de enfrentamento da pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	Moçambique; pandemia; dados epidemiológicos.
REFERÊNCIA:	ARMANDO, Cardoso. Covid-19 em Moçambique . 2020. In: BLOG DE HCS-MANGUINHOS. Disponível em: http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/covid-19-avanca-em-mocambique/ . Acesso em 19 de junho, 2020.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Políticas Públicas no campo da educação superior
DATA/HORA:	19 de junho
PARTICIPANTES:	Cássia Virgínia Bastos Maciel. Mediadoras: Prof. Carmen Irene Correia de Oliveira e Lopes Profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	PRAE/UNIRIO
RESUMO:	A atividade teve como objetivo discutir o tema: Inclusão no Ensino Superior e Assistência Estudantil, sob a perspectiva de gestoras da área.
PALAVRAS-CHAVE:	Ensino superior; assistência estudantil; políticas públicas.
REFERÊNCIA:	MACIEL, Cássia Virgínia Bastos Maciel; LOPES, Carmen Irene Correia de Oliveira e; VIEIRA, Andréa Lopes da Costa. Políticas Públicas no campo da educação superior . 2020. In: 3ª LIVE DA PRAE/UNIRIO. 1 vídeo (1:25:38). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=PK9pvszwGHg&t=6s >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U N H O
2020



TÍTULO:	Ciências Sociais na Unilab: O que temos a dizer (2º ato)
DATA/HORA:	22 de junho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Cristiane Santos Souza (UNILAB; Pós-Afro/UFBA); Jurema Machado (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Bacharelado em Ciências Sociais (UFRB).
RESUMO:	Discussão sobre as agendas de pesquisa e extensão no Recôncavo da Bahia
PALAVRAS-CHAVE:	Pesquisa; extensão; Recôncavo da Bahia
REFERÊNCIA:	SOUZA, Cristiane Santos; MACHADO, Jurema. <i>Ciências Sociais na Unilab: o que temos a dizer (2º ato)</i> . 2020. In: BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (UFRB). 1 vídeo (59:59). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CBwHKzeJmbs/?utm_source=ig_web_copy_link >. Acesso em: 22 de nov. 2020. Live.

J U N H O 2020

TÍTULO:	Webinar – “Mondlane Vive”
DATA/HORA:	22 de junho às 14 hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone; Carla Braga; Claudio Mungói; Helder Leonel Malele; Teresa Silva; Marlino Mubai; Orlando Chemane; Mário Fonseca
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Eduardo Mondlane
RESUMO:	Between Nationalism and Cosmopolitanism: Eduardo Chivambo Mondlane’s Intellectual Biography. Social sciences, issues of authenticity, internationalism and memory struggles conflate in the rich and complex life of Eduardo Chivambo Mondlane. The first president of the Mozambique Liberation Front was a trained anthropologist and taught anthropology up until the first year of his engagement with the liberation struggle in 1963. My research focuses on Mondlane’s high education in South African and Portugal, twelve years in the United States - between academic life, activism and the United Nations - and the last years of his life between 1964 and 1969, when his base was Dar es Salaam in Tanzania.
PALAVRAS-CHAVE:	Nacionalismo; cosmopolitanismo
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. Et.al. Webnar – Mondlane vive . 2020. In: UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. Zoom fechada.

J U N H O 2020



TÍTULO:	1º Webinar: População negra em contextos de pandemia
DATA/HORA:	25 de junho às 15hs.
PARTICIPANTES:	Ana Cláudia Rodrigues (UFPE); Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA); Osmundo Pinho (UFRB); Luciana de Oliveira Dias (UFG)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Associação Brasileira de Antropologia (ABA).
RESUMO:	Atividade do Comitê de Negrxs da Associação Brasileira de Antropologia que debateu os efeitos da pandemia do COVID 19 para xs afro-brasileirxs, desde um ponto de vista antropológico.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; afro-brasileirxs; antropologia.
REFERÊNCIA:	RODRIGUES, Ana Cláudia. Et.al. População negra em contextos de pandemia . 2020. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA). 1 vídeo (2:25:59). Disponível em: < https://youtu.be/wl8VLWiP5OY >. Acesso em: 22 de nov. 2020. Live.

J U N H O 2020



TÍTULO:	Papo Preto: a crise do coronavírus de uma perspectiva transnacional afro-queer
DATA/HORA:	26 de junho às 20hs.
PARTICIPANTES:	Flip Couto (Coletivo Amem; Cia. Sansacroma); Osmundo Pinho (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRB).
RESUMO:	Discussão da Série Papo Preto na qual o antropólogo Osmundo Pinho conversa com Flip Couto, bailarino e ativista negro/LGBTQ+/HIV+ sobre a crise do COVID em sua relação com comunidade negra e queer brasileira.
PALAVRAS-CHAVE:	Coronavírus; Comunidade negra; Queer.
REFERÊNCIA:	COUTO, Flip; PINHO, Osmundo. A Crise do coronavírus de uma perspectiva transnacional afro-queer . 2020. In: SÉRIE PAPO PRETO. 1 vídeo (1:03:40). Disponível em: < https://youtu.be/v0jSXMZvAS4 >. Acesso em: 22 de nov. 2020. Live.

JULHO 2020



TÍTULO:	2 de Julho - Aula online - Um Desfile-Aula sobre a Independência da Bahia
DATA/HORA:	2 de Julho às 9hs.
PARTICIPANTES:	Nairobi Aguiar- Historiadora; Jorge Ramos- Jornalista e Pesquisador; Vanessa Orewá- Mestra em História da Diáspora; Ailton Ferreira – Sociólogo e Educador
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Ailton Ferreira
RESUMO:	Uma aula on-line sobre a história e a importância do 2 de julho, começando por cachoeira, passando por Saubara e terminando em Salvador.
PALAVRAS-CHAVE:	Independência da Bahia; história; Dois de julho.
REFERÊNCIA:	AGUIAR, Nairobi. Et.al. 2 de Julho - Um Desfile-Aula sobre a Independência da Bahia . 2020. In: AILTON FERREIRA. 1 vídeo (2:40:06). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=VHgx6KnadzM >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O 2020



TÍTULO:	2 de Julho, O portal da Independência
DATA/HORA:	02 de julho às 16hs.
PARTICIPANTES:	Jocélio Teles dos Santos (UFBA); Wlamyra Albuquerque (UFBA)
INSTITUIÇÃO	Academia de Ciências da Bahia
PROMOTORA:	
RESUMO:	Aborda a comemoração do 2 de julho durante a pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	2 de julho; pandemia
REFERÊNCIA:	SANTOS, Jocélio Teles dos; ALBUQUERQUE, Wlamyra. 2 de julho, o portal da Independência . 2020. In: ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA. 1 vídeo (3:10:50). Disponível em: < https://youtu.be/I-0-auAY-mk > Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	The Work at Amazon Watch (Aula para Mestrandos)
DATA/HORA:	02 de julho às 18hs.
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Arizona State University
RESUMO:	Aborda a teoria de direitos humanos internacionais na prática, os tratados e a violência no campo.
PALAVRAS-CHAVE:	Direitos humaos; tratados; violência no campo
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra. Teoria de direitos humanos internacionais na prática . 2020. In: ARIZONA STATE UNIVERSITY – INTERNATIONAL RULE OF LAW & SECURITY PROGRAM. Zoom fechada.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Lançamento do Portal 2 de Julho – www.portal2dejulho.ffch.ufba.br
DATA/HORA:	05 de julho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Jocélio Teles dos Santos (Ufba); Wlamyra Albuerque(Ufba); bolsistas do curso de História(Ufba) – Mona Lisa Nunes; Marcele Moreira; Ingrid Leoni – , Renê Salomão e Luciano Nascimento (designer).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFBA).
RESUMO:	O Portal 2 de Julho é um site que reúne um acervo de mais de 1.100 documentos constituindo assim um importante repertório de fonte de pesquisa para estudantes, pesquisadores e público em geral.
PALAVRAS-CHAVE:	Fonte de pesquisa; portal; Dois de Julho.
REFERÊNCIA:	SANTOS, Jocélio Teles. Et.al. Lançamento do portal 2 de julho . 2020. In: FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (UFBA). Webconferência.

J U L H O 2020

TÍTULO:	Foro de Derechos culturales: El Patrimonio Inmaterial mas Allá de la pandemia
DATA/HORA:	5 de julho
PARTICIPANTES:	Carlos Portilla; Roberta Nascimento; Desiree Tozi; Marco Chávez; Lupita Meneses; María L. Rosado; José Rocha Art.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Red Prospective de La Diversidad Cultural y El Patrimonio Cultural Inmaterial
RESUMO:	Debate sobre o patrimônio imaterial no contexto da pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	Direitos culturais; patrimônio imaterial; pandemia.
REFERÊNCIA:	PORTILLA, Carlos. Et.al. Foro de Derechos culturales: El Patrimonio Inmaterial mas Allá de la pandemia. 2020. In: RED PROSPECTIVE DE LA DIVERSIDAD CULTURAL Y EL PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL. 1 vídeo (2:22:42). Disponível em: < https://www.facebook.com/Iberoamerica.PCI/videos/153976559537637 >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O 2020



TÍTULO:	Negras Epistemologias e a Descolonização do Pensamento
DATA/HORA:	06 de julho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Osmundo Pinho (UFRB); Aline Miranda (UNB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Bacharelado em Ciências Sociais (UFRB).
RESUMO:	Discussão sobre a descolonização do pensamento desde o ponto de vista das epistemologias negras, com Aline Miranda (UnB).
PALAVRAS-CHAVE:	Descolonização do pensamento; epistemologias negras; ciências sociais.
REFERÊNCIA:	PINHO, Osmundo; MIRANDA, Aline. Negras epistemologias e a descolonização do pensamento . 2020. In: BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (UFRB). 1 vídeo (54:44). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CCUJZCrgRC3/?utm_source=ig_web_copy_link >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O 2020

TÍTULO:	The Making of Race(s) and the Process of Emancipation from Race as Seen from Bahia, Brazil: Transnational Processes
DATA/HORA:	8 de julho às 10 hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone; Max Paul Friedman; Stefan Rinke; Núria Vilanova; Eduardo Mendieta; Sydney Hutchinson; Max Paul Friedman
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Freie Universität Berlin, Center for Latin American and Latino Studies e College of Arts and Sciences of American University
RESUMO:	Neste evento, o professor Dr. Livio Sansone apresenta o seguinte tema: The Making of Race(s) and the Process of Emancipation from Race as Seen from Bahia, Brazil: Transnational Processes.
PALAVRAS-CHAVE:	Emancipação da raça; Bahia; Brasil.
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. Et.al. The Making of Race(s) and the Process of Emancipation from Race as Seen from Bahia, Brazil: Transnational Processes . 2020. In: TRANSNATIONALISM BERLIN WORKSHOP ONLINE . Disponível em: < https://www.transnationaleuropeanstudies.org/ >. Acesso em: 16 de jan. 2021.

J U L H O
2020

EDUCAÇÃO E ANTIRRACISMO
uma análise das políticas de ações afirmativas no Brasil e nos Estados Unidos

Realização:
A COR DA BAHIA
COLETIVO ANGELA DAVIS
NÓS NA EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO PARA AÇÕES AFIRMATIVAS

Apoio:
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (PPGCS/UFBA)
PROEXT

ANGELA FIGUEIREDO
abertura
Professora Doutora (PPGCS/UFRB), (PPONEIM e POS AFRO/UFBA)
Coordenadora do Coletivo Angela Davis (UFRB)
Forum Marielle

CAMILA VIEIRA
mediação
Mestranda em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA)
Pesquisadora do Coletivo Angela Davis (URFB)

CÁSSIA MACIEL
convidada
Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE/UFBA)
Mestranda do POS AFRO (FFCH/UFBA)

DYANE BRITO
convidada
Professora Doutora e Diretora do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFBR)
Pesquisadora do Programa A Cor da Bahia (UFBA)

EDILZA SOTERO
convidada
Professora Doutora do Departamento de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA)
Pesquisadora do Programa A Cor da Bahia (UFBA)

PAULA BARRETO
abertura
Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFBA)
Coordenadora do Grupo de Pesquisa A Cor da Bahia (UFBA)

TÍTULO: “Educação e Antirracismo: uma análise das políticas de ações afirmativas no Brasil e nos Estados Unidos”

DATA/HORA: 09 de julho às 18hs.

PARTICIPANTES: Cássia Maciel, Dyanne Brito, Edilza Sotero (pesquisadoras); Angela Figueiredo e Paula Barreto (doutoras); mediação de Camila Vieira.

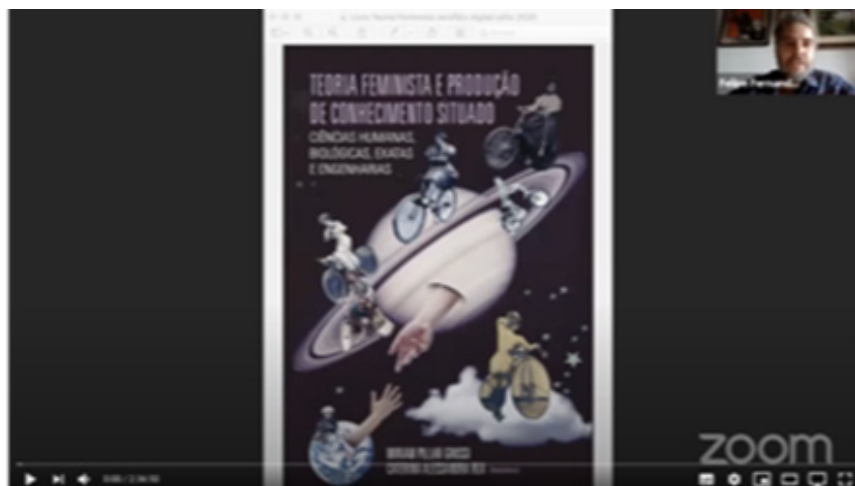
INSTITUIÇÃO PROMOTORA: UFBA e UFRB

RESUMO: As dinâmicas históricas, políticas e sociais da construção das desigualdades raciais no Brasil e Estados Unidos, bem como as especificidades e possíveis comparações entre as experiências antirracistas no contexto da diáspora brasileira e estadunidense.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas de ações afirmativas; Brasil; Estados Unidos.

REFERÊNCIA: MACIEL, Cassia Virginia Bastos. Et.al. “Educação e Antirracismo: uma análise das políticas de ações afirmativas no Brasil e nos Estados Unidos”. 2020. In: CICLO DE FORMAÇÃO SOBRE RACISMO E ANTIRRACISMO NO BRASIL E EUA. 1 vídeo (2:12:15). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YMJ7WSjLrrw>> . Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO: Lançamento do Livro “Teoria Feminista e Produção de Conhecimento Situado: Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e Engenharias”

DATA/HORA: 15 de julho às 17hs. (Brasil)

PARTICIPANTES: Miriam Pillar Grossi e autoras do livro

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

RESUMO: Aborda a teoria feminista e produção de conhecimento dentro da linha de pesquisa gênero e ciências do NIGS.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; produção de conhecimento

REFERÊNCIA: GROSSI, Miriam Pillar. Et.al. **Teoria feminista e produção de conhecimento situado**. 2020. In: NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES (NIGS/UFSC). 1 vídeo (2:36:51). Disponível em: <https://youtu.be/_xMqDI Fhm6Y>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

JULHO
2020



TÍTULO:	Arte-pro-nóbis na quarentena/ ATO 06 : Afrobrasiliidades - Arte-Educação no Ifs
DATA/HORA:	15 de julho às 19 hs.
PARTICIPANTES:	Nelma Barbosa; Estevão Haeser; Luciana Lima.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Associação Nacional de Professores de Artes dos Institutos Federais – ANPAIF
RESUMO:	Mesmo com o exercício da Lei 10.639 e da implementação dos NEABI's nos campus dos IF's ainda podem ser observadas dificuldades e resistências em relação a quais saberes serem colocados sobre África, Afrobrasilidade, conhecimentos diaspóricos dentre outros.
PALAVRAS-CHAVE:	Quarentena; afrobrasiliidades; Arte-educação.
REFERÊNCIA:	BARBOSA, Nelma; HAESER, Estevão; LIMA, Luciana. Arte-pro-nóbis na quarentena/ ATO 06 : Afrobrasiliidades - Arte-Educação no Ifs. 2020. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROFESSORES DE ARTES DOS INSTITUTOS FEDERAIS – ANPAIF. 1 vídeo (2:04:08). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=TSAJ0z5aeqo >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O 2020



TÍTULO:	Desigualdades Sociais e as Agendas da Pandemia em um Município do Recôncavo Baiano
DATA/HORA:	16 de julho
PARTICIPANTES:	Felipe Bruno Martins Fernandes.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS).
RESUMO:	Aborda o impacto da pandemia em um pequeno município do interior do Brasil, São Félix, no Recôncavo Baiano, região que circunda a Baía de Todos-os-Santos.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; São Félix – Recôncavo baiano; desigualdades sociais.
REFERÊNCIA:	FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Desigualdades sociais e as agendas da pandemia em um município do Recôncavo baiano . 2020. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS). 1 vídeo (59:41). Disponível em: < https://www.facebook.com/100001359697099/videos/3082226365165990/ >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Outra Roda é Possível: violência sexista e denúncia
DATA/HORA:	18 de julho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Christine Zonzon; Adriana Albert Dias.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.
RESUMO:	Aborda as violências sofridas pelas mulheres no ambiente da capoeira: e as formas de identificar, denunciar e reparar com segurança.
PALAVRAS-CHAVE:	Capoeira; mulheres; violências.
REFERÊNCIA:	ZANZON, Christine; DIAS, Adriana Albert. Violência sexista e denúncia . 2020. In: OUTRA RODA É POSSÍVEL! CONVERSAS FEMINISTAS E CAPOEIRA - MARIAS FELIPAS. 1 vídeo (1:44:08). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wgKhUANGBko >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Defesa de Tese para Prof. Titular do Prof. Jocélio Teles dos Santos – O ativismo negro no Brasil frente ao Estado e no Estado, 1970-2016
DATA/HORA:	20 de julho às 14hs.
PARTICIPANTES:	Florentina da Silva Souza (UFBA); Kabengele Munanga (USP); Maria Nilza da Silva (UEL); Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA); Paulo Sérgio da Costa Neves (UFABC).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Departamento de Antropologia (UFBA).
RESUMO:	Aborda análise das ações e práticas do ativismo negro no Brasil, no período 1970-2016, com base em publicações de organizações e grupos negros em várias regiões do país.
PALAVRAS-CHAVE:	Ativismo negro; ações e práticas; Estado.
REFERÊNCIA:	SOUZA, Florentina da Silva. Et. Al. Defesa de tese para professor titular do professor Jocélio Teles dos Santos - O ativismo negro no Brasil frente ao Estado e no Estado, 1970-2016. 2020. In: DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA DA UFBA. Webconferência.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Raça, Estereótipos e Regimes de Representação – O Caso Blackface
DATA/HORA:	20 de julho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Osmundo Pinho (UFRB); Maria Andrea dos Santos Soares (UNILAB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Bacharelado em Ciências Sociais (UFRB).
RESUMO:	Discussão sobre a prática cultural do Blackface, e suas implicações, com a antropóloga Maria Andrea Soares (UNILAB).
PALAVRAS-CHAVE:	Blackface; estereótipos; regimes de representação.
REFERÊNCIA:	PINHO, Osmundo; SOARES, Maria Andrea dos Santos. Raça, estereótipos e regimes de representação: o caso blackface. 2020. In: BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (UFRB). 1 vídeo (57:30). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=b9ncNv6ppiE >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO: A Formação de Mediadores Culturais Festival do Conhecimento UFRJ

DATA/HORA: 20 de julho às 17:00hs.

PARTICIPANTES: Anna Luisa Santos de Oliveira; Luiza Leitão

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Dividindo com vocês desde como foi recriar o curso para o ambiente virtual, as trocas de saberes realizados e as contribuições que o curso gerou para a equipe e para as participantes, a entrevista com Anna Luisa Oliveira traz uma narrativa acerca do Curso Formação de Mediadores Culturais em Exposição de Arte.

PALAVRAS-CHAVE: Mediadores culturais; festival do conhecimento; exposição de arte.

REFERÊNCIA: OLIVEIRA, Anna Luisa Santos de; LEITÃO, Luiza. **A Formação de Mediadores Culturais Festival do Conhecimento UFRJ**. 2020. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. 1 vídeo (1:10:10). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZE3DTnkapm4&ab_channel=webTVUFRJ>. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Reflexões sobre o racismo estrutural e o cotidiano no Brasil
DATA/HORA:	23 de julho às 19hs.
PARTICIPANTES:	Cristiane Batista (UESC); José Aurimar Angelim (IF Baiano); Nelma Barbosa (IF Baiano).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Laboratório de História e Cultura Afro-brasileira e Cultura Martinha Rodrigues (LahAfro) da UNEB Campus VII (Senhor do Bonfim).
RESUMO:	Esta live tem o objetivo de fomentar a discussão sobre o racismo e seus impactos na vida dos brasileiros.
PALAVRAS-CHAVE:	Racismo; impactos; brasileiros.
REFERÊNCIA:	BATISTA, Cristiane; ANGELIM, José Aurimar; BARBOSA, Nelma. Reflexões sobre o racismo estrutural e o cotidiano no Brasil . 2020. In: LABORATÓRIO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E CULTURA MARTINHA RODRIGUES. 1 vídeo (1:57:08). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ccssgs03xyU >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

JULHO
2020



TÍTULO: Estratégias de Resistência- Saúde, Saneamento e Racismo na Pandemia

DATA/HORA: 23 de julho às 19hs.

PARTICIPANTES: Nadielene Nascimento - Pedagoga, Especialista em Trabalho e Sindicalista pela Escola DIEESE e Diretora de Formação do SINDAE; Nairobi Aguiar- Historiadora, Mestranda em estudos Éticos e Africanos, Coordenadora da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial- SEPROMI; Alessandra Almeida- Assistente Social- CERB e Diretora Regional do SINDAE. Com mediação de Gilene Pinheiro- Scretária de Combate ao Racismo da CUT-Ba e Marco Sitael- Professor, Historiador, Ambientalista Instituto Korango.

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: CUT Bahia

RESUMO: Discutindo estratégia de resistência para a população negra, povos e comunidades tradicionais durante a pandemia do Covid 19.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde; saneamento; racismo.

REFERÊNCIA: NASCIMENTO, Nadielene. Et.al. **Estratégias de Resistência- Saúde, Saneamento e Racismo na Pandemia**. 2020. In: SEMANA DE DEBATE RACIAL. 1 vídeo (1:40:17). Disponível em: <<https://www.facebook.com/CUTBahia/videos/2559949737650265/>>. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O 2020

TÍTULO:	3º Webinar COVID- 19: Reconstrução solidária e sustentável. Palestra Empreendedorismo colaborativo.
DATA/HORA:	23 de julho
PARTICIPANTES:	Dr ^a . Daniela Tocchetto Cavalheiro; Dr.º Eduardo Toneto Picarelli; Dr ^a . Simone Barbisan Fortes; Dr ^a Luciana da Veiga Oliveira; Ademir Piccoli; Dr ^a Ângela Figueiredo, moderação Dr.º Roger Raupp Rios.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Laboratório de Inovação – Justiça Federal do Rio Grande do Sul
RESUMO:	Evento gratuito e beneficente oferecido pelo projeto DIREITO SOLIDÁRIO - (RE)CURSOS PARA O BEM. Este webinar marca o encerramento da primeira fase do Projeto Voronoy-Delaunay!
PALAVRAS-CHAVE:	Empreendedorismo; Colaborativo.
REFERÊNCIA:	CAVALHEIRO, Daniela Tocchetto. Et.al. 3º Webinar COVID- 19: Reconstrução solidária e sustentável. Palestra Empreendedorismo colaborativo. 2020 In: LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO – JUSTIÇA FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. 1 vídeo (3:48:01). Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=ivQXWqPZyM4 >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U L H O 2020

TÍTULO:	Candaces – Vidas Negras importam: Mulheres negras discutem Universidade pública na era da pandemia.
DATA/HORA:	23 de julho
PARTICIPANTES:	Dr. ^a Angela Figueiredo (UFRB); Dr. ^a Amelia Tereza Santa Rosa Maraux (UNEB); Dr. ^a Carla Liane Nascimento dos Santos (UNEB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal Grupo de Estudos e Pesquisa Candaces – UNEB (Youtube)
RESUMO:	“Vidas negras importam e Universidade Pública”, qual o significado de pensar a Universidade Pública na perspectiva de mulheres negras na era da pandemia? Como as Universidades públicas estão pensando um projeto pedagógico que não exclua a maioria dos segmentos negros, pobres, femininos e interioranos nesse contexto pandêmico? Quais são perspectivas e diretrizes políticas para garantir as Ações Afirmativas das duas maiores Universidade Negras do estado da Bahia? Como pensar uma Universidade que valorize as vidas negras? Essas e outras perguntas serão foco de debate da live promovida pelo Grupo de Pesquisa CANDACES (Gênero, Raça, Cultura & Sociedade) da UNEB, em comemoração ao Julho das Pretas, mês em que se homenageia o 25 de julho, dia internacional da Mulher Negra Afro-Latinoamericana, caribenha e brasileira.
PALAVRAS-CHAVE:	Vidas; Negras; Universidade
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela; MARAUX, Amelia Tereza Santa Rosa; SANTOS, Carla Liane Nascimento dos. Candaces – Vidas Negras importam: Mulheres negras discutem Universidade pública na era da pandemia . 2020. In: CANAL GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA CANDACES – UNEB. 1 vídeo (2:05:35). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=N6UayVA3-aM >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Educação, Sexismo e Racismo
DATA/HORA:	24 de Julho às 16hs.
PARTICIPANTES:	Diana Vasan- Estudante de Direito, Bacharel .em Gestão Pública, Humanidade, Educadora Social, Militante e Feminista; Nairobi Aguiar- Historiadora, Feminista Negra e Coordenadora da Secretaria de Promoção de Igualdade Racial- SEPRMI; Ilca Guimarães- Diretora do Colégio Estadual General Dionísio Cerqueira, Feminista Negra, Pansexual, Especialista em Estudos Literário, Especialista em EAD.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Colégio Estadual General Dionísio Cerqueira
RESUMO:	Uma discussão com importantes temas para a população negra no Julho das pretas, dialogando com o contexto da Pandemia da Covid 19, e a situação da população negra, e das mulheres negras.
PALAVRAS-CHAVE:	Educação; sexismo; racismo.
REFERÊNCIA:	VASAN, Diana. Et.al. Educação, Sexismo e Racismo . 2020. In: II SEMINÁRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. 1 vídeo (59:18). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CDCZwMlJRPP/?igshid=r8q8zbilyugu >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O 2020

TÍTULO:	Encontro USP Mulheres Negras Latino Americanas e Caribenhas - Abertura e Mesa 3 ("Política Institucional das Universidades e a Trajetória das Mulheres Negras")
DATA/HORA:	24 de julho
PARTICIPANTES:	Prof ^a Angela Figueiredo (UFRB); Mércia Consolação Silva (Msa. pela FFLCH USP e Diretora Executiva do Instituto Pacto Nacional pela Erradicação do trabalho escravo – inPACTO); Elizabeth Suarez García (Secretaria de Equidad Etnico Racial y Poblaciones de la Intendencia de Montevideo – Uruguai).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal USP Mulheres
RESUMO:	O I Encontro USP Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas realizado nos dias 23 de 24 de julho de 2020 aborda reflexões sobre o tema "Política Institucional das Universidades e a Trajetória das Mulheres Negras". No bojo das celebrações do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, lembrado todo 25 de julho, data que foi reconhecida pela ONU em 1992, o Escritório USP Mulheres realizou o encontro online de profissionais, especialistas e pesquisadoras para analisar as políticas institucionais vigentes em universidades. http://uspmulheres.usp.br/i-encontro
PALAVRAS-CHAVE:	Política; Universidade; Mulher; Negra.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela. Et.al. Encontro USP Mulheres Negras Latino Americanas e Caribenhas - Abertura e Mesa 3 ("Política Institucional das Universidades e a Trajetória das Mulheres Negras") . 2020. In: CANAL USP MULHERES. 1 vídeo (1:58:12). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=GemvQPnZ8Uw >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Outra Roda é Possível II: interseções entre lutas
DATA/HORA:	25 de julho às 15hs.
PARTICIPANTES:	Priscila Menescal V. dos Santos; Evelyn Violeta e Laina Crisóstomo.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.
RESUMO:	Aborda perspectivas feministas em intersecção com as lutas antiracista e anticlassista. Portanto, a proposta dessa mesa é de identificar e promover as convergências entre as lutas, vislumbrando que outra roda é possível!
PALAVRAS-CHAVE:	Interseccionalidade; feminismo; capoeira.
REFERÊNCIA:	SANTOS, Priscila M. V. dos; VIOLETA, Evelyn; CROSÓSTOMO, Laina. Intersecções entre lutas. 2020. In: OUTRA RODA É POSSÍVEL, II - MARIA FELIPAS. 1 vídeo (2:24:45). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=myIpsjmmhKk >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Nota Técnica e Webinário interno sobre Informação sobre gênero, raça/etnia e posição social para o controle da pandemia de covid-19 no Brasil
DATA/HORA:	25 de julho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Integrantes da Rede CoVida.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/IGM/Fiocruz/Rede CoVida).
RESUMO:	analisa as formas como os dados sobre a Covid-19 vêm sendo produzidos e, especialmente, divulgados examinando o grau de desagregação das informações oficiais
PALAVRAS-CHAVE:	Covid-19; dados; características sociodemográficas
REFERÊNCIA:	CENTRO de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde. Nota Técnica e Webinário interno sobre Informação sobre gênero, raça/etnia e posição social para o controle da pandemia de covid-19 no Brasil. 2020. Disponível em: < https://redecovida.org/main-site-covida/wp-content/uploads/2020/.pdf >. Acesso em: 22 de nov. 2020. Pdf.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Mostra Interterritorial Científica e Tecnológica da Bahia: tecnologia, inovação e vivências do rural. Mesa: Vida sobre a terra
DATA/HORA:	28 de julho às 10hs.
PARTICIPANTES:	Cristiane Santos Souza (Unilab; Pós-afro/Ufba); Idelice Áurea Medeiros e Alva Célia Medeiros (Terreiro Angurusena Dya Nzambi); Henrique Tomé da Costa Mata (Faculdade de Economia – UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Rede Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural, resultado da parceria entre as Secretarias Estaduais de Desenvolvimento Rural (Bahiaater, CEPEX, CAR), de Educação e de Ciência, Tecnologia e Inovação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, o Instituto Federal Baiano e o Centro de Cultura do Vale do Iguape.
RESUMO:	Aborda diferentes perspectivas/concepções sobre a vida na terra, especialmente no contexto de pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; vida; terra.
REFERÊNCIA:	SOUZA, Cristiane Santos. Et. Al. Vida sobre a terra . 2020. In: MOSTRA INTERTERRITORIAL CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA BAHIA: TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E VIVÊNCIAS DO RURAL. 1 vídeo (1:58:14). Disponível em: < http://mostrainterterritorial.unilab.edu.br/ >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Diálogos Geempianos – Alfabetização de Adultos
DATA/HORA:	28 de julho às 17hs.
PARTICIPANTES:	Esther Pillar Grossi; Felipe Bruno Martins Fernandes; Lucia Scalco
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	GEEMPA/RS
RESUMO:	Aborda <i>lives</i> semanais sobre experiências na alfabetização de adultos durante a pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; alfabetização; adultos.
REFERÊNCIA:	GROSSI, Esther Pillar.; FERNANDES, Felipe B. M.; SCALCO, Lucia. Alfabetização de adultos . 2020. In: DIÁLOGOS GEEMPIANOS - GEEMPA/RS. 1 vídeo (59:41). Disponível em: < https://www.facebook.com/100001359697099/videos/3082226365165990/ >. Acesso em: 05 de nov. 2020. <i>Live</i> .

J U L H O
2020



TÍTULO:	Mostra Interterritorial Científica e Tecnológica da Bahia: tecnologia, inovação e vivências do rural. Mesa: Racismo Ambiental
DATA/HORA:	29 de julho às 14hs.
PARTICIPANTES:	Carla Ferreira. Mestranda pós-afro.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Rede Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural, resultado da parceria entre as Secretarias Estaduais de Desenvolvimento Rural (Bahiaater, CEPEX, CAR), de Educação e de Ciência, Tecnologia e Inovação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, o Instituto Federal Baiano e o Centro de Cultura do Vale do Iguape
RESUMO:	Aborda pesquisa condutora de debate sobre mulheres negras quilombolas, políticas públicas e o direito territorial.
PALAVRAS-CHAVE:	Quilombolas; políticas públicas; direito territorial.
REFERÊNCIA:	FERREIRA, Carla. Mulheres negras quilombolas e políticas públicas . 2020. In: MOSTRA INTERTERRITORIAL CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA BAHIA: TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E VIVÊNCIAS DO RURAL. 1 vídeo (02:11:06). Disponível em: < http://mostrainterterritorial.unilab.edu.br/ >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Mesa Redonda “Feminismo Africano e Feminismo Negro: vozes diaspóricas e do continente africano”
DATA/HORA:	29 de julho às 16hs.
PARTICIPANTES:	Prof ^a Dr ^a Zelinda Barros (UNILAB); Prof ^a Dr ^a Denize Ribeiro (UFRB); Prof ^a Dr ^a Luciana Lessa; Dr ^a Gisseila Garcia.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Coletivo de Mulheres Africanas (CMA), Rede Internacional de Mulheres Africanas (RIMA).
RESUMO:	Aborda o feminismo na África e no Brasil em evento promovido pelo Coletivo de Mulheres Africanas (CMA), Rede Internacional de Mulheres Africanas (RIMA).
PALAVRAS-CHAVE:	Feminismo africano; feminismo negro; mulheres africanas.
REFERÊNCIA:	BARROS, Zelinda. Et. Al. Feminismo africano e feminismo negro: vozes diaspóricas e do continente africano . 2020. In: JORNADA ACADÊMICA DAS MULHERES AFRICANAS, V. 1 vídeo (1:32:02). Disponível em: < https://fb.watch/1DRYG3ZDaa/ >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Mesa Redonda “Mulheres quilombolas e a COVID-19”
DATA/HORA:	30 de julho às 10hs.
PARTICIPANTES:	Prof ^a Dr ^a Zelinda Barros (UNILAB/Comunidade quilombola de Santiago do Iguape/BA); Maria da Conceição Abade (Comunidade quilombola Engenho da Ponte/BA); Marleide Nascimento (Movimento Quilombola/CE); Elionice Sacramento (Comunidade quilombola Conceição de Salinas/BA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Coletivo de Mulheres Africanas (CMA); Rede Internacional de Mulheres Africanas (RIMA); Coletivo de Mulheres do Engenho da Ponte (Cachoeira/BA).
RESUMO:	Aborda a covid-19 e as mulheres quilombolas através do coletivo de mulheres africanas discutida juntamente com mulheres negras do Quilombo Engenho da Ponte.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulheres quilombolas; COVID-19; Quilombo Engenho da Ponte.
REFERÊNCIA:	BARROS, Zelinda. Et.al. Mulheres quilombolas e a COVID – 19 . 2020. In: V JORNADA ACADÊMICA DAS MULHERES AFRICANAS. 1 vídeo (1:59:50). Disponível em: < https://www.facebook.com/watch/live/?v=210446690378609&ref=watch_permalink >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



TÍTULO:	Algoritmos e pandemia: fatos biológicos e ficções culturais
DATA/HORA:	30 de julho
PARTICIPANTES:	Jamile Borges da Silva.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Grupos de Pesquisa Ciência de Dados na Educação Pública e Meninas na Ciência de Dados (UFBA).
RESUMO:	Aborda a pandemia pelo grupo de pesquisa ciência de dados na educação pública e meninas na ciência de dados da Universidade Federal da Bahia.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; algoritmos; Educação pública.
REFERÊNCIA:	SILVA, Jamile Borges da. Algoritmos e pandemia: fatos biológicos e ficções culturais . 2020. In: CAFÉ COM DADOS. 1 vídeo (1:12:34). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=62UMBlkL5Wg&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

J U L H O
2020



Museologia e gênero: Convocatória a outras práticas
 Palestrantes: Anna Luisa Santos de Oliveira e Ellen Nicolau
 Mediação: Priscila Miraz
 Data: 30 de Julho
 Horário: 16h
 Local: Youtube História da Arte e Gênero
 Com certificação

Realização:   Apoio:   

TÍTULO:	Museologia e Gênero, convocatória a outras práticas
DATA/HORA:	30 de julho às 17:00hs.
PARTICIPANTES:	Anna Luisa Oliveira; Ellen Nicolau
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
PROMOTORA:	
RESUMO:	Através da presente fala serão abordadas diretrizes da Museologia Social perante a atuação com diferentes possibilidades museológicas que enfatizam abordagens de gênero e sexualidades.
PALAVRAS-CHAVE:	Museologia social; gênero; sexualidades.
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Anna Luisa; NICOLAU, Ellen. Museologia e Gênero, convocatória a outras práticas . 2020. In: UNIVERSIDADE FEDERALDORECÔNCAVODABAHIA. 1 vídeo (1:42:54). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=7u8vB7PdOiQ&ab_channel=Hist%C3%B3riaDaArteeG%C3%AAnero >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

J U L H O 2020

TÍTULO:	Lançamento de "Lutas pela memória em África"
DATA/HORA:	30 de julho às 17 hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone; Evaldo Barros; Colin Darch; Flávia Goulart Rosa
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	EDUFBA
RESUMO:	O professor Dr. Livio Sansone apresenta o livro organizado com o professor Dr. Cláudio Alves Furtado, "Lutas pela memória em África". Colin Darch e Evaldo Barros compõem a obra com seus textos e são convidados para discorrer um pouco sobre eles e a obra em geral.
PALAVRAS-CHAVE:	África; memória
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. Et.al. Lançamento de "Lutas pela memória em África" . 2020. In: EDUFBA. 1 vídeo (57:40). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=uExAFQ_3luI >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Outra Roda é Possível: história e gênero na Capoeira
DATA/HORA:	01 de Agosto às 15hs.
PARTICIPANTES:	Adriana Albert Dias e Juliana Foltran.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.
RESUMO:	Aborda presença das mulheres na capoeira em Salvador desde o início do século passado, buscando entender os sentidos políticos do apagamento desta história.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; algoritimos; Educação pública.
REFERÊNCIA:	DIAS, Adriana Albert ; FOLTRAN, Juliana. História e gênero na Capoeira . 2020. In: OUTRA RODA É POSSÍVEL, III - MARIA FELIPAS. 1 vídeo (2:18:18). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=hdNvqvcfz0E&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Pré-temporada do Podcast “Viagem Gastronômica com Dr. Dendê”
DATA/HORA:	03 de Agosto (lançamento)
PARTICIPANTES:	Rafael Fontes (direção); Davi Barreto (design); Vagner Rocha (pesquisa e apresentação).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Podcast Dr. Dendê.
RESUMO:	Aborda culinária e cultura afro-baiana, trata das histórias, curiosidades e transformações das comidas preparadas com azeite de dendê.
PALAVRAS-CHAVE:	Azeite de dendê; pesquisadores; culinária afro-baiana.
REFERÊNCIA:	FONTES, Rafael; BARRETO, Davi; ROCHA, Vagner. Viagem Gastronômica com Dr. Dendê . 2020. In: PRÉ-TEMPORADA DO PODCAST. Disponível em: < https://open.spotify.com/show/69vc54fL0cWig50llqhzkV >. Acesso em: 22 de nov. 2020. Podcast.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Papo Preto: Afropessimismo e Antinegritude
DATA/HORA:	07 de Agosto às 20hs.
PARTICIPANTES:	Davi Nunes (PUC-RJ); Luciane Rocha (Kennesaw University – Atlanta); Osmundo Pinho (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRB).
RESUMO:	Aborda aspectos do afropessimismo norte-americano, seus principais fundamentos teóricos, categorias e sua relação com a experiência afro-brasileira.
PALAVRAS-CHAVE:	Afropessimismo; antinegritude; afro-brasileiro.
REFERÊNCIA:	NUNES, Davi; ROCHA, Luciane; PINHO, Osmundo. Afropessimismo e antinegritude . 2020. In: SÉRIE PAPO PRETO. 1 vídeo (2:00:15). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=IZ1xNFpPzD8&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Outra Roda é Possível IV: corpo, luta e educação
DATA/HORA:	08 de Agosto às 15hs.
PARTICIPANTES:	Dandara Baldez; Ana Rita Ferraz; María Laura Schaufler.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.
RESUMO:	Aborda a capoeira, na sua dimensão de aprendizagem corporal, questiona a permanência nesse universo de divisão sexista, os mecanismos de opressão e promoção de práticas corporais que transcendam as atribuições de gênero.
PALAVRAS-CHAVE:	Capoeira; sexismo; práticas corporais.
REFERÊNCIA:	BALDEZ, Dandara; FERRAZ, Ana Rita ; SCHAUFLER, María Laura. Corpo, luta e educação . 2020. In: OUTRA RODA É POSSÍVEL, IV – MARIAS FELIPAS. 1 vídeo (2:44:23). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4R1CTnRZcAM >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	IX Seminário Agosto para a Promoção da Igualdade Racial
DATA/HORA:	11 de Agosto às 19hs.
PARTICIPANTES:	Profª Drª Zelinda Barros; Profª Drª Nilma Lino Gomes; Prof. Dr. Sílvio Humberto
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Movimento Negro de Campina Grande.
RESUMO:	Atividade comemorativa do Agosto Negro de Campina Grande/PB.
PALAVRAS-CHAVE:	Movimento negro; igualdade racial; promoção da igualdade.
REFERÊNCIA:	BARROS, Zelinda; GOMES, Nilma Lino; HUMBERTO, Sílvio. Seminário. Agosto para a Promoção da Igualdade Racial, IX. 2020. In: AGOSTO NEGRO DE CAMPINA GRANDE/PB. 1 vídeo (1:40:24). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=PPy2oxAi-zI&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO
2020



TÍTULO:	Webnário “Raça, Racismo e Classe Média Negra no Brasil e nos Estados Unidos”
DATA/HORA:	13 de agosto às 18hs.
PARTICIPANTES:	Antônio Sergio Guimarães; professora doutora Angela Figueiredo; mediação professora doutora Paula Barreto.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa A cor da Bahia, Coletivo Angela Davis, Grupo de Pesquisa Gênero, Arte e Cultura – NEIM
RESUMO:	O ciclo terá um conjunto de Webnários sobre as dinâmicas históricas, políticas e sociais da construção das desigualdades raciais nos dois países, bem como as especificidades e possíveis comparações entre as experiências antirracistas no contexto da diáspora brasileira e estadunidense.
PALAVRAS-CHAVE:	Desigualdades raciais; Brasil; Estados Unidos
REFERÊNCIA:	GUIMARÃES, Antônio Sergio; FIGUEIREDO, Angela; BARRETO, Paula. Webnário “Raça, Racismo e Classe Média Negra no Brasil e nos Estados Unidos”. 2020. In: PROGRAMA A COR DA BAHIA, COLETIVO ANGELA DAVIS, GRUPO DE PESQUISA GÊNERO, ARTE E CULTURA – NEIM. 1 vídeo (2:00:45). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=b4lcR0WopRo&ab_channel=Forma%C3%A7%C3%A3oEstudosobreRacismoeAntirracismo >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Férias no Mauc - Roda de Conversa: Quando a memória LGBTQIAP+ sai da reserva técnica
DATA/HORA:	14 de agosto às 15 hs.
PARTICIPANTES:	Anna Luísa de Oliveira; Levi Banida; Sy Gomes Mediação: Raíssa Freitas (Núcleo Educativo – Mauc)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Museu de Arte da UFC
RESUMO:	Tendo em mente que os debates sobre sexualidade e gênero perpassam os diversos setores da sociedade, e da necessidade de trazer as discussões para os espaços de memória e patrimônio, nos propomos a um diálogo com artistas e pesquisadores LGBTQIAP+ que, por meio de suas vivências interpessoais, produzem obras que vão desde a expressão gestual e de canto às pinturas digitais, que buscam externalizar suas subjetividades.
PALAVRAS-CHAVE:	LGBTQIAP+ ; memória e patrimonio; subjetividades.
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Anna Luísa de. Et.al. Férias no Mauc - Roda de Conversa: Quando a memória LGBTQIAP+ sai da reserva técnica. 2020. In: MUSEU DE ARTE DA UFC. 1 vídeo (2:12:22). Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=O8mMptEOMvc&ab_channel=MuseudeArtedaUFC >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Outra Roda é Possível V: vozes de mulheres e musicalidade
DATA/HORA:	15 de Agosto às 15hs.
PARTICIPANTES:	Flávia Luacapu; Samme Sraya.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.
RESUMO:	Aborda a problematização da forma de musicalidade na capoeira através da (re) criação de músicas e horizontalidade e democratização em que mulheres possam espalhar suas vozes, suas músicas, seus toques e suas formas de jogar a capoeira.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulheres; musicalidade; capoeira.
REFERÊNCIA:	LUACAPU, Flávia; SRAYA, Samme. Vozes de mulheres e musicalidade . 2020. In: OUTRA RODA É POSSÍVEL, V. 1 vídeo (2:22:06). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=FPIBjzx0bpY >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Indígenas e Africanos no Baixo Sul: Revoltas, Escravidão e Liberdades
DATA/HORA:	18 de Agosto às 19hs.
PARTICIPANTES:	Profa. Dra. Cristiane Batista (UESC); Me. Jamille Oliveira (UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa.
RESUMO:	Aborda discussão em torno das presenças indígena e africana no Baixo Sul, abordando aspectos históricos como revoltas, escravidão e estratégias de liberdade.
PALAVRAS-CHAVE:	Indígenas; africanos; Baixo Sul da Bahia.
REFERÊNCIA:	BATISTA, Cristiane; OLIVEIRA, Jamille. Indígenas e Africanos no Baixo Sul: Revoltas, Escravidão e Liberdades . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:01:36). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=b0dXxqDbpoY&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Indígenas e Africanos no Baixo Sul: Revoltas, Escravidão e Liberdades
DATA/HORA:	18 de Agosto às 19hs.
PARTICIPANTES:	Profa. Dra. Cristiane Batista (UESC); Me. Jamille Oliveira (UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa.
RESUMO:	Aborda discussão em torno das presenças indígena e africana no Baixo Sul, abordando aspectos históricos como revoltas, escravidão e estratégias de liberdade.
PALAVRAS-CHAVE:	Indígenas; africanos; Baixo Sul da Bahia.
REFERÊNCIA:	BATISTA, Cristiane; OLIVEIRA, Jamille. Indígenas e Africanos no Baixo Sul: Revoltas, Escravidão e Liberdades . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:01:36). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=b0dXxqDbpoY&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020

TÍTULO:	3º Webinar: População Negra em Contexto de Pandemia-ABA
DATA/HORA:	20 de Agosto
PARTICIPANTES:	Samara Lima (UEPB); Marilu Campelo (UFPA); Angela Figueiredo (UFRB); Antonia Gabriela (MN/UFRJ), Moderadora: Juliana Cinthia.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	TV ABA, Coordenação: Alex Vailati (UFPE), Claudia Turra Magni (UFPEL) Apoio Técnico: Abiniel João do Nascimento (UFPE)
RESUMO:	Reflexão sobre o lugar da mulher negra na produção do conhecimento e experiências etnográficas.
PALAVRAS-CHAVE:	Negra; Produção; Conhecimento.
REFERÊNCIA:	LIMA, Samara. Et.al. 3º Webinar: População Negra em Contexto de Pandemia-ABA . In: TVABA. 2020. 1 vídeo (2:51:04). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Nh8HeNJUocA >. Acesso em: 18 de abril 2021.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Acarajé no Tabuleiro: Da terra do Acarajé à crise na produção do azeite de Dendê na Bahia
DATA/HORA:	21 de Agosto às 17hs.
PARTICIPANTES:	Murilo Simões (Historiador); Rita Santos (Coordenadora Nacional da ABAM); Vagner Rocha (Produtor cultural).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	MC Turismo Educacional
RESUMO:	Bate-papo sobre as questões históricas e culturais envolvidas no ofício das baianas de acarajé, a situação das vendedoras durante a pandemia e a ameaça iminente de acabar o azeite de dendê na Bahia.
PALAVRAS-CHAVE:	Baianas de acarajé; pandemia; azeite de dendê.
REFERÊNCIA:	SIMÕES, Murilo; SANTOS, Rita; ROCHA, Vagner. Acarajé no tabuleiro: da terra do acarajé à crise na produção do azeite de dendê na Bahia . In: MC TURISMO EDUCACIONAL. 1 vídeo (1:50:36). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CEKmNgFlCH6/?hl=pt-br >. Acesso em: 17 de jan. 2021. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Um Império de Ervas, Madeira, Farinha e Indústria ao Sul da Bahia
DATA/HORA:	21 de Agosto às 19hs.
PARTICIPANTES:	Prof. Dr. Rodrigo Osório Pereira (UEFS); Dra. Silvana Andrade dos Santos (UFF)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa.
RESUMO:	Aborda os contatos iniciais entre portugueses e indígenas para a exploração da variedade de ervas, madeiras e plantas do sul da Bahia que fizeram de Portugal uma referência científica e econômica.
PALAVRAS-CHAVE:	Sul da Bahia; história Brasil; produção agrícola.
REFERÊNCIA:	PEREIRA, Rodrigo Osório; SANTOS, Silvana Andrade dos. Um Império de Ervas, Madeira, Farinha e Indústria ao Sul da Bahia . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:16:54). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ElgPt9DTFlg >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020

TÍTULO:	Mulheres e relações de gênero no contexto de pandemia: olhares para a escola-Pernambuco
DATA/HORA:	21 de agosto
PARTICIPANTES:	Vera Braga (SEDE-PE); Marina Vieira de Carvalho (UFAC); Odailta Alves (UFPE); Angela Figueiredo (UFRB); Andréa Bandeira Silva de Farias (UPE); Interpretes de Libras Célio e Sueli.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação - SEDE vinculada a Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco.
RESUMO:	Mulheres e relações de gênero no contexto de pandemia: olhares para a escola.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulher; Gênero; Escola.
REFERÊNCIA:	BRAGA, Vera. Et.al. Mulheres e relações de gênero no contexto de pandemia: olhares para a escola-Pernambuco . 2020. 1 vídeo (2:19:22). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=vSqB8i26wEU >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Dendê e Campesinato Negro no Baixo Sul
DATA/HORA:	25 de Agosto às 19hs
PARTICIPANTES:	Prof. Dr. Case Watkins; Prof. Dr. Egnaldo Rocha
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa.
RESUMO:	Aborda as formas históricas de ocupação e de produção agrícola da população local (Baixo Sul da Bahia) nos dias de hoje e como se desenham as relações raciais nesses contextos.
PALAVRAS-CHAVE:	Baixo Sul da Bahia; história; relações raciais.
REFERÊNCIA:	WATKINS, Case; ROCHA, Egnaldo. Dendê e Campesinato Negro no Baixo Sul . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:14:06). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=2LKvEEhg6do&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.



AGOSTO 2020

TÍTULO:	Por que enegrecer a política?
DATA/HORA:	25 de agosto
PARTICIPANTES:	Angela Figueiredo (Fórum Marielles), Fran Silva (Rede Nacional de Mulheres Antiproibicionistas), Ingrid Farias (Observatório Feminista do Nordeste), Mônica Soares (Coletivo de Mulheres Negras Maria-Maria), Tainah Pereira (Mulheres Negras Decidem) e Thiago Jerohan (Bigu Comunicativismo), com mediação de Ingrid Farias.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal Enegrecer a Política (Youtube)
RESUMO:	Menos de 24% da legislatura federal é composta de pessoas negras atualmente e menos de 8% das candidaturas municipais de 2016 se autodeclaravam negras. Além disso, pouco mais de 4% dos homens negros que se candidataram em 2018 foram eleitos. Esses números refletem o racismo político estrutural e está mais que na hora de pra mudar esse cenário!
PALAVRAS-CHAVE:	Política; Enegrecer
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela. Et.al. Por que enegrecer a política? In: CANAL ENEGRECER A POLÍTICA. 2020. 1 vídeo (2:16:32). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=FvmM_a_MQ98 >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

AGOSTO 2020

TÍTULO:	Patrimônio imaterial, Políticas de Estado e perspectivas para o futuro
DATA/HORA:	27 de agosto
PARTICIPANTES:	Carlos Portilla; Marco A. Chaves Aguayo; João Carlos; Mariana Sanchez; Desiree Tozi; Silvia Martinez; David Aruquipa
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Red Prospective de La Diversidad Cultural y El Patrimonio Cultural Inmaterial
RESUMO:	Como tartar o patimônio immaterial perante as políticas estatais.
PALAVRAS-CHAVE:	Patrimônio immaterial; políticas de Estado; diversidade cultural.
REFERÊNCIA:	PORTILLA, Carlos. Et.al. Patrimônio imaterial, Políticas de Estado e perspectivas para o future . 2020. In: REDPROSPECTIVE DE LA DIVERSIDAD CULTURAL Y EL PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL. 1 vídeo (1:34:20). Disponível em: < https://www.facebook.com/Iberoamerica.PCI/videos/168978208037472 >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	Caminhos dos Ciganos e Japoneses no Baixo Sul
DATA/HORA:	28 de Agosto às 19hs.
PARTICIPANTES:	Prof. Dr. Jucelho Dantas da Cruz (UEFS); Prof ^{fa} . Daniela Lumi N. Watanabe (SEC/BA)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa
RESUMO:	Aborda a presença de ciganos e japoneses na Bahia, especialmente no Baixo Sul, assim como a política de embranquecimento do Brasil, que vigorou entre o final do século XIX e início do século XX.
PALAVRAS-CHAVE:	Baixo Sul da Bahia; política de embranquecimento; história do Brasil.
REFERÊNCIA:	CRUZ, Jucelho Dantas da; WATANABE, Daniela Lumi N. Caminhos dos Ciganos e Japoneses no Baixo Sul . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:18;35). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=qhsEkFJW6Pk&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020



TÍTULO:	VI Seminário Regional Educação, Gênero e Sexualidades: basta ao assédio
DATA/HORA:	29 de Agosto
PARTICIPANTES:	Mareli Graupe; Iris Gonçalves; Felipe Bruno Martins Fernandes
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Gecal - Grupo de Pesquisa em Gênero, Educação e Cidadania na América Latina (UNIPLAC)
RESUMO:	Encontro de grupo de pesquisa em que se debateu os temas do assédio, gênero, sexualidades e educação.
PALAVRAS-CHAVE:	Assédio; sexualidades; educação.
REFERÊNCIA:	GRAUPE, Mareli. ; GONÇALVES, Iris ; FERNANDES, Felipe B. M. Sejam feministas: basta ao assédio . 2020. In: SEMINÁRIO REGIONAL EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE, VI. 1 vídeo (1:31:06). Disponível em: < https://www.facebook.com/watch/?v=744198416403890 >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

AGOSTO 2020

TÍTULO:	Conferência de abertura sobre Memória, Patrimônio e Monumento
DATA/HORA:	31 de agosto às 16 hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	I Seminário Online de Prática do Ensino de História
RESUMO:	O professor Dr. Livio Sansone faz um percurso sobre a noção de patrimônio, fazendo uma genealogia dessa noção, trabalhando-a em relação aos conceitos de memória e monumento, desvelando as relações de poder que constitui os constitui.
PALAVRAS-CHAVE:	Memória; patrimônio; monument
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. Conferência de abertura sobre Memória, Patrimônio e Monumento . 2020. In: I SEMINÁRIO ONLINE DE PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA. 1 vídeo (1:34:32). Disponível em: < https://youtu.be/ykDoefaQmxI >. Acesso em: 16/01/2021. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Museus e Lugares de Memória
DATA/HORA:	01 de setembro
PARTICIPANTES:	Jamile Borges da Silva.
INSTITUIÇÃO	DCHF-UEFS.
PROMOTORA:	
RESUMO:	Aborda os registros memoriais e documentais nos museus digitais e o estímulo às discussões nos campos da antropologia, museologia e história.
PALAVRAS-CHAVE:	Museus; lugares de memória; antropologia.
REFERÊNCIA:	SILVA, Jamile Borges da. Museus e Lugares de Memória . 2020. In: DCHF-UEFS. 1 vídeo (2:23:18). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=73MT0g-tY3o&feature=youtu.be >. Acesso em 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Paisagens da Educação Escolar Quilombola
DATA/HORA:	01 de setembro às 19hs.
PARTICIPANTES:	Prof. Me. Girilândio Bomfim (UFRB); Prof. Esp. Leila Santos Silva (Camamu/BA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa
RESUMO:	Aborda a educação escolar quilombola e a possibilidade de elaborar e implementar diretrizes de trabalho pedagógico antirracista e os maiores desafios diante da proposição de uma educação centrada na diferença e na valorização local.
PALAVRAS-CHAVE:	Baixo Sul da Bahia; Quilombos; Diretrizes pedagógicas;
REFERÊNCIA:	BOMFIM, Girilândio ; SILVA, Leila Santos. Paisagens da educação escolar quilombola . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:22:45). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=5Jpd9DtgL6Y&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO: Ciclo de Debates “História da África: desafios e perspectivas para a pesquisa e o ensino” – Mesa redonda “Produção de estudos históricos africanos entre academia e sociedade”

DATA/HORA: 02 de setembro às 16hs

PARTICIPANTES: Maria Cristina Wissembach (USP); Washington Nascimento (UERJ) ; Lucilene Reginaldo (UNICAMP) (palestrantes); Fábio Baqueiro Figueiredo (mediador)

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: ANPUH - Associação Nacional de História / GT História da África

RESUMO: Aborda história da África no Brasil e particularmente os movimentos negros, considerando as demandas por uma reavaliação do papel da África e dos africanos na construção da história do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade; sociedade; história da África

REFERÊNCIA: WISSEMBACH, Maria. et.al. **Produção de estudos históricos africanos entre academia e sociedade**. 2020. In: CICLO DE DEBATES “HISTÓRIA DA ÁFRICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA E O ENSINO”. 2020. 1 vídeo (1:58:40). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z-Ot5jeTIKU>>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020

TÍTULO:	13º edição da ANEPCP- Gestão Pública em tempos de crise Gênero, Raça e Classe na ação pública: interseccionalidades?
DATA/HORA:	03 de setembro
PARTICIPANTES:	Angela Figueiredo (UFRB); Tatiana Dias Silva (PPGA/UnB); Mariana Mazzini (UFRN). Mediação: Maria Aparecida Abreu (UFRJ).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ANEPCP – Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas
RESUMO:	Debate acerca do tema de “Gênero, Raça e Classe na ação pública: interseccionalidades?”.
PALAVRAS-CHAVE:	Gênero; Raça; Classe
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela. Et.al. Gestão Pública em tempos de crise Gênero, Raça e Classe na ação pública: interseccionalidades? . 2020. In: 13º EDIÇÃO DA ANEPCP – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DO CAMPO DE PÚBLICAS. 1 vídeo (1:59:52). Disponível em: < https:// www.youtube.com/watch?v=pn7UECU_mj0&t=15s >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	1ª Temporada do Podcast “Viagem Gastronômica com Dr. Dendê”
DATA/HORA:	04 de setembro (lançamento)
PARTICIPANTES:	Rafael Fontes (direção); Davi Barreto (design); Danielle Freire (edição); Jean Cardoso (produção e assessoria de comunicação); Romeran Ribeiro (redes sociais); Vagner Rocha (pesquisa e apresentação).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Podcast Dr. Dendê.
RESUMO:	A temporada “São Cosme mandou fazer...” foi dedicada aos carurus de Cosme e Damião e, ao longo do mês de setembro, foram disponibilizados 07 episódios tratando das comidas que compõem os pratos dos carurus de promessa.
PALAVRAS-CHAVE:	Gastronomia; caruru; São Cosme e Damião.
REFERÊNCIA:	FONTES, Rafael. Et.al. Viagem Gastronômica com Dr. Dendê . 2020. In: TEMPORADA DO PODCAST DR. DENDÊ, 1º. Disponível em: < https://www.facebook.com/search/top?q=%40drdende >. Acesso em: 22/11/2020. Podcast.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Memória e Patrimônio Cultural do Baixo Sul: à quem interessa?
DATA/HORA:	04 de setembro às 19hs
PARTICIPANTES:	Profa. Janete Vomeri (Câmara Municipal de Valença); Adriana Cerqueira (IPAC -BA); Ms. Jefferson Brandão (UFRB/Caxuté); Avani Nascimento (Aldeia de São Fidélis – Distrito Guerém/Valença).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa.
RESUMO:	Aborda o Baixo Sul, reconhecido como uma região rica em monumentos históricos ou em bens culturais, mas a memória e a cultura disputam a atenção das autoridades locais, sem muito sucesso.
PALAVRAS-CHAVE:	Baixo Sul da Bahia; patrimônio cultural; políticas públicas.
REFERÊNCIA:	VOMERI, Janete. Et. Al. Memória e Patrimônio Cultural do Baixo Sul: à quem interessa? . 2020. In: WEBINAR REAFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:09:10). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=LL4Q6bC5CYA&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Sociabilidades e Artes do Baixo Sul: Criação, Afirmação e Resistência
DATA/HORA:	08 de setembro às 19hs
PARTICIPANTES:	Prof. José Ouraci Souza Roxo (Colégio Estadual Adelaide Souza / Zambiapunga de Nilo Peçanha); Ylana Leocádio “Sereia” (Associação Valenciana de Hip Hop); Édipo Pimentel (Chegança de Taperoá).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Atividade do Webinar “Reafro Conecta – Baixo Sul: Território, Educação e Identidades”, realizado pelo IF Baiano Campus Valença, sob a coordenação da Profa. Dra. Nelma Barbosa.
RESUMO:	Aborda os processos criativos artísticos e culturais do Baixo Sul que são repletos de referências à coletividade, ao trabalho, às situações históricas e à ancestralidade.
PALAVRAS-CHAVE:	Baixo Sul da Bahia; arte; resistência.
REFERÊNCIA:	ROXO, José Ouraci Souza; LEOCÁDIO, Ylana; PIMENTEL, Édipo. Sociabilidades e Artes do Baixo Sul: Criação, Afirmação e Resistência . 2020. In: WEBINAR REALFRO CONECTA – BAIXO SUL: TERRITÓRIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADES. 1 vídeo (2:40:05). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=J1tl5CVX_PA&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO: A Guiné-Bissau perante a atualidade do pensamento de Amílcar Cabral

DATA/HORA: 10 de setembro às 14hs (Brasil)

PARTICIPANTES: Fatumata Jau (CESAC/Guiné-Bissau), mediadora; Carlos Cardoso (CESAC/Guiné-Bissau), mediador; Abel Djassi Amado (Simmons University, USA); Patrícia Godinho Gomes (PÓS-AFRO/Universidade Federal da Bahia/Brasil); Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha/Itália); Patrícia Villen (Universidade Estadual de Campinas/Brasil).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Debates do Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (CESAC), por ocasião dos 47 anos da independência da Guiné Bissau.

RESUMO: Aborda os quase 50 anos de independência da Guiné-Bissau e refleti sobre o que correu mal, identificando os pontos fracos e fortes, construindo novas utopias e vislumbrar as condições de concretização de novos sonhos.

PALAVRAS-CHAVE: Guiné-Bissau; independência; Amílcar Cabral.

REFERÊNCIA: JAU, Fatumata Et. al. **A Guiné-Bissau perante a atualidade do pensamento de Amílcar Cabral**. 2020. In: DEBATES DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS AMÍLCAR CABRAL (CESAC - 47 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ BISSAU. 1 vídeo (1:44:44). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=334022348042914&ref=watch_permalink>. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Webinário Jornada das Juventudes: Ciberbullying e exposição na internet
DATA/HORA:	10 de setembro às 15hs
PARTICIPANTES:	Susana Engelhard Nogueira (IFRJ); Felipe Bruno Martins Fernandes(UFBA); Werika Amaral (Estudante Secundarista); Letícia Medeiros (IFRJ); Douglas Rosa Ian Emídio (IFRJ); Bernardo Lopes (UNFPA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Fundo de População da ONU em parceria com o PET Multiplicando Saúde do Instituto Federal do Rio de Janeiro.
RESUMO:	Aborda o ciberbullying e o sexting em tempos de pandemia de COVID-19.
PALAVRAS-CHAVE:	Ciberbullying ; sexting; pandemia.
REFERÊNCIA:	NOGUEIRA, Susana Engelhard Et. Al. Ciberbullying e exposição na internet . 2020. In: WEBINÁRIO JORNADA DAS JUVENTUDES. 1 vídeo(1:24:38). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=m9hFx3xnJeE&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO: Aula Inaugural PPGA/UFBA - A Antropologia em Tempos de Pandemia (2020)

DATA/HORA: 11 de setembro às 18hs.

PARTICIPANTES: Miriam Pillar Grossi; Rodrigo Toniol; Felipe Bruno Martins Fernandes; Fátima Tavares; Carlos Caroso

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA

RESUMO: Aborda aula inaugural com reflexões sobre o vivido no campo das humanidades no Brasil durante a pandemia

PALAVRAS-CHAVE: Humanidades; Brasil; pandemia.

REFERÊNCIA: GROSSI, Miriam Pillar. Et.al. A Antropologia em tempos de pandemia. 2020. In: AULA INAUGURAL PPGA/UFBA. 1 vídeo (1:33:08). Disponível em: <<https://youtu.be/9-6uPEopMnc>>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Caruru de São Cosme e São Damião: uma tradição ameaçada?
DATA/HORA:	14 de setembro às 15hs.
PARTICIPANTES:	Lázaro Ribas (Babakekerê e Assogbá do Ilê Axé Alaketu); Alva Celia Medeiros (Mametu Kamukeenge do Terreiro Angurucena Dya Nzambi); Maria Lúcia (Musicista aposentada); Waldir Martins (Teólogo e advogado); Vagner Rocha.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	MC Turismo Educacional.
RESUMO:	Aborda a tradição dos carurus de promessa/preceito em setembro e as ameaças à sua continuidade devido a fatores como: crescimento das religiões neopentecostais, crise na produção do azeite de dendê e pandemia do novo coronavírus.
PALAVRAS-CHAVE:	Caruru; azeite de dendê; pandemia.
REFERÊNCIA:	RIBAS, Lázaro. Et.al. Caruru de São Cosme e São Damião: uma tradição ameaçada? 2020. In: MC TURISMO EDUCACIONAL. Disponível em: < https://meet.google.com/sff-nvqv-mpf?authuser=0&hl=pt-BR >. Acesso em: 21 de jan. 2021. Podcast.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	ConVIDA – Práticas Desobedientes com Osmundo Pinho (BA)
DATA/HORA:	15 de setembro
PARTICIPANTES:	Osmundo Pinho (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Práticas Desobedientes – formação para jovens artistas (UFRB); Sesc Cultura ConVIDA!
RESUMO:	Aborda a abolição dos sistemas de débitos e créditos históricos uma vez que é impossível reparar o irreparável, em uma discussão a partir da obra de Fred Moten.
PALAVRAS-CHAVE:	Sistemas históricos; reparação; Fred Moten.
REFERÊNCIA:	PINHO, Osmundo. Práticas Desobedientes com Osmundo Pinho (BA) . 2020. In: PRÁTICAS DESOBEDIENTES – FORMAÇÃO PARA JOVENS - CONVIDA. 1 vídeo (1:24:53). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=TILNedD5B7Y >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Webnário “Política e candidaturas negras: Brasil e EUA”
DATA/HORA:	17 de setembro às 18hs.
PARTICIPANTES:	Cloves Oliveira (UFBA); Vilma Reis (Fórum Marielles); Gladys Mitchell (Rede de Estudos sobre o Brasil); mediação de Ingrid Farias (Observatório Feminista do Nordeste).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa A cor da Bahia, Coletivo Angela Davis, Grupo de Pesquisa Gênero, Arte e Cultura – NEIM
RESUMO:	O ciclo terá um conjunto de Webnários sobre as dinâmicas históricas, políticas e sociais da construção das desigualdades raciais nos dois países, bem como as especificidades e possíveis comparações entre as experiências antirracistas no contexto da diáspora brasileira e estadunidense.
PALAVRAS-CHAVE:	Candidaturas negras; Brasil; EUA.
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Cloves. Et.al. Webnário “Política e candidaturas negras: Brasil e EUA” . 2020. In: PROGRAMA A COR DA BAHIA, COLETIVO ANGELA DAVIS, GRUPO DE PESQUISA GÊNERO, ARTE E CULTURA – NEIM. 1 vídeo (2:14:15). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=XRd6NCyqEbE&ab_channel=Forma%C3%A7%C3%A3oEstudossobreRacismoAntirracismo >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

SETEMBRO 2020

TÍTULO:	Experiencias de Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial
DATA/HORA:	17 de setembro
PARTICIPANTES:	Desiree Ramos; David Aruquipa; Carlos Portilla; Ruth Roos
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Instituto Metropolitano de Patrimonio de Quito/Ecuador
RESUMO:	Evento em comemoração aos 400 anos da cidade de Quito, Ecuador.
PALAVRAS-CHAVE:	Patrimonio cultura; patrimonio immaterial; salvaguarda.
REFERÊNCIA:	RAMOS, Desiree; ARUQUIPA, David; PORTILLA, Carlos; ROOS, Ruth. Experiencias de Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial . 2020. In: INSTITUTO METROPOLITANO DE PATRIMONIO DE QUITO/EQUADOR. Disponível em: < http://www.patrimonio.quito.gob.ec/?p=6217&fbclid=IwAR22vqJEiR8dJ_X_zUYTOQ234uKRcLanF0XarzkimZSywYAPbeM_75y4Hw8 >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	História da África desde historiadoras Negras
DATA/HORA:	18 de setembro às 16hs
PARTICIPANTES:	Patrícia Santos (UNIFESP), mediadora; Fernanda Thomaz (UFJF); Viviane Barbosa (UEMA/UFMA); Patrícia Godinho Gomes (PÓS-AFRO/UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ANPUH- Associação Nacional de História
RESUMO:	Aborda novas abordagens e as problemáticas em torno do ensino da história da África e os currículos a partir de experiências de historiadoras negras, brasileiras e africanas, ensinando em universidades brasileiras;
PALAVRAS-CHAVE:	História da África; historiadoras negras; Universidades.
REFERÊNCIA:	SANTOS, Patrícia et. a. História da África desde historiadoras negras . 2020. In: ANPUH- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. 1 vídeo (1:47:40). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=mz97B2lmyig&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020

TÍTULO:	El Nuevo panorama de la etnicidad y sus transformaciones en América Latina
DATA/HORA:	21 de setembro às 17 h 30 min.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Centro de Investigación y Studios Políticos e Cátedra de Estudios de África y el Caribe – UCR
RESUMO:	Aqui me atrevo a hacer algunas generalizaciones con relación a toda América Latina. Si estas características definen un padrón local de relaciones inter-étnicas, las mismas están, por su puesto, sujeta a las fuerzas de la híper-modernidad y a los flujos de la globalización.
PALAVRAS-CHAVE:	Etnicidade; América Latina; globalização
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. El Nuevo panorama de la etnicidad y sus transformaciones en América Latina . In: CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y STUDIOS POLÍTICOS E CÁTEDRA DE ESTUDIOS DE ÁFRICA Y EL CARIBE – UCR. 1 vídeo (1:34:32). Disponível em: < https://youtu.be/ykDoefaQmxI >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Série NEGRAS: atenção à saúde da população negra
DATA/HORA:	23 de setembro
PARTICIPANTES:	Giovanna De Carli Lopes; Liliane de Jesus Bittencourt; Marcos Venicius Gomes; Aniele Berenguer; Ícaro Ferreira.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA, UFRB e PPSUS.
RESUMO:	Aborda uma contribuição ao fortalecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN).
PALAVRAS-CHAVE:	Política; saúde; população negra
REFERÊNCIA:	LOPES, Giovanna De Carli. Et.al. Atenção à saúde da população negra . 2020. In: Série NEGRAS. 1 vídeo (09:05) Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=-QcO3vnd3u4 >. Acesso em: 22/11/2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Rosas Negras narram: o que representa o grupo CANDACES na minha trajetória Intelectual e de (Re) Existência?
DATA/HORA:	24 de setembro às 17 hs.
PARTICIPANTES:	Pedro Paulo Fonseca; Larissa Reis; Rosângela Athayde; Diego Aric; Maria de Fátima Conceição; Daiana Nascimento; Dai Costa
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade do Estado da Bahia
RESUMO:	Ciclo de <i>lives</i> em comemoração aos 7 anos de (Re)existência do CANDACES: Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Gênero, Raça, Cultura & Sociedade, vinculado ao Departamento de Educação – Campus I (Salvador) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
PALAVRAS-CHAVE:	(Re)existência; trajetória; pesquisa
REFERÊNCIA:	SANTOS, Pedro Paulo Fonseca dos. Et.al. Rosas Negras Narram: O que representa o Grupo CANDACES na minha trajetória Intelectual e de (RE) Existência? 2020. In: CANDACES UNEB. 1 vídeo (1:56:00) Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=TV6ZuVgDiVo&t=3s >. Acesso em: 22 de jan. 2021. <i>Live</i> .

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	LITERÁFRIKA – Violência e Contraviolência: lições de Fanon e da Literatura Angolana
DATA/HORA:	25 de setembro
PARTICIPANTES:	Jesiel Oliveira; Silvio Ruiz Paradiso.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
RESUMO:	Debate sobre a obra de Fanon acerca da violência e como se relaciona com a literatura angolana.
PALAVRAS-CHAVE:	Literatura Angolana; Franz Fanon; violência.
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Jesiel; PARADISO, Silvio Ruiz. Violência e Contraviolência: lições de Fanon e da Literatura Angolana. 2020. In: LITERÁFRIKA. Disponível em: < https://youtu.be/9nccWbBneH4 >. Acesso em: 22/11/2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO: Para uma genealogia do racismo lusófono: leituras de “A gloriosa família” de Pepetela

DATA/HORA: 25 de setembro às 21hs.

PARTICIPANTES: Jesiel Oliveira (UFBA).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Revista África e Africanidades.

RESUMO: Conversa sobre Literatura Angolana, a partir da obra “A gloriosa família” do escritor Pepetela com o Dr. Jesiel Oliveira, docente do Pós-Afro/UFBA.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Angola; racismo lusófono.

REFERÊNCIA: OLIVEIRA, Jesiel. Para uma genealogia do racismo lusófono: leituras de “A gloriosa família” de Pepetela. 2020. In: REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. Disponível em: <<https://youtu.be/CnNEzzgnwEM>>. Acesso em: 22/11/2020.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	MOJUBÁ: Caruru de Cosme e Damião
DATA/HORA:	26 de setembro às 20hs.
PARTICIPANTES:	Cristiele França (apresentadora); Vagner Rocha.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Rádio Metrópole 101.3 FM.
RESUMO:	Aborda carurus dos santos gêmeos, sua relação com o orixá Ibeji e demais curiosidades em torno desta tradição afro-baiana
PALAVRAS-CHAVE:	Caruru; Ibeji; Tradição afro-baiana
REFERÊNCIA:	FRANÇA, Cristiele; ROCHA, Vagner. Caruru de Cosme e Damião . 2020. In: MOJUBÁ. Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CFmSpAflI2w/?utm_source=ig_web_copy_link >. Acesso em: 22/11/2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO:	Museus, virtualidades, educação e memória
DATA/HORA:	28 de setembro
PARTICIPANTES:	Jamile Borges da Silva
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	DCHF-UEFS
RESUMO:	Aborda lugares de memórias: arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação no curso de extensão: Humanidades digitais: a pesquisa em História a partir de fontes eletrônicas (DCHF-UEFS).
PALAVRAS-CHAVE:	Museus; virtualidades; educação.
REFERÊNCIA:	SILVA, Jamile Borges da. Museus, virtualidades, educação e memória . 2020. In: DCHF-UEFS. 1 vídeo (1:11:55). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=bkLBIAZso_o&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 nov. 2020. Live.

SETEMBRO 2020



TÍTULO: IV Seminario de Capoeira de Rua – Capoeira Onda – Capoeira y Feminismo

DATA/HORA: 30 de setembro às 16hs.

PARTICIPANTES: Joana de Pointis; Christine Zonzon (Maria Felipas – Brasil).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.

RESUMO: Aborda as perspectivas que são fundamentais para a “capoeira onda” quais sejam a capoeira social e feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira; feminismo; capoeira social.

REFERÊNCIA: POINTIS, Joana de ; ZONZON, Christine. **Capoeira y Feminismo**. 2020. In: IV SEMINARIO DE CAPOEIRA DE RUA – CAPOEIRA ONDA - MARIA FELIPAS. 1 vídeo (1:31:30). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uu8G3pq-PIE&feature=youtu.be>>. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020

TÍTULO:	I Congresso Brasileiro Mulheres que pensam Mulheres: Pensando na Pandemia Realizado por: Hermenêutica da Pandemia
DATA/HORA:	05 de outubro
PARTICIPANTES:	Profa. Luana Goulart (UFMT/UniFreiburg); Profa. Angela Figueiredo (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal Hermenêutica da Pandemia (Youtube)
RESUMO:	Debate sobre "Epistemologia negra feminista" no I Congresso Brasileiro Mulheres que pensam Mulheres: Pensando na Pandemia.
PALAVRAS-CHAVE:	Epistemologia; Negra; Feminista
REFERÊNCIA:	GOULART, Luana; FIGUEIREDO, Angela. Pensando na Pandemia 2020 . In: I CONGRESSO BRASILEIRO MULHERES QUE PENSAM MULHERES – CANAL HERMENÊUTICA DA PANDEMIA. 1 vídeo (1:13:55). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Reond7t1iEo >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO: Raça e Classe: Fronteiras, Margens e Objetivação da Ordem Social

DATA/HORA: 06 de outubro às 17hs

PARTICIPANTES: Osmundo Santos de A. Pinho (UFRB); Handerson Joseph (UNIFAP).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Fronteira (UNIFAP)

RESUMO: Aborda encontro virtual do projeto “Conhecimento e Fronteira Live”, uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras da UNIFAP (PPGEF-UNIFAP).

PALAVRAS-CHAVE: Raça; classe; ordem social.

REFERÊNCIA: PINHO, Osmundo Santos de A.; JOSEPH, Handerson. **Raça e Classe: Fronteiras, Margens e Objetivação da Ordem Social**. 2020. In: CONHECIMENTO E FRONTEIRA. 1 vídeo (1:10:04). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZY3Vy7R9r8Q>>. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Seminário Virtual Gênero, Sexualidades e Diversidades
DATA/HORA:	07 de outubro às 17:00hs
PARTICIPANTES:	Anna Luísa Santos (Coletivo Ângela Davis) ; Júlio Cerqueira (Grupo de Estudos Coisa de Negão); Denize Ribeiro (Professora da UFRB, Coordenadora do Negras - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS), Integrante do Coletivo Ângela Davis, da Mahin - Organização de Mulheres Negras, do Fórum Marielles e da Rede de Mulheres de Terreiro da Bahia); Sarah Sanches (Laboratório de Estudos e pesquisas em Lesbianidade, gênero, raça e sexualidade - LES)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
RESUMO:	O objetivo é promover o debate sobre gênero, sexualidade e demais diversidades, de forma a refletir sobre as violências interseccionais determinadas pelo racismo, o machismo, a LGBTfobia presentes no espaço universitário, analisar a inserção desses temas no processo formativo, além das políticas universitárias voltadas para as diversidades e ao enfrentamento das discriminações e preconceitos no âmbito institucional.
PALAVRAS-CHAVE:	LGTfobia; espaço universitário; processo formativo.
REFERÊNCIA:	SANTOS, Ana Luisa. Et.al. Seminário Virtual Gênero, Sexualidades e Diversidades . 2020. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. 1 vídeo (2:16:04). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Vir42p5Yb-w&t=3525s&ab_channel=TVUFRB >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Mesa Redonda “Universidade, Ciência e Diversidade”
DATA/HORA:	07 de outubro às 15hs
PARTICIPANTES:	Profª Draª Zelinda Barros (UNILAB); Profª Dra Luma Nogueira (UNILAB); Profª Draª Márcia Nunes (USP); Ms. Lucas Henrinque de Souza (UNIFAL).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).
RESUMO:	Evento integrante do 6 ° Simpósio Integrado UNIFAL-MG, realizado de 1 a 23/10/2020.
PALAVRAS-CHAVE:	Universidade; ciência; diversidade.
REFERÊNCIA:	BARROS, Zelinda et.al. Universidade, Ciência e Diversidade . 2020. In: SIMPÓSIO INTEGRADO UNIFAL-MG, 6 °. Disponível em: < https://www.unifal-mg.edu.br/simposiointegrado/ >. Acesso em: 15 de nov. 2020.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Os movimentos pós-colonial e decolonial: pensamentos e perspectivas
DATA/HORA:	07 de outubro às 14hs.
PARTICIPANTES:	Adélia Miglievich Elias Alfama Moniz; Paulo Gajanigo
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.
RESUMO:	Foram feitas algumas induções de pesquisa nas Ciências Sociais que têm a ganhar com o olhar pós-colonial e com o “giro decolonial”, procurando refletir sobre questões como o que estes autores que laboram nesses domínios mudam nas nossas pesquisas?.
PALAVRAS-CHAVE:	Movimento pós-colonial; movimento decolonial; pesquisa em ciências sociais
REFERÊNCIA:	MONIZ, Adélia Miglievich Elias Alfama; GAJANIGO, Paulo. Os movimentos pós-colonial e decolonial: pensamentos e perspectivas . 2020. In: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO. 1 vídeo (2:24:28). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=y2O3HQ4Ou7k >. Acesso em: 22 de nov. 2020. Live.



OUTUBRO 2020

TÍTULO:	Uma trajetória a serviço dos Estudos Africanos e Afro-Brasileiros
DATA/HORA:	7 de outubro, às 19 hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone; Valdemir Zamparoni; Ivaldo Lima; Felipe Honorato
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal África do Século XX
RESUMO:	Durante boa parte do século XX aprendemos que os indivíduos não possuíam tanta importância, e que suas performances não representavam muito. Aprendemos também que as pessoas representavam pouco diante das estruturas, dos contextos... Contudo, com a Micro-história, e o retorno das biografias ao contexto dos historiadores e historiadoras, podemos perceber a importância das pessoas, dos indivíduos. E no que tange aos Estudos Africanos e a História dos afro-brasileiros, não há como negar a fundamental importância de algumas personalidades, notadamente daqueles que durante muito tempo pelejaram pela consolidação deste campo de estudos.
PALAVRAS-CHAVE:	Estudos africanos; estudos afro-brasileiros; trajetória acadêmica.
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. Et.al. Uma trajetória a serviço dos Estudos Africanos e Afro-Brasileiros . 2020. In: CANAL ÁFRICA DO SÉCULO XX. 1 vídeo (2:52:36). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=87EBgfxQ8jw >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

OUTUBRO 2020

TÍTULO:	Gira de Conversa – Webinário “Do texto a coxia: as transformações do teatro negro na contemporaneidade”
DATA/HORA:	07 de outubro 14h30 às 17hs.
PARTICIPANTES:	Elias Alfama Vaz Moniz; Cristiane Santos Souza; Amanda Oliveira; Issa Mulumba; Leomar Borges Aline Cruz; Emerson d´Almeida; William Freitas; Emilly Chaves; Alexandra de Carvalho; Giovanna de Carli; Uilliam de Castro (ITAN) ; Maria Andrea Soares (UNILAB – Atriz/Antropologa)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ITAN - Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA
RESUMO:	Reflexões sobre performances negras a partir documentário “do texto a coxia: as transformações do teatro negro na contemporaneidade”.
PALAVRAS-CHAVE:	Teatro negro; performances negras; contemporaneidade.
REFERÊNCIA:	MONIZ, Elias A. V. Et. Al. “Do texto a coxia: as transformações do teatro negro na contemporaneidade”. 2020. In: GIRA DE CONVERSA – Webnário fechado.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Afrografias e Escrevivências! Azuela: poéticas negras em roda
DATA/HORA:	13 de outubro às 19hs.
PARTICIPANTES:	Cidinha da Silva – Escritora; Profa. Dra. Fabiana Carneiro – UFPB; Profa. Dra. Fabiana Lima – UFSB.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Grupo de Pesquisa Aldeia (UFSB).
RESUMO:	Aborda afrografias, escrevivências e outras histórias ao redor da fogueira.
PALAVRAS-CHAVE:	Poéticas negras; afrografias; escrevivências.
REFERÊNCIA:	SILVA, Cidinha da; CARNEIRO, Fabiana; LIMA, Fabiana. Afrografias e Escrevivências! Azuela: poéticas negras em roda . 2020. In: GRUPO DE PESQUISA ALDEIA (UFSB). 1 vídeo (1:44:57). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=R8tWOW5raWo&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO: Diálogo com @ pesquisador(a) com Maria Rosário Gonçalves de Carvalho

DATA/HORA: 13 de outubro às 16hs

PARTICIPANTES: Maria Rosário Gonçalves de Carvalho

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap).

RESUMO: Aborda dúvidas, anseios e desmistificação do ato de pesquisar, humanizar e tornar simétricas as relações científicas.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa; relações científicas; humanização.

REFERÊNCIA: CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. **Diálogo com @ pesquisador(a) com Maria Rosário Gonçalves de Carvalho**. 2020. In: ATIVIDADE DE EXTENSÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMONIO CULTURAL. 1 vídeo (2:15:18). Disponível em: <<https://youtu.be/B6H7CdiQbnU>>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO: Webinar “Geopolíticas do Conhecimento, Ciência e a Internacionalização da Antropologia”

DATA/HORA: 14 de outubro

PARTICIPANTES: Carmen Rial (UFSC); Renato Athias (UFPE); Cornélia Eckert (UFRGS); Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA); Gustavo Lins Ribeiro (UnB); Miriam Pillar Grossi (UFSC)

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Associação Brasileira de Antropologia

RESUMO: Aborda atividade da Comissão de Internacionalização da Associação Brasileira de Antropologia, da qual o docente do Pós-Afro é integrante.

PALAVRAS-CHAVE: Geopolítica; ciência; antropologia

REFERÊNCIA: RIAL, Carmen. Et.al. **Geopolíticas do conhecimento, ciência e a internacionalização da antropologia**. 2020. In: COMISSÃO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 1 vídeo (1:18:16). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q2WeeXWDNvg>>. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Mesa-Redonda “Estudos de gênero e sexualidades na universidade: trajetórias e possibilidades de resistência”
DATA/HORA:	15 de outubro 2020, às 10h30min
PARTICIPANTES:	Alexandre Martins Joca; Felipe Bruno Martins Fernandes; Begoña Sánchez Torrejón; Igor Leonardo de Santana Torres.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED (Edição Salamanca).
RESUMO:	Aborda caminhos percorridos para abordagem de diversas temáticas em contextos acadêmicos, avanços, obstáculos e o obscurantismo conservador.
PALAVRAS-CHAVE:	Temáticas acadêmicas; obscurantismo conservador; metodologias de pesquisa.
REFERÊNCIA:	JOCA, Alexandre Martins et. al. Estudos de gênero e sexualidades na universidade: trajetórias e possibilidades de resistência . 2020. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA (Edição Salamanca). 1 vídeo (1:46:10). Disponível em: < https://youtu.be/LP_BnqevTx0 >. Acesso em: 05 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020

TÍTULO:	Going Digital: The Present and Future of African Archives and Museums
DATA/HORA:	20 de outubro, das 12 h às 13 h 30 min.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone; Vincent Hiribarren; Flavia Gasbarri; Colin Darch
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Kings College London
RESUMO:	The promotion of research on Africa and the inclusion of the scholarship from the continent into academic debates and teaching programmes is receiving an increasing attention among the academic community. At the same time access to primary sources and archival materials often remains a challenge for scholars and researchers on Africa. To what extent can new technologies provide a solution to this problem? Will the growing digitalisation of African archives and museums open new possibilities for research in and on Africa? And what are the potential side effects of this process? How do we address the problems of intellectual property and copyright?
PALAVRAS-CHAVE:	África; arquivos; museus
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio. Et.al. Going Digital: The Present and Future of African Archives and Museums . 2020. In: KINGS COLLEGE LONDON. 1 vídeo (1:22:35). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=SLnTRM1E1Hs >. Acesso em: 16 de nov. 2021. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO: Branquitude e a Auto-segregação das Classes Médias em Salvador

DATA/HORA: 21 de outubro às 19hs.

PARTICIPANTES: Suzana Moura Maia (Palestrante); Bruno Fernandez (Mediador).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: EtniCidades – Grupo de Estudos Étnicos e Raciais (FAU/UFBA).

RESUMO: Aborda como se espacializa a branquitude e como se constituem os espaços brancos na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Auto-segregação; classes medias; cidade.

REFERÊNCIA: MAIA, Suzana Moura; FERNANDEZ, Bruno. **Branquitude e a Auto-segregação das Classes Médias em Salvador**. 2020. In: SEMINÁRIO BRANQUITUDE: RAÇA E PRIVILÉGIO NAS CIDADES BRASILEIRAS, 1º. 1 vídeo (1:33:18). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=169WXcRP8fs>>. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.



OUTUBRO 2020

TÍTULO:	MR10 - Democracia e resistência(s): dos desafios da teoria política na contemporaneidade
DATA/HORA:	21 de outubro
PARTICIPANTES:	Raquel Kritsch (UEL - CNPq); Teresa Sacchet (UFBA); Léa Tosold (USP); Cleyton Feitosa Pereira (UnB); Angela Figueiredo (UFRB); Rúrion Soares Melo (USP).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ABCP - Associação Brasileira de Ciência Política
RESUMO:	Pretende-se discutir, por meio dos trabalhos a serem apresentados na mesa redonda, como a teoria política contemporânea tem investigado práticas ativistas e formas de resistência concretas de movimentos e coletivos indígenas, negros, feministas e LGBTQIs, para os quais direitos e garantias democraticamente conquistados estão sendo ameaçados e/ou negados, ferindo sua autocompreensão e o modo como desejam ser socialmente reconhecidos.
PALAVRAS-CHAVE:	Democracia; Resistência; Contemporaneidade
REFERÊNCIA:	KRITSCH, Raquel. Et.al. MR10 - Democracia e resistência(s): dos desafios da teoria política na contemporaneidade . 2020. In: ABCP – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA. Disponível em: < https://www.abcp2020.sinteseeventos.com.br/site/capa >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live fechada.

OUTUBRO 2020

TÍTULO:	Live Odara - A importância de votar em mulheres negras nesta eleição
DATA/HORA:	21 de outubro
PARTICIPANTES:	Angela Figueiredo (UFRB); Ana Martins Gualberto (UFBA); Piedade Marques (UFPE); Heliana Hemeterio dos Santos (ABGLT). Mediação: Luana de Brito.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Instituto Odara
RESUMO:	Debate sobre a candidatura de mulheres negras na política.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulher; Negra; Política
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela. Et.al. Live Odara - A importância de votarem mulheres negras nesta eleição . 2020. In: INSTITUTO ODARA. 1 vídeo (52:03). Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CGm66WtF-Hc/?igshid=3m3vea0zep7f >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Webnário “Reflexões e Práticas Políticas do Feminismo Negro: uma comparação entre Brasil e EUA”
DATA/HORA:	22 de outubro às 18hs.
PARTICIPANTES:	Pauline Batista (University of Connecticut); Valdecir Nascimento (Odara/AMNB/ARMAAD/FOPIR), Keisha-Khan Perry (Brown University); com mediação de Angela Figueiredo (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Programa A cor da Bahia, Coletivo Angela Davis, Grupo de Pesquisa Gênero, Arte e Cultura – NEIM
RESUMO:	O ciclo terá um conjunto de Webnários sobre as dinâmicas históricas, políticas e sociais da construção das desigualdades raciais nos dois países, bem como as especificidades e possíveis comparações entre as experiências antirracistas no contexto da diáspora brasileira e estadunidense.
PALAVRAS-CHAVE:	Feminismo negro; Brasil; EUA.
REFERÊNCIA:	BATISTA, Pauline. Et. Al. Webnário “Reflexões e Práticas Políticas do Feminismo Negro: uma comparação entre Brasil e EUA” . 2020. In: PROGRAMA A COR DA BAHIA, COLETIVO ANGELA DAVIS, GRUPO DE PESQUISA GÊNERO, ARTE E CULTURA – NEIM. 1 vídeo (2:13:45). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=plago8O2sfc&t=2061s&ab_channel=Forma%C3%A7%C3%A3oEstudossobreRacismoAntirracismo >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Pandemia, 'datacracia' e desafios para o continente africano
DATA/HORA:	23 de outubro às 10h30 min
PARTICIPANTES:	Jamile Borges da Silva (UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) – PROEXT, PROPCI/UFBA e CNPq.
RESUMO:	Aborda a pandemia e o continente africano na “Semana nacional de ciência e tecnologia da UFBA”.
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; Datacracia; Continente africano.
REFERÊNCIA:	SILVA, Jamile Borges da. Pandemia, 'datacracia' e desafios para o continente africano . 2020. In: SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SNCT) – PROEXT, PROPCI/UFBA E CNPQ. 1 vídeo (3:08:55). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=80tAnmsETuc&t=430s >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020

TÍTULO:	“Práticas expressivas negras e estética de libertação”
DATA/HORA:	27 de outubro às 14h30 min.
PARTICIPANTES:	Elias Alfama Vaz Moniz; Cristiane Santos Souza; Amanda Oliveira; Issa Mulumba; Leomar Borges Aline Cruz; Emerson d´Almeida; William Freitas; Emilly Chaves; Alexandra de Carvalho; Giovanna de Carli; Uilliam de Castro (ITAN); Maria Andrea Soares (UNILAB – Atriz/Antropologa)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ITAN - Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA
RESUMO:	Foram feitas algumas ponderações sobre o negro a partir do palco. O que é o teatro negro? Buscou-se, também, refletir-se sobre uma cartografia sobre os circuitos de teatro negro na cidade do Salvador: cancelamentos e horizontes)”
PALAVRAS-CHAVE:	Teatro negro; práticas expressivas; estética de libertação.
REFERÊNCIA:	MONIZ, Elias A. V. Et. Al. “Práticas expressivas negras e estética de libertação”. 2020. In: ITAN - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS DA UFBA. Zoom fechada.

OUTUBRO 2020

TÍTULO:	Gestão e coordenação dos processos formativos para a educação das relações étnico-raciais
DATA/HORA:	29 de outubro às 18hs.
PARTICIPANTES:	Dra. Karla Cristina Silva Sousa Coordenadora do GEGFOPEB; Dra. Raimunda Machado; Professora Adjunta do Departamento de Educação II e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMA) – Moderadora; Dr. Angelo Rodrigo Bianchini; professor Adjunto IV do Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Palestrante ; Ma. Maria da Guia Viana; Discente do Pós-Afro/Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, vinculada à Coordenação da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro - Brasileiros. Palestrante; Ma. Maria do Carmo Alves da Cruz; Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.Palestrante.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Grupo de pesquisa em gestão e formação de professores na educação básica (GEGFOPEB)-UFMA
RESUMO:	I Colóquio de FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE, evento realizado no período de 28 a 30 de outubro de 2020, online, objetivando discutir as políticas educacionais que vêm sendo formuladas considerando o espaço educacional e político na atualidade brasileira.
PALAVRAS-CHAVE:	Relações étnicos-raciais; educação; prática docente.
REFERÊNCIA:	SOUSA, Karla Cristina Silva. Et.al. Gestão e coordenação dos processos formativos para a educação das relações étnico-raciais . 2020. In: I COLÓQUIO DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE. 1 vídeo (3:20:15). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=83zAeOKLAPk >. Acesso em: 23 de jan. 2021. Live.

OUTUBRO 2020



TÍTULO: Lanzamiento Editorial, “Africana: aproximaciones, trazos y abordajes africanos” de Rafael Antonio Díaz Díaz

DATA/HORA: 30 de outubro às 18hs.

PARTICIPANTES: Rafael Antonio Díaz Díaz; Juana Marín Leoz; Silvia Cogollos Amalla; Claudilene Maria da Silva; María Isabel Mena García; Carlos Augusto Santana Guimarães.

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Facultad de Ciencias Sociales – Universidad Javeriana.

RESUMO: El texto es el resultado de un proceso y de una experiencia adelantada en la ciudad de Salvador, capital del estado nordestino de Bahía, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Salvador- Bahia; África; ciências sociais.

REFERÊNCIA: DÍAZ, Rafael Antonio Díaz. Et.al. **Lanzamiento Editorial, “Africana: aproximaciones, trazos y abordajes africanos” de Rafael Antonio Díaz Díaz.** 2020. In: FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES – UNIVERSIDAD JAVERIANA. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/15XgJFDouwFn2G99Ap6GoiWfmXozsb7Zt/view>. Acesso em: 15 de nov. 2020. Pdf.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Outra Roda é Possível: conversas feministas sobre masculinidade na Capoeira
DATA/HORA:	31 de outubro às 15hs.
PARTICIPANTES:	Rafael Luis Maschio; Professor Mussum Mestre Militar
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Maria Felipas – Grupo de Estudos e Intervenção Feminista na Capoeira.
RESUMO:	Aborda possibilidades da capoeira numa perspectiva libertadora, inclusiva, pautada no feminismo e aliada à luta anti racista, e outras frentes de resistência.
PALAVRAS-CHAVE:	Feminismo; masculinidade; capoeira.
REFERÊNCIA:	MASCHIO, Rafael Luis; MUSSUM [?]; Conversas feministas sobre masculinidade na Capoeira . 2020. In: OUTRA RODA É POSSÍVEL. 1 vídeo (2:37:38). Disponível em: < https://mariasfelipas.com/outra-roda-e-possivel >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

OUTUBRO 2020

GT 02- Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA)

(Coordenador(a))

Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

(Coordenador(a))

Sessão 1

Ugo Maia Andrade (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

(Debatador(a))

Resumo: Trata-se de reeditar o fórum de debates – iniciado há quase uma década nos espaços da RBA e REA – em busca de confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica. Mais que ratificar distinções, cabe procurar as membranas e interseções entre as etnologias produzidas sobre ambas as regiões, seja, por exemplo, através de pesquisas sobre sociogêneses na Amazônia ou sobre o xamanismo atinente ao complexo do Toré no Nordeste/Leste. Nesse espírito, o GT pretende reunir comunicações interessadas na construção de comparações etnológicas Amazônia-Nordeste/Leste a partir de eixos comuns que modulam relações interindígenas ou entre índios e não índios – sob olhares etnográfico, histórico ou etno-histórico – preservando o espírito salutar de propor alternativas à dicotomia “externalismo X internalismo” que tem balizado a produção antropológica sobre o Nordeste/Leste e a Amazônia indígenas, nas últimas décadas, e que urge problematizar, mediante a criação de um espaço que acolha os distintos contextos etnográficos e as diversas perspectivas teórico-metodológicas que compõem a etnologia indígena no Brasil, assegurando-lhes interação e permanente exercício comparativo. Trabalhos de pesquisadores indígenas serão especialmente bem vindos.

TÍTULO: Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

DATA/HORA: 31 de outubro a 03 de novembro às 13h30min.

PARTICIPANTES: Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA); Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA); Ugo Maia Andrade (UFS).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

RESUMO: Aborda confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; nordeste indígena; etnologia transversa.

REFERÊNCIA: CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de; VAZ FILHO, Florêncio Almeida; ANDRADE, Ugo Maia. **Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa**. 2020. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA). Disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=44>. Acesso em: 15 de nov. 2020. Pdf.

OUTUBRO 2020



TÍTULO:	Publicação em Calendário Artístico Internacional – “Your Daily Male”
DATA/HORA:	Outubro
PARTICIPANTES:	Alberto Escobar (Brazil); Andreas Fischbacher (Austria); Antoine Timmermans (Netherlands); Anton Abela (Malta); Artem Korzh (Russia); Bastiaan Mol (Netherlands); Bernard Pickart (1673-1733); Carmine Santaniello (USA); Corné van Gool (Netherlands); Dan Simoneau (USA); Daniel Barkley (Canada); David Jester (USA); David van der Linden (Netherlands); Denys Dulignon (1698-1782); Diego Tolomelli (Italy); Dmitry Bitjukov (Latvia); Douglas Simonson (Mexico / USA); Fernando Madera Alvarado (Mexico); Freek Weidema (Netherlands); Gert Lammerts (Netherlands); Hannes Steinert (Germany); Hans Schellevis (Netherlands); Hans van der Veen (Netherlands); Hay Wijnhoven (Netherlands); Ivan Bubentcov (Russia); Ivo Blanck (Germany); Jaap de Jonge (Netherlands); Jaap van Ek (Netherlands); Jim Wilkinson (USA); Johannes Ziesenis (1770-1799); Joost de Bie (Netherlands); Jorg Rautenberg (Germany); Lars van Roosendaal (Austria); Marcel Julius Joosen (France / Netherlands); Maxim Probst (Germany); Musk Ming (Germany / China); Niels Smits van Burgst (Netherlands); Patroklos (Germany); Paul Binnie (USA); Peter Kooij (Netherlands); Peter Meeuwisse (Netherlands); Ralf Wehrle & Uwe Franck (Germany); Reinoud Stam (Netherlands); René Bolliger (1911-1971); Richard Stabbert (USA); Rinaldo Hopf (Germany); Roland Berger (Germany); Ron Griswold (USA); Sacrevoir (Germany); Stephan Tobias (Germany); Svenda (Danmark); Victor Adeniran (USA); Wim Heldens (Netherlands).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Galerie Mooiman (Holanda).
RESUMO:	Aborda um importante “catalogo” contemporâneo sobre a produção homoerótica dentro das artes visuais a nível mundial.
PALAVRAS-CHAVE:	Produção homoerótica; artes visuais; arte internacional.
REFERÊNCIA:	ESCOBAR, Alberto. Et.al. Your Daily Male . 2020. In: PUBLICAÇÃO EM CALENDÁRIO ARTÍSTICO INTERNACIONAL.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Os Super-heróis vão às manifestações
DATA/HORA:	2 de novembro
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa; Márcio Moreira; Davi Ferreira; PJ Brandão.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Rede Iradex de Produções Associadas
RESUMO:	O discente teve uma conversa leve, mas com carga teórica referenciada, sobre a conjuntura dos Estados Unidos durante os protestos "George Floyd", críticas ao movimento <i>Black Lives Matter</i> e como a cultura pop dos quadrinhos se manifestou nesse ínterim.
PALAVRAS-CHAVE:	Estados Unidos; <i>black lives matter</i> ; quadrinhos.
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra. Et.al. Os Super-heróis vão às manifestações . 2020. In: PODCAST HQ SEM ROTEIRO. Disponível em: < https://iradex.net/19589/os-super-herois-vao-as-manifestacoes-hq-sem-roteiro-podcast/ >. Acesso em: 15 de jan. 2021. Podcast

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Conflitos e Ação Política nos Movimentos LGBTQ de Montréal/Québec e Salvador/Bahia
DATA/HORA:	03 de novembro às 17h
PARTICIPANTES:	Igor Leonardo de Santana Torres (BEGD); Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes (orientador); Dra. Salete Maria da Silva (UFBA); Ma. Bárbara Andrade Sousa (UQÂM).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (UFBA).
RESUMO:	Aborda o movimento LGBTQ de Montreal e Salvador no que toca às tensões entre atores/atrizes e grupos internos e/ou externos a esses movimentos, buscando comparar essas relações de poder com o cenário brasileiro do movimento LGBT local.
PALAVRAS-CHAVE:	Movimento LGBTQ; Montréal/Québec; Salvador/Bahia.
REFERÊNCIA:	TORRES, Igor Leonardo de Santana. Et.al. Conflitos e Ação Política nos Movimentos LGBTQ de Montréal/Québec e Salvador/Bahia. 2020. In: BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE (UFBA). 1 vídeo (2:32:40). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=iBs4FFcgyc >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO: III Seminário de Estudos Africanos e da Diáspora: África em Núcleos. 2º Encontro: NEÁfrica.

DATA/HORA: 03 de novembro às 19hs.

PARTICIPANTES: Antonio Evaldo Almeida Barros (UFMA – egresso Pós-Afro doutorado); Viviane de Oliveira Barbosa (UFMA – aluna Pós-Afro doutorado); Tatiana Raquel Reis (UEMA – egressa Pós-Afro doutorado); Reinaldo Barroso Júnior (UESPI) (palestrantes); Fábio Baqueiro Figueiredo (mediador).

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Grupo de Pesquisa África Contemporânea / UNILAB.

RESUMO: A mesa teve por objetivo apresentar o Núcleo África e o Sul Global, tanto em termos das investigações recentemente desenvolvidas por seus pesquisadores associados quanto em sua trajetória institucional, no que tange o desenvolvimento dos Estudos Africanos no Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Núcleo África; Sul global; Estudos africanos.

REFERÊNCIA: BARROS, Antonio Evaldo Almeida. Et.al. **Seminário de Estudos Africanos e da Diáspora: África em Núcleos 3º**. 2020. In: 2º ENCONTRO NEÁFRICA. 1 vídeo (2:03:59). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MdkmfHBilFo>>. Acesso em: 17 jan. 2020. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO: A Importância política e epistêmica dos NEABIs no combate ao racismo estrutural

DATA/HORA: 05 de novembro às 9 hs.

PARTICIPANTES: Nelma Barbosa, Silvana Carvalho da Fonseca, Janine Couto; Uelber Barbosa.

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IF Baiano - Campus Itaberaba

RESUMO: Integrando as atividades do Novembro Negro do IF Baiano, o seminário organizado pelo Neabi Campus Itaberaba, e a mesa em questão, voltaram-se para debater o papel dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas na Educação e na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo estrutural; educação; núcleos de estudos.

REFERÊNCIA: BARBOSA, Nelma. Et.al. **A Importância política e epistêmica dos NEABIs no combate ao racismo estrutural**. 2020. In: I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO NO COMBATE AO RACISMO. 1 vídeo (2:41:38). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sXg85haCuI4>>. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	Tributo a Florestan Fernandes
DATA/HORA:	05 de novembro
PARTICIPANTES:	Roque de Barros Laraia (UnB); João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ); Susana Dores de Matos Viegas (ICS/Universidade de Lisboa); Angela Figueiredo (UFRB e coordenadora do coletivo Angela Davis); Gustavo Takeshy Taniguti (IFMG); Barbara Freitag Rouanet (Defesa da Educação Pública); Rosana Cebalho Fernandes (Escola Nacional Florestan Fernandes, centro de formação criado pelo Movimento dos Sem Terra). Coordenação: Bela Feldman (UNICAMP/WCAA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ABA – Associação Brasileira de Antropologia
RESUMO:	O ano de 2020 marca o centenário de nascimento de Florestan Fernandes, figura de proa na construção de ciências sociais no Brasil, com obras que se inscrevem tanto no âmbito da antropologia quanto da sociologia e da política. Neste tributo da ABA ao grande mestre, serão revisitadas as suas contribuições à etnologia indígena e ao estudo das relações raciais, assim como sua militância em prol da educação pública e dos movimentos sociais.
PALAVRAS-CHAVE:	Florestan; Ciências Sociais; Política.
REFERÊNCIA:	LARAIA, Roque de Barros. Et.al. Tributo a Florestan Fernandes. 2020. In: ABA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 1 vídeo (2:29:15). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=BtzVghdyys >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	MESA III - Democracia e Racismo no Brasil: Eleições, Participação Política e Representação Negra
DATA/HORA:	05 de novembro
PARTICIPANTES:	Ângela Figueiredo; Fernanda Barros; Luiz Augusto Campos. MEDIAÇÃO: Jadir Brito
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH/UFRJ)
RESUMO:	Debate sobre a Democracia e Racismo no Brasil: Eleições, Participação Política e Representação Negra.
PALAVRAS-CHAVE:	Democracia; Racismo; Política.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela. Et.al. MESA III - Democracia e Racismo no Brasil: Eleições, Participação Política e Representação Negra . 2020. In: NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM DIREITOS HUMANOS (NEPP-DH/UFRJ). 1 vídeo (2:23:16). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=J_rpt_OOtvY > Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Etnografias do Confronto e da Resistência
DATA/HORA:	06 de novembro às 16hs.
PARTICIPANTES:	Daniela Fernandes Alarcon (Museu Nacional/UFRJ, Brasil); Jurema Machado de Andrade Souza (PINEB/UFBA e MITO/UFRB, Brasil); Cris Pankararu (Cristiane Gomes Julião); Lara Erendira A. de Andrade; Maria do Rosário Carvalho (PINEB/UFBA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (UFPE).
RESUMO:	Aborda um conjunto de seminários com participantes de origens e campos de pesquisa diversos, posicionados a partir de distintos países, tais como Brasil, Colômbia, México, Equador, França e Canadá.
PALAVRAS-CHAVE:	Etnografias; confronto; resistência.
REFERÊNCIA:	ALARCON, Daniela Fernandes. Et.al. Etnografias do Confronto e da Resistência . 2020. In: NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE ETNICIDADE (UFPE). 1 vídeo (2:34:15). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=sG6bpY9UHn0&feature=youtu.be >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Que o mundo leve Direitos Humanos aos Estados Unidos
DATA/HORA:	6 de novembro
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Podcast Independente
RESUMO:	A conversa com os rapazes do Aqui Há Dragões foi densa e descontraída (e exageradamente de baixo calão). Voltada para o público universitário, a conversa foi sobre o imperialismo nos direitos humanos e a instrumentalização da social democracia na dinâmica Sul Global v. Norte Global.
PALAVRAS-CHAVE:	Imperialismo; direitos humanos; Estados Unidos.
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra.Et.al. Que o mundo leve Direitos Humanos aos Estados Unidos . 2020. In: PODCAST AQUI HÁ DRAGÕES. Disponível em < https://open.spotify.com/episode/4UN1RRgOJpt2ulhefEsB35 >. Acesso em: 15 de jan. 2021. Podcast.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	Da Educação quilombola à educação escolar quilombola: relações étnico-raciais nos saberes e fazeres em comunidades tradicionais maranhenses
DATA/HORA:	06 de novembro às 16 às 18:20min.
PARTICIPANTES:	Maria da Guia Viana (UFMA)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED
RESUMO:	Apresentação do projeto inicial do doutorado em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro), com pesquisa em andamento. GT-21 do XXV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste (EPEN) - Reunião Científica Regional da ANPED, sediado na UFBA.
PALAVRAS-CHAVE:	Educação quilombola; relações étnico-raciais
REFERÊNCIA:	VIANA, Maria da Guia. Da Educação quilombola à educação escolar quilombola: as relações étnico-raciais nos saberes e fazeres em comunidades tradicionais maranhenses . 2020. In: XXV EPEN - REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. Disponível em: < https://youtu.be/Qmyey8jiRcA >. Acesso em: 15 de jan 2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Lançamento de livro no XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – COPENE
DATA/HORA:	10 de novembro às 12:20
PARTICIPANTES:	Nelma Barbosa; Wellington Marçal de Carvalho; Roberta Alves; Marcelo da Silva
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN
RESUMO:	Lançamento virtual dos seguintes livros: "Deslocamentos estéticos", de Wellington Marçal de Carvalho e Roberta Alves; "Arte afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas", de Nelma Barbosa (a partir de 2h:11min:20´); "O poder da Criação: Outras histórias sobre os festivais de samba-enredo nas encruzilhadas do sul do Brasil", de Marcelo Silva, no âmbito do XI COPENE
PALAVRAS-CHAVE:	Deslocamentos estéticos; Artes visuais contemporâneas; samba-enredo.
REFERÊNCIA:	BARBOSA, Nelma. Et. Al. Lançamento de livro no XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – COPENE. 2020. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS – ABPN. 1 vídeo (2:31:30). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QnI50UwhH7g&feature=youtu.be >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	“Caminhos dos estudos Africanos no Brasil”
DATA/HORA:	11 de novembro 10 às 12 hs e 14 às 16hs
PARTICIPANTES:	Dra. Akosoa Adamako Ampofo (president African Studies Association of Africa/ASAA/Gana; Dra. Jacimara Souza Santana –UNEB; Dra. Rita de Cássia Natal Chaves (USP); Dra. Luena Nascimento Pereira (UFRRJ); Dra. Vanicleia Silva Santos (UFMG); Dr. Nazir Can –UFRJ.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ABEAFRICA
RESUMO:	Conferência, intitulada “ The House that África is building: we will not be moved” Nessa ocasião, foi prestada breve homenagem pós-morte ao Dr. Anani Dzidzienyo, historiador, cientista político e ativista da luta nati-racista e anti-colonialista, também originário de Gana, pesquisador e docente da Brown University (E.U.A), em especial, na área de relações raciais do Brasil.
PALAVRAS-CHAVE:	Estudos africanos; Brasil; Anani Dzidzienyo.
REFERÊNCIA:	AMPOFO, Akosoa Adamako. Et.al. “ Caminhos dos estudos Africanos no Brasil ”. 2020. In: CONFERÊNCIA “THE HOUSE THAT ÁFRICA IS BUILDING: WE SHALL NOT BE MOVED”. Disponível em: < https://youtu.be/o5i21W3G9cA >. Acesso em: 16/01/2021. Live.

NOVEMBRO
2020



TÍTULO: Grupo de Pesquisa: CANDACES – Redes Epistêmicas Interdisciplinares de Pesquisa em Gênero-Raça-Cultura e Sociedade da UNEB. Eixo 4

DATA/HORA: 11 de novembro às 14h30min.

PARTICIPANTES: Pedro Paulo Fonseca dos Santos, Larissa de Souza Reis; Ana Cláudia Pacheco; Joana Maria Leôncio Núñez; Dai Costa; Thiffany Odara; Maélli Arali Lima Rodrigues

INSTITUIÇÃO PROMOTORA: Universidade do Estado da Bahia

RESUMO: I JIPE – 1ª Jornada Integrada da Pesquisa e Extensão no Campus I/UNEB. Participação na mesa intitulada: Redes Epistêmicas Interdisciplinares de Pesquisa em Gênero-Raça-Cultura e Sociedade da UNEB.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa; Epistemologia; Interdisciplinaridade

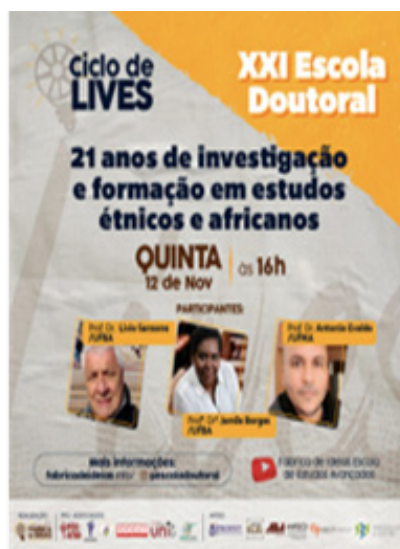
REFERÊNCIA: SANTOS, Pedro Paulo Fonseca dos. Et.al. **CANDACES – Redes Epistêmicas Interdisciplinares de Pesquisa em Gênero-Raça-Cultura e Sociedade da UNEB. 2020.** In: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Reuniao fechada.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	“Universidade Pública: Acesso, Permanência e Ciência”
DATA/HORA:	12 de novembro
PARTICIPANTES:	Pedro Paulo Fonseca dos Santos
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade do Estado da Bahia
RESUMO:	Série “Orgulho Negro” em comemoração ao mês da Consciência Negra. Com o tema: Universidade Pública: Acesso, Permanência e Ciência.
PALAVRAS-CHAVE:	Universidade; Permanência; Ciência.
REFERÊNCIA:	SANTOS, Pedro Paulo Fonseca dos. Universidade Pública, Permanência e Ciência . 2020. In: UPT UNEB. 1 vídeo (09:24) Disponível em: < https://youtu.be/d6mAXbW17Qw >. Acesso em: 22 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	21 anos de investigação e formação em estudos étnicos e africanus
DATA/HORA:	12 de novembro às 16hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone (UFBA); Jamile Borges da Silva (UFBA); Antonio Evaldo (UFMA).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	XXI Escola Doutoral Fábrica de Ideias e Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA).
RESUMO:	Aborda a largada no Ciclo de <i>Lives</i> da XXI edição da Escola Doutoral Fábrica de Ideias com a primeira jornada sob o tema “21 anos de investigação em estudos étnicos e africanos”.
PALAVRAS-CHAVE:	Estudos étnicos; estudos africanos; fábrica de idéias
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio; SILVA, Jamile Borges da; EVALDO, Antonio. 21 Anos de investigação e formação em estudos étnicos e africanos. 2020. In: XXI ESCOLA DOUTORAL FÁBRICA DE IDEIAS E PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS (Pós-Afro/UFBA). 1 vídeo (1:29:14). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=zdsNcfSctAs >. Acesso em: 15 de nov. 2020. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Vidas negras importam na saúde: bem viver da população negra
DATA/HORA:	12 de novembro às 18:00hs.
PARTICIPANTES:	Anna Luísa Santos de Oliveira; Convidadas: Dra. Denize Ribeiro (CCS-UFRB); Dra. Edna Maria de Araújo (PPGSC-UEFS); Ma. Tamiz Oliveira (UFBA) Mediadora: Edlamar França (Psicóloga e Professora)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	XIV Fórum 20 de Novembro
RESUMO:	Debate acerca do bem viver da população negra e saúde durante o XIV Fórum Internacional 20 de novembro UFRB.
PALAVRAS-CHAVE:	Saúde; população negra
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Anna Luísa Santos de. Et.al. Vidas negras importam na saúde: bem viver da população negra . 2020. In: XIV FÓRUM 20 DE NOVEMBRO. 1 vídeo (1:40:10). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=e9LTtdAQ1-&_channel=TVUFRB >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	21 anos de investigação e formação em estudos étnicos e africanus
DATA/HORA:	12 de novembro às 16 hs.
PARTICIPANTES:	Livio Sansone, Jamile Borges, Antônio Evaldo
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Pós-Afro/UFBA
RESUMO:	A história dos 21 anos deste projeto que combina internacionalização, excelência e inclusão social, que surgiu no Rio em 1998 e se mudou para a Bahia em 2022.
PALAVRAS-CHAVE:	Formação em estudos étnicos; formação em estudos africanus
REFERÊNCIA:	SANSONE, Livio; BORGES, Jamile; EVALDO, Antônio. 21 anos de investigação e formação em estudos étnicos e africanos . 2020. In: Pós-Afro/UFBA. Disponível em: < https://www.youtube.com/channel/UCqIE7ACyZmJhw5Z9au9Nj4A >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

III ARVORECER NEGRO
11 a 13 de novembro

INSTITUTO FEDERAL Baiano
Campus Teixeira de Freitas

13
NOVEMBRO
ÀS 14H

Roda de Conversa
Tema: Educação, Ciência e Tecnologia:
Afroempreendedorismo em foco.

Prof.ª Ma. Eladyr Boaventura Raykil
Mestra em Administração / UFBA
IFBA campus Porto Seguro

Prof.ª Dr.ª Nelma Barbosa
Doutora em Estudos Étnicos e Africanos - CEAO/ UFBA
IFBaiano campus Valença

Acesse o site:
www.even3.com.br/illarvorecernelgro
@ifbaianoteixeiradefreitas

NEABI
NÚCLEO DE ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

TÍTULO:	Afroempreendedorismo em foco
DATA/HORA:	13 de novembro às 14 hs.
PARTICIPANTES:	Nelma Barbosa; Eladyr Raykil
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IF Baiano - Campus Teixeira de Freitas.
RESUMO:	Integrando as atividades do Novembro Negro do IF Baiano, a 3ª edição do seminário organizado pelo Neabi Campus Teixeira de Freitas, e a mesa em questão, voltaram-se para discutir as contribuições negras na Ciência, Educação, Cultura e Tecnologia e seu reflexos no afroempreendedorismo.
PALAVRAS-CHAVE:	Afroempreendedorismo; ciência; tecnologia.
REFERÊNCIA:	BARBOSA, Nelma; RAYKIL, Eladyr. Afroempreendedorismo em foco . 2020. In: III ARVORECER NEGRO. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=XaDNgCxXWA4 >. Acesso em: 16/01/2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Vozes de mulheres negras importam
DATA/HORA:	13 de novembro às 20:00hs.
PARTICIPANTES:	Anna Luísa Santos de Oliveira; Sued Nunes; Juliana Ribeiro
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	XIV Fórum 20 de Novembro
RESUMO:	Live Debate e Show de encerramento da programação do CAHL no XIV Fórum Internacional 20 de novembro UFRB.
PALAVRAS-CHAVE:	Vozes; mulheres Negras
REFERÊNCIA:	Anna Luísa Santos de Oliveira; Sued Nunes; Juliana Ribeiro. Vozes de mulheres negras importam . 2020. In: XIV FÓRUM 20 DE NOVEMBRO. 1 vídeo (54:38). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=tLx81p-SKvc&ab_channel=TVUFRB >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	XIV Fórum 20 de Novembro - Mesa 4: Vidas negras importam: Enfrentamento à violência contra a mulher-UFRB
DATA/HORA:	13 de novembro
PARTICIPANTES:	Dra. Angela Figueredo (CAHL-UFRB); Valdecir Nascimento (Coord. do Odara Inst. da Mulher Negra); Dra. Lívia Vaz (MPF – Bahia).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
RESUMO:	Debate sobre o enfrentamento da violência contra a mulher.
PALAVRAS-CHAVE:	Violência; Mulher.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela; NASCIMENTO, Valdecir; VAZ, Lívia. XIV Fórum 20 de Novembro - Mesa 4: Vidas negras importam: Enfrentamento à violência contra a mulher-UFRB. 2020. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. 1 vídeo (1:07:10). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=rE4kYEYTNmE >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

NOVEMBRO
2020

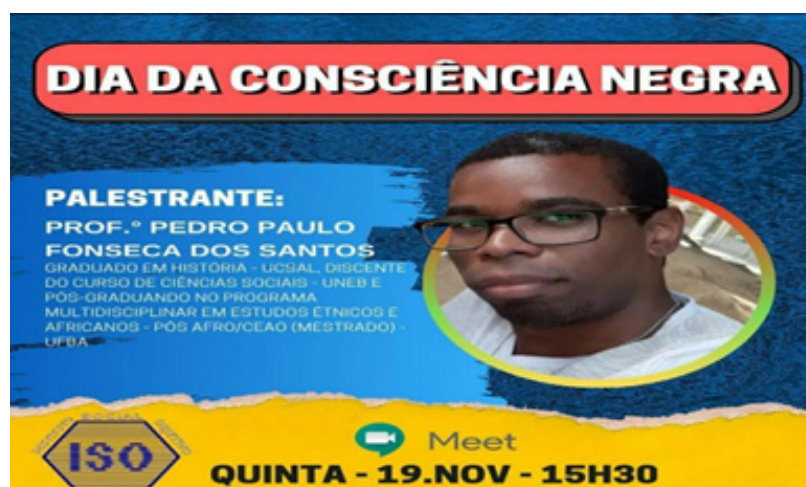


TÍTULO:	Perspectivas Antirracistas para o Serviço Social
DATA/HORA:	16 de novembro às 19:30
PARTICIPANTES:	Marluce da Silva Santana (Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos) e Nágila Oliveira (Editora da Revista África e Africanidades)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Revista África e Africanidades
RESUMO:	Durante a mesa serão discutidos aspéctos referentes a pandemia, antirracismo e atuação do Assistente Social".
PALAVRAS-CHAVE:	Pandemia; antirracismo; assistente social.
REFERÊNCIA:	SANTANA, Marluce da Silva; OLIVEIRA, Nágila. 2020. Perspectivas Antirracistas para o Serviço Social . 1 vídeo (1:42:14). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ol-sp4yHbgU&t=5s >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	“SBS Convida: Nossos desafios”, Papo Reto sobre racismo no Brasil, live 3
DATA/HORA:	18 de novembro
PARTICIPANTES:	Ângela Figueiredo (UFRB); Luciana G. de Mello (UFRGS); Joaze Bernardino-Costa (UNB). Mediação: Maria Carolina Tomás (PUC-MG)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia
RESUMO:	Discutir sobre as principais questões e desafios para o campo de estudos das relações raciais contemporâneas: o racismo institucional expresso no epistemicídio, no genocídio da população negra e no manejo da pandemia do COVID-19. Debater a persistência das desigualdades raciais considerando as formas como, em especial, as mulheres negras são afetadas.
PALAVRAS-CHAVE:	Racismo; Brasil.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela. Et.al. “SBS Convida: Nossos desafios”, Papo Reto sobre racismo no Brasil, live 3. 2020. In: SBS – SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. 1 vídeo (2:03:48). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=yxyhLCPxtLQ >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Dia da Consciência Negra
DATA/HORA:	19 de novembro às 15h30min.
PARTICIPANTES:	Pedro Paulo Fonseca dos Santos
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ISO – Instituto Social Objetivo
RESUMO:	Live com estudantes do ensino fundamental, professores e familiares sobre o mês da Consciência Negra.
PALAVRAS-CHAVE:	Consciência; negros; história do Brasil.
REFERÊNCIA:	SANTOS, Pedro Paulo Fonseca dos. Et.al. Dia da Consciência Negra . 2020. In: ISO – INSTITUTO SOCIAL OBJETIVO. Reunião fechada.

NOVEMBRO
2020



TÍTULO:	Matéria “Gastronomia e Ancestralidade”
DATA/HORA:	20 de novembro
PARTICIPANTES:	Marina Araújo (chef de cozinha); Didda Carneiro (chef de cozinha); Vagner Rocha.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Jornal O Povo (Caderno Vida & Arte)
RESUMO:	Entrevista para a matéria sobre gastronomia e ancestralidade, publicada no dia da consciência negra, destacando as contribuições africanas na formação da cozinha brasileira.
PALAVRAS-CHAVE:	Gastronomia; ancestralidade; cozinha brasileira.
REFERÊNCIA:	ARAÚJO, Marina; CARNEIRO, Didda; ROCHA, Vagner. Matéria “Gastronomia e Ancestralidade” . 2020. In: JORNAL O POVO (CADERNO VIDA & ARTE). Disponível em: < https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2020/11/20/as-herancas-da-cultura-africana-na-gastronomia-brasileira.html >. Acesso exclusivo para assinantes.

NOVEMBRO
2020



TÍTULO:	Educação escolar quilombola: da legalidade às possibilidades
DATA/HORA:	23 de novembro às 19hs.
PARTICIPANTES:	Maria da Guia Viana (UFMA); Antonio Henrique França Costa (UFPA)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Núcleo Interdisciplinar Em Estudos Africanos e Afro-brasileiros . NIESAFRO/ UFMA
RESUMO:	Palestra ministrada para docentes da rede estadual do Maranhão, no curso de formação continuada “ Educação das Relações Ètnico-Raciais para o Ensino da História e Cultura Afro - Brasileira e Africana”.
PALAVRAS-CHAVE:	Educação quilombola; relações étnico-raciais; ensino de história.
REFERÊNCIA:	VIANA, Maria da Guia; COSTA, Antonio Henrique França. Educação escolar quilombola: da legalidade às possibilidades . 2020. In: III MÓDULO DO CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA ESTUDOS AFRICANOS E AFRO –BRASILEIROS. 1 vídeo (1:52:00). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=8IJ2x1ZYHGI >. Acesso em: 15 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Telefonemas #125
DATA/HORA:	24 de novembro
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Podcast Independente
RESUMO:	O podcast "Telefonemas" tem como função principal entrevistar o convidado a nível pessoal, mas a conversa foi na direção de um conceito aplicado de Justiça e os desafios de uma luta por justiça no contexto de uma "democracia" burguesa.
PALAVRAS-CHAVE:	Justiça; democracia burguesa; conceitos
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra. Telefonemas # 125 . 2020. In: PODCAST TELEFONEMAS. Disponível em: < https://open.spotify.com/episode/7n14HnMErLjkOQ330d8LBJ >. Acesso em 16 de jan. 2021. Podcast.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Baianas de acarajé: legado ancestral africano
DATA/HORA:	24 de novembro às 16hs.
PARTICIPANTES:	Juliana Ribeiro (cantora e historiadora); Vagner Rocha.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	SESC Bahia
RESUMO:	Bate-papo que integrou o projeto SESC Virtualidades, em homenagem ao Dia Nacional da Baiana de Acarajé (25 de novembro), e teve mediação de Juliana Ribeiro. A conversa abordou temas como patrimônio imaterial, ancestralidade, intolerância religiosa, entre outros aspectos relacionados ao ofício das baianas de acarajé.
PALAVRAS-CHAVE:	Baianas de acarajé; patrimônio imaterial; intolerância religiosa.
REFERÊNCIA:	RIBEIRO, Juliana; ROCHA, Vagner. Baianas de acarajé: legado ancestral africano . 2020. In: SESC BAHIA. Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CH_Hy-FALe/?utm_source=ig_web_copy_link >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	ABERTURA - Semana Elitânia de Souza Pela Vida das Mulheres Negras-UFRB
DATA/HORA:	25 de novembro às 16hs.
PARTICIPANTES:	Deisiane Barbosa; Deise Oliveira; Dai Ramos; Valdecir Nascimento (AMNB/ODARA); Talita Miranda; Angela Figueiredo (UFRB).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
RESUMO:	A atividade de abertura será um ato virtual em memória e por justiça a Elitânia de Souza e todas as vítimas de feminicídio e violência de gênero na Bahia.
PALAVRAS-CHAVE:	Feminicídio; Violência; Mulheres Negras.
REFERÊNCIA:	BARBOSA, Deisiane. Et.al. Abertura da Semana Elitânia de Souza pela vida das mulheres negras – UFRB. 2020. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. 1 vídeo (1:21:50). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=npV-5H2QPck . Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	O protagonismo de mulheres negras no patrimônio cultural
DATA/HORA:	26 de novembro às 18:00hs.
PARTICIPANTES:	Anna Luísa Santos de Oliveira; Mediadora: Tácia Muniz
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Rede Museologia Kilombola
RESUMO:	A Rede Museologia Kilombola, em seu primeiro ano e no âmbito de atividades de reconhecimento e valorização da negritude, potencializadas nos dias que antecedem e precedem ao dia da Consciência Negra, define como tema de discussão para seus últimos encontros de 2020 "MULHERES NEGRAS NA MUSEOLOGIA".
PALAVRAS-CHAVE:	Patrimônio cultural; mulheres negras; museologia
REFERÊNCIA:	OLIVEIRA, Anna Luísa Santos de. Et.al. O protagonismo de mulheres negras no patrimônio cultural . 2020. In: REDE MUSEOLOGIA KILOMBOLA. Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CIEfDyHpK6A/?utm_source=ig_web_copy_link >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Live.

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	Diálogos #1 - Quem tem medo do marxismo?
DATA/HORA:	27 de novembro
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa; Letícia Parks
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Podcast Independente
RESUMO:	A conversa ficou marcada pela divergência entre o Marxismo-Leninismo, defendido por mim, e o Trotskismo defendido pela Parks. No mais, ambos tiveram espaço para defenderem suas perspectivas político-teóricas e apontaram para a prática revolucionária dentro e fora do ambiente da academia.
PALAVRAS-CHAVE:	Marxismo-Leninismo; Trotskismo; prática revolucionária.
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra; PARKS, Letícia. Diálogos #1 - Quem tem medo do marxismo? . 2020. In: PODCAST JORNAL METAMORFOSE. Disponível em: < https://www.jornalmetamorfose.com/single-post/r%C3%A1dio-metamorfose-di%C3%A1logos-1-quem-tem-medo-do-marxismo >. Acesso em: 16 de jan. 2021. Podcast.

NOVEMBRO 2020



TÍTULO:	Os Desafios da Pesquisa para a Juventude Negra
DATA/HORA:	30 de novembro às 17 hs.
PARTICIPANTES:	Pedro Paulo Fonseca dos Santos; Maeli Calmon; Simone Borges; Rafah Vitorio;
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Universidade do Estado da Bahia
RESUMO:	Ciclo de <i>lives</i> em comemoração ao Novembro Negro. Organizado pelo CANDACES: Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Gênero, Raça, Cultura & Sociedade, vinculado ao Departamento de Educação – Campus I (Salvador) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
PALAVRAS-CHAVE:	Pesquisa; Juventude; Negra
REFERÊNCIA:	SANTOS, Pedro Paulo Fonseca dos. Et.al. Os Desafios da Pesquisa para Juventude Negra 2020. In: CANDACES UNEB. 1 vídeo (1:25:29) Disponível em: < https://youtu.be/ejU0LisVBu0 >. Acesso em: 22 de jan. 2021. <i>Live</i> .

NOVEMBRO 2020

TÍTULO:	Webinário - Ser mulher e ser respeitada: a superação da precarização trabalhista
DATA/HORA:	30 de novembro
PARTICIPANTES:	Lydiane Machado, procuradora do Trabalho em Palmas (TO) e vice-presidente da Associação Nacional de Procuradores do Trabalho (ANPT); Ricardo Antunes, professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp; Angela Figueiredo, professora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e integrante do Coletivo Angela Davis e do Fórum Marielle. Mediação: Ana Borges Coêlho Santos, procuradora federal dos Direitos do Cidadão.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	MPF – Ministério Público Federal
RESUMO:	O evento faz parte do Projeto Encontros da Cidadania, promovido pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão - órgão do Ministério Público Federal com o intuito de debater a precarização do trabalho feminino.
PALAVRAS-CHAVE:	Mulher; Respeito; Trabalho.
REFERÊNCIA:	MACHADO, Lydiane. Et. al. Webinário - Ser mulher e ser respeitada: a superação da precarização trabalhista. 2020. In: MPF – MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. 1 vídeo (1:52:29). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cRLYNwAISsM . Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

DEZEMBRO 2020

TÍTULO:	"13º Salário não é benefício!"
DATA/HORA:	01 de dezembro
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa ; Nath Finanças
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Spotify Studios
RESUMO:	Explica a natureza jurídica do décimo terceiro salário como direito social previsto na Constituição Federal e a matéria política do décimo terceiro salário como a correção salarial de um ano completo trabalhado
PALAVRAS-CHAVE:	Décimo terceiro salário; direito social; Constituição Federal.
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra; Nath Finanças. 13º Salário não é benefício! 2020. In: PODCAST BOLETOS PAGOS. Disponível em: < https://open.spotify.com/show/1TfuegM11MvtDz1ZKvyKnD >. Acesso em: 15 de jan. 2021. Podcast.

DEZEMBRO 2020



TÍTULO:	"2020: um ano em chamadas"
DATA/HORA:	04 de dezembro às 9hs.
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa; Nathália Urban; Matias Pinto; João Carvalho; Rodigo Alvarenga; Mariana Tabuchi; Ricardo Pazello; Letícia Cesarino; Daniel Ferreira; Renildo Souza; Nicolle Sayuri; Thiago Vasconcelos; Cris Tupan; Ivo Tonet.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Centro Acadêmico
RESUMO:	Análise de conjuntura dos Estados Unidos de 2020 numa perspectiva propositiva revolucionária, considerando os desafios da classe trabalhadora brasileira e americana, e como (ou se) seria possível estabelecer solidariedade internacional construída sobre a base de classe e raça.
PALAVRAS-CHAVE:	Estados Unidos; solidariedade internacional;
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra. Et.al. 2020: Um ano em chamadas . 2020. In: SEMANA INTEGRADA DE DEBATES - CURSO DE FILOSOFIA, PUC-PR. 1 vídeo (2:07:22). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=NYnJToH-n2Y >. Acesso em: 15 de jan. 2021. Live.



DEZEMBRO 2020

TÍTULO:	Racismo e Antirracismo no Brasil e nos Estados Unidos: velho debate, novas regras e o protagonismo feminista negro.
DATA/HORA:	04 de dezembro
PARTICIPANTES:	Angela Figueiredo (UFRB); Mediação Paulo Neves (UFABC, ANPOCS).
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
RESUMO:	A primavera antirracista é como ficaram conhecidos os movimentos de protestos antirracistas nos Estados Unidos e em diversos outros países, incluindo-se o Brasil, a partir de maio de 2020. A presente comunicação tem como objetivo recuperar o diálogo histórico entre os dois países e refletir sobre mudanças atuais à luz do protagonismo feminista negro.
PALAVRAS-CHAVE:	Racismo; Antirracismo; Feminismo Negro.
REFERÊNCIA:	FIGUEIREDO, Angela; NEVES, Paulo. Racismo e Antirracismo no Brasil e nos Estados Unidos: velho debate, novas regras e o protagonismo feminista negro . 2020. In: ANPOCS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 1 vídeo (1:04:46). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=F27xTzoPOoI >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

DEZEMBRO 2020

TÍTULO:	Prática-ação que produz conhecimento na ruptura da falsa dicotomia: Nós, a Academia. Elas, as militantes.
DATA/HORA:	08 de dezembro
PARTICIPANTES:	Zélia Amador de Deus - Universidade Federal do Pará (UFPA)/ Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (Cedenpa). - Ângela Figueiredo - Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB)/Coletivo Angela Davis. - Graça Samo - Secretariado Internacional - Marcha Mundial das Mulheres. Mediação: Thiane Neves.
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	Canal “NOSMULHERES” – Youtube
RESUMO:	Prática-ação que produz conhecimento na ruptura da falsa dicotomia: Nós, a Academia. Elas, as militantes e o lançamento do <i>e-book</i> Meu mundo! Eu, rio e Mar, de Mônica Conrado.
PALAVRAS-CHAVE:	Conhecimento; Academia; Mulheres.
REFERÊNCIA:	DEUS, Zélia Amador de; FIGUEIREDO, Angela; SAMO, Graça. Prática-ação que produz conhecimento na ruptura da falsa dicotomia: Nós, a Academia. Elas, as militantes. 2020. In: CANAL NOSMULHERES. 1 vídeo (1:49:15). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=eucMZj9Ktk4 >. Acesso em: 19 de abr. 2021. Live.

DEZEMBRO 2020

TÍTULO:	MR35 - Insegurança Territorial de Povos Indígenas e Populações Tradicionais em Tempos de Pandemia
DATA/HORA:	10 de dezembro, das 16:30 às 17hs.
PARTICIPANTES:	Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA); Emília Pietrafesa de Godoi (Unicamp) ; Stephen Grant Baines (UnB); Maristela de Paula Andrade (UFMA) ; Vilenia Venancio Porto Aguiar (UFSC)
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	ANPOCS/UNICAMP/UFBA/ UFMA/UFSC
RESUMO:	Esta mesa redonda tratará dos desafios impostos a povos indígenas, quilombolas e a outras populações tradicionais para se manterem em seus territórios de vida e trabalho, em consequência de ações e deliberações do atual governo federal.
PALAVRAS-CHAVE:	Território; povos indígenas; pandemia
REFERÊNCIA:	CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. Et. Al. Insegurança Territorial de Povos Indígenas e Populações Tradicionais em Tempos de Pandemia . 2020. In: ANPOCS [...]. Zoom fechada.

DEZEMBRO 2020

TÍTULO:	Eixo Relações Raciais: Posicionamento Político da Juventude Negra: moldando as perspectivas do futuro
DATA/HORA:	17 de dezembro às 18h30min.
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa; Jaques Depelchin; Luiza Flores; Maurício Coelho; Natureza França; Aila Oliveira; Fatou Ndiaye; Lorena Machado; Letícia Menezes; João Modesto
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA (Apoio à Organização de Eventos Estudantis não-presenciais)
RESUMO:	O seminário teve como objetivo discutir e contextualizar a pessoa e as políticas do líder revolucionário e estadista Thomas Sankara, herói africano de Burkina Faso.
PALAVRAS-CHAVE:	Thomas Sankara; políticas; Burkina Faso
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra. Et. Al. Eixo Relações Raciais: Posicionamento Político da Juventude Negra: moldando as perspectivas do futuro . 2020. In: SEMINÁRIO THOMAS SANKARA – UFBA. 1 vídeo (1:45:10). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4QzFn8MNI8 >. Acesso em: 17 de jan. 2021. Live.

DEZEMBRO 2020

TÍTULO:	Eixo Relações Raciais: Posicionamento Político da Juventude Negra: moldando as perspectivas do futuro
DATA/HORA:	17 de dezembro às 18h30min.
PARTICIPANTES:	João Coimbra Sousa; Jaques Depelchin; Luiza Flores; Maurício Coelho; Natureza França; Aila Oliveira; Fatou Ndiaye; Lorena Machado; Letícia Menezes; João Modesto
INSTITUIÇÃO PROMOTORA:	UFBA (Apoio à Organização de Eventos Estudantis não-presenciais)
RESUMO:	O seminário teve como objetivo discutir e contextualizar a pessoa e as políticas do líder revolucionário e estadista Thomas Sankara, herói africano de Burkina Faso.
PALAVRAS-CHAVE:	Thomas Sankara; políticas; Burkina Faso
REFERÊNCIA:	SOUSA, João Coimbra. Et. Al. Eixo Relações Raciais: Posicionamento Político da Juventude Negra: moldando as perspectivas do futuro . 2020. In: SEMINÁRIO THOMAS SANKARA – UFBA. 1 vídeo (1:45:10). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4QzFn8MNI8 >. Acesso em: 17 de jan. 2021. Live.

ÍNDICE REMISSIVO GERAL

A-B

Tatiana Bonfim Sousa

Relação de palavras ordenadas de forma alfabética com enfoque em formato especial que localizam e remetem para os autores deste livro e os assuntos abordados. Os critérios para elaboração deste índice foram estabelecidos, no que coube, de acordo com a NBR 6033:1989 e NBR 6034:2004.

- A** dultos – p.266
Afirmção de identidade - p.22
África – p.73;212;216
Africanas – p.217
Africanos – p.130
Afro-americana – p.228
Afro-brasileiras – p.217
Afro-brasileirxs – p.240
Afrobrasilidades – p.251
Afro-colombiana – p.235
Afroempreendedorismo – p.356
Afrofuturismo – p.221
Afrografias – p.323
Alfabetização- p.113;266
Algoritimos – p.270;273
América Latina – p.308
Ancestralidade – p.362;365;299
Angola – p.99;202;312;
Antirracismo – p.230;359;373
Antropologia – p.240;293;302
Apartheid – p.231
Arte – p.256;299;334
Arte internacional – p.339
Arte-educação – p.251
Artes visuais – p.339;349
Artes visuais contemporâneas – p.349;
Assédio – p.291;58
Assistência estudantil – p.237
Assistente social – p.359
Ativismo negro – p.254
Autoritarismo – p.20
Auto-segregação – p.328
Azeite de dendê – p.274;284;303
B aianas de acarajé – p.284;365
Baixo Sul da Bahia – p.281;282;287...
Bantu – p.229
Barros, Antonio Evaldo de – p.19
Batalha do dendê – p.222
Black lives matter – p.133;185;340
Blackface – p.255;
Borges, Jamile – p.19;151
Brasil – p.220;230;248;249
Brasileiros – p.257
Burkina Faso – p.134;376;377

- C** abral, Amilcar – p.63;300
 Candidaturas negras – p.305
 Capoeira – p.253;263;;276
 Capoeira social – p.315
 Caruru – p.297;303;313
 Cyberbullying – p.301
 Cidade – p.130;231;328
 Ciência - p.319;325;352
 Ciências sociais – p.247;336;344
 Classe – p.296;317
 Classes médias – p.328
 Comunidade negra – p.241
 Comunidade queer – p.228;235
 Conceitos – p.364
 Confronto – p. 346
 Consciência histórico-cultural – p. 201
 Constituição Federal – p.371
 Contemporaneidade – p.322;329
 Continente africano – p.332
 Coronavírus – p.228;241
 Cosmopolitanismo – p.239
 COVID 19 – p.223;258
 COVID - p. 235
 Cozinha brasileira – p.362
 Culinária afro-baiana - p.274
 Cultura – p.173;216
- D** atacracia – p.152;332
 Décimo terceiro salário – p.371
 Democracia burguesa – p.364
 Desafios – p.208
 Descolonização do pensamento – p.247
 Desigualdades sociais – p.252
 Deslocamentos estéticos – p.349
 Diáspora – p.218
 Diáspora Africana – p. 205
- Direito social – p.371
 Direito territorial – p.267
 Direitos culturais – p.246
 Direitos humanos – p.244;347
 Diretrizes pedagógicas – p.294
 Diversidade cultural – p.289
 Dois de julho – p.242;245
 Dzidzienyo, Anani – p.350
- E** ducação – p.261;291;314
 Educação básica – p.208
 Educação patrimonial – p.226
 Educação pública – p.270;273
 Educação quilombola – p.348;363
 Educação universitária – p.208
 Emancipação da raça – p.248
 Empoderamento – p. 226
 Ensino – p.233
 Ensino de história – p.363
 Ensino superior – p.237
 Epidemias – p.73
 Epistemologias negras – p.247
 Escassez – p.207
 Escrivências – p. 323
 Espaço universitário – p.318
 Estado - p.254
 Estados Unidos – p.249;278;340
 Estereótipos – p.255
 Estética de libertação – p.333
 Estudos africanos – p.206;321;342
 Estudos afro-brasileiros – p.321
 Estudos étnicos – p.206;353
 Estudos literários – p.229
 Etnicidade – p.229
 Étnico-racial – p.231
 Etnografias – p.346

- EUA – p.230;305;331
- Experiências etnográficas – p.283
- Exposição de arte – p.256
- Extensão – p.233;238
- F**ábrica de Idéias – p.20
- Fanon, Franz – p.311
- Feminismo – p.250;263;315
- Feminismo africano – p.268
- Feminismo negro – p.268;331
- Fernandes, Felipe Bruno Martins – p.199
- Festival do conhecimento – p.256
- Figueiredo, Fabio Baqueiro – p.97
- Formação em estudos étnicos – p.353
- Fóruns assessores – p.232
- G**astronomia – p.297;362
- Gênero – p.203;221;223
- Geopolítica – p.325
- Globalização – p.308
- Gomes, Patricia Godinho – p.129
- Gonzalez, Lélia – p.205
- Guiné-Bissau – p.300
- H**eteroidentificação - p. 210;232
- Higienismo – p. 99
- História – p.242;273;287
- História da África – p.295;307
- História do Brasil – p.285;290;361
- Historiadoras negras – p.307
- Humanidades – p.302
- Humanização – 324
- I**beji – p.313
- Identidade nacional – p.222
- Impactos – p.257
- Imperialismo – p.347
- Independência – p.202;300
- Independência da Bahia – p.242
- Indígenas – p.281;282;375
- Interseccionalidade – p.263
- Intolerância religiosa – p.365
- J**ovens negros – p.222
- Justiça – p.364
- L**atin American Studies Association (LASA) - p. 204
- Legado crítico - p.205
- LGBTQIAP+ - p.279
- LGTfobia – p.318
- Literatura – p. 216;224;312
- Literatura Angolana – p.311;312
- Lugar no mundo – p.207
- Lugares de memória – p.293
- M**arxismo-Leninismo – p.368
- Masculinidade – p.337
- Mediadores culturais – p.256
- Memória – p.272;279;292
- Metodologias de estudo – p.212
- Metodologias de pesquisa – p.326
- Migrantes – p.130
- Montréal/Québec – p.341
- Monumento – p.292
- Moten, Fred – p.304
- Movimento LGBTQ – p.341
- Movimento negro – p.277
- Mulheres – p.212;253;374
- Mulheres africanas – p.212;220;268
- Mulheres negras – 262;357;366
- Mulheres quilombolas - p.269
- Museologia – p. 367
- Museologia social - p. 203
- Museus – p.209;293;314
- Museus europeus - p. 201
- Musicalidade – p.280

- N**acionalismo – p.99;239
 Narrativas insurgentes – p.221;219
 Negritude – p.152
 Negros na arte - p.201
 Núcleo África – p.342
 Núcleos de estudos – p.343
 Nudez masculina – p.209
- O**bscurantismo conservador – p.326
 Oliveira, Jesiel – p.172
 Ordem social – p.317
 Oyeronke Oyewumi – p.221
- P**andemia – p.73;173;207
 Patrimônio – p.213;279;292
 Patrimônio cultural – p.298;367
 Patrimônio imaterial – p.365
 Performances negras – p.322
 Pesquisa – p.206;233;310
 Pesquisadores – p.274
 Pesquisas feministas - p.211
 Poéticas da imagem – p.219
 Poéticas negras – p.323
 Política – p.262;288;309
 Política de embranquecimento – p.290
 Políticas – p.211;376;377
 Políticas de ações afirmativas – p.210;249
 Políticas de Estado – p.289
 Políticas públicas – p.237;267;298
 População negra – p.309;283;354
 Povos indígenas – p.375
 Prática docente – p.335
 Prática revolucionária – p.368
 Práticas corporais – p.276
 Práticas culturais – p.218
 Práticas expressivas – p.333
 Processo formativo – p.318
- Produção agrícola - p.285
 Produção de conhecimento – p.250
 Produção homoerótica – p.339
 Projetos de pesquisa – p.206;219
 Promoção da igualdade – p.277
- Q**uadrinhos – p.340
 Quarentena – p.251
 Queer - p.241
 Quilombo Engenho da Ponte - p.269
 Quilombolas – p.267
 Quilombos – p.294
- R**aça – p.152;203;227
 Racismo – p.130;152;173
 Racismo estrutural – p.156;343
 Racismo lusófono – p.312
 Recôncavo da Bahia – p.238
 Regimes de representação – p.255
 Relações científicas – p.324
 Relações étnico-raciais – p.335;348
 Relações raciais – p.287
 Reparação – p.304
 Representação homoerótica - p.209
 Resistência – p.258;299;329
- S**alvador-Bahia – p.336;341
 Salvaguarda – p.306
 Samba-enredo – p.349
 Saneamento – p.258
 Sankara, Thomas – p.124;376;377
 Sansone, Lívio – p.19
 São Cosme e Damião – p.297
 São Félix – Recôncavo baiano – p.252
 Saúde – p.258;309;354
 Sexismo – p.261;276
 Sexting – p.301
 Sexualidades – p.271;291

Sistemas históricos – p.304
 Sociabilidades – p.218
 Sociedade – p.295
 Solidariedade internacional – p.372
 Sousa, Tatiana Bonfim – p.199
 Subjetividades – p.279
 Sul da Bahia – p.285
 Sul global – p.342
Teatro – p.334
Teatro negro – p.322;333
 Tecnologia - 356
 Tecnologias digitais – p.152;217
 Temáticas acadêmicas – p.326
 Terra – p.265
 Territorialidade – p.213
 Território – p.375
 Thomaz, Omar Ribeiro – p.46

Tradição afro-baiana – p.313
 Trajetória acadêmica – p.321
 Trajetórias migratórias - 220
 Tratados – p.244
 Trotskismo – p.368
Universidade – p.227;260;262
Universidades – p.307
 Universidades Federais Brasileiras – p.210
Vida – p.260;265
Violência – p.173;213;234
 Violência no campo – p.244
 Violências – p.253
 Virtualidades – p.314
 Vozes – p.357
Yorùbá – p.229
Zamparoni, Valdemir – p.72

SOBRE OS AUTORES

Antonio Evaldo de Barros - Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Atualmente, leciona no Departamento de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), assim como no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em História do Estado na UFMA, Brasil.

E-mail: <antonioevaldoab@gmail.com>.

Fábio Baqueiro Figueiredo - É historiador (UFBA, 2005) e doutor em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA, 2012). Atualmente, é professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e pesquisa a relação entre identidades coletivas, cultura e política no período das independências africanas, com foco em Angola.

E-mail: <fabiobaq@unilab.edu.br>.

Felipe Bruno Martins Fernandes - Professor do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos da Universidade Federal da Bahia. Coordenador-Adjunto do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos. Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, Mulheres e Feminismos. Coordenador do GIRA: Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação.

E-mail: <fernandes.felipe@ufba.br>.

Jamile Borges da Silva - Antropóloga, Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. Atual Coordenadora do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA para o biênio 2019-2021. Coordenadora do Museu AFRODIGITAL da memória africana e Afro-Brasileira.

E-mail: <jamile.ufba@gmail.com>.

Jesiel Oliveira - Doutorado em Teorias e Crítica da Cultura e da Literatura pela UFBA, onde leciona Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Instituto de Letras, também atuando na docência e pesquisa junto ao Pós-Afro. Fundado numa metodologia interdisciplinar e comparativista, dedica-se principalmente ao estudo das Relações Raciais conforme perspectivas teóricas afrodiaspóricas e africanas, explorando a interpretação estética e cultural de obras literárias e audiovisuais.

E-mail: <negroatlantico@gmail.com>.

Livio Sansone - Doutorado pela Universidade de Amsterdã em 1992. Mora no Brasil desde 1992, onde é professor titular de antropologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). É coordenador do Programa Fábrica de Ideias – curso internacional avançado em estudos étnicos e africanos – e coordena o Museu Digital do Patrimônio Africano e Afro-Brasileiro, cujo acervo pode ser encontrado em: www.museuafrodigital.ufba.br. Ele tem publicado extensivamente sobre cultura juvenil, etnicidade, desigualdades, trânsito internacional de ideias de raça e antirracismo, antropologia e colonialismo e globalização, com pesquisa baseada no Reino Unido, Holanda, Suriname, Brasil, Itália e, recentemente, Cabo Verde, Senegal, Moçambique e Guiné-Bissau. Seu livro mais conhecido em inglês é *Blackness without ethnicity: constructing race in Brazil* (Nova York: Palgrave, 2003). Outros artigos mais recentes em inglês estão disponíveis na revista on-line *Vibrant*, disponível em vibrant.org.br, e no repositório online da Edufba.

E-mail: <sansone@ufba.br>.

Omar Thomaz - Livre-docente pelo Departamento de Antropologia Social da Unicamp (2019), licenciado em História da Arte pela Universitat de Barcelona (1989), bacharel em Arte Dramática - Estudio de Formación de Actores Nancy Tuñón (1988) e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1997). Foi pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento por 12 anos e atualmente é professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ao Programa de Pós-Graduação em História (linha História Social da África) e ao Doutorado em Ciências Sociais. Realizou pós-doutoramento no Max Planck Institute for Social Anthropology (2007), em Halle Salle, Alemanha, com o apoio da Humboldt Foundation e foi pesquisador convidado no Instituto de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa), Écoles des Hautes Études en Sciences Sociales, Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra), Universidade Livre

de Berlim, Universidade Eduardo Mondlane e University of Massachusetts Boston - entre outras instituições. Desenvolve pesquisa nas áreas de antropologia da guerra e do conflito e história social da África e do Caribe, tendo realizado pesquisa de campo no sul de Moçambique, em Uganda e no Haiti. Sua equipe, formada em grande medida por orientandos, vem realizando pesquisa em diferentes países africanos (Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Namíbia e África do Sul), no Caribe (Haiti e República Dominicana) e em territórios da Europa central e oriental (em particular Sérvia, Bósnia e antiga República Democrática Alemã).

E-mail: <omarr.thomaz@gmail.com>.

Patricia Godinho Gomes - Tem pós-doutorado em História da África pela Universidade de Cagliari/Itália e em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Tem experiência na área de História, com ênfase na história social das mulheres nas resistências anticoloniais, estudos de gênero e feminismo nos Palop. É pesquisadora associada do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné Bissau e membro suplente do Comitê Executivo do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África (CODESRIA).

E-mail: <patuxagomes@gmail.com>.

Pedro Paulo Fonseca dos Santos - É historiador (UCSAL, 2012). Discente do curso de Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Pós-graduando no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos - PÓS-AFRO/CEAO (Mestrado) - UFBA. Membro do Grupo de pesquisa sobre Gênero, Raça, Cultura & Sociedade - CANDACES - UNEB.

E-mail: <ppfonseca@outlook.com.br>.

Tatiana Bonfim Sousa - Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade - EISU/IHAC/UFBA (2015), graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2004); especialista em Gestão de Pessoas (2007) e bibliotecária na Biblioteca do CEAO/UFBA.

E-mail: <tatbon@ufba.br>.

Valdemir Zamparoni - Graduado em História pela Universidade de São Paulo (1979), Doutor em História Social pela mesma Universidade (1998) e Pós-Doutoramento pela Universidade de Lisboa (2008-9). Atualmente é Professor Titular aposentado atuando

no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, do qual foi coordenador (2013-15), no Centro de Estudos Afro-Orientais, ambos da Universidade Federal da Bahia, onde orienta dissertações e teses. Professor dos Mestrados em História da África e de Angola na Universidade Agostinho Neto (Angola) 2008/9; Professor do Doutorado em História da África Contemporânea da Universidade Pedagógica (Moçambique), 2017-, membro do conselho editorial de várias revistas. Parecerista ad hoc da CAPES, CNPq, FAPESP e outras agências de fomento. Ensina e orienta em nível de Mestrado e Doutorado, no Brasil, Angola e Moçambique. Tem experiência na área de História, Antropologia, Teoria e Metodologia da Investigação, com ênfase em Estudos Africanos, atuando principalmente nos seguintes temas: África, Angola, Moçambique, colonialismo, racismo, gênero, ideologia, biomedicina e práticas de cura.

E-mail: <vzampa@gmail.com>.

